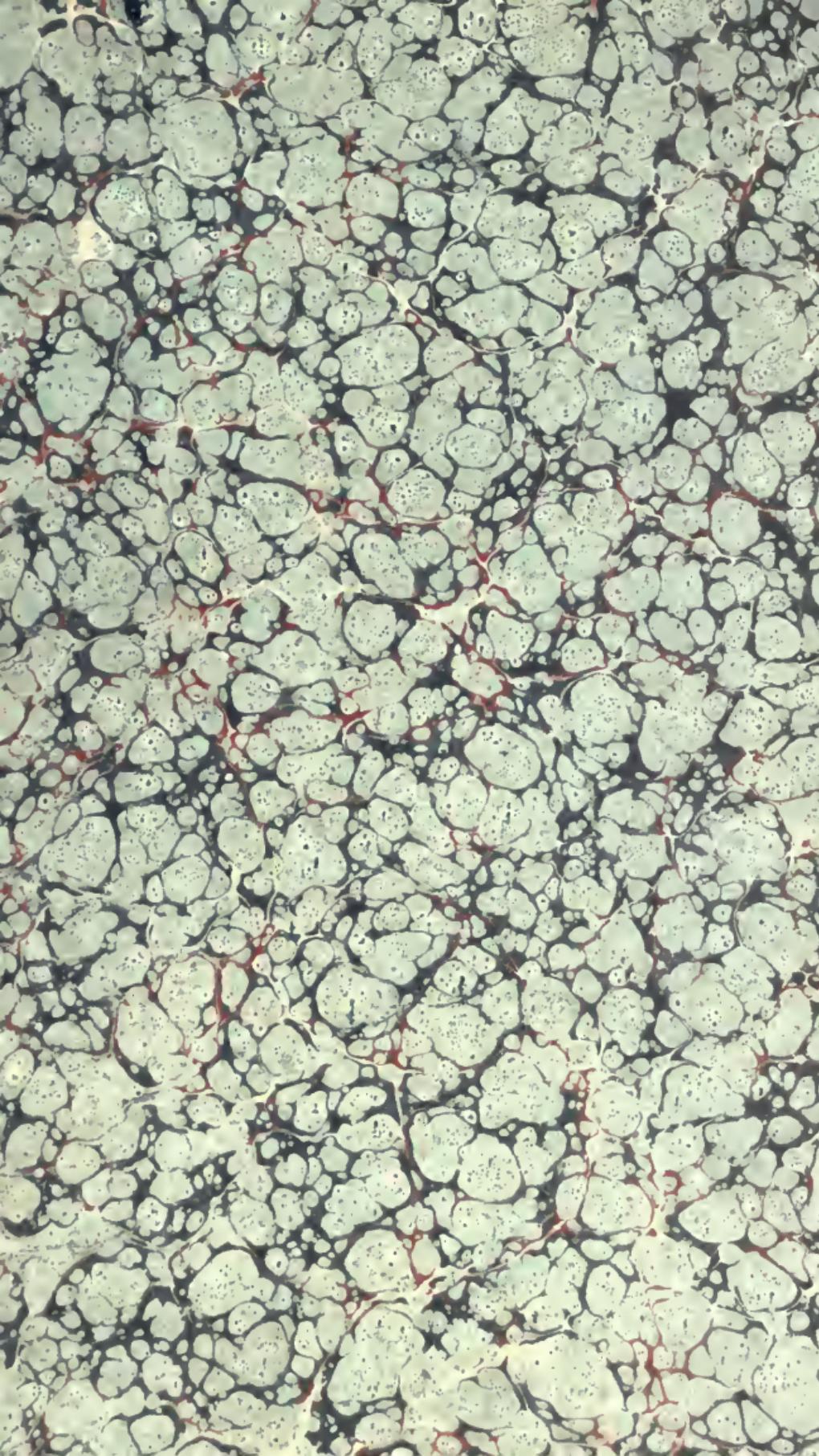


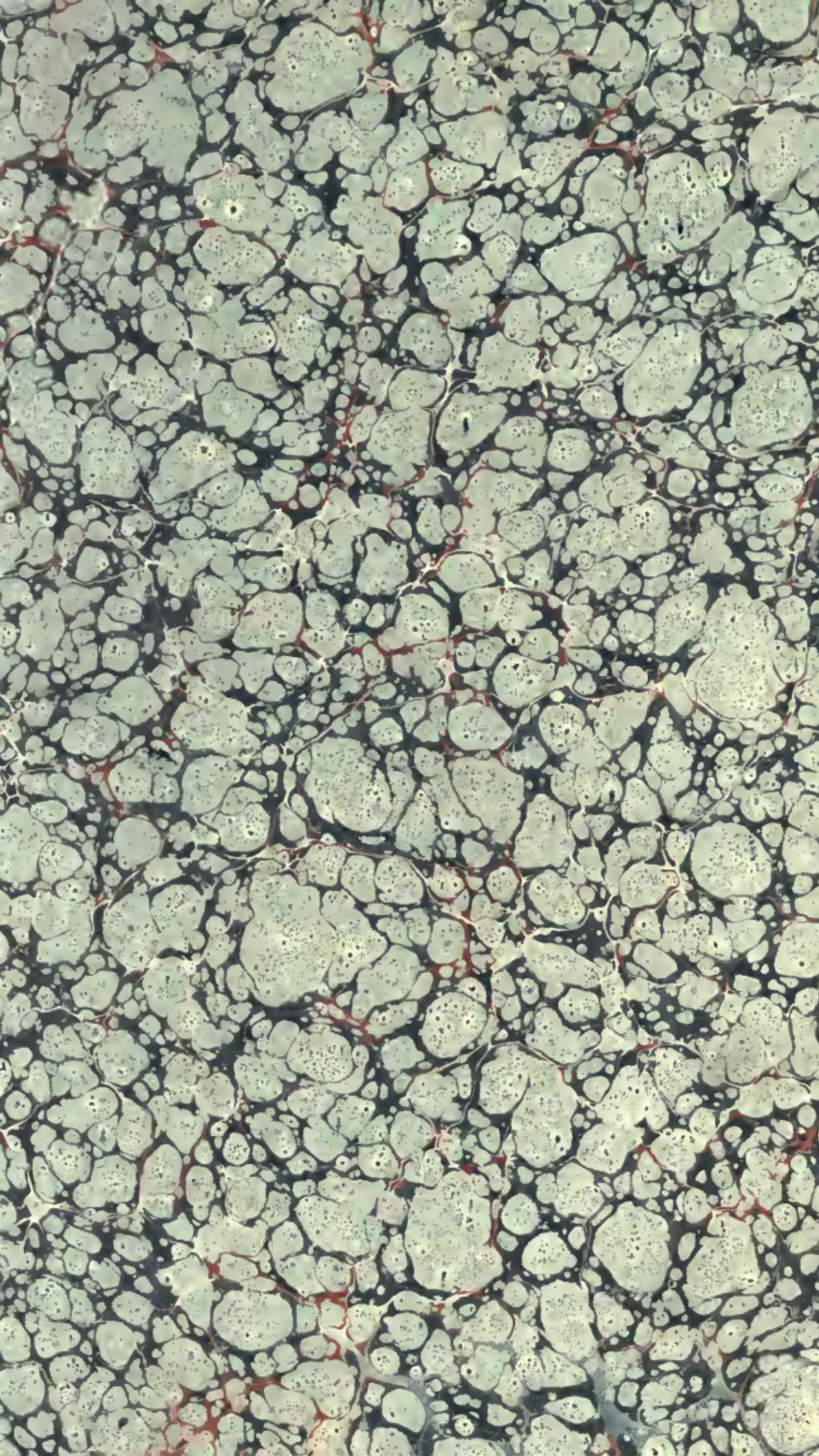
A 000000000



UC SOUTHERN REGIONAL LIBRARY FACILITY

2







Digitized by the Internet Archive
in 2007 with funding from
Microsoft Corporation

Maria Adelaide Figueiredo
Offerce ao seu querido
sobrinho o (Actor) Benualdo
Fg^{do} —

ESTUDOS LITTERARIOS.

Lisboa 18 de Dezembro 1913.



A POESIA
BATALHA DE HUMAYTÁ
E A CRITICA
LANÇADA NO JORNAL DA PARAHYBA.

ANALYSE
PUBLICADA NO DESPERTADOR
PELO
DR. ANTONIO DA CRUZ CORDEIRO.

PARAHYBA.
TYPOGRAPHIA LIBERAL PARAHYBANA.
RUA NOVA, N. 7
1869.

PRIMEIRA PARTE.

Un excellent critique serait
un artiste qui aurait beau-
coup de science et de gout, sans
préjugés et sans envie.

(Voltaire.)

ARTIGO I.

Exercer a critica litteraria parece álguns individuos uma cousa facil, uma tarefa simples ! Entretanto este genero de trabalho intellectual é um dos mais díficeis na opinião dos homens eruditos e pensadores.

Os ignorantes e malevolos entendem que bastam algumas phrases grosseiras, lançadas a pedido em um jornal, contra qualquer producção litteraria, para que façam cahir o ridiculo sobre o seu autor, e se tornem elles assim verdadeiros arbitros do merito dos outros:

Os verdadeiros homens de letras, porém, riem-se desses fatuos pigmeus, porque sabem que o critico tem necessidade de instrucção, tem necessidade de bom senso, tem necessidade de gosto e de muita cousa mais, que não é por certo esse simples desejo de mentir á multidão para desprimir os seus adversarios.

Mas como, infelizmente, a maioria daquelles predomina, ápesar dos conselhos d'estes sabios e pensadores, não ha remedio senão supportal-os.

O que devemos é lamentar, que a lucta, que devera ser entretida pela intelligencia, seja invadida pela inveja, falseada pela calunia, desvirtuada pelas paixões, e rebaixada pela ignorancia.

As paixões más são como lampejos do raio, porque cegam.

E a cegueira em litteratura é a ignorancia.

E a ignorancia é o maior elemento do erro !

Cerrados assim os horisontes da intelligencia, o espirito não pode mais ver a luz do pharol que ilumina.

O critico deixa então de ser Juvenal para ser Triboulet; e a semelhança dos Tartufos e Figaros faz tregeitos e diz chalaças para divertir as turbas ociosas.

O critiqueiro que assim procede é um dos verdadeiros esboços da typographia humana do Sr. Gascaes :

• Pregador de vāo conceito,
Demócrito, a novo geito,
Que de tudo ri, desdenha
Desentranhando-se empetas
Ao compasso de carêtas. »

E assim vemos a crítica quase sempre desamparada pelos verdadeiros litteratos, e exercida entre nós por esses tatibitatibes, que precisam tanto de freio e correccão como os pobres desvalidos precisam das obras de caridade.

Entregues taes criticos ás suas paixões e vaidades não podem prever os resultados asquerosos de seus juizos parciaes, e muito menos o ridículo de que se cobrem, por isso que nenhum caminho os conduz a porto seguro, nenhuma luz os esclarece, nem mesmo os escolhos os salvam.

O naufragio é a consequência, infallivel desde que o piloto sem bússola se arroja á mares desconhecidos. Semelhantemente os disparates são consequencias infalliveis desde que o sensor apaixonado descorre em publico sobre uma matéria de que não entende, no intuito de deprimir a todo transe os seus desafectos.

A criticos taes cabe perfeitamente o que disse uma ilustração de Portugal a respeito dos zoilos do Sr. Palmeirim :

• Parasitas da litteratura não podendo ter

uma vida propria procuram viver á sombra dos outros.

« Ignorantes das regras da arte, incapazes de sentir e avaliar o que é bello, arvoram-se atrevida e loucamente em juizes do que não entendem:

« Em cosendo e vestindo á portugueza quatro retalhos de Jules Janin, Gustave Planche ou Eugenio Sue, ficam todos vaidosos de si mesmos e julgam ter feito uma obra prima. »

A critica armada por mãos de inimigos envenenosos e pequeninos é sempre assim, recheada de calumnias e incêda de erros; mas o erro só produzirá o erro, e a verdade compreendida pela calunnia áfinal aparece cada vez mais bella e radiante.

Alguns ignorantes ha que não respeitam as luzes dos outros, é verdade, mas respeitam ao menos o juizo publico, e se retrahem para não se exporem ao rediculo; outros porém, que nem ao menos tem o bom senso da propria dignidade, dão o triste espectaculo da ran da Fabula que não obstante se acha esmagada debaixo do casco do boi ainda supunha encommoda-lo !

Loucura insana !

Bem dizia o moralista portuguez :— O mundo compõe-se de tudo, tem pavões e tem gralhas : ser gralha não é vileza, mas querer ser pavão é loucura.

Os que se deslemboram desta justa maxima, que é um saudavel aviso tão justificado pelas lições da experienzia, de ordinario dão por páus e por pedras, e afinal são victimas de sua imprudencia ou vaidade, merecendo que se diga delles o que disse Miguel do Couto Guerreiro na sua Arte poetica dos que se mettem a criticos sem espirito, e a poetas sem veia:

« Por isso de seus loucos desvarios
Tiram só pateadas e assovios. »

A politica mesquinha e desleal do « Jornal da Parahyba » é cega, nada disto comprehende; e por tanto não admira que os seus corypheos déem taes espectaculos no intuito de offendarem os seus adversarios politicos.

Baldado esforço !

E' assim que os redactores do « Jornal da Parahyba » acceitam em sus paginas os maiores desparates (até mesmo em litteratura ! ! !) com tanto que a setta envenenada seja disparada contra o alvo que miram !

Elles valem-se d'esses homens de apoucadissima mediania, que vendem a sua omnimoda cooperação a quem quer, que os tire de sua obscuridade.

Elles tiram interesses desses manequins com quanto reconheçam sua nullidade, elles os consideram, ajudam seus trabalhos, alimentam suas

vaidades e promettem-lhes posição, embora se riam ás escondidas da credulidade inepta que nesse indigno jogo apenas serve de instrumento !

E o que mais admira é que assim procedam os homens do « Jornal da Parahyba », olvidando a reputação litteraria que deve manter todo o Jornal, visto como não se envergonham de serem os seus pobres litteratos apanhados em flagrante como ignorantes e calumniadores em face de provas irrecusaveis !

Tal é o prazer que os homens do « Jornal da Parahyba » teem em deprimir que tão pouco caso fazem assim da dignidade propria, e dos seus creditos litterarios.

Tudo que brilha ao lado e acima d'elles os dilacera e encommoda, porque vêem com os olhos da inveja a elevação dos outros, cuja prosperidade os amesquinha !

Os successos que engrandecem os seus adversarios, ainda mesmo em uma arena estranha á politica, distillam veneno em seus corações, e espalham em toda a sua vida amargor e humilhação ! ...

Em vista destas considerações, suscitadas pela leitura dos artigos alludidos no « Jornal da Parahyba » não admira, que a *Batalha de Humaytá*, cuja producção tanto me tem honrado, fosse o meu proprio calvario naquelle jornal,

Há, porém, uma cousa verdadeiramente bela e moral, que a ignorância e pedantismo não podem gosar e nem destruir : é a opinião publica.

Não é a opinião individual, o capricho, o interesse, o despeito, o odio, a inveja e a vingança que a subjugam; o culto á verdade é que a domina, e mais nada.

Querer que no mundo da sciencia e das lettras aproveitem as inventiras e doestos politicos, é fazer máo uso da imprensa, e só a ignorância tem este triste privilegio.

Armar-se a orthodoxia política, inflexivel, apaixonada, invejosa e myope contra o cultivo das lettras, é, como já disse alguém, uma cousa tão ridicula, que só nos recorda aquelle rei do Ponto, que mandava açoitar as ondas do oceano, porque todos os dias invadiam-lhe as esplainadas do regio palacio !

Querer entorpecer a marcha dos que estudam, por meio de combinações cavigosas, é suppôr que os trabalhos subterraneos da topeira podem influir na marcha progressiva de humanidade !

Quem assim volta as costas ás luzes do progresso litterario debalde tentará assumir a superintendencia da opinião publica para impor aos outros o—*nec plus ultra*, cuja legenda só Deus impôz ao oceano.

Deve inspirar compaixão o pobre de espirito

que estagna e patinha sem poder acompanhar a caravana que se move para o futuro, como se move o helianto para a luz do sol.

O juizo critico do « Jornal da Parahyba » é de tal natureza, que repugna uma discussão litteraria. Eu tinha em mente não dar a elle a menor resposta, porque entendo que o silencio tambem tem sua dignidade em face de escriptos de tal ordem.

Entretanto o seu *digno autor*, não só por falta de idéas, mas tambem por malignidade assacou-me perfidas calumnias, que não posso e nem devo tolerar que corram impressas sem um protesto. Do contrario deixaria elle no gôso infeliz da contemplação de si proprio, saboreando pelo menos a duvida que faria gerar em certos espiritos menos cultivados.

Neste caso o meu silencio poderia ser interpretado como o do réo convicto, ou do olvido dos meus deveres; e por tanto resolvi antes olvidar o proposito em que estava para cumprir esse dever, senão em minha defesa, ao menos em homenagem á opinião publica, e aos meus concidadãos, que tantas vezes me tem dispensado animação com a sua benevolencia.

Parahyba 10 de Fevereiro de 1869

— — —

ARTIGO II.

Tive resignação e paciencia bastante para esperar a conclusão da critica lançada no *Jornal da Paraíba* contra o—*Episodio da esquadra brasileira em operações nas aguas do Paraguay a 19 de fevereiro de 1868*—cujo trabalho poetico compuz e publiquei em março do mesmo anno.

Essa critica, saturada de insultos, e feita em tom de chalaça, occupa sete artigos !

Número fatídico pela tradição !

Os dous primeiros foram publicados em setem-

bro, o terceiro, quarto e quinto em novembro, o sexto em dezembro, e o setimo em janeiro do corrente anno.

Sete artigos em cinco meses !

A critica mercenaria de que falla Gustave Planche apparece sempre a proposito.

Ella estava premeditada; alguem havia de satisfazer o «Jornal da Parahyba.»

O tempo é contado precisamente; cada um de seus minutos tem sua tarifa; o zoilo não falta á sua promessa; pois a maledicencia é sua alegria, a calumnia é a sua vida.

Não precisa muito estudo para se formar um juizo semelhante, e chegar-se a um fim premeditado.

Para descriminar-se o verdadeiro sentido de um trabalho litterario, e procurar depois analyzar o seu pensamento, a sua forma, o seu fundo de verdade, o seu prestimo, ou inutilidade, é preciso estudar, pensar e reflectir. Mas isso é uma puerilidade; o que se quer não é um juizo recto, é um juizo para vender, para agradar, e para rir.

E o critico é talhado para isso, porque sendo ignorante, diz ao publico que é sabio; tem botica na praça publica para apregoar as pomadas, as panacéas e ruins drogas que vende.

E' quanto basta para lançar a immundicio, a la-

má e o proprio veneno sobre aquelles que o desprezam, e incençar aquelles que o pagam, se não com dinheiro ou admiraçao, ao menos com vãs promessas.

Eos papalvos, que nada sabem, batem palmas, dão-se por satisfeitos e bem contentes de terem assim abocanhado o adversario politico.

Ainda bem:

Durante esse longo praso em que o «Jornal da Paraíba» publicou o seu julgamento conservei-me na posição muda, que me competia, para não interromper, e nem desviar o autor de taes artigos de suas profundas meditações; certo de que esse Aristbarco, ou Zoilo, em seu *exame* ou *julgamento* não destruiria aquelle eterno principio, de que se servio o grande Chateaubriand em sua defesa, quando foi injuriado pelos criticos de sua mais importante obra—*Genio do Christianismo*. Ei-lo:

« Si un livre est bon, la critique tombe; s'il est mauvais, la apologie ne le justifie pas. »

Desejo a critica, porque esta palavra significa em seu sentido geral, em sua propria etymologia, *exame*, *analyse*, *gosto*, *discernimento*, *juizo*.

Esse juizo tem como regra infallivel o criterio; e o criterio é o termo pelo qual em philoso-

phia se designa o caracter da verdade, ou da certeza.

Em dous estados pode achar-se o espirito humano; na sciencia e na ignorancia, no erro e na verdade: e por tanto a critica luminosa antepõe-se ao homem em todas as espheras, apontando-lhe o verdadeiro caminho, que deve trilhar em sua marcha e progressão.

O puro e fiel desenvolvimento da verdade é o seu fim.

A critica assim concebida, sendo a propria verdade, jamais so accommodará ao involucro do sophisma, com que intelligencias bastardas e superficiaes tentam acobertar-a.

E' a critica, em linguagem de litteratura, uma arte liberal, como diz Freire de Carvalho, que ensina a discernir o verdadeiro merecimento da obra, assim como do seu autor, aponmando os principios que servem para fazer sentir mais vivamente as suas bellezas, assim como os seus defeitos, e ensinando-nos, finalmente, a admirar aquellas, e a vituperar estes com exacto conhecimento.

Estimo, pois, a critica sob estas bases, porque, sendo uma verdadeira arte liberal, anda inteiramente ligada ao estudo das Bellas Lettras, e a observação dos seus cultores, que consideram ella a origem do bom senso e do gôsto.

Amo a critica que assim revela bôa fé, scien-
cia e consciencia daquelle que a escreve, embo-
ra aggrida o fruto do homem que estuda
e trabalha. Esta critica é justamente a que cor-
rige respeitando o adversario, porque em pri-
meiro logar se faz respeitar a si.

Mas haverá alguem que diga, que a critica sci-
ta á «Batalha de Humaitá» está n'estas condi-
ções ?

Não por certo.

Em meu primeiro artigo já fiz sentir esta
verdade.

Não é uma critica leal e nem secunda; é pelo
contrario uma daquellas, de que falla o escrip-
tor portuguez, que vem do soalheiro para a im-
prensa sem dignidadé, conspurcando em lingoa-
gem das praças os frutos, que não pode produ-
zir por sua esterilidade.

Esta critica repugna, porque não raciocina,
não reflecte, não discute, e nem julga;—abate
por capricho, aborrece por inveja, e causa te-
dio por ignara!

Em tæs criticas se vê que o amigo sendo medio-
cre, e até mesmo ignorante, é exaltado, o indiffe-
rente é votado ao silencio d o desprezo por ser des-
conhecido; e o inimigo é, apezar desua lealdade,
chasqueado e convertido em victima sacrificada
na hecatombe, julgando o inepto censor attestar

por este meio a grandeza e infallibilidade de seu juizol

Criticos desta ordem se revestem de uma autoridade ridicula; e mal sabem elles que os seus proprios juizos serão a condenação de suas apreciações sophisticas e malévolas.

A critica do «Jornal da Parahyba» feita á poesia *Batalha de Humaytá* é desta natureza; o seu fim não é nem animar o autor deste trabalho, e nem dirigir-o apontando-lhe os defeitos. O seu fim é injuriar-o; porque entende o censor que na pessoa de um adversario politico não pode haver um homem de bem; em suas obras não pode haver uma verdade; em suas inspirações não pode haver um sentimento nobre; em suas manifestações esteticas não pode haver uma belleza.

Entretanto Cesar, o grande Cesar, mandava levantar as estatuas de Pompeo, porque era um inimigo generoso!

E Cicero aproveitando-se do exemplo dava aos criticos esta proveitosa lição dizendo :

“ E' levantando o teu proprio inimigo que consolidas a tua gloria. »

Aprendi este exemplo desde o meu curso de eloquencia nacional; mas o meu critico esqueceos se d'elle. Pouco importam aos criticos do *Jornal da Parahyba* essas sentenças de moralidade antiga.

Aristoteles e Quintiliano nada valem.

Ainda bem; na grande praça das letras ha lugar para todos. Juvenal, Parny ou Ecouchard Lebrun, todos cumprem o seu destino. Cada um viva como melhor lhe aprouver, ou imitando o cego que negava as cores, ou reagindo contra os preceitos da litteratura, da sciencia e da moral.

O critico do «Jornal da Parahyba» tomando ao serio o seu papel ridiculo arvora-se em preceptor e accusa-me de erros—de poetica, de metrificação, de grammatica; e me calunia até—chamando-me plagiario!

O critico faz esse grande achado, e por isso o applaudem os nescios de sua grey.

E' a primeira vez que se me impulta esse crime em toda a minha vida litteraria, o qual assenta bem nos litteratos do *Jornal da Parahyba*.

Haja vista áquelle arremedo dramatico intitulado *Fatalidades*, que ainda hoje serve de mofa e escarneo nas tabernas.

Opportunamente cotejarei os meus versos com os daquella fonte de onde elles procedem no dizer do critico, e provarei até que ponto chega o seu descaro.

O publico conhecerá a toda luz que o meu trabalho nada tem de commun com o do Sr. Palhares, ainda mesmo quando nos encontramos em algum pensamento, em ultguma palavra, que

não podemos deixar de usar, desde que escrevemos versos em portuguez.

Os zoilos esquecem que a moralidade, o criterio, a justiça e a verdade são a lei commun de todo o escriptor; pois bem, desde já eu lanço um protesto á imputação que se me faz de *plagiario*, compromettendo-me a desmacarar o *caramújo litterario*, suspeito e covarde, que sob a capa do anonimo tentou desviar e illudir a opinião publica para chafurdar-me no fodo, em que só elle vive immerso.

As accusações já foram cabalmente destruidas eni um longo e bem elaborado comunicado, impresso n'este jornal em 11 de janeiro. (Despertador n. 588).

Depois de um tão eruditó quanto delicado artigo litterario, eu nada teria a dizer em minha defesa, se não entendesse de meu dever protestar solemnemente contra a má fé e calunia do meu adversario na elaboração da sua critica.

Ao meu generoso advogado, que por modestia guardou para o publico e para mim o mais rigoroso incognito, rendo a sincera homenagem, a que tem jus por sua luminosa analyse, agradecendo-lhe publicamente a urbanidade com que se dignou tratar-me.

Cabe-me agora a palavra para analysar por minha vez os erros e calumnias que me são as-

sacadas a pretexto da critica á «Batalha de Hu-maytá.» Eu reservo essa analyse para a segunda parte deste trabalho. E aos proprios leitores do *Jornal da Parahyba* peço toda attenção para que melhor nos julguem.

Procurarei affastar-me tanto quanto me for possivel da senda trilhada pelo meu adversario, que tornou-se indigno do nome de cavalleiro pela sua linguagem baixa e de má fé, e sobre tudo pela mascara que tomou em uina discussão litteraria, que aliás deve ser sempre delicada e cortez, esclarecida e sincera.

Se o autor dos artigos, a que vou responder, envergonhou-se do papel que representou occultando o seu verdadeiro nome sob o pseudonymo de *Gustavo Bustamente*, eu, pelo contrario, despresando os seus insultos e calumnias, irei assignando os meus artigos em homenagem á opinião publica.

Parahyba 15 de Fevereiro de 1869.

— — —

ARTIGO III.

Antes de entrar na analyse promettida farei algumas considerações sobre o objecto da critica do « Jornal da Parahyba. »

Factos e acontecimentos se dão na vida das nações, que as immortalisam, não só porque assombram os nacionaes e estrangeiros, que os observam, como tambem porque maravilham as gerações posteriores, que os commemoram.

O Brasil teve a gloria de registrar nas paginas de sua historia um destes esplendidos acon-

tecimentos, o qual teve logar em 19 de Fevereiro do anno passado.

Fallo da Batalha de Humaytá, dessa grande victoria naval, alcançada pela 3.^a divisão da esquadra imperial em operações nas aguas do Paraguai, a respeito da qual um jornal inglez impresso em Buenos-Ayres assim se exprimio :

« Nenhum acontecimento de igual importancia ocorreu nesta parte do mundo nesta geração; e, para honra do pavilhão brasileiro, é necessário confessar que a victoria alcançada é a todos os respeitos digna de figurar a par de Aboukir e de Trafalgar. »

A autoridade é a mais competente.

O que admira é que haja brasileiro, que pague com despeso, e até mesmo com injurias as nobres abnegações, os esforços generosos de seus patrícios dedicados ao engrandecimento da patria.

E' uma especie de obstinação, e de encarniçamento cego que afecta áquelles, que não comprehendem os deveres de cidadão, porque confundem muitas vezes a paixão politica com o patriotismo.

Mal sabem elles, que a paixão politica não é, e nem pode ser legitima, se não quando o patriotismo é sua base.

O mesquinho interesse politico, as paixões desvairadas, a inveja e o odio em certos indiví-

duos obscurecem a razão, e aconselham o mal, o erro e a calunnia, não só contra irmãos, como até mesmo contra o interesse commun da mãe Patria.

Cumpre, pois, que a historia restabeleça os factos, illuminando com seu facho da verdade as sombras do passado, afim de que apareçam á toda luz os grandes acontecimentos, e as venerandas imagens de seus heroicos protagonistas.

Neste caso considero a *Batalha de Humaytá* e os seus heróes.

Agradavel coincidencia !...

Recordo-me agora que hoje é o dia de seu primeiro anniversario; ainda bem.

Prestando uma sincera homenagem a esse dia immorredouro, ocupar-me-hei hoje somente dessa batalha em honra de minha Patria.

Sim, farei neste artigo um bosquejo, repetindo, como sentinella do povo, os feitos que ganharam a immortalidade para o Brazil.

Será o meu pequeno presente de festa neste dia anniversario das glorias de meu paiz.

Possa elle encitar os animos que desfalecem.

Batalha de Humaytá.

A natureza dormia envolta no seu manto de trevas no meio da solidão; o Céo era êrmo de estrellas.

O tétrico silencio do rio Paraguay era quebrado apenas pelo monótono sôpro da brisa, que vinha das selvas longinquas.

Mas no meiodesse rio deserto ha um profundo mysterio.

Em suas aguas alguns vultos se erguem como negros phantasmas ! E lá se movem atravez da cerração da noite com direcção a Humaytá !

Ao oriente como ao occidente um véo de vapores turvos envolvem aquelles vultos cercados pelo horizonte.

E avante singram ate despertarem os echos da solidão com o abafado ruido das machinas, que os empellem.

São afinal presentidos nas margens oppostas !

As vedetas os denunciam; e o alarmia chega a Humaytá, que estremece e desperta como o Bria reo tremendo sob o peso do mysterio! Se não tinha como aquelle fabuloso gigante cem braços, au menos dispunha de perto de duzentos canhões !

O cacique de Humaytá sae do seu escondrijo, em que assagava uma illusão continua, um engano constante, para observar esses vultos negros e terríveis, que ousaram accometter-lhe os passos :

Olha-os, encara-os com ardente cobiça, reprimindo uma risada surda, sarcastica e sinistra,

porque supõe chegada a hora de fazer sepultar no fundo do rio os phantasmas que o perseguem.

E com essa premiditação de facinora attingia a lascivia da malvadez !

Entretanto naquelles pequenos vultos obscuros transparecia uma especie de serenidade assombrosa, que contrastava com o abrasamento interior dos bravos marinheiros do imperio.

Elles navegavam em seus pequenos vasos de guerra sem hesitar.

Envoltos pelo nevoeiro vogavam, fluctuavam e crescam sobre Humaytá, para forçarem-lhe a passagem, e deixarem para traz os nescios.

Havia nesses vultos o que quer que fosse de inexpugnável.

A natureza externa era trevosa e calma, ao passo que o fôro intimo desses guerreiros tinha sua tensão electrica, porque dominava-os a idéa e, como qui bem diz Hugo, uma idéa é um meteóro !

De repente trava-se a lucta.

O baluarte paraguayo dardeja seus raios e projectis contra os encouraçados brasileiros.

O brilho phosphorecente das lavas precede ao estampido das granadas !

A artilharia faz reboar o espaço accordando a natureza agreste daquelle somno profundo e calmo dos séculos !

E os vultos, que no meio do rio se destacam das sombras, apenas correspondem ás saudações das bombas e metralhas inimigas.

E avante sempre farejando a presa sem desorientarem, e nem retrocederem.

Ainda estavam longe daquelle dragão de granito, emboscado á margem do rio, mas ah ! já se achavam elles inteiramente dentro do raio da refrega !

As bombas e metralhas açoutam as aguas ; as aguas crescem nas margens e latem nas barrancas; a detonação fere o espaço, sobre o qual se contrahem e dilatam inopinadamente os raios dos projectis, como meteóros ephemeros, que se levantam dos negros pantanos.

Aquelle clarão alternado, óra dilata-se nas trevas, óra reverbera nas aguas, como reflexos de estrelas de fogo seineadas em um céo escuro.

E no meio dessa tempestade aquelles vultos negros, que não são outra cousa mais do que os vasos brasileiros, singram avante como que guiados pelo destino, e empellidos por uma força sobre-humana ! Suas couraças coíprimem-se ao choque das balas, e dilatam-se repellindo-as em angulos de reflexão sobre as aguas !

Nem torpedos, nem correntes, nem as trevas da noite, nem o incognito lhes embargam a marcha triunfante.

E lá vão elles sulcando as aguas revoltas do rio, como se fossem sorrindo para uma festiva regata !

Sé eletrica e horrorosa é a lucta no meio da quella trevosa solidão, inexoravel é tambem o destino, que os conduzio a ella.

A proximação effectua-se com uma especie de terror da parte dos contendores, porque ambos procuram uma incognita para resolver um problema difficult.

Calcular um triumpho e supportar um supplicio, é o mesmo que affagar o punhal e assucarar o veneno. Nada mais difficult, nada mais doloroso.

O momento decisivo chega !

Os vasos de guerra lá se aproximam do pavoroso baluarte, que por sua vez abre todas as suas crateras como se fora um volcão, para lançar raios sobre eiles.

As lavas de fogo brilham no espaço negro, e recrudescem como num incendio atravez das nuvens de fumo. Parecem relampagos que resulgem, e numa contracção se apagam... !

Irradiacões igneas, rectilineas e convexas dilatam-se no espaço como serpentes de fogo, anunciando a explosão !

Era um jôgo de luz e sombras como um fluxo e refluxo de ardentias sobre a densidade vitrea das aguas do mar.

E, no meio dessa magnifica rede de fogo vivo, lá seguem aquelles heroicos vultos brazileiros, já illuminados pelas fogueiras do chaco !

Lá se aproximam elles do abysmo, lá desaparecem no torvelinho espesso do fumo dos canhões como no meio de um sorvedouro ! . . .

Sossobraram ? ! . . . Não, lá reaparecem ao babilho das chammas, que os circundam; lá ferem os torpedos; lá tocam as correntes e estacam como fremente ginetes !

Um delles desgoverna... mas lá se apruma de novo, e abre lucida carreira, repellindo as balas com suas espessas couraças !

Ainda bem; lá segue elle de novo, e galga os torpedos e as correntes !

Que angustia, e ao mesmo tempo que enlevo !

A noite, a luz, os raios as sombras, se combinam e se confundem ao som daquella orchestra terrivel e medonha dos instrumentos mortiferos de guerra.

Do lado do chaco uma barra vermelha se estendia formando um segmento de circulo no horizonte, a semelhança do reflexo de um grande incendio.

Não se pode imaginar nada mais sorprendente ; o horrivel toca o sublime.

E os temerarios são sublimes, quando trocam

suas affeções mais caras, suas proprias vidas pelas glorias da patria.

Quem se obstina a vencer o que parece impossivel, disse o desterrado de Guernesey, tem a grandesa do martyrio ou do triumpho.

E ninguem por certo negará essa grandesa aos nossos bravos marinheiros.

A medida que os vasos avançavam, o furor do cacique Paraguayo augmentava. Dir-se-hia que aquella natureza agreste e tenaz enlouquecia.

O baluarte de pedra descarregando a um só tempo sua grossa artilharia num troar medonho tenta o seu ultimo esforço, e parece querer desabar sobre aquelles magestosos vultos, para com o seu peso enorme submergil-os no fundo do rio!

Mas de balde !

Uma convulsão terrivel se faz sentir por toda parte, acompanhada de um prolongado estertor de agonia em distancia de algumas milhas !

Neste momento supremo direi com o mimoso poeta que cantou o Barão da Frente :

- « Choviscam bombas mil, as peças uivam !
- « E o abysmo entoa o canto agoureiro.... .
- « Incendeia-se o ar, ao Céo une-se á terra,
- « Brazeiro é o rio, arde o horisonte inteiro !

- « Quando ao travez da rubra labareda
- « O ferreo monstro sacudio as patas
- « Surgio-te lindo em tolda de vapores
- « Teu ninho d'aguia—a serra das cascatas !

- « A cadea fundio-se: na voragem
- « Prisioneiro o torpedo estremecia,
- « Gemeu humilde a bala, o obuz cantava,
- « Era orchestra festiva á artilharia !

- « Que scena immensa ! Cupolas de fumo...»
- « Os horisontes a tremer de luz.....
- « O soalho das aguas cõr de sangue....
- « E, lá no alto, os braços de uma cruz !

- « A cruz do sacrificio, a cruz da patria
- « —Honra e martyrio —amor e redempção !.
- « A noite, as aves, o ruido, o tempo,
- « Tudo fallou naquelle solidão ! »

Quem por certo contemplasse este quadro sorprehendente ficaria arrebatado de admiração, e sentiria despertarem-lhe no intimo d'alma sensações sublimes.

A alma daquelle, que por ventura esguardasse esse sublimado feito, encontraria então alguma cousa de desconhecido, alheia á materialidade da

existencia terrestre : sim, alguma cousa desse esquecimento do mundo com que a religião fortalece os seus martyres, caracterisando assim a vida da eternidade !

Realidade homérica !

Os Hercules dessa frota invicta e grande, composta de pequenas naves representam no meio desse largo incendio, desse trovejar sem fim a honra da nação brasileira.

E' o transumpto dos vultos de Ossian, representados pelos bravos de Riachuelo, de Mercedes, de Cuevas, de Itapirú, e de Curupayti !

A lucta chega ao paroxismo !

Ei-los na voragem debaixo das calibrosas baterias de Huinaytá.

E' estreito o boqueirão; sinistro o aspecto das quelles pequenos monitores, attrahidos áquelle fosso sem bordas !

Mas ei-los que surgem alem, como aquelle sofrego e indomito corsel dos stepps do mar negro, onde agonisava o heroe do poema de Byron....

Farejar o momento opportuno, não hesitar, advinhar a sorte, forçar a passagem, e deixar ficar para traz o inimigo convulso e pasmo, é obra de um momento !

Indomitos marujos !

Lá forciam elles triumphantes os passos do

misterioso baluarte; lá tocam a metá; lá erguem suas pezadas portas, lá seguem e lá vão ! ...

E' assim, que os marinheiros do Imperio escarneçem dos barbaros saqueadores de Bella-Vista, dos invasores de Matto-Grosso, dos assassinos de S. Borja, dos roubadores de mulheres de Corrientes, dos covardes de Iataí, dos carrascos de Corumbá !

A tempestade amaina; a convulsão acalma; as trevas se espancam; a grita infernal se some; ouve-se alem um brado de victoria; murmura o rio um canto ao som dos hymnos de *glória ao pavilhão brasileiro* ! Esse triumpho era o prodromo da manumissão daquelles servos da gleba que serviam ao tyranno acorrentados e mudos como escravos.

Todos se descobrem e proclamam unisonos essa immensa victoria, alcançada pela Esquadra brasileira ao romper da aurora do dia 19 de Fevereiro de 1868.

Gloria a esses vultos, a esses nautas gigantes, que nunca ante os perigos vacillaram !

Gloria a esses indomitos marujos de juvenil ardor, que prodigios de vontade praticaram, fazendo de seus estreitos e acanhados lenhos um eterno Capitolio !

Paráhyba 19 de Fevereiro de 1868.

ARTIGO IV.

Não ha duvida a Batalha de Humaytá, que descrevi em o meu artigo anterior, foi um dos feitos mais grandiosos da America do Sul ; foi a epopéa mais brilhante que podia engrandecer uma nação confiada ao inaudito heroismo de seus dilectos filhos.

Humaytá, cuja fama aterrava as nações poderosas pela sua posição inaccescivel, pela natureza do rio que dominava, pelas suas extensas fortificações, pelas suas famosas boccas de fogo, pelas suas correntes e cadeias, pelos seus trai-

çoeiros torpedos; pelas suas machinas infernaes, pelos seus mysterios, e, finalmente, pela crença geral de que ninguem alli passaria, vio naquelle dia fatal cahir a tunica despedaçada do seu Charlestown !

Humaytá emmudecêo por uma vez os seus imponentes canhões para cortejar a esquadilha brasileira, que teve a ousadia de forçar o seu paço, nunca dantes navegado pelo estrangeiro sem a previa licença do seu dictador !

A dictadura moribunda do cacique do Paraguay sofrêo então a decepcão mais cruel que se pode imaginar, vendo o lábaro santo da Liberdade sobre as aguas atravessar incolumne o seu maior baluarte, e por terra erguer-se fluctuante sobre as ameias do seu reducto *Estabelecimento* !

Era o triumpho apôs a lucta desesperada que fulminava o despota, como um raio do Sinai illuminando um povo escravizado pelo seu fatal dominio !

A Providencia Divina quiz com este maravilhoso acontecimento avisar o tyranno de que o seu papel estava findo, e que devia preparar-se para deixar a scena á quem melhor soubesse governar aquelle infeliz povo.

Todavia o heroe decahido, longe de comprehender a lição, desde esse dia até hoje cumpre o seu fatal destino, parodiando com os esbirros

de sua dictadura o martyrio de Sisypho nos infernos, ou de Prometheo no Caucaso, cujas entranhas eram espicaçadas e ruidas pelo abutre !

Baldado esforço, tenacidade infeliz !

A febre de consumpção tambem devora o pthisico sem extinguir-lhe de todo a esperança.

Naquelle mesmo dia o nosso brioso exercito ferio uma batalha sanguinolenta em frente do Estabelecimento, cujo reducto foi afinal escalado a ferro frio, enquanto a passagem de Humaytá era forcada pela tenacidade e valor dos navegadores brasileiros, esses modernos Moysés, regeneradores de uma nação corrupta.

Enquanto o bombardeio da esquadra brasileira illuminava as aguas do Paraguay desde a Lágôa Pires e Curuzú até Curupayti e Humaytá, toda a extensa linha, que o exercito occupava pela extrema esquerda deste baluarte, sustentava um fogo vivo contra os reductos Paraguayos.

O terreno era escalavrado pelas balas que se crusavam; os cadaveres rolavam no chão isolados, ou abraçados, de bruços ou de costas, estendidos, dobrados, partidos pelas couxas, rasgados pelas entranhas, encolhidos pela contorção da dor, de olhos abertos, labios contrahidos, bôcca cerrada com signaes tetanicos, e aspecto guerreiro !

Bem custosa foi esta batalha, mas o nosso va-

lente exercito não recuou um só momento, embora ficassem alli sepultados centenas de bravos com feridas horriveis na cabeça, no rôsto, no pescoço, no peito, no ventre; rasgados á espada á lanças e bayonetas, e com os ossos esmigalhados a projectis de revolvers, de peças e de granadas !

O exercito brasileiro, afinal, auxiliado pelo feito inaudito da esquadra avança *a marche-marche* sobre as ultimas trincheiras do Estabelecimento e trava lucta desesperada a ferro frio, debaixo do incendio, e de uma chuva de balas e granadas dirigidas por grossa artilharia inimiga.

O solo ficou juncado de cadaveres de homens, de animaes, confundidos com os destroços e munições ! O soldado sobre o official, a carreta sobre o cavallo, o cavallo sobre o homem, o homem sobre as lanças, carabinas, mochilas, cornetas e tambores ! Tudo nadava sobre um leito de sangue ! mas tudo isso naquelle famoso dia attestou a victoria esplendida do nosso exercito, cujos bravos trocando suas vidas pela honra da Patria ergueram-n'a á altura da Roma dos Pompeos.

E os paraguayos abandonaram o reducto, e fugiram espavoridos como os soldados do Czar diante dos clarões afogueados de Kremlin, quando em chammas ardia Moscow.

Commemorando a historia da Batalha de Ilu-

maytá não podia esquecer este feito brilhante do exercito, que dêu tanto realce ás glorias daquelle dia assinalado na historia pela Esquadra brasileira.

Sim, a Batalha de Humaytá, em nada inferior áquellas luctas colossaes de Farragut na America do norte, seria admirada até mesmo pelo almirante Hyde Parker, visto como o seu resultado não foi menos assombroso, que o feito heroico de Copenhague pela esquadra ingleza do Baltico ao mando de Nelson.

O exercito distinguiu-se admiravelmente; mas o que constituiu o brilho resplendente, o louro immarcescivel do grandioso feito de 19 de Fevereiro, não foi a peleja de arma branca, a lucta de peito a peito, a força de braço a braço tão heroicamente sustentada em terra por suas forças.

Não foi o quadro vivo e animado do recontro furioso das hostes inimigas, ao som dos instrumentos bellicos e do tropel da cavallaria, no meio da confusão, do alarido, das golfadas de sangue, dos membros dilacerados, esparsos, palpitantes e sem dono !

Não foi o destroço do inimigo, a destruição de suas tendas, a tomada do seu reducto Estabelecimento, a morte de centenas de soldados, a perda dos seus melhores chefes.

Não foi a aquisição de bandeiras, de canhões, de armas, de mochilas e munições, que são os premios materiaes da victoria campal e os tropheos do vencedor ! ...

Não!

Estas glorias couberam nesse dia ao nosso bravo exercito; mas não foi nada disto que sublimou a nossa Patria.

A victoria esplendida e completa de 19 de Fevereiro foi a victoria naval, que significa mais que tudo isto perante a historia; porque inaugurou a civilisação do Paraguay, libertando o seu rio do jugo de Humaytá, e abrindo os seus portos á livre navegação e ao commercio das nações civilisadas do mundo !

A gloria inexcedivel dos nossos bravos marinheiros consistiu em tentarem elles o desconhecido affrontando a morte quasi certa cun honra da Patria.

E assim navegaram para o incognito sobre torpedos e correntes, combatendo nas trevas por baixo de uma abobada de balas e ao lado de um volcão, que os cobria de lavas, com esse sangue frio da bravura enexcedivel, com essa verdadeira coragem, com essa energia e disciplina, com esse entusiasmo e patriotismo, com essa abnegação inabalavel só propria dos Turennes e Condés no seculo de Luiz XIV, ou dos maiores capi-

tães dos seculos dos Leonidas, dos Camillos, e do Povo Romano !

Não admira, pois, que este glorioso triumpho, alcançado no Paraguay em 19 de Fevereiro pelo esforço homérico dos nossos bravos marinheiros, repercutisse em toda America, e echoasse além do atlântico.

Ninguem podia deixar de curvar-se respeitosamente diante de um tal acontecimento; e portanto não creio que houvesse coração brasileiro, que deixasse de sentir orgulho e entusiasmo com a fustosa noticia que para logo se derramou em todos os angulos do Imperio.

O spectaculo tinha sido magestoso, e impunha por sua grandeza e magnificencia um culto á Patria, um canto á Liberdade e uma homenagem ao heroismo dos nossos bravos.

E usando agora das expressões de Napoleão III ao Ministro Rouher, por occasião das pompas e magnificencias de 15 de Agosto, anniversario de Napoleão o grande, direi :

“ Despertar os grandes feitos historicos é reanimar a fé no futuro; honrar a memoria dos grandes homens é reconhecer uma das mais maravilhosas manifestações da vontade divina. »

Os bardos brasileiros não foram indiferentes a esse grandioso spectaculo; inspirados por nossas glórias militares empunharam a Lyra e deixaram

ram ouvir seus cantos em honra de tão sublimado feito.

E o povo, arrastado pelos impulsos mais generosos do coração, aplaude sempre com entusiasmo os accentos patrioticos desferidos na lyra dos poetas, cujos cantos adoçam-lhe os sofrimentos nas horas do trabalho.

Os gondoleiros de Veneza, segundo referem Madame de Estael em seu bello livro sobre a Alemanha, e outros escriptores mais modernos em varias obras, ainda hoje cantam nas horas do trabalho as estancias marciaes de Tasso, assim como desde as margens do Rheno até o Baltico se repetem os cantos heroicos dos poemas de Gœthe e de Burger.

Os versos de Shakespeare e Milton na Inglaterra, os de Beranger na França, os de Ossian na Escocia, os de Calderon e Cervantes na Espanha, os de Camões e Palmeirim em Portugal, produzem no coração do povo os mesmos effeitos patrioticos; porque igualmente traduzem as calamidades e as glorias da Patria.

E' bem merecida essa homenagem que o povo vota aos poetas, assim como os poetas votam á Patria em cantos sentidos no coração.

E' bem merecida essa homenagem, digo; porque os poetas, como todas as almas elevadas, seguindo os impulsos do coração, traduzem o amor

de suas crenças. Se elles tomam a lyra, e desferem amargos quixumes lançando imprecações, quando o povo sofre e geme opprimido, também desferem alegres cantos, quando pelo contrario a Patria se eleva, se engrandece, e o povo por sua vez sente regosijo e entusiasmo.

Parahyba 23 de Fevereiro de 1869.

ARTIGO V.

Aos poetas cabe a gloria de fallar ao povo e á historia na linguagem dos sentimentos nobres e elevados. A elles e dado o patentear em estrofes sentidas e entusiasticas os acontecimentos sociaes ou politicos, que predominam nessas situações criticas, em que o amor da Patria e da Liberdade é a expressão intima de uma nacionalidade inteira.

Os poetas são os historiadores do coração das nacionalidades.

Dante sentindo profundamente as calamidades

de sua infeliz Italia, dilacerada pelos Guelfos e Ghibelinos, pulsou a lyra, e accendeu o patriotismo no coração do povo !

Sombrio Alighiere, desterrado Guelfo de Florença, quanta vez desafogastes as sandades da Patria, cantando as glórias colhidas em Campaldina e Caprona ?

Ossian o bardo rei, o poeta ancião de Morwen, canta sobre o hervaçal e os penhascos desertos de Inisfail as historias de Erim e Tura, assim como os heroicos feitos de Fingal e Oscar, fazendo repercutir seus melodiosos accentos nos saguões desertos dos Paços reaes de Selma.

Os louros do poeta de Leonôra foram em grande parte colhidos por sua grande epopéa, que celebrou a lucta Christian, travada com todo esforço pelos Crusados á sombra dos palmares santos da Palestina.

O dinamarquez Oehlenschlæger tornou-se célebre na litteratura do Norte e no proprio theatro da Alemanha tomando por assumpto de suas peças as tradições heroicas de sua Patria !

Cervantes cantou os feitos heroicos das campanhas de Hespanha na Italia e as gentilezas do Lepanto, antes mesmo dos carmes bucólicos de sua Galatéa.

Victor Hugo, Casimiro Delavigne, Lamartine, Delphine Gay cantaram, depois do combate na-

val de Navarino, os feitos heroicos da Grecia moderna, onde finou-se Byron, o maior poeta deste seculo.

Essa lucta gigante dos Hellenos foi commemorada por estes poetas celebres em estrophes ardentes e apaixonadas.

As poesias de Thomaz Moore em memoria dos heróes de sua patria foram adaptadas á melodia dos canticos populares da Irlanda.

As *Canções populares* de Herder accendem a imaginação dos povos da Alemanha pelo seu carácter nacional, assim como os seus capítulos sobre Persépolis e Babilonia fazem levantar das ruínas do mundo antigo os monumentos derrocados.

O que constituiu a originalidade de Beranger, no pensar de Saint-Beuve foram suas odes patrióticas, nas quaes teve a arte de combinar a sua veia sensivel com o sentimento publico, do qual elle se fez echo: — *Le vieux Sergent, Le vieux drapeau, La sainte Alliance des peuples* e muitas outras odes revelam o seu acrisolado patriotismo e seu amor ao povo e á liberdade.

E por ventura esses cantos, assim como os de Victor Hugo no desterro, não teem sido para a França um echo daquelle — *Allons enfants de la patrie, de Rouget de l'Isle*, cujo hymno despertara o entusiasmo crescente de uma nacionalidade inteira ? ! . . .

— Sem duvida. O estribilho patriotico da Már-selbeza, entoado por entre os clamores das victimas de 89, fará lembrar eternamente não só o entusiasmo da França republicana, como tambem o amor da Patria e da liberdade, ás gerações vindouras.

E se alguma cousa ha, que possa commemo-rar os feitos heroicos de um povo, e até mesmo sobreviver no meio do cataclysma das nações, é por certo a poesia que não morre.

O que seria das glorias passadas de Portugal se não fera Camões, que abraçado com as quinas lusitanas salvou-as do esquecimento escrevendo os Lusiadas?

E actualmente os versos de Palmeirim, intitulados—*Gomes Freire, o Veterano, o Granda-deiro*, são cantados junto a lareira nas noites de inverno pelo povo laborioso do campo desde os pantanos de Riba-Tejo até as pitorescas varzeas do Minho e Traz-os-Montes, como uma recordação da guerra peninsular. *O Masanielo, Portugal, o Guerrilheiro, o Mutilado, o Soldado e a Vivandeira* do mesmo autor são outras tantas recordações nacionaes.

Os gregos de Homero e os Romanos de Virgilio já não existem; o braço da conquista arrasou os monumentos de seu orgulho; a sua linguagem universal e sabia perdeu-se nos dialectos barba-

tos dos vencedores; mas a poesia, como mui bem o disse Rabello da Silva tractando do Elmano da Arcadia, triumphou, a pesar dos homens e dos tempos.

Depois de milhares de annos os canticos da poesia e a voz da historia subjugam o silencio e a destruição, restituindo-nos as epochas que já morreram.

E ninguem mais hoje ignora, que foi por meio da poesia que Homero e Virgilio immortalisaram as glorias da Grecia e as solemnes catastrophes de Troia.

O bedoino selvagem que andar errante pelas ruinas da Bethamia não verá mais rodar por alli os carros triumphantes dos heróes, que a poesia commemora atravez dos séculos.

Os incolas das margens do mar negro atravessando hoje os campos solitarios de Troia, sacrificada à formosura de Hellen, não poderão extasiar-se mais na contemplação daquelles gigantescos inonumentos, diante dos quaes a antiguidade coinmemorava os feitos heroicos do povo.

Entretanto os versos de Homero nos fallam ainda não só d'elles, como até mesmo do Palacio de Priamo, das tendas de Achilles o invulneravel, da lucta de Patroclo e de Heitor o mais valente dos Troianos.

Se a Iliada commemora a epocha mais impor-

tante desta guerra; a Eneida do poeta Mantuanos traz á memória, com aquelle seu — *ubi Troja fuit*, os combates de Hercules, de Evandro e o filho de Anchises, e finalmente as recordações de um passado heroico e glorioso.

Sendo, pois, a Patria e os seus heroes, assim como a Liberdade e os seus martyres, fontes de inspirações para a poesia, e sendo a poesia a encarnação de todos os grandes cultos, e, na phrase de Lamennais, de todas as aspirações elevadas, não podia deixar de ter echo também nos corações patrioticos dos brasileiros.

Perdoem-me os leitores se fui demasiado longo na enumeração dos cantores da Patria e da Liberdade, pois muitos outros podera ainda citar.

Não pude occultar as emoções que me despertaram n'alma essas reminiscencias do verdadeiro patriotismo, que é o laço que mais fortalece as nacionalidades.

Bem haja essa brilhante pleiade de genios universaes, que nos tem dado essas brilhantes e inspiradas lições.

Se esses genios engrandeceram em versos imortaes as gerações passadas e presentes, e tornam-se, na eloquente expressão de Madame d'Estael, os contemporaneos dos séculos futuros, é por que com os seus cantos elevados e sentidos resuscitam as crenças desfalecidas, e aproxícam

os homens de seus deveres, os quaes repousam sobre o dogma da liberdade.

Neste ponto penso com Jules Simon, esse celebre philosopho e orador distincto, que actualmente defende a causa da Liberdade, ao lado de Eugenio Pelletan, Thiers, Olivier e outros no parlamento frâncez.

A mocidade brasileira, que recebeu de seus antepassados, a par de uma tradicção gloriosa, o legado santo da liberdade; que foi educada nas idéas de independencia, de virtudes civicas e de heroismo, não pode deixar de apreciar as grandes e nobres accções, e de procurar imitar esses talentos predestinados, que servem de modelos ás novas gerações.

Bem haja o visconde d'Almeida Garret, Castilho, Herculano, João de Lemos, Palmeirim, Thomaz Ribeiro e outros poetas populares de Portugal, porque sustentam ainda suas glorias.

Bem haja Bazilio da Gamma, Santa Rita Durão, Alves Branco, Odorico Mendes, Magalhães e Gonsalves Dias que vieram regenerar a nossa poesia nacional.

Bem hajam aquelles môços qne teem o nobre impulso de imital-os, cantando em estrofes apaixonadas, em hymnos inspirados de patriotismo, os feitos que ennobrecem a nossa Patria.

O feito heroico de 19 de Fevereiro é por certo-

uma historia de alto nmentimento, de grandeza sem conta; e por tanto nenhum brasileiro deverá esquecer-a.

E a mocidade que tem alma, que tem coração, que sente, que estuda e que comprehende a religião do sentimento, e o sentimento do dever, não podia deixar de registrar um tão brilhante feito em seus cantos patrióticos.

Eu, que sou o menos habilitado dos cantores, e o minimo de toda essa mocidade intelligente, não posso deixar de prestar o meu fraco contingente, quando a inspiração espande-se-me n'alma e vibra-me o coração.

Aquelle que renega um passado de usanias, e esquece victoriadas glorias do seu paiz, trocando toda a sua actividade e intelligencia por esse pantano tedioso de marasmo, de indifferentismo e de maledicencia, não pode comprehendêr o philosophico pensamento de Jules Simon quando disse, que a verdadeira escola da humanidade é o patriotismo, assim como a escola do patriotismo é o espirito da familia.

Aprendemos a amar nossa patria e nossa família desde o berço, desde a infancia; todos os nossos bons sentimentos nascem dahi, como por um contagio feliz e benigno. Devemos pois cuidar do seu engrandecimento e de suas glorias, de preferencia á satisfação de pequenas paixões,

odios e vinganças mesquinhas, que nos consumam perante a sciencia do dever, que é a sciencia dos sacrificios por amor da liberdade.

Viver para a Patria, para a sociedade, para a familia, e para a humanidade, eis tudo.

Nada é mais dôce, e nem mais agradavel do que associarmos a pouca ou muita gloria, que possa ter o nosso trabalho, ao nome de nossa patria, e por isso não me envergonhei de offerecer-lhe no canto—Batalha de Humaytá—o meu pequeno ôbolo.

Se nesse vôo, nem ao menos me aproximei dos nossos primeiros poetas, resta-me a consolação de que as inspirações que nos aproximam da arte pelos mysterios do coração—são as mesmas, embora fraco seja o meu entendimento.

Estou convencido que assim não entendem os politicos do « Jornal da Parahyba » ; tambem com elles não me quero entender em matéria litteraria.

Tenham paciencia esses Tartufos, se não lhes presto obediencia.

Parahyba 28º de Fevereiro de 1869

ARTIGO VI.

A data de 19 de Fevereiro de 1868 perpetuará na historia do Brasil uma gloriosa recordação.

Atutela vexatoria e anachronica do velho regimen absoluto de Francia e Lopez foi naquelle dia substituida pela liberdade da navegação no rio Paraguay.

A liberdade resurgio para todos em nome do direito natural e eterno dos povos, que alli fora confiscado, usurpado e mutilado pelo absolutismo das dictaduras.

Choremos em paz os defensores e os martyres

de tao gloriosa epocha, que pereceram pela liberdade e pela patria, como os gladiadores no circo suspirando nos ultimos momentos aquelle
—*Ave, Cesar, morituri te salutant.*

Se as grandes batalhas de Arbella, de Pharsalia e de Austerlitz, ganhas por Alexandre, Cesar e Napoleão, ainda hoje nos recordam as glorias da Grecia, de Roma e da França; a batalha de Humaytá por certo fará lembrar tambem ás futuras gerações o nome glorioso do Imperio do Cruzeiro, assim como os nomes de seus heróes.

O valor, a coragem, o patriotismo e a intelligencia são sempre admiraveis, tanto no Inglez e no Francez, como no Grego ou Bátavo. Os feitos brilhantes de Scipião o africano, de Melciades o vencedor de Dario, e de Leonidas pela passagem das Termopilas, que lhe fora cometida em honra dos Spartanos, são sempre feitos admirados pelas gerações que se succedem.

Cada povo escreve na historia universal o seu versiculo de gloria por intermedio dos seus poetas contemporaneos.

E nós, mocidade brasileira, jamais deviamos esquecer as nossas grandes victorias nessa lucta gloriosa de quatro annos, que nos recorda de um lado tantos sacrificios e dedicações, e do outro um despotismo feroz !....

Brasileiro e dedicado as letras, eu sahi de mi-

nha obscuridade para prestar uma homenagem ao meu paiz, iguorando que a minha producção lhe faria vergonha.

E cantei a—Batalha de Humaytá, se não com aquelle arrojo dos cantores de Moema, do Caracmurú, dos Tymbiras, e dos Tamayos, ao menos como uma voz muito secundaria no meio da grande orchestra desses nossos primeiros poetas.

E o meu pobre poemeto valeria bem pouco para mim, se n'elle fora esquecida a grandeza do assumpto, e a memoria dos feitos que illustraram a minha patria, concedendo-lhe um logar tão eminente na historia da civilisação moderna.

Se o amor da patria, no dizer do sabio Chateaubriand, é o instincto exclusivo do homem, é porque certamente é o mais bello e o mais moral dos instintos. E esse amor, ou esse instincto, ou sentimento natural, que nos atrahe, como um iman invencivel, é o proprio que nos dá a inspiração da verdadeira poesia; tanto assim que Homero, o divino Homero ja pintava Ulysses suspirando por ver o fumo das choupanas de sua Ithaca, apezar de se ver elle no meio dos voluptuosos prazeres, que lhe offerecia a nympha Calipso na ilha de Ogygia ! E Fenelon não divergiu nesse ponto quando escreveu o seu bello poema em prosa conhecido por Telemaco.

Os Scythas tambem fugiam das dilícias de Ro-

ma para cantarem as asperezas do seu solo, assim como os Laponios e selvagens do Canadá suspiram pelos seus pobres e rígidos paizes, quando por ventura se veem em Viena ou Pariz, no meio dos prazeres, e gosando o *confortable* de todas as commodidades.

Os gelos da Islandia, e as torridas areias da África teem sua poesia para os seus habitadores.

Assim, pois, é natural ao homem amar a patria; e esta paixão faz os maiores prodigios na guerra e nas letras, dando valor aos guerreiros e inspirações aos poetas.

O valor conduz os seus guerreiros á gloria, e estes homéricos Titans jámais deverão ser esquecidos pelos homens de letras, e sobre tudo pelos seus noveis cantores.

E note-se que o sentimento da Patria, na opinião do Sr. Raposo de Almeida, é talvez o traço mais pronunciado da nossa litteratura nascente.

Devemos, pois, robustecel-o cada vez mais cantando essas entusiasticas emoções, que nos inspira este solo americano.

Se o patriotismo no Brasil tem sido para muitos o patriotismo do interesse, creio que para a mocidade, que não tem a alma envelhecida no meio dessa corrupção politica em que vivemos que suffoca os talentos, o patriotismo é ainda uma religião, um ideal perfeito, que se realizará

um dia, depois de tanta lucta fratrecida, de tanta mentira politica, de tanta compressão, de tanta injustiça, de tanto extermínio, de tanta abjecção, de tanta loucura sancionada pelos actos do governo.

Tanto melhor. E' uma cousa notavel, que quanto mais é a perseguição que se soffre na terra da Patria, mais encantos ella tem para nós, assim como mais profundos são os nossos sacrificios por ella

Foi sob taes impressões que eu cantei a Batalha de Humaytá logo que della tive notícia.

Se não fui o primeiro a vibrar as cordas da lyra em honra de tão sublimado feito, ao menos, que eu soubesse, ninguém se me havia anticipado em tão elevada honra.

Sonhando melhor futuro para esta nossa bôa terra, desejo do fundo d'alma a sua regeneração.

E desde a minha vida academica associei-me á essa pleia de môços, que costumam não só reverenciar á Patria, como também costumam propugnar pelos seus direitos, combatendo os erros daquelles que a insultam e deprimeim.

Era bem môço ainda, quando na Bahia comecei esta tarefa, ora redigindo com outros collegas—o *Prisma* e o *Estudante* (jornaes academicos) a *Esperança* e o *Recreio do bello-sexo*; (jornaes litterarios e recreativos) e ora collabo-

rándo para o *Noticiador catholico*, (jornal religioso fundado sob a protecção do Sr. Arcebispo) para o *Paiz*, para o *Povo*, para o *Protesto*, para o *Caxeiro Nacional*, e para o *Diario da Bahia*, (jornais de política liberal)

Eram meus companheiros então nessas lides, alem de alguns leutes da Eschola, Luiz Alvares dos Santos, Agrario de Souza Meneses, Antonio Alvares da Silva, Junqueira Freire, Laurindo da Silva Rabello, Padre Francisco Bernardino de Souza, Frei Carneiro, (benedictino) Antonio Rodrigues da Costa, Cincinnato Pinto da Silva, João Francisco Dias Cabral, Luiz Quadros Junior, Constantino do Amaral Tavares, Cezar Augusto Marques, Antonio Augusto de Mendonça, e outros moços que por um incentivo poderoso trocavam as horas do ocio pelas do estudo.

E que moços eram estes?

Agrario era o autor de *Mathilde*, do *Callabar*, do *Retrato do Rei*, dos *Miseraveis* e de outras bellas composições poeticas e dramaticas.

Junqueira Freire era o autor das *Inspirações do Claustro*, da *India*, do *Padre Roma* e de outras composições, que podem servir de modelo a verdadeira poesia americana.

Padre Bernardino (hoje conego da Capella Imperial) era o redactor do «*Noticiador catholico*», o primero autor das *Lendas biblicas*, que cor-

Tem impressas em quasi todos os jornaes do paiz.

Laurindo era o poeta afamado pela aurea popular, o autor das *Trovas, da Saudade branca, da Revolução de 1848.* (poema inedito) o herdeiro dos grandes dotes da Eschola Bocagiana.

Amaral Tavares e Rodrigues da Costa eram poetas e autores dramaticos mui applaudidos.

Luiz Alvares e Fr. Carneiro eram jornalistas populares e oradores mui distinctos.

Alvares da Silva era um dos primeiros talentos da Eschola de Medecina, admirado nos estudos desta sciencia, assim como nos da litteratura.

Cincinato é o autor dos *Homens de Cera*, e foi um dos principaes redactores do *Direito*; o que basta para tornal-o vantajosamente conhecido do jornalismo ilustrado.

Cesar Marques é actualmente o incansavel investigador das velhas chronicas historicas do Maranhão.

Deixo de citar outros illustrados collegas, que fazem hoje honra á sciencia e ás letras em varias provincias do Imperio, para não me tornar fastidioso.

Eu era o menos conhecido destes moços, com os quaes elaborava então, e sinto hoje prazer em

confessal-o. Se pouco tenho produzido, ao menos consola-me o recordar-me delles, congratulando-me pelas posições que conquistaram no mundo das letras, a custo de tanto estudo e trabalho.

Parahyba 1 de Março de 1869.

ARTIGO VII.

Se a natureza não me confiou uma lyra afinada, nem uma penna de ouro, como prodigalisa a muitos dos outros companheiros, de que me recordei com saudades no meu artigo passado, ao menos não me recusou os sentimentos d' alma e os estímulos do coração.

Os meus estudos não me desviaram dos meus deveres; os meus instintos naturaes acrisolaram-se no amor, que todo o bom cidadão deve votar á Religião, á Pátria, e á Liberdade.

Foram tais sentimentos, que acompanharam

os meus estudos, e que me inclinaram para a Poesia desde os meus vinte annos. E eu, no meio desta natureza patria tão garrida, sob este céo tão puro e anilado, em face de uma vegetação tão luxuriante, escutando o estalar das catadupas, e o doce murmúrio dos rios serpejantes atravez dos vales e bosques. tudo na mais suave e doce harmonia americana, inspirei-me e cantei, certo de que não são as regras da liturgia Aristotelica, e nem os preceitos de Horacio e Boileau, que nos dão as verdadeiras inspirações.

Creio antes no modo de pensar de Gœthe, quando diz que o sentimento vivo das situações e a faculdade de bem exprimil-as é que fazem o poeta.

E na verdade quando um facto moral, ou o objecto que delle dimana, me eleva o espirito na contemplação, e me entusiasma inspirando-me sentimentos nobres, eu sinto que ahi ha poesia; e nem procuro outra regra para avaliar da sublimidade do assumpto, porque o coração não mente; e o sentimento do justo e do bello não pode subsistir fora da poesia.

A poesia tem seus acordes assim como a musica. A pintura tem seus reflexos, assim como os retractos tem os seus perfis. Eu creio nesses acordes e nesses reflexos, como nos effeitos physiologicos do coração; e portanto antes de

sobrecarregar a intelligencia com os preceitos liturgicos de Aristoteles, de Despreaux, ou Marimontel, e com os farrapos dos outros em procura da forma por sua natureza material, contingente e limitada, interrogo o coração; porque é elle que deve dar a vibração e constituir o primeiro elemento da poesia, como nos demonstra Lamartine escrevendo—Jocelin ou Genoveva, Raphael ou Graziella.

E, pois, abraçando eu esta eschola não me envergonho de dizer, que os versos que escrevi na juventude e que correm impressos naquelles jornaes, que mencionei em meu artigo anterior, bons ou maus traduzem os meus sentimentos, qualquer que seja a forma que tenha adoptado para me tornar comprehensivel no mundo exterior.

Se muitas dessas poesias peccaram na forma, no contorno da estrophe, no rythmo, e na combinação plastica do verso com relação á imagem e á metaphora, ao menos as flores do sentimento nellas desabrocharam, vivificadas pelo orvalho do coração juvenil.

Era a encarnação intima dos afectos que elevam e engrandecem a alma, aproximando-a por vezes do infinito.

Eu sentia então que a poesia era o echo interior de minhas impressões: *mens divinior!*

E como tudo que é divino não se pode bem definir por palavras, eu usarei das sentidas expressões de Lamartine, que é o maior interprete dos puros affectos da mocidade, para definir ao menos esse vago scismar, essas emoções suaves como eu as sentia então.

« A posia, diz elle, é a encarnação do que o homem tem de mais intimo no coração e de mais divino no pensamento; do que a natureza visivel tem de mais sublime nas imagens e de mais melodioso nos sons ! E' ao mesmo tempo sentimento e sensação, espirito e materia; e é por isso que ella é a linguagem completa, a linguagem por excellencia, que penetra e arrebata o homem em toda sua humanidade..... Eis porque esta linguagem, quando bem fallada, fulmina o homem como o raio, ou encanta como um philtro, e o embala como um infante no berço--inmovele, encantado pelo sympathico estribilho da voz de uma terna mãe ! »

A poesia assim considerada é uma linguagem toda misteriosa e instinctiva, que só pelo sentimento se traduz.

Só aos talentos predestinados entrega a Providencia o verbo intimo dessa linguagem do céo, é uma verdade, mas em minha obscuridade eu sentia um pendor para esse culto contemplativo, em que a imaginação vagueia em scismas

vaporosas, em que, no pensar de Alfredo de Vigny, o seio se expande em emoções suaves.

« Jaime surtout les vers — cette langue immortelle
C'est peut-être un blasphème, et je le dis tout bas;
Mais je l'aime à la rage. »

Estes versos de Alfredo de Musset traduzem perfeitamente o amor, que consagrei à poesia, dos vinte aos vinte e cinco annos.

Durante essa epocha escrevi e publiquei per-
to de cem poesias, inclusive rimances, sem mais
outra pretenção do que a de satisfazer o meu
enthusiasmo pelo bello, e por tudo quanto no
meu ideal se apresentava grande e generoso.

O céo, os astros, o ether, os mares, os rios, os
bosques, as flores, o dia, a noite, a madrugada, a
ueblina, a aurora, o crepusculo, os vales, os mon-
tes, a luz, as sombras e todas estas poeticas
scenas americanas offereciam-me inspirações; e
eu cantei sem esforço o que me ditava o cora-
ção de mancebo.

Hoje sorrio-me da exageração desses meus
primeiros ensaios, dessas trovas de creança, cu-
jos sonhos retratam sempre um horizonte purpu-
reo, em que despontam auroras de luz sobre
manhans de flores!

Nessa idade, verde de mais para a reflexão e

analyse sempre se prefere a exageração da forma á simplicidade grandiosa, que é a expressão legitima da paixão reflectida.

Hoje pelo contrario amo a sublimidade natural que dimana dos assumptos, de preferencia a emphase e a antithese imaginosa dos meus cantos juvenis, os quaes entretanto recordam-me a quadra mais feliz da minha vida, e despertam-me saudades.

« Meu Deus ! que se ha de escrever aos vinte annos ? »

Quisera que respondessem esta pergunta de Casimiro de Abreu, o melodioso cantor das—*Primasveras*; pois quanto a mim, ninguem responderá melhor do que elle mesmo nas eloquentes paginas do seu thesouro poetico desde a *Canção do exílio* até a—*Ultima folha* do Livro negro ; pois nessa idade é preferivel uma pagina do Lamartine, ou de Alfredo de Vigny, ou de Bernardin de S. Pierre, ou mesmo de George Sand, á uma moeda, não de cobre, não de prata, mas de ouro.

Tudo tem o seu tempo; e nessa idade não se nega á alma as suas nobres aspirações; não se nega ao coração os seus sentimentos naturaes; não se nega á Religião os seus influxos e poder; não se nega á Liberdade o seu culto; não se nega á virtude a sua pureza; não se nega ao pen-

samento a sua manifestação e progresso; não se nega, emfim, ao direito a justiça em sua essencia, em sua divindade, como succede em outras epochas infelizes do homem, em que a ambição corrompe tudo, reconhecendo só a grandeza que vem da força, o direito que o absolutismo consagra, a eleição que as urnas falseam contra a liberdade do voto, o interesse que as operações mercantis offerecem nos dividendos da agiotagem.

Sim, ha tempo para tudo; e não se pode negar á mocidade que palpita, que estuda, que trabalha, que tem esperança, que tem fé no futuro e crê no aperfeiçoamento da humanidade, esses sentimentos generosos, essas idéas inspiradas pelo coração, pelo riso, pela dor, pelas lagrimas, e pelo infinito desde a hora do seu genesis.

O cynismo e a descrença podem escarnecer de tudo isto, ou negando a verdade, ou corrompendo as virtudes ; mas o que nunca poderão fazer é materialisar o espirito.

Pensando assim naquelle idade estudei, cantei, escreví, e escrevi muito ! E no meio desse prurido scientifico e litterario nunca deixei de prestar, nas horas do entusiasmo e da inspiração, o meu pobre feudo poetico em homenagem ás glorioas recordações da minha Patria.

Lá na Bahia, naquelle primogenita de Cabral

muitas vezes sahi de minha obscuridade para commemorar em nome da mocidade academica as grandes victorias, de que foram theatro Pirajá Cabrito, Itaparica e Caxoeira naquelle glorioso dia 2 de Julho, e saudar ao mesmo tempo os seus denodados guerreiros—Galvões, Limas, Labatús, Jacomes Argólos e Bulcões !

Quanta vez recitei ao povo os meus humildes cantos para satisfazer o entusiasmo que palpitaava em todos os corações, registrando o facto que estava no animo de todos, em honra da Bahia e de seus heróes !

E bem mereciam elles os cantos da mocidade; porque a emancipação daquelle povo foi um dos mais brilhantes triumphos da Liberdade.

Nessa feliz epocha, eu combatia as trevas em nome da luz, do progresso e do futuro do meu Paiz sem importar-me de estudar as questões sociaes e politicas, que, no interesse da forma do governo e da pratica da constituição ou de sua reforma, se debatem hoje no terreno escorregadio do sophisma, do abuso e do erro.

A minha gloria consistia então na satisfação de minha inspiração sem veleidade e nem pretenções a louvores.

Eis tudo.

Não me envergonhava de meus cantos, porque se lhes faltava o quebro e a melodia, ao

menos traduziam os sentimentos da mocidade esperançosa, a quem eram dirigidos naquelles festins patrióticos, visto como por ella foram sempre acolhidos.

Nas horas tristes de minha vida de hoje, em que, no dizer de Latino Coelho, as illusões se perdem e as esperanças phantasiosas se desfolham no commercio do mundo positivo, recordo-me ainda com saudades daquelles festins litterarios e poeticos, assim como dos meus companheiros de então, entre os quaes se destacavam na poesia o nosso velho amigo e mestre Francisco Muniz Barreto, e na oração e sciencia o venerando Arcebispo D. Romualdo de Seixas com sua paternidade evangelica, um dos maiores vultos que tem produzido o Brasil.

Não me levem a mal a citação deste virtuoso prelado, quando assim trato das inspirações ardentes da mocidade.

Foi sob sua presidencia que ensaiamos os nossos primeiros passos na vida litteraria, e dahí nascêo talvez essa unção religiosa que transparece em meus escriptos desde o meu primeiro livro as—Impressões da Epidemia até o—Estudo biographico sobre o Vigario Marques.

Parahyba 6 de Março de 1869.

— — —

ARTIGO VIII.

Foi no proprio palacio archipiscopal, naquelle residencia da virtude, da meditação e do trabalho, que commigo receberam as primeiras inspirações litterarias os jovens mais talentosos daquella epocha.

Alli se reuniam ás noites os membros do — *Ensaio litterario*, sob a presidencia do venerando e sabio arcebispo D. Romualdo de Seixas, o fidalgo Marquez de Santa Cruz.

Fui muitas vezes conviva obscuro desses festins litterarios, onde só imperava a intelligencia.

E ainda me parece estar vendo o semblante bondoso e grave do venerando mestre abrir-se com um sorriso de animação para todo e qualquer môço, que lhe pedia uma explicação, um conselho, uma palavra de consolo e de esperança no caminho dessa peregrinação litteraria.

Era elle um sabio e virtuoso Prelado; Deus o tenha em sua gloria.

E' destes gremios de estudo, destes centros luminosos, dirigidos por esses venerandos mestres, que precisam os môços talentosos da nossa terra como succedia em Portugal, onde uma pleiade brilhante de môços entregavam-se a exercicios litterarios sob a presidencia dos sabios mestres Garret, Herculano e Castilho.

Mas infelizmente assim não sucede entre nós, porque o governo do Paiz não tem tempo para animar taes gremios, e nem tão pouco para atender a educação litteraria, quo delles possa provir.

Todas estas cousas são utopias para o governo do nosso Paiz; porque todo o seu cuidado é dirigido para o aperfeiçoamento da ginastica eleitoral, ou bacchanal politica, dos partidos dominantes.

A politica reactora é tudo; a derrubada é o seu principal elemento, e por si só occupa cada ministerio novo que assalta o poder, tornando-se logo tão absoluto senhor, como o Czar na Russia,

Izabel na Hespanha, Rosas em Buenos-Ayres, ou Lopez no Paraguay.

E esse poder corruptor entorpece, anesthesia, conduzindo á descrença e á inacção um povo vigoroso e forte para beber-lhe o sangue, como uma vespa manhosa que se introduz no cortiço da abelhas para sugar-lhe os favos de mel tão custosamente trabalhados.

E' por isso que eu nas horas vagas de meus trabalhos medicos, ainda me recordo com saudades desses bellos tempos de entusiasmo, que já lá vão, e que por certo nunca mais voltarão.

Não conhecia então, como hoje, essas horas tristes em que a politica nos enche de tédio e marasmo ; e por isso abandonava-me á poesia com fé viva, como hoje ainda rara vez o faço.

Não me criminem por isso.

Cumpre ter tê em alguma cousa, e eu a pesar de tudo ainda não desci da regeneração de nossa Patria.

Se não creio mais nas visões como Dante ou no amor como Tasso, creio ainda no heroísmo como Camões, creio na liberdade como Hugo, creio no patriotismo como Beranger, e creio na Religião como Lamartine.

Esta disposição interior de minha natureza é que me torna susceptível de affecções vivas e profundas, e que me empelle por tanto para a

poesia, que na phrase de Madame de Staél é a linguagem natural a todos os cultos.

Educado nestes principios não posso afastar-me delles, embora não saiba revelar pelo metro o que sinto no fundo do coração, como fazem os verdadeiros poetas.

Mas se a expressão me falta, o sentimento a supre, a ser verdade a maxima da sublime autora de Corinna: —*Le don de révéler par la parole ce qu'on ressent au fond du cœur est très-rare; il y a pourtant de la poésie dans tous les êtres capables d'affections vives et profondes.*

Dahi a razão porque ainda sonho com a poesia, quando procuro exprimir os meus sentimentos de liberdade e patriotismo cantando as glórias da Pátria, e o heroísmo dos nossos bravos irmãos.

Assim me tenho revelado com profunda e entranhada convicção nos meus pobres cantos patrióticos, publicados na Bahia sobre o — *Memorável dia 2 de Julho*, sobre o — *Commercio nacional*, sobre a — *Mocidade academica*, sobre a — *Classe de artistas*, sobre o — *Poro, etc.*

Assim também me tenho revelado nos meus cantos patrióticos, publicados nesta nossa lôda terra.

Recolhido em minha tristeza, ou dando espanção á minha alegria, occultando o pranto, ou reprimindo o riso, tenho pegado da pena para

descrever os acontecimentos como os sinto, como elles me impressionam, e me commovem sem falsas contorsões, sem freneticas imprecações, sem artificio, sem atavios, e sem galas.

Foi assim que escrevi os meus poemetas sobre a—*Questão Ingleza Christe em 1862*; sobre os—*Movimentos políticos de 1865*; sobre o—*Prologo da guerra*; sobre o—*Voluntario da Patria*; e sobre—outros *assumplos bellicos em 1865*; sobre o—*Mariz e Barros e episodio da esquadra brasileira em 1866*; e, finalmente, sobre a—*Passagem de Humaytá em 1868*, cuja producção me accarretou tantas injurias da parte de misquinhos adversarios do « *Jornal da Paraíba* », os quaes foram impelidos por despeitos mais misquinhos ainda.

Ninguem ignora que a litteratura em nossa terra exerce-se pela devocão espontanea, e não pelo proveito que della se possa tirar, e muito menos pelas seduções que offerece; pois todos sabem quo ella ainda está muito atrasada para ser uma industria.

Para mim ella é um culto, uma religião, que em vez de gosos offerece aos seus adeptos o martyrio, e nada mais.

E nengem avalia que de esforço se emprega, e quanta vida se consome nesse delirio ardente da mocidade para resistir ás luctas e ao gelo da nos-

sa sociedade indiferente, como mui bem exprimio Alfredo de Musset naquelle seu verso:

Que les indifferents sont excellents bourgeois.

Lopes de Mendonça, cuja vida foi tão fadigosa e, direi mesmo, tão infeliz, escreveu uma verdade, quando disse que o mundo só se lembra das agonias do escriptor, quando elles se terminam por uma sanguinolenta catastrophe.

E depois de tantos estudos, tantos sacrificios e tantas vigilias, sua catastrophe foi a loucura, cuja causa não importa saber á sociedade e muito menos aos indiferentes.

Deixemos o desvio e voltemos ao ponto.

Se na idade da reflexão tenho sido levado pelo patriotismo a escrever estas composições poéticas, como outr'ora o fiz escrevendo os sonhos dourados de minha juventude, releva dizer que nunca entrou em mim o calculo e a vaidade de parecer bem, como querem fazer crer alguns individuos que outr ora me encensavam, me consultavam, e hoje me abocanham.

Sim, nunca fui levado a escrever os meus pobres versos por calculo ou vaidade, compassando a dicção, desfarçando o estylo, joeirando o vocabulo, aperando o metro, moldurando a imagem, contornando a phrase, sopesando a figura e plagiando os outros !

Nada disto. O que me convida á poesia, o que me incita, o que me conduz, o que me arrasta é a inspiração, é o impulso, é o entusiasmo, é o culto, é a devoção, é o arroubo, é a audacia talvez; mas nunca o calculo frio, o interesse ou a vaidade que seduz os meus detractores.

Em minhas pobres inspirações, ou entusiasmo, amaldiçõe a corrupção e os crimes do despotismo, e abençõe os estímulos daquelles que animam as grandezas da Pátria e basteam o pendão da liberdade.

E' um iman invencivel que me arrasta para as idéas grandes e generosas, e que me leva a distinguir por entre a corrupção dos povos e a harmonia dos acontecimentos a penna dos sabios, a espada dos guerreiros, a virtude dos martyres e as glórias da Pátria.

São estes sentimentos que me fazem repetir ou imitar o pensamento do autor das—*Auroras e Crepusculos* dizendo nesta rude prosa:—Gloria a Colombo, que descobrira o novo mundo a pezar da zombaria de cortesãos estultos;—gloria a Washington que libertara a mais poderosa república do globo;—gloria a Cincinnatus e aos Camillos que nobilitaram Roma;—gloria a Lamartine que immortalisara a França;—gloria a Tell que libertara a Suissa;—gloria a Wilberforce o libertador das britannicas colônias;—gloria a André Ché-

nier, que das escadas do patibulo entoou o seu derradeiro canto de liberdade ;—gloria à Sobieski o defensor da Suceia ;—gloria a Koseiusque o martyr da Polonia ;—gloria a Kossut o libertador da Hungria ;—gloria a Hugo o sonhador humanitario da liberdade universal :—gloria a Deus, a Jesu-Christo—gloria !!!

Parahyba 10 de Março de 1869.

ARTIGO IX.

Sim, gloria aos heróes e aos martyres !!!
Assim terminei o meu artigo passado, assim principio este.

Enthusiasta das idéas elevadas e das acções generosas, sou insensivelmente arrastado pelo coração para esses grandes apostolos, para essas almas grandes, que combatendo em favor da humanidade ou succumbem, como martyres em face da rigidez dos obstaculos, que enervam-lhes a accão espontanea e civilisadora da

idéa, ou triunpham nessa lucta do espirito contra a materia.

Bem sei que o egoismo, como lepra devastadora, corrroe em maxima parte as entradas da grande familia brasileira !

Bem sei que ha de sobra indifferentismo, que ha quasi geral desapreciação e até mesmo desamor ás letras patrias ! Bem sei que os moços que affrontam essa condenação tacita das letras, das artes, da sciencia, ousando levar o seu cholo, por pequeno que seja, ao altar da Patria, dão motivos de sobra para o escarneio e a injuria ! Bem o sei; mas nem por isso devemos desaninar ou descrer de sua regeneração e de seu futuro.

A geração nova, e sobre tudo a mocidade brisa e rica de talentos, deve ter bem presente a verdadeira maxima de Lameunnais, quando disse — *que a incredulidade se apodera do espirito quando a fé sae do coração.*

Não percamos pois essa fé, que nos alimenta o espirito; e pelo contrario nas luctas da imprensa devemos preparar o terreno, semeando-o de boas idéas, para a transformação da sociedade actual.

Os bons exemplos devem inspirar muito no animo do povo, e por isso entendo que rendemos um grande serviço á patria, quando destacamos os heróis e os martyres das idéas generosas no

meio desse quadro escuro, em que se estampam os interesses pessoais, os caprichos, as paixões mesquinhas, as rivalidades, os odios, as ambições deslavadas e estremes !

Quando o poder publico torna-se apanágio de uma dictadura maçonica, que distribue pelo grão-mestre e seus validos as honras e grandezas do Estado; quando em um paiz livre o trono acerca-se de uma aristocracia bastarda, entregando-lhe todos os cargos civis e políticos ; quando o vicio e o crime se installam para a combinação desse sistema ferrenho de governo, que nos desgoverna ; quando essa camarilha de aulicos desfigura as instituições livres, conculcando o direito, perdendo a honestidade e cevandijando títulos de benemerencia para expellir das posições officiaes, da representação nacional, e de todas as avenidas da governança—o mérito, o valor e a lealdade; o povo sofre, e o sentimento do pudor nacional revolta-se.

E a dictadura não vacilla e nem recua em face da soberania popular ! Peor para ella.

Osorio, o vulto legendario do Brasil, cujas gloriosas cicatrizes valem mais que a coroa de duque, não pode receber o suffragio popular, porque a dictadura abafa a opinião publica e o repelle das urnas !!! E a nação que deve os seus maiores dias de gloria a essa Aguia ferida ficará,

sendo representada pelos idólos do cortezanismo, cujos serviços a humilham por serem talvez de ignominiosa origem.

E Osorio, esse condôr brasileiro, generoso e grande como o imperio que illustra e defende, mal podendo suster-se nas azas feridas vai deixar saudoso o ninho, e vôar de novo ao Paraguay através das ballas e metralhas para morrer pela pátria opprimida e angustiada !

Se lá no paiz estrangeiro encontrar a sua urna funeraria, o que Deus não permitta, ao menos os esbirros da dictadura estarão longe della para profaná-la. Lá não poderão impedir que os bravos do exercito derramem o pranto sobre o seu cadáver em testemunho tanto quanto que a pátria lhe deve; e nem tão pouco poderão impedir o susfragio popular, que em vida lhe fora roubado nesta infeliz epocha de corrupção e insanía.

Se a politica pessoal exorbita de sua esfera invadindo as mais legítimas aspirações, e apossando-se dos bens devidos ao povo, ao paiz e ao seus legítimos representantes, nem por isso a geração nova deve estagnar ou entorpecer, certa de que essa perniciosa influencia desaparecerá no futuro após um longo esforço quer no mundo social, quer no imperio das letras.

E por entre esse ruidoso gransnar de corvos que especulam com a ceva, esvoaçando sobre o cada-

ver da Patria, por força deverá sobresahir o mavioso canticos dos cysnes, que não chafurdaram ainda suas candidas plumagens no lodo das especulações, dos desejos insaciaveis do ganho, das transações torpes de uma politica sem idéas, já cançada e gasta pelos proprios adeptos, que fizheram della umá industria vergonhosa.

Tenho fé que os esforços litterarios da mocidade brasileira a par do seu patriotismo muito concorrerão para a reforma, que ha de regenerar este rico paiz no futuro.

Recordo-me agora que, estando eu na Bahia o anno passado, vi no—*Outeiro patriotico-litterario* do Gymnasio Bahiano erguer-se um moço no meio daquella multidão juvenil, e recitar com voz firme, em versos alexandrinos, uma bella poesia, que me causou emoção !

O jovem dizia assim:

« Nós somos os gigantes da terra das palmeiras,
Colossos que brotamos do seio destes mares,
Condôres que tivemos por berço as cordilheiras,
Que são—nínhos dos astros que vôam pelos ares;
E quando sob a cúpula da umbella matizada
O sol arremettemos dos visos do granito
Varremos pelas trilhas pôeiras lumiñosas
De estrellas qu'em cascatas se lancam no infinito. »

• Na gleba onde nascemos o sol é sempre grande,
Vertentes oceanicas a terra serpenteiam,
E pulam cataractas dos picos lá dos Andes,
Coriscos prateados que as nuvens incendeiam;
E a brisa que sussurra dizendo vae : Sou livre.
Sou livre diz a selva no dôce suspirar—
Sou livre diz o povo na sombra das florestas.
Sou livre diz a onda que voga sobre o mar. »

.

« Sou livre, diz o vento debaixo destas zonas,
Sou livre—o sol repete saltando as cordilheiras;
Sou livre diz um grito que parte do Amazonas,
Adamastor das agoas na terra das palmeiras.
Assim de luz envolta na lucida ardentia
A filha da floresta da America gigante
Ao lado tange a lyra de mystica harmonia,
E canta debruçada na riba-mar do Atlante. »

.

E porquê não havemos de confiar nessa mocidade que se levanta tão cheia de vida, que sente o patriotismo inundar-lhe o coração, e borbulhar-lhe os labios nessa torrente de harmonias ?

Era a voz da America que se ouvia sahir dos labios do mōço nāquelle Colosséo das letras.

No meio do marasmo em quo vivemos, peior

que a paz da Varsovia, pela dictadura que nos opprime postergando todos os direitos, curvando a seus pés a razão e a vontade, avassallando os homens, rasgando as paginas da constituição, escarnecedo do povo e mentindo ao paiz . é grato ver surgir protestos de todos os pontos, e especialmente é grato ouvir dentre a mocidade intelligent e estudiosa essa voz sympathica, eloquente e harmoniosa, como a voz de Moysés em nome dos Hebreos esmagados pelos Pharaóes, protestando vivamente, neste seculo magnifico em descobertas e feitos estrondosos, contra a usurpação da liberdade neste paiz da America tão cheio de uberdade e riqueza, tão risonho de esperanças no futuro !

Assistindo aquella magnifica e exemplar reunião da mocidade do Gymnasio Bahiano naquelle dia memoravel assigurava-se-me pela solemnidade da occasião, pela imponencia das circunstancias, pelo entusiasmo dos espectadores, e finalmente pelas vozes puras e harmoniosas dos jovens oradores, uma geração nova que se erguia ensaiando-se para a lucta contra essas velhas usanças das dictaduras, em face das quaes o povo é um vil instrumento e a constituição uma burla, a dignidade é um delicto e a independencia um crime, o patriotismo é um attentado e a liberdade um escandalo !..,

A verdade affue sempre assim aos labios da mocidade que não especula, e não transige com a virgindade do coração.

Profunda é sempre a convicção inspirada pelo dever e pelas tradições gloriosas da Patria, pelos principios moraes da religião, e pelo culto da Liberdade.

Assim, pois, as estancias poeticas, que ahí ficam impressas, ao sahirem dos labios do joven orador recordavam a espada de Damocles suspensa sobre a cabeça dos tyrannos.

A palavra é a luz, de que se servio o Christo para transformar o cahos em um mundo de harmonias. E a palavra solta pela voz da mocidade, que se levanta ao lado de uma dictadura, que retrograda considerando o povo inepto para exercer as funcções de sua soberania, é a semente que ha de germinar e produzir o seu fructo.

O homem, qualquer que elle seja, no meio dessa festa da mocidade sente-se sahir da esphera acanhada em que vive para elevar-se pela nobreza dos estímulos e grandeza dos sentimentos.

Tenho convicção que na grande alma do povo brasileiro não morrerão os estímulos da liberdade que lhe deu a independencia, consagrando o triumpho á democracia, e proclamando bem alto o grande principio da soberania nacional.

Resta-nos ainda a liberdade da palavra nos

clubs, nos comícios populares, na imprensa, usemos della contra o reinado dos abusos, contra a invasão dessa dictadura que vai poluindo com mãos profanas o sacrário das leis fundamentaes e rebaixando o povo aos olhos do soberano.

Ainda bem que na corte do Imperio e em algumas províncias já se ouve nos Clubs e nos comícios populares a palavra autorizada de illustres cidadãos proclamando as reformas, que podem salvar o paiz.

Ainda bem que a imprensa livre, afastando-se da velha rotina política, e despresando as invecivas e questiúnculas de interesses misquinhos de localidades, tem-se erguido a altura de sua sublime missão para pugnar pelos verdadeiros interesses do paiz. Os brilhantes artigos do *Diario do Poro*, do *Ipiranga*, do *Diario da Bahia*, da *Opinião Nacional*, do *Liberal* e de muitos outros jornáes são uma prova desta verdade.

Honra e gloria aos seus illustres redactores que n'esta epocha de insanía são os apostolos da liberdade. Deos os faze bem e robusteça suas ideas no interesse commum dos brasileiros.

Ao menos a palavra será um bem para o espirito, um balsamo para o coração, um consólo para o povo n'estas epochas em que o infortunio excita-lhe a imaginação. E mais ainda a palavra escripta se derramará por todo o paiz, como

uma luz benéfica, para destacar nas trevas o governo que massacra, e as vítimas condenadas ao suppicio tantálico. Esse meio plástico elevará o pôvo ao nível de suas altas prerrogativas garantidas na constituição pelos nossos maiores, como disse um ilustre parlamentar.

Se o rei encontra na constituição direitos e prerrogativas sagradas que garantem a sua pessoa até a inviolabilidade, porque razão os verdadeiros patriotas não clamarião pela observância das prerrogativas constitucionaes que garantem e defendem os direitos do pôvo?

Se a constituição é o palladio do rei, seja também o livro dos subditos; mas não se sophisme e nem se restrinja os direitos destes e nem se amplie as prerrogativas do soberano.

Se ella é o escudo da corôa, porque não sera também a verdadeira garantia dos interesses nacionaes?

O pôvo soffre e clama justiça, mas de balde: porque a faustosa opulencia da corte não se preocupa com os seus sofrimentos!... Em face de sua miseria pavoneam-se altivos os parasitas do poder!

E assim marcha a dictadura no meio da sua orgia politica atropelando os direitos desse mesmo pôvo que os farta e os engrandece a custo do seu suor e trabalho.

A sociedade brasileira, pois, não pode ser indiferente, quando o paiz necessita de dedicações verdadeiras para salvá-lo das bordas do abysmo.

Na lucta da liberdade contra a oppressão realça a grandeza do homem.

Luitar pela verdade, combater pelos seus direitos, restabelecer a harmonia dos poderes e conquistar o aperfeiçoamento do sistema que o rege a custo de sacrificio e esforço é o que mais destingue o cidadão no mundo moral e politico.

O homem deixaria de ser a imagem do criador, e perderia a propria dignidade se não luctasse pela sua liberdade, e pelos bens que a providencia lhe faculta.

O progresso nasce dessa lucta, cuja resistencia desapparece logo que o direito é o grande meio de acção.

Acima da força está o direito; acima da corrupção dos governos está a coragem civica dos povos; acima dos desmandos está o cumprimento do dever.

Doutrinar o povo nestes principios é o dever da imprensa livre e da mocidade intelligente, que estuda para preparar com a sua seiva o terreno que ha de receber e fecundar a idéa da regeneração, pela qual suspiram e trabalham todos os povos no seculo XIX.

E a poesia inspirada e escripta nas circuns-

stancias difficis e excepcionaes do Paiz, por muito pouco que faça, acompanhará esse movimento incitando o povo pelo coração a abraçar as idéas livres, grandes e generosas, lançadas no jornalismo illustrado pelos verdadeiros patriotas.

Sim; a poesia ou dará o seu brado de entusiasmo, quando for grande a esperança, ou servirá de conforto no momento da dor, quando grande fôr o desalento nacional.

Não é preciso ser Ossian, O' Connell, Beranger ou Lamartine para inspirar confiança ao povo por meio de cantos patrioticos, basta em tæs circunstancias vibrarmos a lyra com verdadeiro sentimento ou abraçarmos e sofrer com elle.

Assim pensando admiro a mocidade inteligente de meu Paiz, e deposito toda a confiança na educação literaria e moral que se lhe der.

Sem poder acompanhal-a irei de longe ao menos continuando na minha marcha vagarosa, ora escrevendo em rude prosa para os jornaes, que pugnarem pelas idéas liberaes, ora escrevendo em verso os cantos que me dictarem o coração.

Não sou cabalmente um poeta, porque me falta, além do mais, aquella luz mysteriosa que circunda a fronte daquelles que verdadeiramente o são.

'Sim, ha em mim alguma cousa de menos para completar o ser predestinado ás harmonias terrestres, a que chamam poeta.

Se esta confissão é modesta para Junqueira Freire no prologo de suas *Inpirações do Claustro*, é para mim uma lealdade; e por tanto em mim assenta bem o fazel-a. Mas o que é verdade é que sinto em face de tudo que é grande, nobre e sublime o entusiasmo palpitar-me no coração, fuzilar-me nos olhos, transparecer-me na fronte e sorrir-me nos labios.

Em tales occasões escrevo somente o quo sinto, pois não tenho tempo para o plagio, e muito menos para torcer e adulterar as producções alheias em proveito proprio, como fazem outros já mui bem conhecidos nesta nossa boa terra.

Podem assim os meus cantos não ser rigorosamente poeticos, como os daquelles protegidos das musas, mas sentidos hão de ser por força, porque de outra maneira não sei escrever.

A essa inspiração (rasteira embora) devo eu o ter escripto no meio de minhas occupações ordinarias o ensaio dramatico, sob o titulo—*Prologo da guerra*, em duas semanas apenas, assim como o—*Estudo biographico* em um mez !

O primeiro é um livro escripto em verso heroico ou endecasyllabo contendo cento e tantas

paginas; o segundo é um livro em prosa contendo 26 capitulos em 208 paginas.

A pezar dessa precipitação não fui abocanhado; e pelo contrario foram esses douos livros acolhidos por Institutos e Sociedades litterarias, que me honraram com seus diplomas de socio, pela imprensa illustrada do Paiz, que tanto me tem animado com suas felicitações, e até mesmo por alguns empresarios de theatros que me tem commettido e instado á novas publicações dramaticas.

Por tanta generosidade me consolo do odio que me vota por isso mesmo a gente do « *Jornal da Paraíba*, » a quem não podia escapar o desforno dos jornaes que transcreveram espontaneamente a *Batalha de Humaytd*, e maxime dasquelles de mais importancia e circulação que a respeito dessa minha pobre, rasteira e ruim produção, disseram o seguinte :

Díario de Pernambuco.

« *Revista diaria de 8 de Junho de 1868.* »

« Ante-hontem foi recitada pelo Sr. Joaquim Augusto, em scena aberta e a caracter, no Santa Izabel, a linda poesia—*Um episodio da esquadra brasileira no Paraguay*, da pena do Sr. Dr. Antonio da Cruz Cordero. »

« Essa poesia já foi por nós publicada, ha algum tempo, e nossos leitores, sem duvida, se lembrarão della, visto como o seu assumpto sahe um pouco da esphera do commun. »

O Sr. Joaquim Augusto recitou com a sua costumada mestria; e poesia e artista arrancaram entusiasticos aplausos, maxime quando apôs sua recitação a orchestra tocou o sempre grato e festejado hymno nacional. »

« Não é a primeira poesia do Dr. Cordeiro, que é recitada com geral agrado no Santa Izabel, e pois damos-lhe os nossos emboras por mais este triumpho. »

Bem; vejamos agora o *Oriente*, cujos illustrados redactores tambem não tenho a honra de conhecer pessoalmente.

• O Oriente

« Parte noticiosa de 7 de Junho de 1868. »

« POESIA PATRIOTICA :— De todas as posias que havemos lido sobre a passagem do Hu-maytá, e entre ellas algumas de subido merito, é nossa opinião, qae a do Sr. Dr. Antonio da Cruz Cordeiro, residente na Capital da Parahyba, occupa o primeiro logar. »

« Tem as proporções de um poemeto; e na parte descriptiva ha um colorido tão natural que parece estar o leitor assistindo a essa dramatica

peripecia, ou antes a lucta de David com Goliat. »

« Felicitamos ao Sr. Dr. Cordeiro por mais este successo que obteve nas suas legítimas aspirações de homem de letras, e o instamos a que continue a brindar a litteratura brasileira com produções semelhantes.»

Eis, o meu maior peccado.

Deixo de transcrever a respeito do mesmo assumpto o lisongeiro juizo da *Opinião Nacional*, do *Correio*, do *Jornal do Recife*; e de outros jornaes de varias provincias, para não massar o publico, a quem pessó desculpa por estas transcripções que me dizem respeito.

Não é por vaidade que eu penduro ao peito estas condecorações litterarias, como outr'ora o fizera o illustre autor do D. Jayme com toda galhardia; não é para me engrandecer que eu volas apresento, mas para aquilatardes do odio que ellas causaram ao meu zoilo e seus asseclas.

Recebido assim nos braços da ovacão desde a entrada no templo das letras,achei-me exposto aos perigos e seduções da popularidade, mas nunca me illudi com a minha vulgar mediocridade. Oculto por isso mesmo o nome de cavaleiros distintos, que igualmente tiveram o gosto de me dirigirem honrosas cartas de felicitações por estas e outras produções litterarias.

que de vez em quando irritam os nervos dos homens do « Jornal da Parahyba, » assim de que elles por sua vez não sejam expostos ao ridiculo !

Ainda bem; para curar as suas dentadas e neutralisar o seu veneno, tenho o balsamo de consolação que me prodigisaram esses litteratos e distinctos cavalheiros, os quaes conservo em minha memoria com o mais profundo reconhecimento.

Não sou do numero daquelles que creem na perfeição dos seus proprios trabalhos, e os publicam supondo terem a isempção do — *Noli me tangere.*

Não; o que desejo é que julguem os que sabem e podem julgar, pois eu entendo que não ha trabalho humano, que attinja a verdadeira perfeição. E assim pensando não iria, por certo, collocar-me voluntariamente no numero daquelles que se julgam exceptuados da critica justiceira e conscientiosa.

Prezo devidamente as correccões bem cabidas dos adversarios, e aprecio cordialmente os conselhos dos amigos; mas nunca desprezo os de minha intima consciencia.

E por isso dou hoje por finda a primeira parte do meu trabalho, para entrar na segunda, na qual me proponho a analysar a critica do Sr. Bustamente, assim como os erros e peccados, que diz

é elle ter eu commettido na poesia—*Passagem de Humaytā*.

Estou convencido que nesta primeira parte ficam respondidas todas as allusões, motejos e improperios, que por vezes me tem dirigido o « *Jornal da Parahyba* » com relação á poesia e á litteratura.

E ainda mais; d'ora em diante estes artigos escriptos servirão de uma como resposta previa a tudo, quanto por ventura me possa dirigir o mesmo—*espirituoso jornal* em suas horas de estulticias litterarias ou de vertigem politica.

Bem; estamos de contas justas. Agora, nós. Sr. Bustamente.

Parahyba 15 de Março de 1869.

SEGUNDA PARTE.

C'est une grande misère que de n'avoir pas assez d'esprit pour bien parler, ni assez de jugement pour se taire.

(La Bruyère)

ARTIGO I.

O Sr. Bustamente, pseudo-critico do « Jornal da Parahyba », começa o seu primeiro artigo com uma arenga, que por certo seria dispensada, se não fosse preciso predispor os seus leitores em favor de sua erudicção.

Eu transcrevo o seu primeiro trecho com a propria orthographia e pontuação. Eis-o :

»Com este titulo (Passagem de Humaytá) publicou ha poucos dias (é falso; faziam cinco meses.) o Dr. Antonio da Cruz Cordeiro uma estirada poesia que percorreu urbi et orbi, e

foi tambem reduzida a um folheto homeopathic. »

Não posso entender onde está a ironia, ou antithese do enunciado, vejo antes uma contradicção neste periodo; porque se aquella poesia era estirada, é porque correspondia certamente a magnitude do assumpto; e como sendo estirada podia ficar reduzida a um folheto homeopathic?

E' indecifravel o enunciado, tanto mais sendo o folheto, de que se falla, impresso em quartos de papel commum, o que por certo não é homeopathic.

O paladar mais estragado ha de sentir por força o travo deste novo guisado, que o pseudo-critico offerece ao publico assim com ares de Juvenal ou Nicolão Tolentino.

Antes de entrar em materia elle expõe o seu arsenal de guerra fallando sem applicação de obras e autores que não conhece.

E para ser tido e havido por litterato aproveita os logares communs, já mui sediços na generalidade dos trabalhos critico-litterarios, e os transcrevo a êsimo, como se fora de lavra propria, ou como se fallasse da materia *ex-cathedra*.

Com essas banalidades proprias dos plagiarios (o que por certo é uma das fatalidades que per-

seguem o meu critico) *en cabeça* a introducção d' seu trabalho, confundindo alhos com bugalhos com uma coragem que admira.

E' assim que elle, sem vir ao caso, falla em Parnaso, Dante, Tasso, Sarnelha do Pegazo, Musas, Iliada de Homero, Jerusalem de Tasso, Paraizo de Milton, De Maistre, Sebastopol, Esculapio, Cythera do Deus da Musica &c.

Nesse afan de citar o que ignora, o meu critico esqueceu-se de que cythera e cithara são cousas diferentes.

A *cythera* de que elle falla não pode ser do Deus da Music, porque cythera é uma ilha do Mediterraneo, ao meiodia do Peloponeso, onde Venus, segundo diz a mythologia, depois de ter nascido da escuma do mar fôra levada sobre uma concha marinha; pelo que alli teve seu templo, e foi venerada com um culto especial, não inferior ao quo se lhe rendia em Amathonta e Paphos, cidades de Chypre.

E dari vem que os poetas antigos usando da metonymia, ou sentido figurado, chamavam Cytherea a propria Venus, tomando o continente pelo conteúdo, isto é tomando o templo de Venus em Cytherea, que foi um dos mais antigos da Grecia, pela propria Deusa.

O que me parece é que o Sr. Bustamente, quiz dizer cithara, a quo os lexicographos dão etymo-

logias diversas, fazendo vir do Hebraico *kinara*, ou do Arabe *quitára*, no que—Constancio acha mais razão.

A citbara é que pode pertencer ao Deus da Musica; porque é uma especie de lyra, ou harpa com braço, cordas e trastes de latão.

Nem ao menos podemos desculpar a ignorancia do Sr. Bustamente com os typographos, porque o erro não está em uma letra só, e alem disso sempre que repete essa palavra usa da mesma orthographia.

Já se vê, pois, que commetteu um barbarismo.

Termina o critico a primeira parte de sua arrenga, à que chama *ingrato trabalho*, (o que ninguem duvida) plagiando um verso de Camões, á que sem a menor ceremonia adaptou outro do seu intellecto, que pode ser tudo, menos um verso. Eis-os.

Cantando espalharei por toda parte
A passagem da soberba Humaytá!

E os leitores ficaram a rir-se do seu dizer.

Entrando na segunda scena de sua comedia, a que chama trabalho critico vem todo cheio de si, como se fora o *Mennipe* de que fala o moralista La Bruyere, e principia assim :

« *A poesia, filha dilecta dos ceus, linguagem dos anjos encarnada no coração do melodioso*

e patriotico doutor, que faz parte daquelles que tem sido poeta ao menos uma vez na sua vida, segundo o dizer de Mr. de Lamartine. »

Parece incrivel, mas é textual.

Quisera que o Sr. Bustamente ou alguem por elle nos dissesse, onde termina a oração principal deste periodo ?

A poesia, filha dilecta dos céus, linguagem dos anjos etc.

Aqui temos—a poesia, que é agente da oração principal, a qual é interrompida por algumas orações incidentes até o sim do periodo.

E onde está o verbo desta oração principal com que abre esse seu periodo ?

Caminhando com o leitor atravez das orações incidentes deste periodo chegaremos afinal de contas ao seu termo sem encontrar o verbo, o attributo ou paciente, e nem mais complemento de natureza alguma da tal oração.

Explique-nos, pois, o critico o que quiz dizer, visto como não acabou o enunciado do seu juizo acerca da—poesia,—palavra que representa sem duvida o agente da proposição ou sentença que devera estar contida no tal periodo.

Procedendo a analyse grammatical encontramos ahí, segundo as regras da sintaxe, orações parciaes e incidentes que explicam e restringem varios attributos; encontramos orações subordi-

iradas e complexas que fazem sentido suspenso e dependente da idéa principal ; mas nunca acharemos o seu complemento, e por conseguinte ficamos ignorando o sentido da oração principal, que é a unica que deve fazer sentido absoluto e independente.

O principal erro da syntaxe consiste na ausencia de termos indispensaveis, e pois o Sr. Bustamonte commetteu um erro que não pode ser apadrinhado pelo descuido. E' antes uma fatalidade das muitas que o perseguem, pois devia saber que nas orações interrompidas ou continuadas de outras incidentes, o sujeito ou attributo da primeira não pode deixar de ter ou subentender o verbo que o determina, assim como a toda e qualquer palavra relativa se deve subentender um complemento, que seja o objecto da acção impressa pelo attributo, quer seja o objecto da acção do verbo, ou o termo de sua relação.

Esta regra, aliás tão logica, quanto grammatical, foi esquecida pelo Sr. Critico logo no principio de suas considerações geraes, e por de mais espirituosas com relação a minha pobre individualidade.

Tenha pacienza o meu censor se o perturbo, desviando-o de sua alta litteratura para obser-

var-lhe estas insignificantes regras de grammatica.

Assim como importa collocar bem as palavras de cada oração para estas fazerem sentido claro e perfeito; assim tambem releva collocar bem as diversas orações que unidas fazem um sentido total.

E não são estes erros os unicos que o Sr. critico commette naquelle curto periodo.

Vejamos por exemplo aquellas duas orações :
—...que faz parte daquelles, que tem sido poeta
ao menos uma vez na sua vida,....

Não ha quem ignore que a palavra—poeta—tomada aqui adjективamente deve estar no plural por amor da concordancia.

Eis ahi revelada a ignorancia grammatical do critico, que, para escarnecer dos seus leitores, mais adiante diz com o maior desplante o seguinte;

*Desta(elle falla da poesia Passagem de Humaytá)
vamos nós ocupar, quer pelo lado da concepção, quer pelo lado da collocação grammatical.*

Seria melhor que o Sr. Bustamente fosse primeiro estudar a syntaxe e sua coordenação para saber o uso que se deve fazer das palavras, que compoem os periodos, e dos periodos que compoem o discurso, ou um artigo qualquer de jornal.

Debalde Nicolão Tolentino procurou ensinar o bom caminho a esta gente para expurgar a humanidade de suas impertinencias.

Fizeram mal os pseudo-criticos, como o Sr. Bustamente, em cerrar os ouvidos aos seus sabios e prudentes conselhos dados gratuitamente

Recordo-me agora de uma de suas judicia-queixas que vem muito a propósito, eil-a :

« . . . por mais que eu pregue,
São baldados meus officios,
Que ninguem jamais consegue
Marchar sobre precipicios
Sem que os pés lhes escorregue..»

O Sr. critico bem podia ter lido esta quintilha, e tomado para si um tão prudente conselho para não escorregar da maroma no precipicio.

Assim poderia andar por caminho seguro, se por ventura fosse estudar antes de tudo a sua grammatica com algum mestre-eschola, para que pudesse vir depois falar em publico de cousas que ainda hoje ignora.

E que cousas ! Cousas que qualquer menino de primeiras letras sahe desde que dá suas primeiras lições de syntaxe.

Deixando de parte agora a forma tosca e imperfeita de que se servio o Sr. Bustamente para manifestar naquelle inutilado período o seu es-

pirito contra mim, devo dizer-lhe que nem de leve me offendeu o seu sarcasmo.—

*Pois em vez de cuspir a turba ignara,
Quem cospe para o ar, cae-lhe na cara.*

Lendo eu o Aldo de George Sand encontrei uma epigraphe, que me serve agora de escudo contra esse dardo que me arremessou o Sr. critico no intuito de ferir-me.

A epigraphe reza assim :

« Não ha ninguem que não faça o seu pequeno Fausto, o seu pequeno D. João, o seu pequeno Mansfredo, ou o seu pequeno Hämlet, a noite, ao pé do fogão, com os pés calçados de mui bons chinellos. »

Só o meu censor faz excepção á esta regra, e exaspera-se contra aquelles que, no dizer de Sand, ou de Lamartine, são poetas uma vez na vida.

Tenha paciencia o meu critico, e não se desconsole, porque pode ainda S. servir para alguma cousa.

E em quanto isto não succede devemos tomar o conselho de Faustino Xavier de Novais:

« Aceito a parte minha,—a tua aceita :
Quem bôa cama faz n'ella se deita. »

Parahyba 19 de Março de 1869.

ARTIGO II.

Se pelo lado da collocação grammatical e da sintaxe o Sr. Bustamente claudica *ingenuamente*, pelo lado da concepção commette peccados mortaes, para absolvicão dos quaes é preciso que tenha um arrependimento e contricção verdadeira, entregando-se seriamente aos estudos.

Para prova do que fica dito, vejamos o periodo que se segue áquelle, que analysamos em o nosso artigo passado.

A transição rapida que o Sr. Bustamente fez daquelle celebre periodo para o que se lhe segue

é tão estranha, como é estranho o assumpto de que nello se occupa.

Já não fallo dessa mutação de scena, que sorprehendo os leitores, que ficaram com o juizo suspenso, esperando de balde pelo verbo e complemento da oração principal referida naquelle período:—*A poesia filha dilecta dos ceus &c,* de que nos occupamos no artigo passado.

Entremos em materia nova, e deixemos por uma vez aquelle solecismo.

Continúa elle:

« *Ossian quiz immortalisar os guerreiros de Fingal . . .* »

Vamos por partes.

Quem disse ao Sr. Bustamente, que Ossian quiz immortalisar os guerreiros de Fingal, quiz antes zombar de S. S. abusando de sua ingenuidade.

Eis o grande inconveniente que ha em citarmos aquillo que não lemos, ou, se lemos, não comprehendemos.

O Sr. Bustamente poderia ter lido de passagem alguma citação ligera sobre este ponto; mas não o recorreu penetrar o verdadeiro sentido, e por isso o transcreve adulterado.

Ossian, o celebre bardo escocês (que viveu, segundo Bouillet no seculo III) não só immortalisou os guerreiros de Fingal, seu pai e Rei da

Horven, como tambem immortalisou a lingua celtica, a Escocia e toda sua familia, sendo o ultimo de sua raça.

Depois dos trabalhos de James Macpherson (o preceptor do conde de Grahan) sobre as poesias de Ossian, não é mais licito a ninguem duvidar da immortalidade litteraria de seus poemas.

Ossian mitigava suas dores cantando os seus feitos d'armas, assim como os de seus compatriotas; e esses cantos, que pareciam rudes e selvagens, visto como não respiravam se não o fanatismo da guerra, o amor dos combates e uma especie de heroismo natural e singelo, offereciam entretanto verdadeiras bellezas e sublimidades bastantes para immortalizar toda a Caledonia, quanto mais para immortalizar os guerreiros de Fingal !

O Sr critico entendeu, que devia negar essa gloria à Ossian, apezar de não o terem feito o methodico e sabio Robertson, o elegante Hume, e o habil rhetorico Gibbon em seus trabalhos historicos.

Pois é pena, porque a Escocia, a França, a Alemanha e toda a Europa applaudiram esses trabalhos superiores e calmios.

Depois de taes producções, e principalmente depois das de Macpherson e Smith, se sabe que nas montanhas da Escocia ainda hoje se repe-

tem com entusiasmo os cantos dos guerreiros de Fingal, compostos pelo velho bardo que vivêu, segundo Villemain, entre o seculo II e III de nossa era.

Se a poesia não é uma melodia vaga; se a aspiração e a idéa são o espirito immortal, que a levanta superior aos seculos e aos imperios com os pés calcando as urnas do passado, com a fronte tocando as estrellas do empyrio, como entende Rabello da Silva, a lyra de Ossian viverá através dos seculos; porque ninguem soube mais que elle traduzir em carmes viris o destino sublime do homem com relação a sua patria ! Não é só o enlevo e o agrado o que attrahe nos cantos que Ossian legou aos seus compatriotas e ás gerações futuras; é a interpretação moral da vida, é a devação dos sentimentos, é a revelação dos segredos das grandes almas, cuja passagem na terra assignala a gloria e a immortalidade.

Ossian deu alma e vida ás montanhas do seu paiz, como nos tempos modernos o seu compatriota Walter Scott, e o famoso escriptor Cooper que illustrou a patria de Washington, desenhando as physionomias dos heróes das selvas e florestas virgens da America em lucta com a civilisação.

Esses cantos que immortalisaram os guerreiros de Fingal, assim como os poemas de Oscar, de

Malvina e de Témora, do cego Ossian, tornaram-se uma novidade original no seculo passado, o seculo do raciocinio e da philosophia.

Macpherson, publicando os poemas do velho bardo, transportou como por uma especie de resurreição a barbaria indigena ou primitiva do seculo de Ossian para o seculo XVIII. E ninguem ignora qual tem sido a influencia de taes poesias na litteratura moderna.

Até a prosa poetica do nosso tempo recebeu as impressões daquelle genio vago, melancolico, sonhador e sentimental. Ossian dominou o espirito pelo entusiasmo do coração.

Da mesma maneira que o espirito francez, tinha inspirado a litteratura Anglo-escoceza, assim o genio de Ossian obrou poderosamente sobre a forma da litteratura franceza no fim do seculo XVIII, como nos affirma com todo o criterio Villemain em suas sabias lições sobre a litteratura do referido seculo.

O entusiasmo que aquelle velho bardo escocez excitou foi um successo brilhante e curioso na historia das letras. E por isso as poesias de Ossian pertencem pela epocha de sua effectiva renascença á litteratura do seculo passado.

Assim o entenderam Voltaire e Madama de Stael e até mesmo o conquistador da Italia, do Egypto e da França, que foi um dos maiores admirado-

res de Ossian. O Heróe moderno achava em sua intima consciencia uma especie de afinidade secreta entre o heroismo simples e rude dos guerreiros de Fingal e a simplicidade natural do seu genio marcial e do seu proprio heroismo.

Cesarotti, espirito facil e brillante, preferia Ossian a Homero, e traduzio em bellos versos italianos os poemas do bardo escocez.

O celebre Gœthe tomado de admiração por Ossian faz o seu Werter lel-o antes do suicidio.

O notavel poeta Inglez Gray testemunhou o mais vivo entusiasmo pelas poesias singulares de Ossian, e nellas inspirou-se para escrever suas mais bellas odes, em que deplora o massacre dos bardos do paiz de Galles que Eduardo I.^º mandou assassinar.

John Sinclair diz que as poesias de Ossian eram superiores a traducção de Macpherson, e que este devia por isso uma reparação á sua memoria !

Homens sabios, como o Dr. Blair, adoptariam com entusiasmo a gloria de Fingal e a immortalidade dos seus guerreiros, aponto de declararem authenticos e sublimes os seus feitos ! Entretanto o Sr. Bustamente, que nunca leu seriamente cousa alguma sobre os poemas de Fingal, ao que parece, tem a ingenuidade de contestar a historia e os sabios, dizendo que—*Ossian quiz immor-*

talizar os guerreiros de Fingal — que é o mesmo que dizer, que não os poude immortalizar com os seus cantos!

Naturalmente o Sr. Bustamente entende que os poemas de Ossian não estão na altura dos assumptos ! ! ! . . .

E' o que se deprehende do seu enunciado.

Nem mesmo Malcolm-Laing, que procurou manchar a reputação do Homero Caledoniano, poderia ser mais espirituoso que o Sr. Bustamente.

Malcolm-Laing dizendo :— « Votre Ossian me parle des joies de la tristesse; c'est une expression qu'il a prise d'Homere » — é menos original que o nosso critico.

O sabio Dr. Blair respondendo a Malcolm-Laing pelas mesmas palavras disse :— « Que grande poeta que é Ossian ! No meio da Escocia do 2.^º seculo em um tempo de barbaria encontra expressões e imagens reveladas ao genio de Homero ! Elle me falla como Homero — *des joies de la tristesse*. »

Não é singular, Sr. Bustamente, que essas poesias Ossianicas, que nos fazem remontar ao seculo de Septimo Severo, tenham echoado de boca em boca desde as montanhas da Escocia até as capitales do mundo civilisado, ha seguramente mil e sescentos annos ? !

Como, pois, acha que elles não immortalisa-

ram os guerreiros de Fingal, cuja historia scelta fielmente traduzem—em pleno seculo XIX?

A proposito, Sr. Critico, ouça o que diz Villemain do alto de sua cadeira aos seus ouvintes:

• Voltaire refere que um Florentino, homem de letras, de um espirito justo e de um gosto cultivado se achou um dia na bibliotheca de Mylord Chesterfield, com um professor de Oxford e um Escocêz que elogiava o poema de Fingal composto, dizia elle, na lingoa do paiz de Galles, cuja lingoa é em parte ainda aquella—*des Bas-Bretons*. Como é bella a antiguidade! exclamou elle; o poema de Fingal ha passado de bôca em bôca até nossos dias, ha perto de dous mil annos, sem nunca ter sido alterado; tanta sublimidade e verdadeiras bellezas tem muita força sobre o espirito humano! E logo depois começou a lêr o poema de Fingal para os seus companheiros ouvirem. »

D'ahi em diante houve um dialogo entre o Escocez e o Florentino, que por ser longo eu deixo de transcrever n'este artigo, mas conviria que o Sr. Bustamente lessa essa interessante parodia para saber o effeito que produziram os versos immortaes de Ossian.

Pense pois, Sr. Critico, nas considerações historicas que lhe acabamos de fazer, e da ora em

dianle mude de rumo, para não excitar o riso dos seus leitores.

Deixe de citar obras que não lêo, e nem emita opinião sobre cousas que não entende.

Estude primeiro os bons autores para então escrever com acerto, pois é bem certo o conselho de Boileau, quando diz que só enunciamos claramente aquillo que concebemos :

« Ce que l'on conçoit bien s'enonce clairement
« Et les mots, pour le dire, arrivent aisement. »

Deixe, pois, de querer parecer aquillo que não é, tendo em vista a maxima franceza :

« Nous gagnerions plus de nous laisser voir
tels que nous sommes, que d'essayer de paraître ce que nous ne sommes pas. »

Esta maxima de La Rochefoucauld é de uma moral religiosa e de uma practica philosophica, pelo que o Sr. critico deve tel-a sempre presente, se com effeito é serio que pretende trilhar o caminho destinado aos homens de letras.

Este artigo já vai longo para continuarmos a analyse philologica do periodo que nos serve de argumento, deixemol-a para o artigo seguinte.

Parahyba 23 de Março de 1669.



ARTIGO III.

Continuemos á apreciar o paragrapho que em seu começo já nos forneceu materia para o argumento do artigo passado.

Deixando de parte a graça ou espirito, que o Sr. Bustamente revelou descobrindo em mim ciumes do velho bardo escocez, ao que não respondendo, trataremos da sua ignorancia historica e litteraria manifestada na impropriedade do epitheto qualificativo que deo á Ossian, chamando-o—*Cego de Albion!*

A antonomasia é uma figura, ou uma especie

de metonymia ou de synédoche, por meio da qual muitas vezes empregamos um nome commun em lugar do nome proprio, para darmos a entender a excellencia da pessoa ou causa de que se falla.

Os gregos, por exemplo, quando diziam o poeta entendia-se que fallavam de Homero ; quando diziam o orador, fallavam de Demosthenes.

Os latinos diziam :—*Evensor Carthaginis* por *Scipio*; *Pelides* por *Achilles, filius Pelei*.

Quando no sentido da Escriptura santa se diz o *Evangelista*, entende-se S. João ; quando se diz o *sabio* entende-se Salomão. Mas os grammaticos e sobre tudo os rhetoricos recommendam muita circunspecção no uso de taes epithetos, que não sendo em rigor proprios d'aquellos objectos, á que se ajuntam, longe de concorrerem para a clareza da idéa e justeza do pensamento prejudicam a verdade, que sobre tudo é indispensavel na allocução.

E no bom uso dos tropos, assim como das figuradas, devemos sempre seguir o exemplo dos bons autores em qualquer lingua culta.

Esta é a regra mais segura para os principiantes, visto como se os epithetos tropologicos e figurados, quando bem empregados, servem para dar maior força ou ornato a phrase, é claro tambem que serão ociosos e ridiculos, se não attingirem ao fim á que se dirigem.

E n'este caso consideramos o epitheto — *Cego de Albion* que impropriamente o Sr. critico deo á Ossian, como vamos demonstrar.

Se o nome da patria por meio d'este tropo, a que chamamos antonomasia, qualifica e singulariza o nome dos seus filhos mais famosos, como quando dizemos o *Mantuano* por Virgilio poeta natural de Mantua ; o *Paduano* por Tito Livio ; o *Macedonio* por Alexandre etc ; é claro que o Sr. critico não podia chamar Ossian, natural da Escocia, o poeta de *Albion*, e muito menos o *cego de Albion*, sobrecarregando assim o epitheto de mais uma metaphora que torna-o cada vez mais obscuro ; tanto mais havendo *Milton*, a quem com mais propriedade poderiamos attribuir o epitheto de *cego de Albion*, visto como é o poeta cego de que mais se orgulham os ingleses, desde que Addison proclamou o genio immortal, que produzio — o Paraizo perdido.

Bouillet diz ainda na ultima edição do seu — *Diccionario universal de Historia e de Geographia* o seguinte :

« O poema do *Paraizo perdido* é hoje o orgulho da Inglaterra, e os mais sabios criticos de todos os paizes o consideram como uma das mais sublimes produções do genio humano. »

Vê-se pois, que a antonomasia, de que usou o Sr. critico pode ser applicada a Milton ; mas não

pode ter lugar com relação á Ossian, a quem os ingleses procuraram contestar a gloria, como a-dianto mostraremos.

Vejamos entretanto se o Sr. critico se salva deste aperto sophismando com os *elevados conhecimentos* que tem da historia ou da geografia.

De qual Albion nos falla, Sr. critico ?

Da nova ou da velha ?

Se nos falla desta, isto é da velha Albion, cujo nome era usado n'aquelle linguagem indígena dos tempos de Cesar, e mesmo depois da dominação romana, então diremos que só comprehende a parte meridional da Escocia actual.

Se nos falla daquella, isto é da nova Albion denominada por Drake, ainda peor, porque S. S. deixa o velho continente e vem trazer-nos o velho bardo escocez para aquella parte deste novo mundo americano chamada—Nova California ; o que por certo é, além de anachronico, inverosimil.

Ora se não é da velha, e nem da nova Albion que o Sr. critico nos falla, naturalmente devemos suppor que quer dar toda a *Gran-Bretanha* por patria de Ossian, o que é igualmente um erro.

A Escocia ou Caledonia dos antigos, conquanto seja um dos tres reinos unidos que formam hoje a Gran-Bretanha, conservou por muito ~~tem-~~

po seu titulo de reino independente desde Fergus II no seculo V até Jacques VI no seculo XVII, e ainda depois conservou seu parlamento e suas leis até o principio do seculo passado, (1707) em que a rainha Anna, filha de Jacques II fundiu os dominios em uma só Monarchia sob o nome de Gran-Bretanha.

Ninguem ignora que a Inglaterra predomina na união, e que Londres é a capital de toda a Monarchia britanica; e portanto quando dizemos hoje a Gran-Bretanha, o que nos vem logo ao pensamento é a Inglaterra, e o mesmo sucede quando usamos em poesia do nome de *Albion*.

E tendo Ossian nascido, entre o seculo II e o seculo III, na Escocia durante a dominação romana, como podia representar então a Inglaterra e a Irlanda e toda a Gran-Bretanha, cuja união se deu no seculo XVIII, quinze ou dezases séculos depois de sua vida?

Já vê, pois, o Sr. critico que tendo Ossian vivido no seculo II ou III não lhe cabe o epitheto figurado de representar a nação que lhe era estranha! E portanto o epitheto de que usou, longe de significar Ossian significa aquelle, de quem Junqueira Freire diz o seguinte:

« Lá vai Milton, lá vai. Fatuos inglezes,
— Dobræ a curva ante o moderno Homero.

Nos campos de Albion, tremente e cego,
Inda tactêa inspirações e carmes. »

A este poeta é que se pode applicar o epíteto de cego de Albion, pois como cego e velho foi venerado por Cromwell ; e toda a Gran-Bretanha acatou-lhe o orgulho !

Os epithetos tropologicos, quando são bem appropriados, e sabem pintar vivamente o objecto que se pretende qualificar, são de excellente efecto na allocução ; mas tais efeitos são considerados de muito máo gosto, e até mesmo pessimos, quando não preenchem esse fim, e nos condennam ao erro e a obscuridade, como o fez o Sr. Bustamente por ignorancia da geographia e da historia.

E não foram só a geographia e a historia, que sofreram a tortura, foi a litteratura também como passaremos a demonstrar.

Macpherson, o autor do poema *Montagnard*, depois de *Giraldus Cambrensis* ou antes *Gerald Barry*, escriptor do seculo XII, foi o primeiro que fallou a M. Home, o autor da tragedia de *Douglas*, sobre os cantos populares que tinha ouvido em sua infancia sobre as montanhas da Escocia, onde tinha nascido ; recitou-lhe alguns cantos e o seu compatriota, aliás bom poeta e litterato de bona nota, não deixou de mostrar-se impresionado por aquella poesia rude e simples

que pela primeira vez ouvia causando-lhe admiração !

Sabia-se que nas montanhas da Escocia, como na Irlanda, na Bretanha, e no paiz de Galles, fragmentos da poesia *erse* (em linguagem celta) ou *gallica* eram repetidos pelos pastores e homens do campo ; mas taes poesias eram desconhecidas na Inglaterra. Esses cantos transmitidos de paes a filhos, e de geração em geração com numerosas variações, foram recolhidos afinal no seculo passado por Macpherson e Smith, que fizeram assim resuscitar no meio do mundo moderno o bardo do mundo celtico.

Macpherson multiplicou as suas investigações, e publicou os seus primeiros ensaios sob o titulo de—*Fragments de poésie ancienne recueillis dans les montagnes d'Ecosse, et traduits de la langue erse ou gaélique.*

Este livro, segundo affirma Villemain em suas lições de litteratura, arrebatou todos os litteratos de Edimburgo, e essa admiração foi contagiosa em toda a Europa.

Eis o começo e a grande fortuna das poesias de Ossian, a quem o Sr. critico chama impropriamente poeta *cego de Albion*, confundindo-o com Milton, o cego e celebre poeta Inglez, nascido em Londres em 1608 e que sobreviveu a Cromwell.

A Escocia ocupada, há muito, em defender a sua nacionalidade salvou com entusiasmo a aparição de Ossian, quando Chaterton acabava de maravilhar a Inglaterra com a publicação do poeta—anglo-saxonio, apocrypho *Thomaz Rowley*.

O amor proprio escocêz, que, segundo *Johnson*, é o maior amor proprio nacional que se conhece no mundo, saudou a Macpherson, por ter dado tambem a Escocia o seu *Rowhey*. E d'ahi se originou uma longa controvérsia entre os sabios da Escocia e da Inglaterra.

E se isto é verdade, como nos diz o sabio encyclopedista *Ph. Chasles*—em seu estudo sobre Ossian, como podemos acreditar que os Escoceses cedessem de seu amor proprio e os Ingleses de seu orgulho, para que o Sr. critico tivesse o prazer de dar ao velho bardo escoez o epitheto de—*cego de Albion* ? !

Ora se a Escocia ja nutria contra a Inglaterra o seu odio por causa da conquista de sua nacionalidade ; e se os ingleses por sua vez não perdoavam a Escocia a satisfação que teve de ver um seu filho de nascimento tornar-se 1.^º ministro do Rei de Inglaterra, é claro que dessa data em diante a rivalidade se estendeu da política a litteratura.

E é certo que esta rivalidade nacional augmentou então entre os dous países vizinhos, sus-

citando logo na Inglaterra discussões, em que se negavam as glorias do Homero das montanhas da Escocia.

O Dr. Johnson, que era então o maior critico daquelle epocha, foi o que mais atacou Macpherson o descobridor dos cantos de Ossian, e o fez com aquella virulencia propria dos escriptores do seculo XVI, entre os quaes sobresahiram Scioppin e Scaliger.

Essa lucta foi tão renhida que foi preciso, que se nomeassem arbitros das academias sabias da Europa para por meio de seus inqueritos e investigações authenticarem ou não a existencia de Ossian, e de suas celebres poesias annunciadas pelo genio esclarecido de Macpherson.

« E' certo, diz Villemam, segundo o testemunho de uma multidão de viajantes, que o nome de Ossian era nas montanhas da Escocia repetido de pai a filhos, e que se lhe ajuntava o epitheto de cego,—*Ossian dall.* »

Era o mais que o Sr. Bustamente podia fazer se imitasse os bons modelos; mas nunca dar-lhe um epitheto que não lhe cabia.

Os proprios inglezes que, a despeito da rivalidade e orgulho nacional admiravam os poemas de Ossian, como o Dr. Smith por exemplo, ja-mais se lembraram de chamar o bardo escocez a sua nacionalidade, e pelo contrario davam aos

seus poemas o epitheto de caledonianos. Os Ingleses só citam com orgulho em litteratura Shakespeare, Milton, Pope, Byron, Addison, Bacon, Lock e outros, porque são filhos da Inglaterra !

E se hoje em sua litteratura adoptam alguns celebres Escocezes como Hume, Robertson e Walter Scott, é porque estes já nasceram sob o dominio da Gran-Bretanha.

Em vista pois destas considerações historicoo-litterarias evite, Sr. Bustamente, a mania de servir-se de epithetos obscuros, e de expressões deslocadas, porque taes cousas denotam sempre a falta do bom senso, que aliás é e deve ser em todo tempo a primeira qualidade de todo o escriptor, maxime se elle é critico, como S. S. tem a coragem ou ingenuidade de se apregoar.

Fique certo de hora em diante, que as *antonomias*, as *synédoches*, as *metonymias*, e as *metalepses*, por meio das quaes se abusa das mudanças das palavras, de sua significação propria para outra, não autorisam o erro, e nem excluem a verdade da allocução.

Pode muito bem ser, que a culpa dos erros do Sr. Bustamente pertença a outros, de quem leu, ou ouviu, e transmittiu taes citações erroneas, como costumam fazer os papagaios, não duvido.

E se estou em erro, apraz-me alguma explicação que me conteste o exposto.

Pouco me importa que os erros sejam do Sr. Bustamente ou de quem quer, que se julgue autorizado em litteratura para os transmittir como axiomas verdadeiros; pois eu, apoiado nos meus fracos conhecimentos historicos e litterarios, raciocino, e não me conformo com o—*Magister dixit.*

Como homem estou sujeito ao erro; mas em quanto não me o demonstrarem, não desprezo as minhas convicções só porque dizem, que elas não prestam, os amantes das delicias de Capua.

Desculpem os leitores se eu me demorei mais do que era mister na apreciação de um pequeno periodo do *trabalho ingrato* do Sr. Bustamente.

Se este artigo já não fosse tão estirado comentaria ainda o espirito que revelou o Sr. Bustamente no fim do referido periodo—chamando por graça velho estupido a Ossian, a quem, ainda por engracado, diz que dei uma licção cantando uma batalha.

Tudo isto é digno de apreciar-se no original, para onde pode recorrer quem melhor o quizer apreciar.

Parahyba 28 de Março de 1869..

ARTIGO IV.

Além dos vícios e erros grammaticaes, historicos e litterarios, que temos apontado logo no começo da critica do Sr. Bustamente, seguem-se outros que são um verdadeiro menoscabo do bom senso.

Continuemos a ler o seu—*ingrato trabalho*.

Ao paragrapho, que analysamos nos dous artigos passados, segue-se outro em que, citando elle um pensamento de Victor Hugo, talha uma carapuça para sua propria cabeça, a qual lhe assenta bem.

Dahi dá um salto mortal para um período sem nexo, no qual teve por fim unicamente fallar em Shaspeare e Racine, sem applicação alguma, dizendo—*que o bello d'este autor era o romantico e o daquelle é classismo.*

O que quer isto dizer ? !

Risum teneatis, amici.

O Sr. Bustamente tem um don tão particular de entoitar o que é direito, que até a linguagem de que se servio para manifestar aquelle paradoxo é má; pois em vez de dizer—*o bello d'este é romantico e o daquelle é classico*, disse classismo ! E quando mesmo quizesse sustentar o seu *classismo* com relação a Shaspeare devia por harmonia da linguagem e eleganeia da dicção dizer que o bello de Racine era romantismo, substantivando ou adjectivando ambos os attributos, e conservando o tempo do verbo ser, ou no presente ou no preterito, em ambas as orações.

Mas isto é o menos, o peior é que elle aplaudisse do que não sabe, e vangloria-se do juizo que emitiu a respeito de Racine e Shaspeare, cujos autores nunca leu, sabendo apenas que elles existiram por ouvir dizer.

A linguagem do ignorante em litteratura e no meio da sociedade cultivada é a mais ridícula, porque procurando fazer espirito só produz frioleiras, que enojam.

» Racine. Sr. Bustamente, (segundo Villemain) um dos maiores poetas do seculo XVII, e (segundo Philarète Chasle) o representante mais aperfeiçoado da tragedia na França, adoptou o gosto da litteratura classica, assim como Corneille, Molière o Boileau que foram seus preceptores.

Como, pois, o Sr. Bustamente o classifica de romantico ?

Racine, não obstante a educação severa e piedosa que recebera na Abbadia de *Port-Royal*, onde brilhavam então Nicole, Sacy e Lancelot, esposou o gosto da litteratura classica inspirando-se no theatro antigo: — *Les Plaideurs*, segundo Chasles, é uma imitação de Aristophano; o seu *Mithridate* é uma criação arrojada, cujo heróe é sublime e grande em sua luta contra Roma.

O estylo de Racine em sua elegancia correcta e grave foi tão notavel e tão classicio, quanto foi o seu genio, porque reunia a elegancia e delicadeza de Euripide, a grande magestade e pureza symbolica de Sophocle, e alem disso tinha alguns raros accentos de Eschylo.

Saiba mais, Sr. critico, que a primeira tragedia que Racine compôz, depois daquelles ensaios em honra de Luiz XIV, intitulados — *La Nymphe de la Seine, e la Renommée aux Muses*, foi o resultado de sua leitura secreta do romance grego de Théagène e Chlariclée, feita em *Port-Royal*,

euja leitura os seus professores lhe haviam expressamente prohibido.

Leia o Sr. Bustamente a apreciação de Racine feita por Philarète Chasles, o resumo da historia da litteratura franceza por Noel e de La Place, as lições de litteratura de Villemain, os estudos litterarios de La Bruyère, ou de Fontenelle, sobre Corneille e Racine, assim como os de La Harpe sobre Racine e Voltaire, e eu lhe affirmo que depois dessas leituras ficará envergonhado de ter dito—que o *bello em Racine era o romantico*.

E' verdade que Racine era terno, gracioso, melifluo, e a exemplo de Despreaux estudou todos os effeitos da harmonia, todas as formas do verso, todas as maneiras de varia-lo, como refere La Harpe; o que de alguma maneira se adopta mais a Eschola moderna; mas o Sr. Bustamente devia saber que esse notavel tragicó foi ainda contemporaneo de Moliére e de Corneille, de quem recebeo conselhos e inspirações, e que vivendo no seculo de Luiz XIV foi inspirar-se no theatro antigo, porque não lhe fora licito abraçar o genio da sociedade em que vivia.

Assim, pois, Sr. Bustamente, não confunda a regularidade harmoniosa das composições do filho illustre de *Ferté-Milon* com as exagerações do romantismo. Racine achou a origem real de suas inspirações não só na fé christan, como

também no estudo o mais delicado e mais precioso da antiguidade, como nos prova *Andromache*, seu primeiro chefe d'obra, ao lado de *Esther*; *Ephigenia* ao lado de *Athalia*, tragedia sacra mais perfeita ainda. O amor, cujo sentimento predominava nas suas tragedias, não podendo desprender-se do laço da forma classica, não podia portanto ultrapassar aquelles limites e transbordar na forma romantica, como sucedeu mais tarde com a liberdade d'arte.

E o Sr. Bustamente se lesse e apreciasse o espirito daquella epocha, em que sobresahia, como diz Chasles, a politica guerreira e a monarquia asiatica do grande rei, havia de saber que o absolutismo do amante de madama de Maintenon não consentia as liberdades do pensamento, senão áquelles histriões e validos, que distrahiam com a sua musa as *ridiculas preciosas* e os ocios da sua corte, que aliás foram condenados, sem quebra do respeito que lhe era devido, pelo duque de Montausier, Saint-Simont, Vau-bant e Fenelon. Ao passo que Luiz XIV fazia realçar as festas de Versailles com as condescendencias do talento, Racine, poeta melodioso e apaixonado, exalava os seus melodiosos accentos no meio daquella esphera social, obedecendo ao culto da antiguidade e as regras estabelecidas pelo despotismo das unidades d'arte aristotélica.

Já vê pois o Sr. Bustamente, que Racine não podia ser inspirado pela liberdade da Escola romantica, que só veio hastear a sua bandeira um seculo depois daquelle epocha, em que florescem o autor de *Phedra*, de *Berenice* e de *Bajazet*, inspirado profundamente por Champmeslé, uma das mulheres mais bellas e mais intelligentes que tem assignalado a scena franceza.

Racine, com quanto não tivesse nem o genio, nem o caracter altivo e presumçoso de Corneille, experimentou como elle os mesmos desgostos no seu tempo; e por isso, diz Victor Hugo, que elle curvou-se silencioso, e abandonou aos desprezos da sociedade em que vivia a sua admiravel elegia de *Esther*, assim como a sua magnifica epopeia de *Athalia*. O que devemos crer é que se Racine não tivesse sido paralysado, como fôra pelos prejuizos do seu seculo, teria sido mais livre no systema tragico que concebeu baseado no molestissimo modelo da comedia classico-franceza representada pelo Tartufo e o Misanthropo! Molière, que era o Corneille e o Racine da comedia, com as suas—*Les precieuses ridicules* e *Les Femmes savantes* castigou bem os vicios e as cousas ridiculas, que a sociedade daquelle seculo estimava. Estas comedias classico-francezas serviram de modelo a quaze todos os poetas comicos; e dahi nasceu—*Les Plaideurs* de Racine.

ne, delicioso esboço no genero classico de Aristóphano, em que se alliaram toda a urbanidade attica dos antigos e os bellos gracejos do seu tempo,

Para que pois, Sr. Bustamente, falla em *romantico* se ignora a significação historico-litteraria deste termo assim como a sua procedencia?

A palavra *romantico*, que servio para designar o termo do movimento intellectual na meia idade com relação as linguas *romanas*, estava bem longe de ter a significação que hoje lhe damos para designar em litteratura uma Eschola oposta á Eschola classica,

A palavra *romantismo* exportada da Inglaterra, segundo refere Fleury, no fim do seculo passado para servir de bandeira ao partido da liberdade litteraria, excitou vivamente os espiritos nessa singular controversia depois da revolução francesa.

Cada epocha tem suas idéas proprias, porque o espirito humano está sempre em marcha, e com elle marcham a politica e a litteratura, que são os reflexos dos costumes e das idéas de cada povo.

Se o corpo muda, diz Victor Hugo, quanto mais os hábitos; A lingua de Montaigne não é a de Rabelais; a lingua de Pascal não é a de Montaigne; a lingua de Montesquieu não é a lingua de Pascal. Cada uma dessas linguas é admirá-

vel considerada em seu tempo; mas convém que a forma da expressão e da língua mude com as ideias.

Assim, pois, a diferença fundamental que separou a arte moderna da arte antiga, a forma actual da forma passada, a literatura romântica da literatura clássica, foi a liberdade d'arte. Este é o traço característico da Escola romântica.

As obras do genio foram escarnecididas no furor da controvérsia, em que se empenhara a geração nova nas reuniões populares, nas sociedades, nas academias, nos institutos, nos lyceos, em toda a Europa e até na América.

As obras de Young, de Richardson, de Racine, de Corneille, de Molière, e do próprio Shakespeare e de Voltaire que assinalava o autor do *Hamlet*, foram fortemente atacadas pela crítica dos reformadores.

Toda a geração nova se apaixonou pela Escola romântica. Até mesmo os espíritos estranhos a este movimento procuraram dar ás suas idéas novas cores e nova forma, para dar-lhes ao mesmo tempo a apariencia de idéas novas.

Na verdade a reforma literária, propagada pelos românticos, apezar de suas exagerações, tinha sua razão de ser: porque as imitações constantes dos antigos tinham prendido a nossa litte-

ratura, e sobre tudo o nosso theatro, ao rochedo esteril do empirismo.

Assim, pois, a poesia obedecendo a infallivel lei do progresso emancipou-se da passado.

As regras aristotélicas e os preceitos antigos reflectidos pela idade media até o seculo XVIII sofreram então suas modificações.

Na scena as representações dos antigos chefes d'obra toruaram-se nessa epocha incompativeis com a litteratura e a poesia do seculo XIX.

A arte symbolica estava para a *Arte classica*, assim como esta está para a *Arte romantica*. Na Arte symbolica ha um completo desacordo entre o sentimento e a forma da poesia ; a idéa não pode subsistir fora do elemento material em que o espirito se oculta; é na elegante phrase de T. Braga o reflexo do amor pantheista que se revela pela antithese na imaginação oriental.

Na Arte classica este desacordo transforma-se em harmonia, produzindo até essa união simultanea do sentimento com a forma, a alegria ou uma especie de voluptuosidade, como na poesia romana e na grega principalmente. Na Arte romantica o sentimento desprende-se do laço da forma, transborda e ultrapassa os limites do elemento contingente, visto como a palavra não pode mais exprimir toda a extenção das cimeções

do coração, como já se revela nos genios criadores de Dante e Shaspeare.

Nessa lucta, presentida já no theatro desde o *Turcaret* de Lesage e o *Figaro* de Beaumarchais, cujas obras primas revelaram a energia da scena franceza, a liberdade d'arte caminhou sempre ao lado da civilisação e das novas idéas, que a philosophia do seculo XVIII não tinha comprehendido e mais de uma vez calunniara.

Essa reforma n'arte dramatica, assim como na litteratura e poesia, não podia nascer como formula completa se não depois da grande revolução de 89. Era mister ouvir primeiro os Mirabeaus, os Barnaves, os S. Justs, os Robespierres e Dantons, e presenciar o sacrificio de Chenier, que ao passar na carreta para a guilhotina proclamava a liberdade da arte e a reforma, proclamando ao mesmo tempo a liberdade dos homens, não perante a deusa razão, mas perante o verdadeiro Deus, como o christianismo havia estabelecido.

Os suspiros de Phedra, os clamores de Hernione, os deuses, os heróes antigos com suas catastrophes, as Naiades e Hamadryades, as Sylphides e Ondinas, as Fadas e Mouras encantadas, e finalmente as formulas antigas, não tinham mais razão de ser nas fíccões poeticas. A poesia nobre, a poesia d'alma, a exaltação sublime, arrastava o homem no foro intimo de sua consciencia,

com elle as nações, e com as nações toda uma época para as aspirações da liberdade.

E na verdade André Chenier como um dos atletas da nova forma poetica ensaiara logo em segredo um verso mais firme e aprimorado, de uma forma mais rithmica, e mais bem rimado que os de Voltaire.

Bernardim de S. Pierre e depois Chateaubriand e Madama de Staél escreveram seus modelos para a reacção litteraria; estabeleceram novos preceitos contra as regras de Moliére, Corneille, e Racine e as imitações de Ducis, Legouvé, Lancival e outros, que se deixaram arrastar pelo classicismo de Oreste, de Hamlet, de Macbeth, de Œdipo, de Hector ou Agamemnon.

Os novos escriptores franceses, impellidos pela guerra do Imperio atravez da Europa, propagaram em suas viagens as idéas da Escola romântica.

A Inglaterra e a sabia Alemanha tomaram parte nesta reacção, e disputaram o scetro da liberdade d'arte.

A lucta foi sustentada com todo o ardor, não só sobre o terreno litterario, como tambem sobre o terreno politico.

Os pamphletos politicos e os prefacios das obras d'arte, de litteratura e poetica, se debatiam com injurias apaixonadas, até que afinal a carta

do romantismo foi promulgado no prefacio de Cromwell; e a batalha então foi travada nas plateas do Theatro frenchez por occasião das representações do Hernani, como nos demonstra J. Fleury.

O romantismo parecia seguro depois da revolução de Julho. O theatro foi inundado de obras que atacavam todas as regras de Molière, Corneille e Racine, que até então eram invioláveis.

O publico applaudio com phrenesi a Victor Hugo, o chefe principal das novas idéas no theatro, mas em breve fatigou-se deixando o grande entusiasmo romantico para applaudir a *Lucrecia de Ponsard* aliás fria, e já oposta a exageração das novas idéas.

O romanticismo fez uma revolução, não só nas idéas como tambem nas formulas e preceitos estabelecidos na litteratura e na poesia.

Os seus adeptos desvairaram-se n'esses ensaios emprehendidos na scena aventurosa dos theatros. Não há duvida que o romanticismo teve sua epocha de voga, de admiração, e de popularidade. Depois perverteu-se em composições calculadas para produzir effeito.

O melodrama sobre tudo appareceu povoando a scena de typos inverosímeis, de personagens caricatos, interpretando mal o coração humano com sentimentos exagerados e paixões impossíveis !

D'ahi nasceram abusos; e a luz brilhante das novas ideias que fulgurava no horizonte dos reformadores anuviou-se, projectando apenas seus pallidos reflexos.

Os chefes reformadores guardaram silencio, o movimento terminou, e depois os escriptores aceitaram dessa Eschola o quo era somente justo e concorrente com as idéas e costumes da epocha.

Foi esta propaganda romantica, Sr. Bustamente, que chegou até nós nestes ultimos trinta annos, porque as litteraturas classicas ou ponderantes não podiam excluir a liberdade d'arte, e nem proclamar eternamente as suas excellencias. Que este nosso seculo tem caracteres, propensões e tendencias, que o extremam do passado, todos o sabem. Que a litteratura de hoje não pode ser a de hontem, apezar dos que admiram ainda o seu maravilhoso, é cousa geralmente comprehendida, e que ninguem mais contesta.

Em vista disto, pois, Sr. Bustamente, aceitemos o poder dos factos e dos acontecimentos litterarios, e não procuremos contrariar absurdamente as verdades conhecidas na litteratura moderna com proposições frivolas, pois desta forma longe de ostentarmos erudicção e sciencia só revelamos falta de bom senso.

Quanto a Shaspeare o Sr. Bustamente tambem emitiu uma proposição tão absoluta que revela

completa ignorancia não só das obras, como até mesmo da chronica litteraria desse genio typo que fecha o circulo da idade media.

O que quer dizer com relação a Shaspeare—*o bello deste autor é classismo?*

Por ventura pode o Sr. Bustamente restringir as bellezas do genio creador de Shaspeare, o maior poeta da Inglaterra que soube consubstanciar toda a existencia de sua Patria, todas as dolorosas luctas da sociedade, assim como todos os segredos do genio?

Shaspeare como o Janus da fabula, Sr. Bustamente, apresenta uma face dupla; numa lança um olhar para o futuro scintillando todos os fogos do genio; a outra face é voltada para a barbaria do passado, e se corda de luz, de sombras e de trevas. Elle falla do mundo dos espiritos como do mundo real; falla do passado como do futuro; elle falla da poesia como da historia.

No mundo dos espiritos—elle evoca uma multidão de sylphos, de genios, de espectros, de phantasmas e entes de concepções bizarras, cujos modelos não tinham sido descobertos pelos antigos e nem foram ainda excedidos pelos modernos! *O Elixir do Diabo*, *A Princeza de Brambella* e *Os quadros nocturnos* do phantastico Hoffmann, nem mesino o *Orfeo nos infernos* de Hoffenback, o espirituoso escriptor da moda, ex-

cedem no seu genero o espetro representado no *Hamlet*, e nem o maravilhoso representado na *Tempestade ou no Sonho de uma noite de estio*, de Shaspeare.

No mundo real—esse grande genio é digno successor de Tycho-Brahé, Copernic, Bacon e Kepler que tinham dissipado as trevas da meia idade.

No passado—Shaspeare associa-se á Biblia e a Homero, como o drama associa-se á ode e á epopéa. Assim entende Victor Hugo no prefacio de Cromwell dizendo: « Os personagens da ode são colossaes : *Adam, Caim, Noé*; os da epopéa são gigantes : *Achille, Atreé, Oreste*; os do drama são homens : *Hamlet, Macbeth, Othello*. A ode vem do ideal, a epopéa do grandioso, e o drama do real. Emfim esta triplice poesia nasce de tres grandes origens: a Biblia, Homero e Shaspeare. »

Na posteridade—esse genio foi abraçado por Voltaire, o maior encyclopedista do seculo XVIII, o qual transmittio até nós alguns de seus modelos, que sem duvida passarão ás gerações futuras.

Na poesia—inundou de luz e harmonia o seu seculo, como por sua vez o fizeram no meio dia da Europa Tasso e Dante, Camões e Calderon, Lope da Vega e Cervantes, que por uma singular coincidencia desceu ao tumulo no mesmo dia da morte de Shaspeare, segundo nos affirma Camillo-

Turles na Encyclopedie. Assim ao norte e ao meio dia da Europa douz astros brilhantes se apagaram no céo da poesia.

Mas a posteridade admira ainda Shaspeare nos traços delicados, nas cores puras que imprimiu em Ophelia, Romeo e Julietta, Desdemona e Catharina d'Aragão. Elle chegou a perfeição na litteratura como Raphael, como Miguel Angelo, como Rubens e seus discipulos na arte da pintura.

Shaspeare, segundo Lopes de Mendonça, foi o poeta providencial que criou o drama moderno, e inaugurou a liberdade d'arte. Elle tornou-se o echo dessas reñidas luctas religiosas que no seu tempo fizeram estremecer o solo da sua patria, e cantou não só as paixões humanas, como também chamou a vida da scena as classes laboriosas e desherdadas. Lopes de Mendonça diz mais :— « Reis, soldados, tribunos, pastores, frades, coveiros, tudo tem uma voz na sua gigantesca criação ; e desde a ambição de Macbeth até ao ciúme de Otello, desde o amor delirante de Roméo até a loucura tremenda do Rei Lear, todas as paixões, até ali como abafadas na grade escura do confissionario, recebem a luz da existencia, movem-se no grandioso ambiente da poesia... »

As côrtes devassas e as sociedades em dissolução não podiam entender de certo aquellas explo-

sões grandiosas da paixão, misturadas com a admiração dos phenomenos da naturesa.

Na historia, — finalmente, elle retratou fielmente a revolução religiosa começada no tempo de Henrique VIII, a revolução politica operada sob o dominio de Carlos Iº., as luctas de Lancastre e York, as tragicas catastrophes de Maria Stuart e de seus amantes, assim como os costumes, e os habitos da sociedade de seu tempo.

Shaspeare é na verdade um classico considerado na expressão restricta desta palavra, não só pela pureza e excellencia da linguagem, pelo brilho e elegancia do estylo, como tambem pela autoridade que exerce no mundo da litteratura e da poesia ; mas ninguem lembrou-se ainda de dizer que o bello desse genio creador [é classismo, como ingenuamente o fez Sr. Bustamente ignorando que o bello ideal do genio não se restringe á convencções artisticas, nem a methodos e nem á systemas de escholas.

A potencia creadora do genio de Shaspeare, Sr. Bustamente, lançou raios vivificadores sobre todos os generos litterarios. O poeta do seculo XVI foi um brilhante de uma limpidez tão luminosa, que o proprio Gustavo Planche, considerado o critico pessimista, no estudo que fez sobre o *Estado do theatro na França* reconheceu que a sua linguagem pertence a todos os tempos, á todas as ge-

rações, sem se moldar em nada a linguagem clásica de Sophocle, o rei do theatro antigo.

Sim, Shaspeare escreveu em todos os gêneros, e forneceu exemplos á todas as escholas, sem se filhar á nenhuma delas, porque o seu sistema unico na opinião de Camillo Turles era o seu genio ; e a sua linguagem não era por isso nem menos poderosa e nem menos logica. E a prova é que elle é considerado por todos os litteratos de bôa nota o rei do theatro moderno assim como aquelle celebre tragico grego é o rei do theatro antigo. Sophocle e Shaspeare fundaram, pois, essas duas dynastias. E é fora de dúvida que a forma lyrica moderna e a liberdade d'arte encontram sua origem no molde vasado por este genio creador, que surgiu no condado de Warwik no meado do seculo XVI entre a revolução religiosa começada em Henrique VIII e a revolução politica prestes a se operar no tempo de Carlos primeiro. Shaspeare parece presentir o fucturo ! E assim o entende tambem Lopes de Mendonça quando diz, que, historiando elle as luctas de Lancastre e York, quase que advinha o cadasfalso de White-Hall, e a apparição de Cromwell. Não admira por tanto que o drama moderno tivesse nello a sua origem.

Vê-se, pois, que Shaspeare não abraçava sistema e nem eschola, para seguir os voos de seu

genio creador e arrojado ; e à humanidade transmittirá religiosamente o nome do poeta Inglez á mais remota posteridade, apesar de seus defeitos, sem restringir a sua esphera, como fez o Sr. Bustamente dizendo que o seu *bello* é *classismo* !

Leia-se os commentarios de Samuel Johnson, os juízos de C. Turles, de Chateaubriand, de Madame de Staél, e de Villemain a cerca d'esse illustre personagem, ver-se-ha que o proprio drama moderno tem nelle a sua origem.

E se o Sr. Bustamente não quizer dar-se a este trabalho abra o seu Bouillet, que é mais comodo, e verá que elle, bem longe de considerar o bello de Shaspeare classismo, lhe dirá que Shaspeare é o pai da Eschola romantica.

Para evitar duvidas eu o transcrevo textualmente :—*A tous ces titres, Shaspeare est regardé comme le père de l'école romantique.*

Quero dar-lhe um conselho, Sr. Bustamente, apesar da má vontade que S. S. me vota; ei-lo:— Pese as considerações que acabo de lhe fazer, estude tambem a litteratura, estude muito antes de arvorar-se em critico para não fazer rir o publico illustrado com as suas parvoices.

Parahyba 2 de Abril de 1869.

ARTIGO V.

O Sr. Bustamente depois de calumniar Shapere e Racine, como fica demonstrado, vai por diante sonhando com *uma estrella pallida a lançar lampejos sulfuricos sobre o meu pobre estro*. E não contente em suffocar-me com o enxofre, á moda de Satan ou do prototypo de Kotzebue, traz consigo um mocho e coloca sobre a cumieira de minha casa para infundir-me tristeza; visto como elle entende que para cantar feitos heroicos e os recontros de uma batalha não se pode prescindir da tristeza !

Ainda bem. Haia liberdade de pensar e de dizer lérias.

O Sr. Bustamente tem para este genero um fino olfacto de zombeteiro selvagem mais apurado que os entendedores da — *Arte de cozinha*; porque fareja o ridiculo a que vive affeito com uma grande naturalidade. Chega a conseguir que a gente solte a estralada do riso quando joga espirito!

Bem dizia o Sr. Cascaes:

« O critiqueiro palhaço.
Faz de lérias calhamaço,
Que espalha por toda a parte,
Ora átôa, ora com arte;
E diga verdade ou pêla,
Onde está lê a *gazeta*;
E, vilão papel de bôbo
Seja, o que elle representa
Embora.....»

Como não tenho espirito, e nem sei dizer lérias, Sr. Bustamente, ha de permittir que vá lhe citando estes pedacinhos de autores conhecidos, para que pense nelles com seriedade deixando — os recheios indigestos com que costuma a impapar os seus magros perús.

Veja que esta phrase é de Camillo Castello

Branco; elle aqui emprega *perù* como synonimo de critica, e eu neste mesmo sentido a emprego.

Ficando assim respondidas as suas lérias com relação a minha pobre individualidade, passemos adiante a ver se encontramos alguma causa seria no seu — *ingrato trabalho*.

Abi temos annos seguintes paragraphos; diz S S:
“ *Bem dita tristeza, quanto influes na litteratura e na poesia!* ”

• *Não obstante quanta poesia diversa tem havido desde Virgilio até Tasso, desde David até Homero, desde Milton até Corneille!* •

O que quer isto dizer?

Que analogia tem estes dous paragraphos entre si?

Ignoramos completamente; mas deixando de parte a interpretação do pensamento do Sr. Bustamente nestas palavras ócas de sentido; vejamos se elle ao menos teve consciencia do que avançou; ou se aquellas citações forçadas foram lançadas no papel a êsimo com o unico fim de instrar-se familiar na litteratura.

De Virgilio a Tasso devia haver por certo muita variação na poesia, não só quanto a forma plastica como também quanto as leis da esthetic, porque, segundo os biographos, o poeta mantuano, considerado principe dos poetas latinos, nasceu 69 ou 70 annos antes da era christan;

o poeta italiano nasceu em Sorrento no anno de 1544. O primeiro morreu 19 annos antes da era Christian e o segundo 1595 annos depois ; temos por tanto do falecimento do primeiro ao nascimento do segundo 1563 annos, em cujo espaço de tempo diz o Sr. Bustamente que houve muita poesia diversa ! Vá lá esta grande novidade.

De David, o rei propheta e chefe da poesia lyrica, a Homero, o mais antigo dos poetas gregos, não houve lá essa grande distancia, porque o psalmista vencedor de Goliath nasceu em Bethlehem, 1071 annos antes da vinda de Christo e o cego Homero, cuja patria se ignora, floresceu, segundo as tradicções, nove ou dez séculos antes da nossa era ! E aqui temos portanto uma diferença quando muito de um século entre a poesia lyrica representada pelo primeiro e a poesia épica representada pelo segundo. E' pena que o Sr. Bustamente não nos mostrasse as variações das poesias intermediarias, que nem mesmo as tradicções nos revelaram ! Entretanto não nos oppomos aos seus voos & aguia.

Mas o que não podemos admittir é a poesia diversa desde Milton até Corneille, pois são coévolos ; e quando mesmo a sua descabida dos séculos para os annos não fosse absurda, então devia dizer desde Corneille até Milton, porque este poeta é mais moço que aquele douz annos !

Dizem os historiadores que o poeta Francez nasceu em 1606, e o poeta Inglez em 1603.

Estes seus *improvisos e ziguezagues*, Sr. Bustamente, fazem rir a gente.

Bem podia estar livre desto anachronismo se tivesse o bom senso de fallar somente daquillo que entende.

Em litteratura não se improvisa. Senhores do «Jornal da Paraíba», Escrever um juizo critico-litterario não é o mesmo que escrever um artigo político sem mérito e nem critério.

Assim como sois em política são os vossos críticos em litteratura, que por falta de bom senso não podem determinar com a espada de Brenno a medida do mérito de ninguém.

Esta doutrina está toda cifrada no canon da lógica como mui bem disse um moralista português:—*Nihil aggreditor, invita Minerva.*

—*Não se abalance á nada algum mortal
Contra seu genio, e instincio natural.*

O público sensato, da sua parte, põe-se a rir dos infatuados ignorantes, que se deslembaram desta justa maxima, procurando ostentar uma importância que a natureza lhes não deu.

Passemos adiante.

O Sr. Bustamente no ardor de citar autores e obras que não conhece diz o seguinte :

« Se ao menos o Dr. fosse forte no improviso como foram José Tolentino e Bocage..... »

Aqui temol-o de novo apanhado em flagrante a citar José Tolentino em vez de Nicolão Tolentino, que é o improvisador e satyrico portuguez, de quem elle provavelmente ouvio fallar.

Sendo testemunha de ouvir dizer somente supõe que deve ser accreditado fallando afinal em Tolentino, embora seja conhecido aquelle autor por Nicolão ou José !

Ah ! Coridon, Coridon quas te dementia cepit !

Não é com periodos soltos e sem nexo, e nem com citações falsas, apanhadas aqui e alli, que se escreve litteratura.

Continuemos.

O Sr. Bustamente fallando das musas logo depois daquelle fatal incidente de José Tolentino diz o seguinte :

« Coitadinhas ! á quanto tempo desappareceram da terra, depois que a musica não teve mais o reinado da flauta, harpa e cythera, sendo o universo invadido pelos trombonos, zambumbas e prutos..... »

Nestas poucas linhas que transcrevemos textualmente e com a propria orthographia, com-

mette o Sr. Bustamente erros de grammatica e de mythologia, alem de dous formidaveis barbarismos.

O erro de grammatica, que notamos, é um da quelles que não ha mais menino de eschola que o commetta, eil-o :—á quanto tempo....

Ahi está a preposição á em vez do verbo ha-ver na terceira pessoa do singular do tempo presente do modo indicativo,

O Sr. Bustamente revela ignorancia crassa da mythologia suppondo que as nove musas só se occupavam da musica. E é tão arraigada esta sua crença que diz, que elles desappareceram da terra depois que a musica não teve mais o reñado da flauta, harpa e *cythera* ! (Ahi temos de novo a *cythera* em vez de *cithara*).

Leia a mythologia, Sr. critico, ou então abra o seu *Diccionario da Fabula*, e verá que das nove musas só a Euterpe é que presidia á musica a par da Terpsicore que presidia á dansa, e as vezes aos instrumentos de cordas.

As outras filhas de Jupiter e de Mnemosyne eram deusas não só de outras artes como tambem da sciencia e da historia.

Clio, por exemplo, presidia á historia ; Thalia —á comedia; Melpomene — á tragedia ; Erato — á poesia erotica e á elegia ; Calliope — á epopea ; Urania — á astronomia; Polymnia — á eloquencia e

à poesia lyrica. E o magno Apollo presidia as suas reuniões.

E' isto o que nos ensina a mythologia antiga, e que o Sr. Bustamente devera saber desde que deu o seu latim.

O famoso poeta classico do seculo XVI—Pedro de Andrade Caminha, cujas poesias foram publicadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa em 1791, exprime-se muito bem a respeito das musas na estancia seguinte :

« *A historia de Clio foi achada,*
Da frauta Euterpe foi descobridora,
A geometria de Erato inventada,
Do salterio Terpsicore inventora:
D'Urania a Astrologia investigada,
Polymnia da Oratori fundadôra,
Calliope das letras: da Tragedia
Melpomene, e Thalia da Comedia. »

Ve-se pois, que o Sr. Bustamente emittio um juizo falso com relação as musas, por suppol-as capazes tão somente de tocar *flauta, harpa e cithera* segundo a sua orthographia.

Se não quizer dar-se ao trabalho de folhear de novo o seu tratado de mythologia, Sr. Bustamente, decore ao menos esta estancia do classico Pedro de Andrade Caminha para se lembrar em

todo o tempo que as musas não eram somente deusas da musica, e sim tambem da dança, das sciencias, das artes, da memoria, e da metrica harmonia.

Quanto aos barbarismos do Sr. Bustamente, não precisa que os denunciemos, pois os leitores já os terão descoberto nas palavras—*trombonos* em vez de *trombones*,—*cythera* em vez de *cithara*. Estes douis ultimos vocabulos na nossa lingua significam cousas diversas, como já demonstramos em o nosso primeiro artigo. E a terminação da palavra *trombone* em—e não admite o plural em—os, pois não só é um vicio, como tambem um erro contra as regras da lingua. E é isto justamente o que se chama barbarismo, segundo os grammaticos e lexicographos.

Paremos para tomar fôlego.

Temos até aqui analysado os erros commettidos pelo Sr. Bustamente, logo no principio do seu primeiro artigo, em cuja parte quiz mostrarse lido e familiar na litteratura.

De proposito fizemos a dissecação de cada periodo dessa embrulhada, à que *ingenuamente* chamou elle considerações geraes, para que fique bem patente o risão antigo que diz:—*Nem tudo que luz é ouro*, como poderiam suppôr os nossos patricios menos versados na litteratura.

aos quaes o Sr. Bustamente procurou ainda esta vez illudir com os seus falsos lampéjos.

Bem razão tinha Garção quando escrevia :

*E o pedantismo pode mais que tudo,
Pois arrasta a razão, pisa a verdade.*

E' preciso que nos convençamos de que o êrro galvanizado é sempre êrro.

O Sr. Bustamente preparou-se mal para a especulação com os adubos insulsos de casa.

O disfarce torna-se inutil, quando o comediantre é assaz conhecido em seus arreganhos. O esfarrapado manto tomado de emprestimo cahio-lhe dos hombros, e, despojado assim das galas e apparato ficticio do immortal philosopho Gargettos, eis ahí a sua asqueroza ossada estendida no leito de Procusto, e tão patente ao escarneo publico, como se fôra alguma horrenda concepção de Henry Berthoud.

Fatal esterilidade, que ha de perseguil-o sempre, e tão implacavel como sua propria sombra !

Parahyba 5 de Abril de 1869.

ARTIGO VI.

Vamos agora analysar as accusações que me faz o Sr. Bustamente, ás quaes procurarei transcrever leal e litteralmente sem deixar uma só, assim de que o publico melhor avalie do seu carácter e de sua ignorancia.

Em primeiro logar diz elle no meio de chufas e lérias, que a poesia—*Passagem de Humaytá*, que publiquei em 1868 tinha sido feita e publicada em 1866 pelo Sr. Palhares, esquecendo-se que a verosimilhança é indispensavel até no *jogo de espirito*.

Ainda bem que a Iéria aqui é dirigida em grande parte ao Sr. Palhares, que figura senão de espiritista ao menos de arúspice, no dizer do Sr. critico, visto como escreveu em 1866 uma prophecia, que devia realizar-se em 19 de Fevereiro de 1868.

Até aqui nada tenho que refutar, porque isto só revela falta de bom senso.

Mais adiante, porém, vendo o Sr. critico que não podia ser acreditado, procura corrigir a sua necedadade aproximando-se do verosimil e diz :— que eu por condescendencia consultei a « Mocidade e tristeza » (livro do V. Palhares) e desta vez como borboleta beijei em todas as flores desse jardim poetico, sorvi-lhes o perfume, e borrifei com elle versos inteiros do meu novo e forte episodio—Passagem de Humaytá. *

Bem, o Sr. critico encarregou-se de contradizer-se formulando uma nova calunnia. A minha poesia já não é a mesma do Sr. Palhares, mas é um plagio de um livro inteiro !

Ex digito gigans. Por esta repentina contradição já se pode bem avaliar do caracter do censor, que preza tão pouco a sua dignidade.

Ora, se esta asseveração partisse da pena de um censor circunspecto e ilustrado, eu por certo teria de que me envergonhar, porque as provas deveriam acompanhar logo o enunciado.

Mas o Sr. Bustamente, que não aprecia a propria dignidade de escriptor, e que não conhece obstaculos da verdade, quando lhe apraz calumniar, procede de uma maneira diversa para iludir o publico. E' assim que de longe em longe transcreve um ou outro verso de varias poesias do Sr. Palhares, em que se nota uma ou outra palavra, de que eu tambem usei em minha poesia, alem de tres curtas phrases em que fielmente nos encontramos, escrevendo elle um livro de 143 paginas, e eu um folheto de 31 ditas.

Lançar palavras ao papel pode ser facil; mas quando o escriptor perde o respeito á verdade e menoscaba da opinião, que aliás deve ser sempre acatada nas luctas da intelligencia, dá de si a peior idéa possivel.

Os erros de apreciação, o sophismá e a subtilesa do rhetorico de Aldéa podem, como disse alguém, ser desculpados, porem a má fé nunca.—Escrever no proposito de mentir e enganar, não é só rebaixar a sociedade a um auditorio frívolo ou alarve, é trahir tambem o mais categorico sim da imprensa.

Bom é que o escriptor, por mais mediocre que seja, tenha dignidade propria, sendo cauto em suas assoreções, temperado em suas paixões, honesto em seus arrebatamentos e verdadeiro em suas palavras.

Desejando acompanhar passo a passo, e com summa exacção, os sette ártigos do Sr. Bustamente eu me aguardarei para ir provando a sua necedad, e restabelecendo o que elle chama *plagios e erros*, a proporção que for lendo as accusações, pois até aqui as suas asserções teem sido vagas.

Neste proposito serei o mais leal possível, transcrevendo todas as accusações sem deixar uma só, que por não tocada, na expressão do conselheiro Castilho, pareça merecer menos consideração. E o publico illustrado sentenciará finalmente como fôr dê razão.

Entremos, pois, em materia.

Diz o Sr. Bustamente na ultima parte do seu primeiro artigo o seguinte :

« *As considerações geraes que fizemos a poesia do Dr. Cordeiro, nos levam ao penoso trabalho de uma analyse grammatical, poetica e litteraria.* »

« — *O trabalho é ingrato; mas não ha remedio.* »

E tão ingrato certamente, que já nos revelou a sua grammatica, a sua poetica e a sua litteratura ! ! ...

Continúa elle :

« — *O poeta principia a sua obra por uma enargueia, que teria tido muita belleza e vida*

se fosse o resultado do pensamento de V. Palhares, na poesia a Mendiga.

«—*Palhares principia assim :*

—*E' noite. Sopra do norte
Frio vento glacial.*

«—*O Dr. Cordeiro, collaborando a Palhares tambem principia :*

«*E' noite; fria bafagem
Desce no rio Paraguay. **

E' falso o ter eu escripto—*Desce no rio Paraguay.* A particula—*no*—é de mais, pois eu escrevi :—*Desce o rio Paraguay*, e assim sahio impresso não só nos jornaes como na brochura. Adiante mostrarei a razão pela qual alterqu elle de proposito aquelle verso.

Em tão poucas linhas nota-se a contradicção, a calunia, e a má fé, como passamos a demonstrar.

Pobre Guttemberg, assim se prostitue o teu maravilhoso invento ! Se alguns homens de letras procuram por meio de tua famosa descoberta enriquecer a lingua, e nobilitá-la, outros, como mui bem diz Castilho, a desairam convertendo-a em algaravia ou giria, que justifica o ousado axioma de Buffon :—O estylo é o homem.

Examinemos a mina que o Sr. critico explorou.

Diz elle qae eu principio a minha poesia por uma enargueia que não tem muita belleza e vida; porque não é o resultado do pensamento do Sr. Palhares : Daqui se conclue logicamente que ella é o resultado do meu proprio pensamento, embora não tenha para o Sr. critico muita belleza e vida.

Eis aqui logo a primeira contradicção e o primeiro dislate. De sorte que pecco porque plagio o Sr. Palhares, e pecco por não plagiar-o, visto coim a minha pobre enargueia não é o resultado do pensamento daquelle Sr ! Isto importa o mesmo que dizer:— *Preso por ter cão e preso por não ter cão.*

Pois attenda, Sr. critico, que as flores não valem menos por ser esta ou aquella a mão que as colhe e as entrecece; elles só desmaiam e deixam cahir suas pétalas, quando, no dizer de um distinto parlamentar portuguez, não é de virgem o rosto que infloram.

Não queira, Sr. Critico, fazer o papel do Sr Gavicho prostituindo as minhas pobres flores e aconselhando-me a roubar o pensamento alheio.

Feito este reparo, passo a mostrar que o Sr. Critico faila da enargueia, sem saber distinguir o valor desta pintura, que pertence, segundo a es-

chola de Quintiliano, ao primeiro grão do *Ornato oratorio*.

De que especie da enargueia nos falla?

A enargueia simplesmente, de que o Sr. critico nos falla, é aquella que se limita a pintura da imagem do objecto toda junta em um só quadro, em um só momento, como por exemplo a pintura, que Camões faz do Deus da guerra ao dar o seu parecer no Conselho de Jupiter sobre a empreza da navegação do Gama. Veja-se o canto 1º. Estancia 36 e 37 do Lusiadas, que assim principia:

« Merencorio no gesto parecia;
O forte escudo ao collo pendurado
Deitando para trás mendonho e irado.
A viseira do elmo de diamante
Alevantando um pouco mui seguro
Por dar seu parecer, se pôz diante
De Jupiter, armado, forte e duro. »

Entretanto desde a primeira estrophe da *Batalha de Humaytá*, que se nota a hypotypósis, cuja especie de enargueia é composta de varios quadros successivos, que representam objectos, factos e acções de varios individuos em diferentes momentos, e em varios logares. como se lê no mesmo Lusiadas, Canto 3º. da Est. 107 em

diante. Em geral, diz Alexandre Passos, os rhetoricos consideram a *hypotypósis* no numero dos trópos, porque nesta figura usamos do verbo na linguagem do presente em vez do preterito, pintando assim os objectos como se os estivessemos vendo. Em vista da descriminação, que acabamos de fazer, é claro que o Sr. critico confunde as duas especies de enargueia, porque não comprehende a *hypotypósis*.

Passemos adiante.

Eu e o Sr. Palhares dissemos:—*E' noite*. Nisto consiste todo o meu plagio nos versos acima citados, porque é o unico ponto em que nos encontramos, como se encontram todas as velhas naquelle infallivel—Foi um dia—quando contam aos meninos as historias do *Trancozo*.

Eu bem podera ter evitado o plagio; bem podera não ter commettido este peccado mortal; e o Sr. critico por sua vez bem podera ter-se pougado aos trabalhos fatigantes de uma tão grande descoberta, se por ventura a batalha de Humaytá tivesse sido travada em pleno dia. Ainda assim não escaparia do plagio, porque o Sr. Palmeirim portuguez já tinha dito no seu *Guerrilheiro*:

« Era dia : nas armas lusentes
Vinha em chapa batendo-lhe o sol....»

Sou até por isso culpado; e estou condenna-

do a não descrever feito algum que se tenha passado quer de dia, quer de noite, sem cahir na —fatalidade dos plagios !

Continúe o Sr. critico nestas audaciosas descobertas que terá a gloria de ser um homem raro nesta especialidade , e será talvez no futuro, quem sabe, o Colombo das escavações litterarias !

Se Colombo, como citou o Sr. critico, disse à sua tripolação amotinada esperai 3 dias, e eu vos darei um mundo, poderá S. S. igualmente dizer aos seus leitores :—Esperai que eu leia 3 dias, e eu vos descobrirei um mundo de prosadores e poetas que tem dito—é noite, quando o facto que descrevem não se passa de dia.

Mas para que ? Assim o Sr. V. Palhares perderá a sua originalidade, assim como eu a perdi já para sempre.

Entretanto, Sr. critico, abra sempre, por desenfado ao menos, o—livro do Sr. Thomaz Ribeiro intitulado—*Sons que passam*;—leia a sua bella poesia—*Fiel-o-mollosso* ;—leia que vale apenas ler-se tudo quanto escreve o melodioso autor do D. Jayme :

*Era uma noite gelada,
noite do mez de Janeiro;*

Não serve, porque elle aqui falla do verbo ser

na terceira pessoa do singular do preterito imperfeito do modo indicativo; mas eu e o Sr. Palhares fallamos no tempo presente; adiante:

*De noite, a filha enluctada
entrou na mansão medonha.*

Aqui tanto faz dizer *de noite*, como *é noite*; porque a preposição—*de* mostra o termo donde parte a acção, designando o tempo que é o complemento circunstancial, v. g. De manhan, de tarde, &c.

Mas não serve, diz o Sr. critico, porque a formula material do plagio—*E' noite*, não é a mesma; adiante.

Alviçaras que achei. Leia mais um bocadinho, volte a pagina 276,—horror, que escandalo!

—*E' noite, noite profunda,
noite nevoenta, pesada;—
ouve-se uma voz pausada
dizer na taverna immunda:—*

Acabou-se a nossa originalidade, Sr. Palhares; o illustre autor de D. Jayne commetteu um escandalo! porque só nós podíamos dizer—*E' noite*;—o Sr. como *uma originalidade*, e—eu como *seu plagiario rico*!

Pobre zoilo, que é o Sr. Bustamente, pois nem ao menos comprehende que estas causas causam riso a gente. . . .

Prometto perdoar-lhe todas estas estulticias, Sr. Bustamente, se por ventura S. S. se der tambem ao trabalho de ler as obras portuguezas de Garret, de Alexandre Herculano, de Palmeirim, de Thomaz Ribeiro, de Camillo Castello Branco, e dos nossos compatriotas Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e muitos outros, onde encontrará muitas vezes repetidas em poesia as phrases: — *E' noite; era noite; alta noite; é meia noite; corria branda a noite; é dia; erâ dia; &c.*

Estou certo, que depois desta leitura se arrependerá de ter chamado a esse principio eterno de todos os contos e historias—plagio, porque será forçado a concluir tambem que o Sr. Palhares plagiou o seu—*E' noite*, assim como todas estas notabilidades se plagiaram mutuamente.

Parahyba 8 de Abril de 1869.

ARTIGO VII.

Continuemos hoje a analyse da critica feita pelo Sr. Bustamente aos dous primeiros versos da poesia—*Batalha de Humaytá*, eis-os :

E' noite ; fria bafagem
Desce o rio Paraguay ;

Isto escrevi, e isto foi publicado nos jornaes, e na brochura, que por ahi corre impressa ; mas os leitores vão ver agora o motivo que levou o meu critico, *sem criterio*, á alterar o segundo verso citando-o falsamente pelo modo seguinte :
—*Desce no rio Paraguay.*

Para que não reste a menor duvida no espirito dos leitores, que benevolamente nos acompanham, eu transcreverei *ipsis verbis*, e com a propria orthographia e pontuação a arenga do Sr. Bustamente a respeito dos versos acima referidos, eil-a :

« *Alem do—no rio—que é um verdadeiro but rhymeé, segundo Hugo, ou excrescencia metrica, segundo Boileau, o Dr. commette logo um imperdoavel erro de grammatica, deitando um ponto e virgula depois do E' noite, quando devia ter deitado um ponto final, visto que fria bafagem não é oração continuada, sendo E' noite por si só um periodo.* »

E' impagavel o litterato do « Jornal da Paraíba. »

Eis ahi a sua analyse critica sobre litteratura, poetica e grammatica !

Não sei o que mais admire, se a audacia, se a ignorancia.

Audacia em mentir publicamente para me fazer responsavel por um erro que não commetti !

Ignorancia em fallar com imperturbavel fleuma sobre materia que não entende !

Todos vêem que o Sr. critico encaixou propositalmente aquella particula—*no*—naquelle segundo verso para ter o gosto de combatel-a, di-

zendo que é um verdadeiro—but rhymeé de Hugo, ou *excrescencia metrica* de Boileau!

Que intrepidêz ou despudor em menosprezar a verdaade? !..

Que denodo em affrontar a opinião? !..

Levantar moinhos para ter o gôsto de combate-lhos é um systema burlesco, inventado por D. Quixote. Louvo a propensão e gôsto que o Sr. critico revela para esse systema. Talvez seja eu imprudente em cortar-lhe os vôos, mas o que fazer se a isso sou obrigado?

O periodo analytico do Sr. critico, que abi fica transcripto, nos fornecerá materia para este artigo.

Principiemos:

Que V. Hugo tivesse dito—*bouts rimés* eu acredo; porque é uma phrase de que usam os franceses, quando querem exprimir:—*consoantes para por ellas se fazer uma obra poetica qualquer*. Mas contesto que Hugo tivesse dito ou escripto—but rhymeé, como o Sr. critico cita inconscientemente e só por ouvir alguem erradamente dizer.

—But rhymeé é uma cousa que em francez não tem significação alguma; esta citação pois importa em uma algaravia, que jamais deverá ser attribuida a Hugo, e sim áquelles que citam

o que não comprehendem no intuito de passarem por sabios.

Em primeiro logar *but* e *bout* são dous vocabulos franceses, que tem significações diversas e distintas.

Em segundo logar são ambos substantivos do genero masculino; e por tanto nem um e nem outro poderia concordar com o adjectivo errado, que o Sr. critico lhe ajuntou de variação feminina.

Em terceiro, finalmente, *rhynee* não é palavra francesa, nem pela orthographia, nem pela accentuação. Se poren o Sr. critico usou desta palavra como adjectivo dependente do substantivo *but*, e sob a forma do participio do verbo frances *rimer*, devia então seguir esta mesma orthographia.

Do exposto se vê, que o Sr. Bustamente no intuito de calumniar-me, e de se mostrar litterato teve necessidade de improvisar, já alterando o meu pobre verso com o seu enxerto; já torturando a lingua francesa; já levantando falsos a Hugo e Boileau; e já confundindo a *excrescencia metrica* de que falla este com as *consoantes ou rimas* de que falla aquelle.

Assim, pois, a critica com que pretendeu ferir-me, Sr. Bustamente, produzio effeito contrario,

porque veio, como dizem os franceses—*à tout bout de champ*,—fora de proposito.

Se em vez de—*Desce o rio Paraguay*—eu tivesse escripto—*Desce no rio Paraguay*, como de má fé transcreveu S. S., não tinha commetido o peccado de—*bouts rimés* como suppõe; o meu peccado consistiria então no erro da metrificação, accrescentando uma syllaba de mais no verso redondilho, visto como não podia mais fazer a elisão das vogaes—*e e o*—na segunda syllaba, por causa da particula—*no*—que é uma contracção da preposição—*em*—e o artigo desininto—*o*—que precede o substantivo—*rio*.

Eis a analyse que o Sr. Critico devia fazer no caso vertente, sem que fosse preciso levantar falsos a Hugo e Boileau, pois estes notaveis escriptores jamais poderiam confundir a escrescencia metrica com—*les bouts rimés*,—que S. S. erradamente chamou—*but rhymeé !!!*

E' bem certo o rifão antigo que diz :—Mais depressa se pega um mentiroso que um côxo.

Bouts rimés cominetteu o Sr. critico praticando voluntariamente uma accão má no proposito de offendere-me. Quem o diz, não sou eu, é o moralista La Rochefoucauld naquella sua philosophica maxima :—*Nos actions sont comme les bouts rimés—que chacun fait rapporter à ce qui lui plait.*

Já vê, pois, Sr. critico, que á força de abusar de sua consciencia chegou até a falsear o seu espirito. E a calunnia que me levantou deve agora envergonhal-o, tanto mais porque della não soube tirar o resultado que desejava, fazendo a analyse que lhe competia. E desta forma pecou duas vezes, como calumniador e como ignorante.

Eis a punição de um critico de má fé. Acaba elle sempre por perder o bom senso, diz o sabio Villemain.

Agora passaremos a apreciar o erro grammatical, de que falla o Sr. Bustamente na segunda parte do seu paragrapho, que já fielmente transcrevemos.

Diz elle que *eu commetti um imperdoavel erro de grammatica deitando ponto e virgula, depois de—E' noite—que devera ter ponto final, porque forma por si só um periodo.*

Quem lhe metteu isto na cabeça Sr. critico ?

Sabe por ventura o que é um periodo? Dizem os grammaticos, que—*periodo é a comprehensão ou ajuntamento de uma ou muitas palavras e orações, formando um sentido completo.*

E os rhetoricos dizem mais ainda que periodo é um sentido fechado, composto de varios numeros de orações, com harmonia completa e conclusão; ou o circulo de palavras e de orações.

que constituem um pensamento plenamente enunciado.

E o Sr. critico deve saber que para se formar um sentido completo, em verso principalmente, não é bastante isolas a phrase principal, ainda que ella seja absoluta.

Nos periodos muitas vezes ha phrases principaes absolutas e phrases principaes relativas, assim como ha phrases totaes e parciaes; estas podem ser fundamentaes, integrantes e incidentes; aquellas podem ser simples, compostas ou complexas, e principaes ou subordinadas, segundo nos ensinam os grammaticos.

Ainda mais deve saber, que os periodos constam tambem de — *incisos* e *membros*; — que por — *inciso* se entende um sentido fechado em uma oração, de harmonia incompleta e sem conclusão final; — que por — *membro* se entende um sentido tambem fechado em uma ou mais orações, de harmonia completa, mas sem conclusão final; e que ha membros que para formarem um sentido completo enlaçam muitas proposições independentes umas das outras. Quando o periodo tem duas ou mais phrases ou orações principaes, uma delas é a principal absoluta, e as orações e mais phrases totaes são divididas por conjunções, vírgula, e ponto e vírgula, como por ex: — *O céo é*

bello; os campos são virentes, as flores são cheirosas.

Eis ahi orações principaes, que podem existir no periodo independentes umas das outras, por que cada uma delas forma um sentido completo; entretanto o padre Vieira enlaçando estas orações em um só periodo errou tambem na opinião do meu critico, porque não faz varios periodos dizendo:—*O ceo é bello. Os campos, são virentes. As flores são cheirosas.*(!)

Já vê o Sr. critico, que eu não errei pelo facto de não fazer do *E' noite* um periodo, embora outros o façam, porque não ha regra fixa para assignalar o numero de membros, de que ha de constar cada periodo.

O mesmo succede em materia de pontuação, que serve para indicar a distincção do sentido, e as pausas que se devem fazer na leitura. A orthographia ainda não pôde achar a linha divisoria que o Sr. critico, que aliás ignora tanta cousa, quer agora estabelecer a ponto de *não perdoar* a quem della se afasta! E' ridicula a imposição.

Eu não fiz do *E' noite* um periodo, Sr. critico, porque tinha de juntar á esta oração *de tempo ou occasião* orações circunstanciaes e relativas, que se ligavam entre si para esclarecer e especialisar a accão que pretendia descrever; e por isso

passei em seguida a enumerar outras circunstancias que especialisavam aquella mesma occasião ou tempo, como se vê em toda a estrophe, que constitue o periodo total. Assim praticando tive em vista a regra grammatical que diz, que as mais absolutas phrases deixam de ser encerradas por ponto, quando por ventura outras della dependem, por ex ;—*Deus é omnipotente.* Eis uma oração absoluta, que faz um sentido completo; mas deixará de formar periodo se lhe acrescentarmos alguma circunstancia, que amplie ou restrinja o sentido, como por ex :—*Deus é omnipotente; mas é justo.&c.* Se a conjuncção adversativa aqui foi causa de ampliarmos o periodo, muitas vezes por elegancia na concurredencia de muitas phrases, suprimimos as conjuncções para dividirmos por virgula e ponto e virgula as phrases totaes. O padre Antonio Vieira, que é um dos modelos da nossa lingua nos dá disto um exemplo no seguinte trecho :— « *Começa a sahir e a crescer o sol, eis o gesto agradavel do mundo e a composição da mesma natureza toda mudada..* »

Eis aqui duas phrases totaes, uma complexa e a outra composta, tendo esta dous sujeitos e um attributo, que concorda com o substantivo mais proximo pela figura zeugma. E o Padre Vieira na opinião do Sr. critico deverá ter deitado

ponto final depois da palavra sol; porque o sentido estava completo, mas não o fez para usar da vírgula, e continuar as orações que della dependem.

O Sr. critico por ver na poesia—Mendiga—do Sr. Palhares um ponto depois de *E' noite*, entendeu que não se podia mais escrever *E' noite* sem aquelle signal orthographic? ! Pois eu vou mostrar-lhe como o proprio Sr. Palhares se ri de sua credulidade, e vem concordar commigo em pontuação.

Abra a pagina 83 do volume de poesias que nos cita tantas vezes, e leia sob o titulo de *Fragmentos*:

« *E' noite : O ceo arqueia-se pesado
De negras nuvens e tufoes ruidosos.* »

Eis aqui o *E' noite* sem formal periodo encerrado por ponto ! E' o proprio poeta que lhe serve de modelo, que zomba de S. S. !

Applique agora o Sr. Critico a regra facultativa de Constancio ao Sr. Palhares, e tel-o-ha commigo.

A regra é a seguinte:—*Alguns usam de ponto e vírgula em vez de dous pontos e viceversa.*

Ainda não está satisfeito ?

Bris bem quero ser condescendente apontan-

do-lhe mais outra passagem do seu modelo à pagina 35. Abra-a, e leia a poesia—*Fatalidade.*—

* *Uma noite, assentados eu e ella
Sobre a relva macia do jardim ; **

Eis uma verdadeira fatalidade ! porque o Sr. Palhares já não se ri do seu adepto, mas dá-lhe uma gargalhada, que é para desapontar, visto como nem mais usa de ponto, nem de dous pontos, e nem de ponto e vírgula, como eu o fiz ! Elle me excede no peccado, e vai além; porque usa da vírgula simplesmente, que é o signal orthographico que marca a menor pausa possível entre as orações !

Creio que o Sr. Palhares, que é o unico modelo do Sr. critico, me tem justificado cabalmente.

E o Sr., critico não o crimine por isso ; porque no primeiro caso elle justifica os seus dous pontos com o illustre autor da *Harpa do crente*, que na sua linda poesia—A perda d'Arzilla segue a mesma pontuação, eil-a.

* *Era noite : do ceo limpo e sereno
Milhões de estrellas tremulas pendiam. **

E no segundo caso, justifica tambem a sua vírgula com o illustre escriptor Camillo Castello,

Branco, que principiou o canto VI do seu poemeto intitulado—um livro— com a mesma pontuação, eis-a :

« *Alta noite, a lua explendida
No esmaltado azul fluctua.* »

Theophilo Braga tambem usa da virgula em caso semelhante. Veja-se.—A Ondina do Lago á pagina 160 :

« *Era alta a noite, silenciosa, escura
A floresta gemia solitaria!* »

Veja-se a mesma obra á pagina 45, quando tracta da apparição de Angioletta :

« *Era uma tarde,
Via l a primeira vez, como era bella!* »

Agora passo a mostrar alguns exemplos de autoridades insuspeitas, que como eu usaram do ponto e virgula em casos identicos, sem que ninguem se lembrasse de lhes dizer que cometteram—*um imperdoavel erro de grammatica!* Estava reservada uma tal descoberta ao Sr. critico, que no seu escripto usa da seguinte pontuação :

« *E assim; todo o homem tem &c.*

e de muitos outros erros que se podem dizer im-

perdoaveis; mas que eu os não notarei, por que todos nós estamos sujeitos a erros typographicos.

Possando a justificar agora a pontuação por mim usada, começarei pelo mais bella das poesias de Thomaz Ribeiro, no seu volume intitulado —*Sons que passam*. Fallo da Judia á pagina 173. Elle principia assim :

« *Corria branda a noite; o Tejo era sereno;*
a riba, silenciosa; a viração, subtil;
a lua, em pleno azul erguia o rosto ameno;
no ceo, inteira paz; na terra, pleno abril. »

Adiante falla a Judia :

« *Corria branda a noite; immersa em funda magua*
fui assentar-me triste e só no meu jardim. »

Mais adiante ainda lê-se :

« *Cresci; meu pai uma noite*
disse-me..... »

Este exemplo é o mais frisante possível: porque a oração representada pelo verbo —cresci é tão absoluta que nenhuma relação tem com a seguinte; entretanto ahí vemos ponto e vírgula, em vez de um periodo encerrado por ponto, como quer o Sr. critico.

Vejamos agora o poema—D. Jayme, que tanto

enthusiasmo causou ao Sr. Castilho Antonio, e a todos que amam a litteratura moderna. A pagina 45 da 3^a. edição lê-se :

• *Deu meia noite ;
manso e manso e muito a medo,
julgando-me adormecido.
(mas já vês que não dormi)
te levantaste, vestido
Como te havias deitado. •*

Mas adiante á pag. 59. lê-se:

• *Chegou a noite ; a febre da vingança
a casa me levou desses traidores
que tanto me insultaram !*

Vejamos ainda--A *Ondina do Lago*, esse bello estudo poetico da historia dos Cyclos Cavalheiros pelo Sr. Theophilo Braga, um dos jovens mais talentosos da nova geração portugueza :— (Pag 143).

« *Era ao romper da madrugada ; a aurora,
Como diz sempre a turba dos poetas
Desde Homero até hoje, lá do Oriente
Com seus dedos de rosa as portas abre.* »

Veja-se mais o *Guerrilheiro* do Sr. Palmeir-

rim, cujo poeta é considerado geralmente o Be-ranger Portuguez, pois lá é repetida a mesma pontuação algumas vezes.

Para pôr termo aos exemplos que nos offerecem os poetas portuguezes, basta citarmos Garret, aquele de quem se disse, que era uma litteratura; aquele que ilustrou a liberdade da imprensa e da tribuna, que aviventou a nacionalidade portugueza aos raios poderosos do seu engenho.

Já nos ultimos tempos de sua vida elle celebrou a visita de Mrs. Northon à quinta do Limiar do Duque de Palmella; e essa inspirada poesia, que elle intitulou — *No limiar*, e que se acha no volume das — *Folhas cahidas*, principia assim :

* *Era um dia de Abril; a primavera
Mostrava apenas seu virgineo seio . . .
Entre a folhagem tenra; não vencera,
De todo, o sol o mysterioso enleio
Da nevoa rara e fina que estendera
A manhan sobre as flores; o gorgorio
Das aves oindo timido e infantil.....
Era um dia de Abril.*

Eis o Sr. Garret corroborando os meus peccados, e cahendo no desagrado do Sr. critico que, segundo sua regra estabelecida, encbergará áhi 5 periodos em vez de um só ! ...

Estes poetas estão acima de toda a contestação; mas quero terminar com um exemplo, puramente nacional, para que o Sr. critico não taxe tudo isto de estrangeirismo. Qual o primeiro dos nossos poetas modernos? E' o Sr. Gonçalves Dias, não é verdade? Pois bem, leia o Sr. critico aquella sua bella poesia—*O Soldado Espanhol* e verá na sua ultima parte o ponto e vírgula empregado, como eu o entendo, no seguinte exemplo:

* Era noite hibernal; girava dentro
Da casa do guerreiro o riso, a dansa,
E reflexos de luz, e sons, e vozes.
E deleite e prazer : e fora a chuva,
A escuridão, a tempestade e o vento,
Rugindo solto, indomito e terrível
Entre o negror do céo e o horror da terra ..

Em vista destes numerosos exemplos, Sr. critico, ainda continuará a escrever necedades ? !

Espero que se corrigirá, se disto ainda for suscetivel.

Parahyba 12 de Abril de 1869.

ARTIGO VIII.

Diz o Sr. Bustamente, que escrevendo eu no final da primeira estrophe—

Ninguem vê nas penedias
Uma luz, nem ardentias
Nas aguas se vê então !....

aproveitei o pensamento de Palhares nos seguintes versos :

*Nem uma estrella nos ares
Nem ardentias nos mares.*

E depois desta nova descoberta exclama elle todo ancho de si :

« *Reduza agora o leitor a poesia do Dr. a expressão mais simples, e veja senão é filha legitima da do Sr. Palhares, com pequenos toques de avaria.* »

E esta ? Onde está ahi o plagio ? Só a inveja e o odio seriam capazes de obscurecer assim a razão do meu hypercritico, que tanto se amofina e se consoine, sem saber que com taes recursos, longe de prejudicar-me, vai inconsideradamente prestando-me homenagem. Do Sr. Palhares só tinha lido algumas poesias impressas no *Diario de Pernambuco*. Mas desconfiando de mim mesino (attenta a insistencia do Sr. critico nestes meus plagiós) procurei obter o seu indicado volume de poesias. Li-o todo sem enfado, e dou-me os parabens, porque realmente esse joven poeta revela talento e gosto, e muitas de suas poesias agradaram-me. Mas depois que cotejei os meus plagiós com a sua paternidade reconheci, que o Sr. critico á força de abusar de sua consciencia chegou ao ponto de perder a razão, se é que não escreveu no proposito de mentir e enganar o publico, supondo que eu não desceria a responder-lhe. Fez-me justiça neste ponto; mas eu quiz descer para desmascaral-o.

Ainda bem que o Sr. critico transcreve os pontos da nossa collaboração; e para que não reste a menor duvida no animo dos leitores eu completo a transcripção, que elle por malicia occultou :

Eu escrevi :

As trevas beijam as fraguas,
E se retratam nas águas
Por toda aquella amplidão;
Ninguem vê nas penedias
Uma luz, nem ardentias
Nas águas se vê então !.... »

O Sr. Palhares escreveu:

*Tem, meu Deus, a natureza
Suas angustias tambem !
Terra, céu, tudo é tristeza,
Tudo estrebuxa de dor !
Nem uma estrella nos ares !
Nem ardentias nos mares !
Nem sobre a areia uma flor !
Tudo chora, tudo gime
Comigo, soluça e treme !....
Assim..... padeço melhor.*

Dahi por diante o Sr. Palhares varia a me-

trificação de arte maior, e trata da historia de uma orphan, que se lamenta dizendo :

*Ae I orphan deixou-me no mundo o destino
Sem paes, sem marido, sem sombra de irmão;
Lancei-me nas trevas, perdi-me, sem tino
Até dos meus labios fugio a oração.*

Em quanto o Sr. Palhares continua neste gosto a sua bella poesia, intitulada—A virgem Mendiga, eu descrevo a batalha de Humaytá !!! E assim marchamos ambos por caminhos diversos, tanto no pensamento como na forma, para pontos diametralmente oppostos, comoverá melhor quem por bondade quizer se dar ao trabalho de confrontar as nossas referidas producções poéticas, para por si mesmo avaliar de quanto é capaz um zoilo infeliz.

De sua propria revelação vê-se, que o plagio consiste em terinos failado em *ardentias*, escrevendo o Sr. Palhares uma poesia de 285 versos variados, e eu uma de trezentos de um só metro !

E são estes os meus plágios ! Avalie-se por esta amostra o que de calunia e baixeza por ahi não vai !... E tudo o mais é assim como iremos demonstrando.

Vejamos agora a análise : *clínica e plágica*

que o Sr. critico applica aos meus dous versos seguintes, aos quaes chama elle—*planforio*.

—As trevas beijam as fraguas,
E se retratam nas aguas.

Diz elle:—« Se o Dr. estudou um pouco de chimica e physica, (como estamos convictos) se leu ao menos as preliminares de Ganot deve saber que nas trevas não podem haver retratos, que são filhos do resultado da luz dando brilho as cores, na applicação optica da vista. »

Esto final é impagavel, e desafia o riso.... O que é applicação optica da vista, Sr. critico?!

Para quo falla em chimica e physica, e cita Ganot? Não seria melhor que deixasse estas duas sciencias em paz, e fosse ler as *preliminares* de sua grammatica ou do seu compendio de Rhetorica ou de sua Arte poetica, para comprehender que naquelles versos não ha retratos chimicos, e sim retrato poetico denominado—*Ornato*, que se deriva de pensamentos, e que taes pensamentos são filhos da concepção, ou dos objectos da natureza fielmente pintados e imitados?! O que são as—*Enargueias*, as *Semelhanças*, as *Parabolas*, as *Imagens*, os *Bosqueijos* e as *Emphases* se não especies de pinturas oratorias? Para que confunde, pois, as pinturas physicas

com as pinturas oratorias, a plástica com a esthetic, Sr. critico? Por ventura ignora que estas pinturas são feitas, não com o pincel nem com a palheta, e sim por meio de comparações metaphoricas, que dão um espaçoso campo à imaginação, subministrando inumeráveis confrontações?

Pois bem, é por meio do pensamento e da palavra que as trevas se retratam nas aguas imprimindo nellas sua imagem, ficando assim as aguas da cor das trevas, isto é negras por efeito da similaridade ou de uma periphrase, que representa um objecto por meio de outro. Leia o Sr. Bustamente a Primavera de Francisco Rodrigues Lobo, e verá como elle se expressa, querendo dizer que ia anoitecendo. Por ser longa a sua descrição eu cito apenas um trecho, em que verá corroborado o ornato, de que usei, e que S. S. não comprehendeu:

« Com sombras se entristece
Dos ramos a espessura,
Onde nada se vê que alegre seja.
Os passarinhos ledos
Mudos descancam já nos arvoredos,
O céo se mostra escuro,
Escurece-se o prado..... »

Eis aqui o céo reflectindo a sua escuridão so-

bre o prado da mesma maneira, que, na pintura que fiz, as trevas beijam as fraguas, e dahi se retratam nas aguas por uma metaphor; isto é o mesmo que dizer as fraguas e as aguas escurecem por effeito das trevas, que nellas imprimem a sua cor.

O classico Antonio Rodrigues de Mattos, socio das Academias de Lisboa, e traductor da *Jerusalém libertada* de Torquato Tasso, pinta a escuridão da noite pelo modo seguinte :

« Da vista dos mortaes a sombra escura
De improviso arrebata o sol e o dia,
E no ar, que é do Cocyto atroz pintura,
Só o fogo dos relampagos luzia. » .

Eis aqui, Sr. critico, um bello exemplo. O Cocyto, á que Candido Lusitano em seu *Diccionario poetico* ajunta os epithetos de negro, turvo, escuro, lutulento, tenebroso, tartario, lugubre e pavoroso, é retratado no ar, sem que seja preciso a luz physica, e pelo contrario antes desse retrato a luz fôra pelas trevas arrebatada, diz o classico. Já vê pois, que foi preciso que as trevas triumphassem para que se pudesse retratar o negro Cocyto. Poderemos aqui dizer como Ca. mões :

« No manto envolve o lucido hemisferio.
E das luzes triumpha a espessa sombra. »

Vejamos agora Gabriel Pereira de Castro, o insigne lente canonista da Universidade de Coimbra, no seu bello poema heroico—*Ulyssea*, por ser esse distinto poeta, não só em palavras, mas em expressões, em idéas, e em conceitos, o mais assignalado imitador do grande poeta que mais elevou a nação portugueza, symbolizada em Vasco da Gama, circumnavegando a África, e abrindo caminho atravez dos mares do Oriente! Sim nesse immortal poema em que Gabriel Pereira de Castro celebrou a fundação de Lisboa, alem de outras bellas pinturas, lê-se o seguinte exemplo :

« Boreas as negras asas sacudia
Sobre o mar todo em serras levantado,
Euro bramindo o centro revolvia,
Via-se o ar de sombras coroado. »

Aqui bastam as negras asas do vento para imprimir metaphoricamente o movimento nas aguas, e a escuridão no espaço!

Que bellos retratos, que rapidas pinturas não são estas, Sr. critico? Por ventura estes poetas precisaram da luz phisica e dos ingredientes

Chimicos para fezel-as? Não por certo: estas bellas pinturas são feitas com o metrico pincel, e per meio do pensamento e da palavra.

Se o Sr. Bustamente cultivasse o seu espirito na leitura dos nossos poetas classicos, e entre elles—Gil Vicente, Luiz Pereira Brandão, Luiz de Camões, Antonio Ferreira, André Rodrigues de Mattos, Sá de Miranda, Leonel da Costa e outros, não havia de estranhar as pinturas figuradas e tropologicas com relação a noite. Este ultimo se exprime assim :

« Das negras trevas lugubre retrato
Nos liquidos cristaes se desenhava,

Este poeta justifica-me completamente, porque usa até da mesma expressão—retrato.

E sabe qual era esse lugubre retrato das negras trevas? Era a noite, que os poetas antigos personalisavam na figura de uma mulher de semblante fuscó, coroada de dormideiras, asas negras nos hombros, vestido escuro e correndo pelo ar em um carro envolto em densas nuvens, e tirado por quatro cavallos de cor negra!

Quer exemplos de escriptores mais modernos?

Leia a Ode de Felinto Elisio em que descreve a noite. Leia *Os operarios do mar* de Victor Hugo, e verá como elle pinta aquelles retratos

negros das Douvres na solidão dos mares, e no meio das trevas de uma noite tempestuosa!

Leia, que verá o grande poeta do seculo dizer que no espaço negro desenhava-se negra aquella figura humana (de Clubin) em pé na plataforma do rochedo !

Já vê portanto o Sr. critico, que eu pintei a noite por meio do pensamento e da palavra, como costumam fazer os nossos mestres, servindo-se dos tropos, das figuras e do Ornato oratorio, em vez da palheta, do pincel, das tintas, dos ingredientes chímicos e das combinações da luz, cujos phenomenos constituem a sciencia, à que se dá o nome de *Optica*, e que se subdivide em *Captotrica* e *diptrica*.

Para tæs retratos os poetas não precisam estudar os phenomenos physicos da reflexão e da refracção da luz, e muito menos a sua erradiação, o seu movimento e a sua intensidade; pelo contrario elles só descrevem, ou retratam as trevas, quando ha mais ou menos ausencia de luz; e por tanto não precisam estudar os seus phenomenos. Dispense por tanto o estudo do seu Ganot na poesia, para que não continue a dizer essas barbaridades que fazem rir a gente....

A luz de que precisam os poetas para as suas pinturas e retratos é o bello ideal, é o pensamento, é a imagem, porque a sua palheta é a ima-

ginação, o seu pincel é a palavra, e a sua tela é a natureza.

Espero, Sr. critico, que, em vista das ponderações que acabo de lhe fazer, pedirá perdão ao publico protestando firmemente nunca mais confundir as pinturas oratorias, e ornatos poeticos, com a arte da pintura, e com os systemas mechanicos de Daguerreotypy ou ambrotypy.

Eis a razão porque eu não pude conter o riso ao ler a sua critica sobre retratos physicos e chimicos na poesia !

Com estes e outros disparates o Sr. critico vai dando logar aos maliciosos abusarem de sua ingenuidade; mas eu protesto não o fazer, servindo-me para isto do juramento de Faustino Xavier de Novaes :

*Qando um jovem sem fundo e sem tino
Se metter em profunda questão,
Tente alguém que se julgue mais fino,
Ir contar-lhe as sandices. Eu não.....*

Sim, não quero abusar de sua ingenuidade, mas como S. S. appellou para as sciencias physicas, quero sempre dizer para tranquilisal-o, que trevas absolutas, nas quaes haja ausencia total da luz, como suppõe, só podia haver no cahos, isto é antes do fiat. Se o Sr. critico estivesse a-

par de qualquer uma das suposições admittidas por Descartes ou Neuton e seus sectarios Young, e M Fresnel, sobre a origem e natureza da luz, assim como sobre o modo de acção da causa que produz a visibilidade dos corpos, quer pelo sistema de *emissão*, quer pelo de *ondulações*, comprehenderia melhor as circunstancias minuciosas dos phenomenos da luz considerada no espaço livre. Mas como certamente não fez estudos especiaes, eu lhe direi que Pelletan, nosso mestre de Physica, e que é tambem da Faculdade medica de Pariz, nos ensina, que por mais negra que seja a sombra é sempre mais ou menos collorada, porque diz elle que não ha sombra absoluta por causa dos corpos mais ou menos luminosos, que nos cercam.

Assim pois, S. S. pelo lado da sciencia tambem não aproveitou nada, visto como se acha ainda tão atrasado. Se hade viver martyrisado n'esse circulo vicioso em que constantemente gira, como que por uma fatalidade, acceite o meu conselho Sr. critico:—Volte para sua gramatica, estude a sua Rhetorica e Arte poetica; mas antes de tudo deixe as sciencias physicas em paz.

Passando á analyse da segunda estrophe da *Batalha de Humaytá*, não é menos interessante o Sr. critico em suas apreciações, ouçamol-o :

Na segunda decima, ou estrophé, encontra-se ainda uma confusão horrivel. (note-se que é a primeira vez que elle falla de confusão) O Dr. quiz pintar o profundo silencio que havia ao redor de Humaytá; e com todo o gongorismo principia :

— Ouvi-se apenas no rio
O vento rumorejar.
Qual o brando marmurio
De um gigante a resonar !

Não sei onde está aqui o gongorismo e a confusão, nem o Sr. critico se dignou especialisar tais defeitos; por tanto nada tenho a responder-lhe. A minha rudeza é talvez causa de não comprehender-o, mas louvo-me no bom senso dos que nos leem.

Na terceira decima diz o Sr. critico que ha uma botica completa cheia de drogas; e para que os leitores avaliem tais accusações vagas eu transcrevo a estrophe:

~

E vela o vice-almirante
Da brasileira nação,
Dando á cada commandante
Suas ordens de instrueçao :
Postam-se alli canhoeiras;
Aqui — chatas, bombardeiras,

Curvetas, balsas—alem;
Acolá mais um navio;
Em varios pontos do rio
Encouraçados também !

Eis aqui a botica com suas drogarias !!! Accusações vagas como estas podem ser commodas, mas não podem ser serias; e nem podem instruir a ninguem.

Entretanto cumpre-nos responder a pergunta que o Sr. critico nos fez nos seguintes termos:—*e diga-nos o Doutor qual é o complemento destas orações continuadas pelo reciproco postumso.* (O ponto interrogativo ficou no tinteiro)

Santo Deus! que heresia grammatical por ahi não vai !

O que em grammatica se chama reciproco, Sr. Critico, é a variação pronominal—*se* que conserva a sua qualidade primitiva e originaria do latim; mas não o verbo activo—*postar*. Ha todavia verbos a que cabe a denominação de *reflexivos* ou *pronominaes*, por se conjugarem com dous pronomes pessoaes, um como sujeito e outro como regime, como *affligir-se*, *lemburar-se*, *gloriar-se*, que grammaticalmente significam *affligir a si*, *lemburar a si*, e *gloriar a si*, v. g.; *eu afflio-me*, *tu lembras-te*, e *elle gloria-se*.

O—*se*—é reciproco junto ao verbo activo, Sr.

Critico, quando os agentes da oração repartem entre si a acção do mesmo verbo, isto é participando mutuamente cada um da acção do outro, v. g.:—*Dous guerreiros se batem;*—*Pedro e João feriram-se;* *Os cavallheiros comprimentaram-se depois do combate.* (isto é um ao outro)

Mas o verbo activo *postar*, acompanhado da variação pronominal—*se*—, como fica acima empregado, não pode ser qualificado de reciproco; porque exprime pelo contrario a voz passiva dessas orações continuadas até o fim da estrophe, cujas orações o Sr. critico não soube regeir! Revelada assim por boca propria essa impericia grammatical, não devo admirar a emphase (só propria da ignorancia) com que me pergunta pelo complemento das orações continuadas pelo reciproco *postam-se*!

Neste caso eu poderei responder com os gramaticos ao Sr. critico, que o complemento do verbo é a mesma variação—*se*, que posposta ou anteposta ao verbo activo exprime a voz passiva do mesmo verbo, como quando dizemos—*O Brasil descobrio-se em 1500;* *O navio virou-se;*—*Postam-se alli canhoeiras.* Isto é o mesmo que dizer:—*O Brasil foi descoberto em 1500;*—*O navio foi virado;* *Canhoeiras são postadas alli.*

Já vê pois, Sr. critico, que não é só por meio

dos verbos auxiliares —*ser* ou *estar*, e dos *participios passados* dos verbos activos, que reduzimos à passiva uma oração de voz activa; também se faz oração de voz passiva usando do verbo activo com o pronome —*se*, servindo de sujeito o paciente da acção, como na linguagem *æcima* referida que S. S. por ignorância criticou.

Não havendo no portuguez verbos passivos de uma só palavra, como no latim — *amor*, (sou amado) *laudor* (seu louvado) os antigos trovadores foram os primeiros quo inventaram esta forma de *apassivar* os verbos activos, prescindindo dos verbos compostos por auxiliares, assim de variarem com rapidez a expressão, e facilitarem o quebro do verso e sua harmonia.

A' vista do que fica exposto vêem os leitores que eu empreguei nesta accepção convenientemente o verbo *postar* que significa — *Collocar gente ou cousa de guerra em posto conveniente para vigiar ou combater o inimigo.* (Consten-
cio).

Em conclusão, pois, nos versos censurados pelo Sr. critico não ha solecismo de natureza alguma, e pelo contrario a linguagem é empregada em todo o rigor grammatical.

Agora restabeleçamos a ordem das orações que o Sr. critico censurou por não ter elas n-

ger. Omitindo a figura *zeugma* de que usei naquelles versos a linguagem é a seguinte:

Cauhoeiras são postadas alli; Chatas e bombardeiras são postadas aqui; corvetas e balsas são postadas alem; Um novio mais é postado acolá; encouraçados são postados tambem em varios pontos do rio.

Autorisado pela figura *zeugma*, que é uma especie de ellipse, supprimi nestas orações continuadas até o fim da estrophe—o verbo postar—já expresso na oração vizinha, para dar mais viveza a linguagem, mas belleza ao estylo e mais harmonia ao verso, como aconselham os mestres da lingua, apontando como modelos os melhores poetas. Eis o que a respeito diz Soares Barboza. « As ellipses são uteis no estylo simples para lhes dar mais luz e clareza; porque quanto menos palavras se empregam em uma phrase, mais se chegam as idéas ás outras, e melhor se percebem assim suas relações. Ellas por outra parte são necessarias ao estylo pathetico e veheemente para dar mais fogo e vivacidade ao discurso, e assim imitar melhor a marcha precipitada das paixões. »

Eis ahi, a quo fica reduzida a audaz accusaçao do Sr. critico. O que elle chama erro grammatical redundante n'uma locução correta, e concisa

e clara seguida pelos bons escriptores antigos e modernos.

Termino este artigo perguntando aos leitores, que qualificação merece o ignorante que arvora-se em critico para denominar erro ao que não é?

Em quanto procuram o verdadeiro termo qualificativo, eu lembrarei, que o Conselheiro Castilho já disse em caso identico que a palavra —dislate— tem para isto privilegio exclusivo. Entretanto isto não obsta a que seja descoberto um termo que mais quadre ao Sr. Bustamente.

Parahyba 15 de Abril de 1869.

ARTIGO IX.

O Sr. Bustamente é um desses criticos singulares, que abordam todas as questões, penetram o sanctuario de todas as sciencias e artes, e falham sobre tudo que ignoram com uma filaucia e sangue frio que admira ! Elle não tem sciencia, mas dá conselhos aos sabios e aos artistas ! Elle se julga capaz de planejar uma batalha, de guiar um general pela mão, de dar quináos em Vau-ban sobre fortificações, em Lebrun sobre pintura, em Racine sobre poesia !

Para mostrar sua pujança litteraria e argucia

do seu espirito, no meio da sociedade a mais respeitavel, & capaz de interromper a conversação, a mais seria, com uma linguagem frivola e com impertinente minucia, revelando talvez que Nenibrot era canhoto, que Sésostris era ambidestro... Ninguem o desbanca, porque elle imagina saber o que não sabe, e por tanto, desconhecendo que ignorã vai como chibante condenando tudo aquillo que não entende, ou —

*—Como Tartufo invejoso
D'alheia reputação,
Desdenhoso e semi-serio
Põe elle em tudo senão,
E zomba d'escripto alheio,
Porque seu não tem nem meio !
Grão senhor, falla papudo,
Nada entende, masca em tudo,
D'artes, letras, e sciencias,
Autores, obras, maldiz.
E a pezar da sapiencia,
Excepto em maledicencia,
Nunca passa de aprendiz ! ...*

Nestes versos, que são um arremêdo dos esboços typographicos do Sr. Cascaes, existe uma pura verdade.

E' o que continuaremos a demonstrar no arti-

go de hoje. Peço aos leitores que se armem de paciencia para aturarem ao Sr. Bustamente e a mim, pois não tenho remedio se não esmerilhar a sua critica sem criterio.

Fechemos os olhos aos docestos, e ás phrases burlescas e descomedidas, que elle me atira para amordaçar-me. Imaginemos suas accusações como feitas em palavras de uma critica verdadeira, no fallar da gente da boa sociedade, e respondamos com placidez para demonstrarmos á evidencia, que o censor não entende nada do que censurou com relação a—*versos e metrificação*. E, para que a energia da censura nada perca sendo revelada por minha voz, eu irei cuidadosamente transcrevendo os seus enunciados e erros.

Principiemos: A segunda estrophe da poesia-Batalha de Humaytá começa pela quadra seguinte:

— Ouve-se apenas no rio
O vento rumorejar,
Qual o brando murmúrio
De um gigante a resonar.

E o Sr. critico fazendo-lhe a autopsia (segundo sua propria expressão) diz:— « *O vento rumorejar é coxo por faltar-lhe um pé...* » E mais adiante um pouco diz :— « pegamos ao Dr., que

nos meça por obsequio o verso—De um gigante a resonar, e diga-nos conscientemente quantas leguas de extensão tem, e se principiando na Parahyba não vae acabar na Groelandia? (Como o Sr. critico esqueceu-se do ponto de interrogação no fim desta algaravia, eu por minha conta e risco encaixe aquelle que S. S. achou de mais na minha poesia.)

Santo Deus! o que por ahi não vai de ignorância e sangue frio!

Em primeiro logar o Sr. critico, ignorando a construcção ou structura do verso, confunde os pés do metro latino com as syllabas do verso portuguez, como mui bem notou o comunicante deste jornal, que primeiro refutou a sua critica.

Em segundo logar não comprehende a contagem das syllabas, a pronunciaçāo das vogaes, a accentuaçāo predominante e as pausas, que constituem o mecanismo da linguagem chamada verso.

Em terceiro logar, finalmente, denomina--erro ao que não é, punindo com as circunstancias aggravantes de coxo e de longo de mais—dous versos que estão perfeitamente regulares e certos, assim como todos aquelles que elle suppõe errados em sua celebre critica, como iremos demonstrando oportunamente. Mas, antes de o fazer-

mos, conversemos um pouco sobre versos, assim de que fique bem patente a ignorância do Sr. critico sobre esta materia.

Os Gregos e Romanos fundaram a versificação sobre a quantidade das syllabas, isto é, sobre a sua distinção em longas e breves; assim pois das syllabas com determinado numero, ordem e quantidade, fizeram—os pés; dos pés fizeram os versos; e dos versos—toda a qualidade de poemas.

Por este sistema o verso grego ou latino contém uma serie de pés, de certo numero, de certo genero, e dispostos por ordem com uma certa cadencia e harmonia; ao passo que o verso portuguez é um ajuntamento de palavras, e até, em alguns casos, uma só palavra, comprehendendo determinado numero de syllabas, com uma ou mais pausas obrigadas, do que resulta uma cadencia aprazivel. (Castilho Antonio)

Os pés do verso latino são simples e compostos. Os primeiros constam de duas ou tres syllabas, por exemplo:—o espondéo como *servis*;—o dáctylo como *inclitus*. Os segundos constam de douz pés simples, por exemplo:—o dispondeo e o choriambo que tem quatro syllabas cada um, como *Haece-nati*, e *Histo-rias*.

Do que fica definido resulta que os versos latinos são denominados pelo numero de pés, e os

versos portuguezes pelo numero de syllabas. E' por tanto clara e manifesta a confusão, em que labora o Sr. critico a respeito da estructura do verso, desde o principio até o fim do seu celebre escripto, chamando—pés as syllabas do metro portuguez, illudido pelo uso vulgar—de chamar-se um máo verso—*verso de pé quebrado* !!!

E' lamentavel que ainda haja hoje quem se queira impôr ao publico como pavão, sendo gralha, ha muito conhecida !

Diz o conselheiro Bastos que—

•A natureza não se obriga a avanços de que não faça pagar bem charo os interesses.» E' uma pura verdade; e aquelles que contrariam a natureza para illudir o publico, fazem sempre um esforço de balde, como os remadores que teimam em remar contra a corrente impetuosa de uma cheia. E' o caso do Sr. critico, que mette-se a fallar em publico daquillo que não entende, para succeder-lhe—estas cousas, que vamos agora apreciar.

Os versos redondilhos, de que usei em todas as estrophes da poesia---*Batalha de Humaytá*, constam de 8 syllabas, segundo a arte metrica antiga, e de sette segundo a moderna, sustentada pelo erudito traductor dos *Fastos de Ovidio*, um dos classicos vivos da nossa lingua; mas o Sr. Bustamente, que nenhum conhecimento tem

dessas inovações, segue a escolha do nosso cego rimador Vieira, e chama taes versos de 8 pés !

Daqui se conclue que se taes pés forem simples, de duas syllabas, como o *jambo*, o *espondêo*, o *pyrrichio*, o *chorêo ou trochêo*, teremos no verso redondilho portuguez, (chamado tambem --menor vulgar, segundo Alexandre Passos) 16 syllabas breves e longas misturadas !!

Se taes pés forem simples de tres syllabas, como o *dactylo*, o *anapésto*, o *molósso*, o *tribracho* e o *amphibracho*, teremos no dito verso 2½ syllabas !!!

Se, finalmente, os pés de que falla o Sr. critico forem compostos como o *choriámbo*, o *dichorêo*, o *dijambo*, e o *jônico maior ou menor*, teremos pelo menos 32 syllabas !!!

E não pára ahi o absurdo ! porque se applicarmos o mesmo sistema de pés ao verso portuguez, denominado alexandrino, teremos 12 pés multiplicados por 4 syllabas, e por tanto 48 syllabas para cada verso de tal metro !!!

Mire-se neste espelho, Sr. Bustamente, e veja que monstruosidade, que figura enorme e triste S. S. representa com os seus pés no verso portuguez !!!

Para que o Sr. critico não torne publicamente a enunciar taes blasphemias, (este vocabulo é empregado no sentido de proposição absurda e

desarrasoada; « Constancio ») aconselho-o á que volte á sua arte metrica latina, onde verá que os versos dessa lingua constam de seis pés chamados—*Senários* ou *Hexametros*, de cinco chamados—*Pentametros*; de quatro chamados—*Tetrametros*; de tres chamados—*Trimetros*; de dois chamados—*Dimetros*. E chamados *Acatalekticos* pés a que não cresce, e nem falta syllaba alguma, *Hypercatalécticos* ou *Hypérmetros* a que sobra uma syllaba, *Catalécticos*, que tem de menos uma syllaba, *Brachycatalécticos* que tem um pé de menos.

Advirta-se (diz Gomes de Moura, professor jubilado na cadeira de Historia Universal do Real collegio das Artes, hoje Lycéo de Coimbra) que os antigos medindo os versos latinos faziam algumas vezes de dous pés um só pé ou medida; e por isso chamavam *Dimetros* aos versos de quatro pés, *Trimetros* aos de seis pés, e *Tetrámetros* aos de oito pés.

Feito este estudo, Sr. critico, volte aos *Tratados de metrificação portuguesa*, estude nelles tambem as especies de metros que ha na nossa lingua; confronte-os com os da lingua latina; reflicta, e verá que temos versos de duas syllabas, de tres, de quatro, de cinco, de seis, de sete, de oito de nove, de dez, de onze, de doze; mais nunca encontrará nelles os pés de que S. S. nos falla-

Alem destes metros geralmente usados na lingua portugueza, e exemplificados por Castilho, temos visto ainda metros de treze syllabas, e ate de uma só, como na lingua franceza. Thomaz Ribeiro, por exemplo, abre o canto VIII do seu bello poenia *D. Jayme* com uma estancia de tres syllabas, a qual principia assim :

*Dentro no antro escuro, na habitação do vicio,
anoite,inda mais negra qu'as nuvens da tormenta,
cobre as morticas vascas da luz amarellenta,
que ondeia crepitando, suspensa ao velador !*

Este metro de treze syllabas é o mesmo verso alexandrino, com uma diferença porem, que nelle não se elide a ultima vogal de um hemistikio com a primeira do hemistikio seguinte, como sucede no alexandrino de doze syllabas, que é uma imitação completa do verso heroico franez.

O mesmo Thomaz Ribeiro, no canto supra referido, usa de todos os metros por uma forma bellissima, descendo como n'uma escala musical até chegar ao metro de uma unica syllaba, eis-o :

Martyres
taes,
são.
Miseros
mais,
não.

Os leitores vêem que neste exemplo os versos-primeiro e quarto são esdruxulos, e por tanto-são chamados pelos modernos de uma syllaba, visto como não contam as duas syllabas breves, que vão além do accento prosodico, ou pausa metrica, como tudo mais adiante explicaremos.

Ficando, pois, reconhecido o monstro Horaciano, que resultaria da confusão dos pés latinos com as syllabas portuguezas, vejamos se o erro do Sr. critico consiste na confusão dos pés com o metro portuguez.

Queremos sugerir-lhe todos os meios sophisticos, assim de ver se ao menos assim S. S. atenua o escandalo que deu em fallar daquillo que não entende.

As onze especies de metro de que usamos em portuguez podem dividir-se em duas classes na opinião do illustre autor dos *Ciumes do Bardo*, a saber—metros elementares ou simples, e metros compostos; á primeira destas classes pertencem os versos de duas syllabas, os de tres, e os de quatro; os metros dabi por diante, diz elle, são já compostos, isto é: cada um delles é reduzivel a douz ou mais metros simples, como notará quem tiver este conhecimento analytico; e o exercicio de compor ou ler os versos, como ensina Castilho em seu *Tratado de metrificação portugueza*.

Cada verso de cinco syllabas consta de dous versos ou metros, sendo o primeiro de duas syllabas e o terceiro de tres. Cada verso de seis syllabas pode ser desmembrado de quatro modos, a saber; em tres metros de duas syllabas ou em dous de tres syllabas, ou em um de duas e outro de quatro, ou em um de quatro e outro de duas. O verso de sette syllabas, chamado redondilho perfeito, admite muito variadas composições de dous e tres metros. Os Italianos pausam sempre na terceira syllaba de taes versos; entretanto n'um poema de versos setti-syllabos, diz Casilho, não só é commodo para o autor, mas agradavel ao leitor, que os haja de todas as conlecturas. O verso de oito syllabas é pouco usado entre nós. José Anastacio da Cunha que o estreou em Portugal não tem tido imitadores, a excepção de Castilho, e Thomaz Ribeiro que poucas vezes delles tem usado, pelo que sua harmonia não está devidamente fixada. Entretanto compõe-se elle de dous metros de quatro syllabas; ou de quatro de duas; ou de um de duas, e outro de seis; ou de dous de tres, e um de duas; ou finalmente de um de duas, e dois de tres. O verso de nove syllabas, que é bello e harmonioso, apenas se compõe de dous metros de tres syllabas cada um, e qualquer composição diversa deturpará esta sua justa medida. O ver-

so de dez syllabas, denominado tambem Italiano, branco, e por anthonomasia heroico, é o hendecassyllabo antigo; e as suas pausas constantes são das syllabas decima e sexta; ou saltando esta a quarta e a oitava. Este verso heroico compõe-se de dois, ou de tres, ou de quatro, ou de cinco metros. E quando bem feito é um verso tão sonoro e musical que dispensa a rima, como se vê nos poemas de versos soltos. O verso de onze syllabas, denominado tambem de arte maior, consta de dous metros, um de cinco syllabas, outro de seis; ou de quatro metros, sendo um de duas syllabas e tres de tres. O verso de doze syllabas, denominado alexandrino, é uma imitação do verso epico franeez. Entre os franeezes é este verso denominado heroico, da mesma maneira que o decassyllabo o é entre os Italianos, Castelhanos e Portuguezes; e os de seis pés ou hexametro entre os Latinos e os Gregos. Este verso de doze syllabas compõe-se de dous metros de seis syllabas cada um, ficando bem sensivel o hemistikio, como exactamente no verso franeez, por exemplo—este de Boileau :

** Avant donc que d'écrire—apprenez à penser,*
é igual, no metro, e nas syllabas, e ate nos hemistikios, ao verso alexandrino seguinte de Castillo:

• *Quem mede em tio sabio--esquece o Imperador.*

Alguns poetas fazem versos alexandrinos de treze syllabas, porque entendem que podem deixar de elidir a ultima syllaba do primeiro metro, quando breve, na que se lhe segue. Diz Castilho que isto é um erro, entretanto escriptores de boa nota o fazem, como o afamado poeta brasileiro Alvarenga, que incontestavelmente foi feliz neste genero de composição.

Eis aqui resumido o sistema de metros simples e compostos em geral, os quaes nada tem com a integridade das palavras, mas tão somente com as pausas e o som musical. Por falta de espaço neste artigo não podemos especialisar cada verso com os seus metros e pausas competentes, entretanto quem se quizer dar a esse trabalho, para melhor comprehender o que fica exposto, encontrará no Tratado do Sr. Castilho especializados todos os exemplos.

O nosso fim está conseguido, pois foi mostrar, que, com quanto os metros constem de syllabas como os pés do verso latino, nenhum ponto de contacto tem entre si, porque quando fallamos do metro portuguez não curamos da integridade das palavras, mas tão somente do som musical, isto é de numero e pausas, ao passo que assim não sucede, quando tratamos de pés, os quaes formam parte integrante de qualquer verso latino.

Alem disto a melodia do nosso verso não depende da mistura das syllabas longas e breves que constitue o pé e harmonia do verso latino; mas sim da ordem e da successão das syllabas accentuadas, pelas quaes se conhece o metro, ou medida parcial de cada verso.

Vêem os leitores por tanto, que o Sr. Bustamente nem ao menos pode sophismar ou ter evasiva por este lado.

Alem disto os versos setti-syllabos, de que é composta a poesia—*Batalha de Humaytá*, variam de douz a tres metros, pois é o maior numero de pausas que elles podem conter, ao passo que o Sr. Bustamente dá-lhes 7. 8 e 9 pés, ique,—como fica demonstrado, não são metros, não são syllabas, e ninguém sabe o que são na metrificação portugueza!!!

Agora, Sr. Bustamente, que está patente a sua ignorancia sobre metrificação, assim como sobre tudo quanto falla em sua critica, seria conveniente reflectir sobre o pensamento daquelle verso alexandriano de Boileau acima citado, que diz :—*Concem pensar antes de escrever.*

E se atrepido quizer tomar este sabio conselho do grande mestre de Racine, leia primeiro que tudo o que diz Freire de Carvalho em suas *Lecções elementares de Poética Nacional* sobre os seus infallíveis pés.

• Convém observar, que a introdução dos pés não tem logar na versificação portugueza; porque o genio desta lingua não corresponde exactamente ao da Latina, e ainda menos ao da Grega: alem de que a diferença entre as syllabas longas e breves no acto da pronuncia é nella pouco sensivel, e a liberdade de as mudar a arbitrio tão ampla, que a quantidade só por si não produz quase effeito algum na versificação portugueza. •

Quer ver agora a prova desta verdade? leia ainda o que diz Castilho para depois pensar, e, depois de pensar, poder escrever sobre a questão.

Eis o que diz Castilho :—• A tentativa não já moderna, mas em que tanto insistiu modernamente o nosso, aliás bom engenho, Vicente Pedro Nolasco, de fazer versos portuguezes hexametros e pentametros, é uma quimera sem o minimo vislumbre de possibilidade. Carecendo de quantidades, condição indispensavel para os onze pes do distico, o portuguez nada mais pode que arremedal-o como um João de las Viñas, mechido por arames, imitaria os passos, gestos, e acções, de um actor vivo e excellente; mas insistir em tão evidente materia, e que de mais a mais ninguem hoje contraria, fôra malbaratar o tempo que as sãs doutrinas estão pedindo. •

Pegue no seu látego, Sr. critico, e zurza Cas-

tilho, e Freire de Carvalho, e todos os poetas, e todos os rhetoricos, grammaticos e mestres da lingua portugueza, que ousam dizer que no verso portuguez não ha pés ! E' desaforo do Sr. Castilho chama-lo—um *João de las Vinhas*, que entre nós quer dizer o mesmo que *bisnagas* ! Apadrinhe-se com o cego Vieira, o seu querido trovador, e fôgo n'elles.

Em quanto o Sr. critico se acha ensurecido, eu suspenso a pena para continuar no artigo seguinte a ensinar-lhe a medir versos, dando-lhe por norma todos quantos S. S. achou--*com pés de mais e pés de menos*. Já então deverá estar menos irritado contra os nossos mestres, e, se não fôr caprichoso contra o seu proprio interesse, deverá aprender o que ignora.

Parahyba 20 de Abril de 1869.

— — —

ARTIGO X.

Em vista do que ficou exposto no artigo antecedente, estou convencido que os leitores dispensariam por fastidiosa a medição dos versos censurados pelo Sr. critico, visto como elle revelou ignorancia dos principios mais comesinhos de versificação. Mas como ha muita gente assim, hão de permittir que eu dê as razões dos meus ditos; e espero que me desculparão se vou mais longe, pela necessidade que tenho de exemplificar e documentar todas as minhas proposições e theses.

Scribtur non solum ad narrandum, sed ad probandum.

Vejamos, pois, se—*O vento rumorejar* é um verso côxo, e se o verso—*De um gigante a resonar* principia na Parahyba e vai acabar na Groelandia, como disse o espirituoso critico.

Meçamos toda a quadra para sua intelligencia.

Ou-ve-sea-pe-nas-no-ri-o
O-ven-to-ru-mo-re-jar.
Qual-o-bran-do-mur-mu-ri-o
Deum-gi-gan-tea-re-so-nar.

Os antigos chamavam estes versos *octo-syllabos*, de oito syllabas, mas modernamente chiamamos *heptasyllabos* isto é de setle syllabas, porque só contamos por syllabas de um metro as que nelle se proferem até a ultima tonica ou aguda, onde fazemos a pausa, sem darmos importancia á uma ou duas syllabas breves que só possam seguir, como succede nos versos graves e esdruxulos.

Esta nova practica sustentada logicamente por Castilho em seu Tratado de *Metriscação portugueza* é fundada nas regras dos grandes mestres das nações mais cultas.

Na lingua franceza, por exemplo, esta é a regra admittida. O verso de qualquer metro é nume-

ro de syllabas, cuja ultima palavra acaba em —e mudo não conta a ultima syllaba, seja como em *soupire*, seja seguido de —s como no plural — *hommes*, ou seja seguido das letras —nt como no plural dos verbos, — *ils aimant*. Os versos assim acabados por uma syllaba muda chamam-se femininos, e chamam-se masculinos os que acabam por syllaba aguda, ou tem a pausa final, como na palavra *maison*. (Veja-se os tratados de versificação franceza por — *Constancio* ou *G. Harmoniére* — ou por outro autor qualquer).

Assim pois vê-se, que não é novo este modo de contar as syllabas e denominar os metros, se não na nossa lingua.

Eis um exemplo do verso setti-syllabo francez por *G. Harmoniére*.

J'a vais juré d'etre sa-ge
Mais avant peu j'en fus las.

J'a-vais-ju-ré-d'è-tre-sa-go
Mais-a-vant-peu-j'en-fus-las.

Eis um exemplo do verso setti-syllabo português por Castilho :

Que eu fosse en-sim desgraçado
Escreveu do fado a mão.

Queu-fos-sem-sim-des-gra-ça-do
Es-cre-veu-do-sa-doa-mão.

Vê-se, pois, quer no francez, quer no portuguez que as syllabas só se contam até à tonica ou pausa, perdendo-se no son da pronuncia a syllaba breve que se lhe segue, como aquella syllaba — *ge* final do principio verso francez, e aquella — *do* do primeiro verso portuguez.

Os antigos e mesmo os metrificadores modernos, que não seguem esta regra fundam-se em que os versos graves são mais frequentes, que os agudos e esdruxulos; e por tanto nelles se firmam, como sendo o medio entre os agudos e esdruxulos, para a contagem das syllabas.

E Freire de Carvalho, aliás um bom engenho, em suas *Licções de poetica* ainda segue esta opinião antiga, mas é natural que a reforme nas edições fucturas de sua excellente obra adaptada ao ensino da mocidade.

Os modernos, alem das razões já apresentadas, refutam os antigos fundando-se em que é absurdo chamar octo-syllabo, por exemplo, ao verso que só tem sette syllabas, como se vê nos segundos versos do exemplo francez e portuguez acima referidos.

Castilho corrobora esta opinião dizendo que é absurdo chamar v. g. verso de onze syllabas ao

que só tem dez, porque em onze há sempre dez, mas em dez não há onze e nem doze. «Aquellos, continua elle, a quem esta innovação parecer minuciosa, responderemos que não é minucia ser exacto no fallar, e que o sel-o é obrigação, e muito mais quando nenhuin lucro se tira do contrario; isto posto, fique entendido que todas as vezes que fallarmos de versos de oito syllabas nos referirmos aos que os outros designam por de nove; os alcunhados de oito são para nós de sette, os de setto seis, e assim por diante. »

Achamos justas as razões do Sr. Castilho, e muito de propósito fizemos estas observações para mostrarmos que os versos redondilhos da *Batalha de Humaytá* são heptasyllabos isto é de sette syllabas, e não de oito como supõe o Sr. Bustamente, que constantemente denominados de *oito pés*, querendo dizer por certo de oito syllabas, sem que a lingua rebelde o possa ajudar !

Agora para que o Sr. critico não possa fugir dos bolos, que merece quem erra por não estudar, eu vou apresentar-lhe as regras em que me fundo sempre na metrificação dos meus pobres versos; regras que servem de base a todos os poetas na contagem das syllabas, e que só as ignora quem inteiramente é hospede na matéria como S. S.

* *Regra 1^a.*—Uma vogal antes de outra vogal absorve-se nella, ficando as duas syllabas a formar uma só syllaba (os dithongos são fundados neste principio, que é fundado elle mesmo na propria natureza das vogaes); esta regra não só se applica nos casos em que uma vogal está em fim da palavra e a outra no comêço da seguinte como *felicidade inaudita*, que se lê *felicidadinaudita*; como até nos casos em que duas vogaes concorrem dentro na mesma palavra, como:—pi-e-da-de que pronunciamos pie-da-de reduzindo assim quatro syllabas á tres. • (Castilho)

Gonçalves Dias nos dá disto um exemplo no seguinte verso :

Aterra tão erma, tão quieta e saudosa

Eis ahi está a palavra *qui-e-ta* que tendo tres syllabas fica reduzida á duas na metrificação, visto como lendo o verso pronunciamos *quié-ta*. Fica assim applicada a segunda hypothese da regra metrica acima transcripta.

A primeira hypothese, porém, é justamente a que se dá na terceira syllaba do verso:—*Ouve-se apenas no rio*, elidindo o—e da particula pronominal *se no—a* do adverbio *que se* lhe segue para formar uma só syllaba em vez de duas.

Nenhuim poeta pode prescindir desta regra,

porque a contagem das syllabas não é feita na poesia como ensinam os grammaticos na prosa.

O metrificador não se embarça com a integridade das syllabas, mas sim com o que aos ouvidos ellas soam.

Os grammaticos n'um trecho de verso acharão por certo um numero mais avultado de syllabas que os poetas. A diferença segundo um calculo feito por Castilho anda em nossa lingua por um sexto de excesso.

Eis o que diz a respeito o mestre :— « O grammatico conta por syllabas todos os sons distintos em que as palavras se podem rigorosamente dividir, sendo cada um destes sons distintos, ou uma vogal só por si, ou duas vogaes, quase simultaneamente proferidas, a que se chama ditongo, (*aã, ae, ai, ao, au, ei, eo, eu, io, iu, oe, oi, ue, ui,*) ou uma vogal com uns ou mais consoantes, que com ellas ferem, quer lhe fiquem antes, quer depois, quer a levaem entre si, como :—*pa, ar, cre, trans*; ou finalmente um ditongo com consoantes, que se lhe articulem, como :—*pae, grei, paes, greis. etc.* »

« O metrificador, porem, não conta por syllabas nem por causa alguma, as que no modo corrente de fallar passam, ou sem inteiramente se perceberem, ou percebendo-se tão pouco, que é como se não existiram. »

« Governa-se o primeiro por uma especie de philosophia especulativa; o outro, se assim nos podemos exprimir, pela toada da pratica; segundo a qual não só na recitação dos versos, mas ainda na leitura da prosa, e até, e sobre tudo, na conversação, mormente na familiarissima, a cada passo se omittem com a voz sons, que aliás com a pena se representam. Vá exemplo, que ao mesmo tempo sirva de exercicio. Eis aqui versos da primeira fabula de Lafontaine na tradução de Felinto. »

A cigarra a cantar passara o estio
Eis que assopra o nordeste e se acha balda.

Se contarmos grammaticalmente as syllabas do 1º. verso teremos 14,—eíl-as :

A-ci-gar-ra-a-can-tar-pas-sa-ra-o-es-ti-o.

Se porem estes 14 syllabas grammaticaes forem contadas pelo poeta, fazendo as elisões necessarias á pronuncia e á toada, teremos somente 11 syllabas, eíl-as.

A-ci-gar-rá-can-tar-pas-sa-res-ti-o.

O mesmo sucede com o segundo verso que

tendo 15 syllabas grammaticaes os poetas só contarão 11—v. g.

Eis-que-as-so-pra-o-Nor-des-te-e-se-a-cha-bal-da.
Eis-qua-so-pro-Nor-des-ti-sá-cha-bal-da.

Neste sentido e conformidade principiamos a medir aquella quadra no principio deste artigo, onde se nota a elisão somente no primeiro e quarto verso.

A elisão do primeiro é na terceira syllaba que em vez de—se *a—sôa—sa*, elidindo a particula —se na vogal seguinte—*a*, que é a primeira syllaba do adverbio *apenas*.

E tal elisão é feita de conformidade com a—
« Regra 2^a.—Uma vogal será tanto mais facil de absorver na seguite, quanto for menos forte de sua natureza, menos accentuada e menos pausada. » (Castilho)

Esta mesma elisão se dá na primeira e quarta syllabas do verso—*De um gigante a resonar*, sem que seja preciso fazer a synalepha, como entende o Sr. critico, por ignorar como, e quando se deve empregar esta figura.

A synalepha é uma figura de dicção, pela qual não nos limitamos somente a elidir a vogal final de uma palavra com a vogal seguinte da outra, mas sim, supprimimola. E por certo não ha disto necessidade na leitura daquelle verso.

Leia o Dic. Gr. por Alexandre José de Passos, e verá que elle diz o seguinte sobre o caso:—«A elisão é muito frequente na leitura, principalmente do verso, mas não supprime inteiramente uma das vogaes que concorrem no encontro das palavras como faz a synalepha. » Esta é também a opinião do Sr. Castilho e de todos os entendidos na meteria. Saiba mais que pronunciando a elisão fazemos figuradamente diphthongos e até triphthongos do concurso das vogaes entre uma palavra e outra, independentemente do signal orthographic da synalepha, como no seguinte exemplo pelo mesmo escriptor apontado:

« *De entre os Deuses em pé se levantava,
Merencorio no gesto parecia;
O forte escudo ao collo pendurado
Deitando para traz, medonho e irado.* »

Deixamos em grifho as syllabas e vogaes elididas para que o Sr. critico comprehenda melhor onde se formam os diphthongos nesta estançia de Camões, cujos versos ficam por meio destas elisões com o devido numero de syllabas.

Se o Sr. critico estivesse a par destas regras não diria ainda que ha hiato em—*De um*, pois é justamente por não havel-o que se prova a elisão.

Se o hiato é, como dizem os mestres, a pronuncia difficultosa que resulta do concurso de vogaes entre duas palavras formando um som alongado e pouco agradavel, como v. g. *Ha annos, a alma*, ninguem por certo, a não ser o Sr. critico, descubrirá *hiato* na pronuncia daquellas palavras, tanto mais havendo nellas elisão. A este respeito o melhor guia é o ouvido.

Se no verso citado se pronunciasse—*de* como uma syllaba e—*um* como outra, ainda podia ser que fosse preciso abrir muito a bôcca para pronunciar taes monosyllabos, dando assim logar ao hiato; mas isto não se pode dar por causa da elisão, cujas regras desenvolvemos, mostrando até um exemplo de Camões, no qual se vê o verso principiar pela preposição—*de*—como eu o fiz, elidindo a vogal na vogal da palavra seguinte:

Do que fica exposto segue-se que a causa de todos estes erros e de toda a confusão do Sr. critico é a sua ignorancia—a respeito de taes regras e preceitos estabelecidos pela grammatica e Arte poetica.

Parahyba 23 de Abril de 1869.

— — —



ARTIGO XI.

Já que estamos *com a mão no compasso* vamos medindo todos os versos, que S. S. em seus artigos achou grandes e pequenos, assim de que aprenda agora, embora tarde, o que já deveria saber antes de arvorar-se em Icaro ou Memnipe.

No segundo cauto da Batalha de Humaytá, descrevendo eu os preparativos da armada ao entrar em combate, principiei assim a segunda estrophe :

Tudo estava preparado
Para a batalha naval 

No Lima Barros, Silvado,
Brasil, Colombo e Cabral.

O Sr. critico, depois de suas infalliveis chalaças diz o seguinte :— *Se o Dr. tivesse um compasso, e quizesse medir este ultimo verso !....*

Sem responder as chalaças eu vou lhe fazer a vontade, não com o compasso como o Sr. critico costuma medir versos, mas com a arte metrica, de que usam os entendidos na materia.

Bra-sil-Co-lom-bo-Ca-bral.

Eis aqui o meu verso setti-syllabo na sua justa medida, sendo elidida apenas a vogal final da palavra Colombo e a conjuncão copulativa que se lhe segue, como se vê na quinta sylaba, que forma um dithongo de — o e, segundo Alexandre Passos.

Abra o Sr. critico qualquer livro de versos de autores de boa nota, e verá em qualquer pagina exemplos desta elisão. Abramos Camões ao accaso, eis aqui uma bellissima quadra em verso heroico :

— Nos deleitosos campos do Mondego
Quando perto era já teu matador,
Tu sonhavas Ignaz posta em socego
Annos sem termo, que doirava amor ”

Eis aqui exemplos de elisão em todos tres ultimos versos.

A primeira elisão é igual a do meu verso acima citado, porque consta exactamente das vogais —o e e, como se vê na quarta syllaba do segundo verso de Camões, que só chega á sua completa medida fazendo a elisão da vogal final do advérbio —*perto* e a primeira vogal da palavra —*era* que se lhe segue.

No terceiro verso a elisão se dá na syllaba oitava, a qual se pronunciará tem, em logar de duas syllabas —ta—em, cuja medida tornaria o verso grande alem do hiato.

No quarto verso Camões faz a elisão na syllaba nona fazendo soar —*dourava amor*, em vez de —*dourava amor*.

Fica assim satisfeito o pedido que o Sr. critico me fez.

Ensinei-lhe a medir o verso que S. S. julgava errado, agora me diga, não se envergonha destas cousas?

Por certo que não, pois continua a dizer o seguinte, que envergonharia a outro qualquer censor, por ser uma barbaridade:

• Quanto ao verso — O chefe de divisão é uma pequena miseria poetica; é um dos buts rhitmeés que tanto dão que fazer a Hugo. •

Eis ahi de novo os buts rhitmeés em vez de

buts rimés, que elle confunde com a *escrescência metrica*, como já fica tudo demonstrado em nosso artigo VII. Vêem os leitores que a phrase franceza ainda está deturpada em sua orthografia, porque elle *cita de orelha*, sem jamais poder escrevel-a correctamente.

A lingua não o ajuda, mas deixemos esta questão de *tatibilitabis*, e meçamos o verso, cuja metrificação elle chama—*uma pequena miseria*. E' o terceiro da seguinte sextina :

Perseverança e trabalho
Guiam Delfim de Carvalho,
O chefe da divisão ;
E todos seus commandados
Juram morrer abraçados
Do Brasil ao pavilhão !

Vamos amedida :

O-che-fe-de-di-vi-são.

Eis ahi o meu verso com sette syllabas *sem tirar e nem pôr* letra por elisão ou figura. Digam agora, Sr. critico, de quem é a *pequena miseria poetica* ?

Ficamos satisfeitos com a sua resposta.

Mais adiante fallando dos seguintes versos :

O velho cabo de guerra
Combinou a ação em terra
Com a batalha naval ;
E nesse fogo cerrado,
Simultaneo e combinado,
Destinguio-se o general.

—pede o Sr. critico, que eu lhe encane o pé
do verso—*simultaneo e combinado* !

E' o mesmo homem que dá pés ao verso portuguez, apezar da proibição expressa dos mestres. Hão de lembrar-se que Castilho chama a taes impertinentes—*João de las Vinhas*. Mas eu quero ser condescendente, porque satisfaço o seu pedido, e pratico ao mesmo tempo uma das obras de misericordia—ensinando aos que erram.

Si-mul-ta-ne'e-com-bi-na-do.

Recite agora o verso, Sr. critico, e verá como a elisão se dá naturalmente e sem esforço na pronunciaçāo.

Este verso chama-se grave, e por isso mesmo é heptassyllabo ou setti-syllabo, por não se contar a syllaba alem da pausa; pois são da mesma medida, como já fica explicado, os versos agudos de sette syllabas, os graves que contem oito syllabas, e os esdruxulos que contem nove; porque

não se contam as syllabas breves, isto é aquelas que sobram depois da pausa do verso, como já tudo fica demonstrado.

Agora demonstremos a elisão de tres vogaes que se dá na quarta syllaba, baseados na regra seguinte:

* *Regra 5^a.* — Não só duas vogaes concorrentes se elidem, no caso da primeira não ser longa, mas poderão elidir-se mais, se mais ahi concorrerem com o mesmo requesito; em *piedade e amor* não só absorvemos a primeira na segunda syllaba, mas tambem a quarta e quinta na sexta pronunciando deste modo—*pie-da-dea-mor.* » (Castilho).

Eis aqui Castilho reduzindo a quatro syllabas as sette—*pi-e-da-de-e-a-mor.*

Quer o Sr. critico comprehender isto melhor ? eis um exemplo de metro de onze syllabas do mesmo Sr. Castilho :

Mais velha que os sceptros, mais util que a espada,
Mais-ve-lha-queos-sce-tros-mais-u-til-queaes-pa-da

Medido assim o verso vê o Sr. critico, que a decima syllaba é formada pela elisão ou contracção das tres syllabas seguintes : —*que-a-es.* Assim, pois, é por meio desta regra que eu faço a elisão apenas de tres letras vogaes na qualta

syllaba do verso, que S. S. chamou do—pé quebrado !

E' por esta mesma regra que o nosso melodioso poeta A. Gonçalves Dias fez a elisão de tres syllabas no seguinte verso heroico de sua linda poesia—*O Trouvador*:

• Não queiras amar, não; pois que a esperança. •

Faça a contagem, Sr. critico, e verá que a oitava syllaba é fornada pe'a elisão das tres vogaes e, a; e e, afim de que pronunciemos que-esperança, em vez de que-a-esperança.

E note-se, diz Castilho, que a absorção de quatro vogaes em uma só syllaba seria ainda possivel fazer, rigorosamente fallando, quanto mais de tres !

Entretanto se deve sempre evitar, por exemplo :—quem fizesse de gloria e amor glo-ramor, commetteria um barbarismo ainda que não um erro, apezar de absorver 4 vogaes em uma só syllaba ! ! ...

Estude estas regras Sr. critico, e leia os bons mestres, que deixará de dar taes espectaculos—isto é, querer emendar versos que estão rigorosamente certos. O bom ouvido, e a pratica das lições dos bons poetas ensinam todas estas cousas muito melhor ainda, que os preceitos theoricos. —

que estamos-inde ensinando. Poderemos dar-lhe em particular tais lições, se por ventura S. S. não nos provocasse a tal-as em público. Adiante.

Terminei o canto terceiro da minha poesia com a estrophe seguinte :

Ignea corda fulgente
Adorna o monte sombrio ;
Tinge-se o valle e a torrente,
E rouxa côr toma o rio !
Rutila a fuzilaria ;
De *Londres* a bateria
Rebôa como um trovão !
Sustenta o seu bombardeio
Daquelle rio no seio
A famosa divisão.

Os leitores apreciem agora o que diz o Sr. critico a respeito dos versos desta estrophe, eis a censura—

« Temos a decima principiada com um verso de oito pés, em quanto que o segundo verso :— Adorna o monte sombrio, tem nove pés, assim como tambem tem nove pés o verso—Sustenta o seu bombardeio.

« E' com esta escrescencia poetica, com esta amalgama de proza insulsa arrumada, em carreiras, que o Dr. finda a memoravel parte terceira da sua—Passagem de Humaytá. »

E' extraordinaria a cegueira do meu hipercritico

bem razão teve La Rochefoucauld para dizer :—
L'envie est plus irréconciliable que la haine.

Que o Sr. critico ache os meus versos insulsos —*transeat*; porque o gosto não é um principio arbitrario sujeito aos caprichos de cada individuo e nem todo o individuo se acha collocado em circunstancias proprias para servir de regulador do gôsto; mas discorrer sobre materia de que não entende, no intuito de elevar-se acima dos outros, por força ha de descer abaixo de si mesmo, dizendo disparates, e provocando o riso e a hilaridade dos entendidos.

Haja á vista os disparates acima transcriptos sobre metrificação.

E agora vamos provar-lhe que os versos, em que o Sr. critico suppõe que ha pés de menos e pés de mais, estão certos.

Meçamol-os :

Ig-nea-co-rô-a-ful-gen-te
A-dor-nao-mon-te-som-bri-o
Sus-ten-tao-seu-bom-bar-dei-o.

Ei! os todos tres na sua justa medida, com iguaes numeros de syllabas !

Onde estão os 8 e 9 pés de que S. S. nos falla?!

Esse injusto azedume, essa odiosidade, essa raiva sem motivo é uma verdadeira *fatalidade* que hâde perseguir sempre áquelles que não se conformam com a sua infeliz sorte.

Continuemos : Descrevendo eu no canto IV da *Batalha de Humaytá* as dificuldades com que luctava Maurity vendo o seu monitor *Alagôas* abordado pelas canoas e chalanas paraguayas, assim me expresso na segunda estrophe :

Não importa, ao homem cabe
Morrer na luta ou vencer :
Quem não tem honra não sabe
Com honra também morrer.

Ouçamos agora o que diz a respeito o Sr. critico.

« *O que está escripto, alem de estar em linguagem rasteirissima é o maior desproposito que se pode encontrar em philosophia racional (1)* »

E' incrivel tanto dislate, mas o que é certo é que a transcripção é fiel ! Não duvido que o Sr. critico ache de máo gosto a minha linguagem, porque lá diz o risão antigo—*Sobre gôsto não ha disputa*; não discutirei esta questão delicada e subtil, porque ha quem diga que um Laponio ou um Hottentote tem o gôsto tão puro, delicado e correcto como um Grego, um Latino ou Francez; mas o que não posso concordar é com a *philosophia irrational*, que o Sr. critico admitte, como logicamente se conclue do seu enunciado! Não sei como a *philosophia*, cuja sciencia significa o amor da sabedoria, isto é o amor do justo, dº

verdadeiro, do bello, e do bom, possa se dividir em *racional* e *irracional* ! Socrates, Platão, Aristotelis e Descartes são uns embecis, porque basearam a distinção desta sciencia nas leis soberanas do espirito, na razão suprema !

A isto é que se pode chamar desproposito, Sr. critico, e não ao pensamento altamente philosophico que se acha contido naquelles meus versos, e que S. S. mal interpretou dizendo o seguinte:

« *O destino do homem não é morrer ou vencer na luta, e sim chegar ao seu aperfeiçoamento moral neste mundo, para poder conseguir a felicidade eterna na vida futura. Não queremos contraverter a these do Dr., lembramos-lhe um pedacinho de logica.* »

Em primeiro logar lhe diremos que naquelle verso não tratamos do destino moral do homem, e sim dos doux unicos caminhos, que o militar valente e brioso tem a seguir, quando se acha empenhado em uma lucta como a do Brasil com o Paraguay.

Em segundo logar lhe lembraremos, que a parte da philosophia que explica o fim do homem e o seu destino na terra não se chama *Logica*, mas sim *Ethica*.

Já vê por tanto que, se for a concurso, sahirá tambem reprovado em philosophia como em grammatica, physica, chimica poetica etc.

Mas deixemos as suas heresias philosophicas que não passam de incidentes, e voltemos ao assumpto.

Continuando a analyse dos versos acima citados, diz o Sr. critico :

« Dispensando o ultimo verso que não está muito bem feito de corpo, veja o leitor, se este verso de Bocage não é igual ao do Dr. »

« Saiba morrer com honra
Quem nunca soube viver. »

Depois desta nova descoberta, que só revela cegueira e paixão, exclama o meu zoilo todo encollerizado : « Isto contraria calvice feito Dr. é feio, é muito feio. »

Ainda bem que o meu plagio agora é feito nas obras do grande mestre.

Estimei muito a transcripção dos versos de Bocage para que possam ser confrontados com os meus. E como não posso ser juiz nesse litigio, os leitores que apreciem o plagio, e me digam onde elle existe; pois eu não o descubro.

O menzoilo esqueceu-se que a transcripção dos versos de Bocage era a sua propria condenação, e revelou-se como um proscripto das letras que quer vingar-se a todo o transe, e não coino um rival legitimo que mede o objecto de sua ambição pelo seu talento.

Aqui cabe-me dizer como o illustre escriptor espanhol D. Leandro de Moratin em um de seus epigramas.

*Tú te basta y te sobras
Para escrebir disparates.*

Em quanto os leitores confrontam os meus pobres versos com os do grande Elmano da Arcadia, eu vou medindo caladinho o verso, que o Sr. critico *acha mal feito de corpo*, para provar-lhe que elle está certo e tão regular como os outros :

Com.hon.ra.tam.bem.mor.rer.

Passemos adiante, para vermos o Sr. critico revestido de sua celebre autoridade negativa blasphemar contra os pés dos versos da seguinte sextina, com que feixo a estrophe começada pela quadra supra.

Revezes, golpes da sorte
Não intimidam o forte,
Nem o fazem descorar !
Assim Maurity na guerra,
Não se abate, e nem se aterra,
Ei-lo sempre a batalhar !

Agora transcrevo a sua interessante analyse a respeito do terceiro verso que os leitores veem griffado. Ouçamol-o; mas hão de permittir os leitores que eu vá respondendo ao pé da letra as suas perguntas, eil-as :

« *E' indisculpavel, Dr. este verso—Nem o fazem descorar.—Diga tem consciencia desta metrificação? (Tenho sim, senhor) Sabe o genero em que tem escripto os seus versos? (Sei sim, Senhor.) Sabe o que ensina a respeito a arte poetica?* » (Sei sim, Senhor, e tanto assim que passo a medil-os.)

Nem-o-fa-zem-des-co-rar.

Ahi ficam exaradas as minhas respostas para a sua condenação. Agora assiste-me o direito de perguntar-lhe por minha vez com o meu proprio verso : Estas cousas, Sr. critico,—*Nem o fazem descorar?*

Se assim é, certamente é um homem feliz no meio dos preconceitos e susceptibilidades deste mundo !!!

O Sr. critico fez todas estas perguntas banaes, que assim ficam respondidas para mostrar-se entendido na materia; mas por via das duvidas não especialisou o erro ou defeito indesculpavel do verso. E para sahir desse embaraço fez como o

mestre eschola do entremez que, em vez de ensinar, interroga os meninos pela rôsca, porque só com ella se contenta. Mas eu como sou um discípulo rebelde, e quo não trago rôscas, vou lhe dando destas pitadas para fazel-o espirrar.

Prosigamos.

A sextina final da terceira estrophe do canto IV reza assim :

Maurity nesse conflicto
Mostra ser guerreiro invicto,
Marinhciro imperial;
Ligeiro volve o Alagôas.
E a pique mette as canôas
Naquelle abysmo infernal !

Eis agora a critica :

— *Maurity nesse conflicto*
Tem oito pés este verso.

— *Mostra ser guerreiro invicto ;*

Ainda que se queira fazer a synalepha tem nove pés.

— *Marinheiro imperial ;*

Este é pequeno como um anão.

Ligeiro volve o Alagôas,

Este é grande como um dos gigantes cantados pelo poeta.

E a propriedade com que está empregado o verbo volver ! »

Aqui findam os disparates do Sr. critico, à quem respondo dizendo—que *volver* significa *voltar, virar*, &c. g.—o cabrestante, fazer girar os eixos da moenda, da machine, do leme do navio. Ora já vê o Sr. critico que não podia achar um termo mais proprio que este para mostrar que Maurity, por meio de um ligeiro movimento feito no seu navio. (resultado de sua *manobra*) mettéra à pique as canhas que pretendiam dar-lhe abordagem. Isto mesmo é o que se lê na parte oficial do Barão de Inhaúma referindo os feitos inauditos praticados por um tão distinto oficial da marinha brasileira.

Quanto aos erros dos versos com *pés de mais, pés de menos, ando e gigante*, eu limito-me a provar-lhe que estão certos medindo-os.

Mau-ri-ty-nos-se-con-fi-cto
Mos-tra-ser-guer-rei-roim-vi-cto
Ma-ri-nhei-roim-pe-ri-al:
Li-gei-ro-vol-veoa-la-go-as.

Já vê, Sr. critico, que as suas censuras só revelam ignorância e mais nada. Agora ouça as explicações, e aprenda.

No primeiro verso nenhuma elisão se dá, e a sua medida é portanto natural.

No segundo verso apenas fazemos a elisão da

vogal com que finda a palavra — *guerreiro* na vogal com que principia a palavra *invicto*, para formar a sexta syllaba, pelo que na pronunciaçāo do verso diremos *guerreirinvicto* em vez de *guerreiro invicto*, o que daria logar ao hialo, que assim fica corrigido.

No terceiro verso a mesmíssima elisão se dá na quarta syllaba, formada pela ultima vogal da palavra *marinheiro* e a primeira da palavra *imperial*, como tudo demonstramos por meio de regras no artigo passado.

Abramois ao accaso qualquer livro de poesias que encontraremos exemplos de elisões semelhantes.

Eis aqui um de G. Dias: no *Canto do Piaga* — lê-se

« Vem trazer-vos crueza, impiedade. »

Medindo este verso fazemos a elisão das duas syllabas *za* e *im* para contar-mos uma só, pronunciando *cruezimpiedade*.

Venha outro livro. Eis aqui a *Liberdade*, bella poesia do Senador Alves Branco :

*Misera Grecia, lá se despedaçam
As columnas da tua independencia !
Mas que heróe d'alli se ergue ?*

*Do elmo fuzilam vividos coriscos,
E' Pallas, se demove os igneos olhos ;
E' Coriolano, fumegando em ira;
E' Reinaldo no arrojo impetuoso !.....*

Veja o Sr. critico, quantas elisões ! No primeiro verso a elisão se dá na mesma palavra Grecia; no segundo se dá na settima syllabra; no terceiro (que é um verso quebrado) se dá na segunda e sexta; no quarto se dá na primeira; no quinto se dá na settima e nona; no sexto se dá na terceira e nona; no ultimo finalmente se dá na quinta e settima, sendo esta ultima elisão feita com as mesmas vogaes o e i como nos meus segundo e terceiro versos acima citados:

Já vê portanto que om—guerreirinvicto se dá a mesma elisão que nas palavras—marinhei-
rimperial arrojimpetuoso.

Resta-nos explicar ao Sr. critico a elisão da quinta syllaba do ultimo verso da quadra supra citada—*Ligeiro volte o Alagôis.*

Neste verso fazemos a elisão das tres vogaes —e o a—na quinta syllaba, de conformidade com a regra terceira que exaramos no principio deste artigo. E se o Sr. critico quizer se convencer da verdade das regras que lhe temos subministrado, fazendo um pequeno exercicio comprehenderá ainda melhor o modo de fazer ditas

elisões. Para isto basta recitar os versos, evitando o hiato, isto é a pronuncia difficultosa que resulta do concurso das vogaes entre as palavras. Por esta forma o Sr. critico saberá dar o som agradavel da expressão euphonica, que deve haver na boa pronunciaçāo, maxime na recitação dos versos.

Eu lhe irei fornecendo exemplos para o seu exercicio, abrindo ao acaso alguns livros de poesias que tenho sobre a mesa. Como já deve estar cansado de ler as citações dos classicos portuguezes, eu lhe apresentarei autores brasileiros.

Eis aqui Gonzaga, o autor do immortal livrinho intitulado *Marilia de Dirceo*. Temos debaixo dos olhos uma lyra que principia assim:

*Tu não verás, Marilia, cem captivos
Tirarem o cascalho e a rica terra.*

Eis ahi a ultima syllaba da palavra *cascalho* se elidindo com as duas vogaes seguintes *e e a*.

Vejamos os Cantos de G. Dias; tenho diante dos olhos a quadra seguinte :

*Abro os olhos inquieto, medroso,
Manitôs ! que prodigios que vi !
Arde o pão de resina fumosa,
Não fui eu, não fui eu — que o accendi !*

Neste ultimo verso deixo—entre linhas todas as letras que se elidem para formar a settima syllaba—*queoac*.

E mais adiante lê-se :

*Ouve o annuncio do horrendo phantasma,
Ouve os sons do fiel Maracá.*

Neste primeiro verso a segunda syllaba é tambem formada da elisão das tres vogaes *e o a*, de cujas letras consta a elisão do exemplo antecedente, assim como a do meu verso em questão.

Vejamos outro livro. Eis aqui o poeta mais melodioso da nova geração, aquelle cysne que legou-nos nos seus primeiros versos o derradeiro canto, o jovem que causou admiração a Octaviano, o principe dos jornalistas brasileiros. Fallo de Casimiro-de Abreu de saudoza memoria ! Em suas *Primaveras* leio o seguinte :

*Alegre e verde se balança o galho,
Suspira a fonte na linguagem meiga,
Murmura a brisa :—Como é linda a veiga !
Responde a rosa :—Como é doce o orvalho !*

Eis a mesma elisão de tres vogaes na syllaba nona deste ultimo verso. Podera dar-lhe exemplos a faltar. Sr. critico, mas para pôr um ter-

mo á estas citações, eu vou dar-lhe um exemplo de elisão não só de tres vogaes, mais ainda de quatro, e que alguém chamará de cinco. E como para um tamanho arrojo será preciso uma grande autoridade, eu vou citar-lhe um dos nossos poetas mais eruditos, o autor dos—*Factos do Espírito Humano*, (philosophia) das sublimes tragedias—*Antonio José, Olgiato e Othelo*, e dos bellos volumes de poesias, intitulados—*Canticos funebres, Urania, Poesias avulsas, Suspiros poeticos e Saudades*.—Nesta ultima obra citada Domingos José de Magalhães publicou uma ode—a Napoleão o grande, a qual foi admirada e até mesmo plagiada no estrangeiro pela sua sublimidade; pois é nesta mesma ode que se lêem os versos seguintes :

Ante elles o Thabor. e os Alpes curvos
Viram passar as águias vencedoras !
E o Rheno e o Manzanar e o Adige e o Euphrates
Em balde a sua marcha se opposeram.

Releia agora o terceiro verso, Sr. critico, pense, reflecta um pouco; e affirme-lhe que verá nelle só—reunidos todos os exemplos comprehendidos nas regras de elisão que lhe temos ensinado. Para que não confunda as syllabas com os seus infallíveis pés, e a final comprehenda o ex-

empo eu levo a minha condescendia até o ponto de medir o verso, para separar as syllabas e reunir as vogaes que se elidem :

Eo-Rhe-noeo-Man-za-nar-coA-di-geeoEu-phra-tes

Veja quantas elisões em um só verso, Sr. critico ! Contemol-as :— de duas vogaes na primeira syllaba, de tres vogaes na terceira e setima syllabas, de quatro vogaes (ou de cinco para quem não contar o diphongo de e u) na syllaba nona !!!

São muito ignaros estes poetas, dirá S S. Pois vá lá. Podera dar-lhe muitos exemplos semelhantes, mas o melhor será que S. S. compre livros e os estude, para não causar nojo ao publico de sua terra, á quem procurou instruir com a sua ignorancia !

Parahyba 28 de Abril de 1869.

ARTIGO XII.

A base do rhythmo poetico, Sr. Bustamente, como já deve ter comprehendido pelas lições dos nossos tres ultimos artigos, está na estrutura, nas combinações do metro, na quantidade das syllabas combinadas com a sua accentuação prosodica e pausas. Entretanto S. S. bem longe estava de comprehender estas cousas, porque ignorava as regras mais vulgares da metrificação, que limitam-se apenas ao numero das syllabas, á elisões das vogaes, á cesura e hemistikio do

metro, e mais algumas pequenas particularidades, como tudo lhe temos ensinado.

Quem não estudou a escala da musica, e nem ao menos tem ouvidos para perceber a afinação do instrumento, de balde vibrará as suas cordas, porque jamais comprehenderá os segredos da harmonia. E Boileau em sua Arte poetica corrobora a nossa opinião nos versos seguintes :

*Les vers le mieux rempli, la plus noble pensée
Ne peut plaire à l'esprit quand l'oreille est blessée.*

Assim pois, Sr. critico, temos feito de nossa parte tudo quanto é possível para que S. S. aprenda a escala da harmonia poetica, ensinando-lhe as regras; cumpre-lhe agora fazer algum exercicio compassando com certa cantilena e palmas versos alheios. E depois procure fazer versos chamados —*nonsense*, como ensinam os Inglezes, e neste exercicio perservere por algum tempo, até acostumar o seu rebelde ouvido a perceber o quebro da harmonia.

*Acostume-se a este estudo para que possa depois comprehender essa harmonia que deve haver na transladação dos objectos da natureza para a phrase metrica, como o pintor novel que se adextrá nos traços e nas combinações das

cores antes de se abalancar ás grandes composições.

No artigo de hoje eu completarei as lições sobre metrificação, fazendo os ultimos exercícios ainda sobre os versos da Batalha de Humaytá.

Aproveite, Sr. Bustamente, estas lições gratuitas para que se algum dia ainda tiver a velleidade de arvorar-se em critico, ao menos não continue a dizer sobre versos e metrificação as necessidades já apontadas, e as que se seguem.

Ouçamol-o :

• *Na segunda decima principia o Dr. por um conceito forte :*

— *Foi um feito grandioso*

— *A passagem de Humaytá.*

“ Este verso ultimo clama aos céus e a terra pelo mal apropriado da metrificação.

— *Maurity vem glorioso*

— *Trazer a noite de lá;*

“ Attenda bem o leitor a medição do verso.”

Em resposta á primeira censura tenho a dizer, que não comprehendo o que quiz revelar o Sr. critico com o seu — *mal apropriado da metrificação*; salvo se entende que eu devia variar o metro

naquelle verso para maior ou menor numero de syllabas (o que seria mais um absurdo,) pois elle está na mesma medida dos outros, como passo a mostrar :

A-pas-sa-gem-d'Hu-may-tá.

Quanto á segunda censura, limito-me a responder-a, usando de suas proprias palavras :—*Atenda bem o leitor a medição do verso :*

Mau-ri-ty-vem-glo-ri-o-so
Tra-zer-a-no-va-de-lá.

Continuemos com paciencia a soffrer as fraquezas do nosso proximo que vai por diante e sem descorar dizendo o seguinte :

“—*Surgio de novo o perigo—*
Este verso tem oito pés.
—*Para o jovem luctador—*
Este outro tem sette pés.»

Ahi temos de novo os seus infalliveis pés em vez de syllabas. Mas o que deve causar riso aos leitores é que o Sr. critico disse uma verdade supondo, que é erro ter o verso grave uma syllaba de mais além da pausa do verso agudo! !

E' muita ignorancia ! Queim a não ser o Sr. critico, ignora esta regra infallivel de toda e qualquer poesia escripta, não só na nossa lingua, como na Espanhola, na Franceza, na Italiana e finalmente em todas as linguas cultas ?

Leia o Sr. critico a obra do sabio Ciciliano o abbade Antonio Scoppa, intitulada—*Des beautés poetiques de toutes les langues*, obra coroada pelo instituto da França, e então se arrependerá de ter dito tanta parvoice.

Para seu castigo e seu ensino, abra, Sr. critico, qualquer volume de poesias, não só dos autores de boa nota, como até mesmo de qualquer estudante; não precisa ser elle do quinto anno, basta que seja um bizonho calouro de qualquer Faculdade do nosso paiz, e verá que nenhum verso é feito sem esta regra sabida por todos que lêem ou fazem versos, e que só por uma fatalidade S. S. ignora !

Se tomar o conselho e abrir qualquer volume de poesias verá desde o metro de uma syllaba até o de treze, que o verso agudo serve de balisa ou marco ao menor numero de syllabas de qualquer metro, porque elle indica a pausa final; dahi em diante passam os versos graves com uma syllaba alem da pausa, e os versos esdruxulos ainda vão alem, porque teem duas syllabas breves ou mudas alem da syllaba accentuada !

O seu enunciado, pois, importa em uma heresia quo só não faz rir a aquelles que no seculo XIX ainda pensam, que os versos portuguezes teem pés, e que estes se medem com *um compasso ou cordão*.

Como S. S. acertou por engano com o numero de syllabas daquelles meus dous versos acima citados, eu deixo de os medir e passo adiante.

O Sr. critico por ignorar as figuras de dicção acha *espichado como borracha* o verso.—Foi nova pagina de gloria.—Pois saiba que o verso está certo, porque *pasna* é o que deve ler e pronunciar.

Agradeça aos typographos a lição que lhe vou dar, mas antes disto ouça o que diz o mestre Freire de Carvalho nas suas lições de Poetica ;—

« Note-se que frequentes vezes parece alterar-se a regra geral, que assigna á cada uma das especies de versos o numero de syllabas, que lhes competem, apparecendo nelles já mener, já maior numero de syllabas, do que deveriam ter ou como agudos, ou como ordinarios, (graves) ou como esdruxulos : essa alteração porém é devida ao emprego de alguma das principaes figuras usadas na versificação. »

Ouviu o que disse o mestre ?

Agora ouça o que lhe digo eu.

Assim como as vogaes e até as syllabas se

diminuem na recitação do verso por meio da elisão autorizada pelas figuras *crase* e *cynere*; sem que fique violada a sua integridade orthographica, assim também certas palavras no verso podem ser reduzidas ou aumentadas pela subtracção ou por accrescimo de letras. E isto se pode dar no principio, no meio ou no fim das palavras, por meio das figuras de dicção—*Aphérese*, *Syncope* e *Apócope*, *Próthése*, *Epéñthése* e *Paragóge*.

Usamos destas figuras ou por euphonía da linguagem, ou por harmonia do verso.

Applicando agora este modo de alterar o numero das syllabas no verso em questão, deve saber que assim como a figura *Epéñthése* faz aumentar uma syllaba no meio da palavra *Marte* autorisando-nos a dizer *Mavorte*, assim também a figura *Syncope* diminue a syllaba no meio da palavra *inimigo* autorisando-nos a dizer *i-migo*.

E destes exemplos estão cheios os livros de poesias dos nossos melhores escriptores, cujos modelos nos ensinam a dizer por meio da *syncope*—*pasná* em vez de *pagina*, cuja palavra esdruxula sendo pronunciada naturalmente sóa *pasna*, sem que seja preciso o leitor fazer esforço na sua contracção, e portanto sem que seja preciso mesmo fazer na escripta a subtracção da

syllaba como eu costume a fazer, mas que os typographos não o quizeram.

Vou terminar esta resposta, que muito deve aproveitar ao Sr: critico, por um exemplo do mais notavel dos poetas da lingua portugueza :

« Se tenho novos medos perigosos
D'outra Scylla e Charybdis já passados. »

Eis aqui a palavra charybdis sendo pronunciada charydis, assim de que o verso não ultrapasse a sua justa medida. Note-se que a syncope ou a subtracção do — *b* equivale a de uma syllaba, pois ninguem ignora que esta consoante pronunciada sóa — *bê*, assim como sóa *bi* na leitura grammatical do verso citado de Camões, o que seria bastante para alterar a sua justa medida.

Chegamos finalmente ao ultimo verso denominado — errado pelo meu interessante critico. E' o terceiro da seguinte quadra :

Humaytá era um rochedo
C'rocado de mil canhões;
E tinha aos pés um torpedô,
Que amedrontava as nações !

Agora ouçamos a heresia poetica, que a não

ser combatida, seria sufficiente para reformar todos os tratados de metrificação portugueza & estrangeira ! A heresia é a seguinte :

« *Levado pelas asas da phantasia diz ainda o Dr. na mesma decima;*

E tinha aos pés um torpedo

Verso de nove pés.

Que amedrontava as nações.

O Dr. por certo que não se referiu as correntes que obstruiam o rio. »

O que quer dizer o Sr. critico com esta algaravia ? Os leitores que procurem interpretal-o, pois eu do seu enunciado só pude comprehender que o verso tinha nove pés, na sua opinião, e que portanto era um verso errado !

Meçamol-o :

E-ti-nhaos-pés-um-tor-pe-do.

Eis ahi o verso medido com a elisão mais doce que é possivel fazer entre vogaes; onde, pois, os seus nove infalliveis pés, Sr. critico ? !

Saiba, Sr. critico, que as elisões das vogaes só não podem ser feitas no verso. quando a vogal antecedente é muito fortemente accentedada, ou é parte de dithongo, e portanto não se pode at-

sorver como mui bem dizem os mestres nos seguintes exemplos :

De só eu — não podemos fazer seu.

De vai uma — não podemos fazer vuma.

Destas vogaes accentuadas ou mais ou menos duras, é que fazemos excepções nas regras de elisão.

Tenho terminado aqui a justificação metrifica de todos os versos chamados errados pelo Sr. critico. Tenho cõnciencia de haver restabelecido a justa medida de todos ellos sem excepção de um só.

Para revelarmos, finalmente, a ignorancia crassa do Sr. Bustamente em materia de verso, basta dizer que em toda a sua celebre critica os unicos versos que nos apresenta de sua lavra são errados! E não dizemos somente, passaremos a demonstrar a nossa assertão.

O Sr. critico em uma de suas pantomimas, transformado em Pierrot e Arlequim ou Palhaço, abafa a gloria de um Polichinello afirmando-me a chufa seguinte:

*« Que poeta que não foi
D'Humaytd o cantor. (!) »*

E notem os leitores que quando escreveu elle

estes versos tinha diante de si aberto o livro das *Lyricas de Palmeirim*, e procurava imitar aquela linda poesia de *Luiz de Camões*, que principia assim : -

• • Que poeta que não era
Da linda Ignez o cantor ! *

O Sr. critico quiz comparar-me a Camões para escarnecer-me, entretanto tendo Palmeirim por modelo, nem ao menos soube imitá-lo ! Por mais que contasse os seus pés, debalde comprehendeu a medida do verso que procurou arremendar, pois os dous versos de Palmeirim são sette syllabos, e segundo a regra o primeiro é grave e o segunde é agudo; ao passo que S. S. principia por um agudo contra todas as regras de harmonia metrica; e em acto continuado outro agudo lhe secunda, sem que seja uma parelha rimada !!

Mas isto ainda não é tudo, o que admira é que o primeiro tem sette syllabas e o segundo seis, sendo ambos agudos !!!

Eis-los :

Que-po e-ta-que-não-foi
D'Ho-mi-tá-o-can-tor.

E' muita negação a versos ! Ora, se o Sr.

Bustumente tendo diante dos olhos aquelles dous versos de Palmeirim, para por elles modelar os sens, jamais pôde conseguir fazer o verso certo, isto é com a sua justa medida; o que succederá quando por ventura tentar produzir de seu proprio intellecto um verso qualquer com a sua medida de pés ? !

Ah ! nesse dia de festa (vou usar de suas proprias palavras)—o

Vieira em pomposo motte, depois de um dos seus useiros barrabos, accrescentaria :

«—Deve ser elogiado
—Com mil rufos de tambor. »

Assim completou a sua quadra o Sr. Bustamente sem saber que serveria para sua coroação de ignorante.

E é um ignorante desta ordem que se arvora em critico daquillo que não entende perante um publico mais ou menos illustrado !

Peço desculpa aos leitores se fui demasiado longo no exame metrico que agora termino; pois não pude ser mais breve em vista de tantos disparates que ahi ficam agora em relevo, e que o Sr. critico supponha que jamais seriam descobertos pelos seus patricios, tão ignorantes os supõe !

Do que fica exposto nestes quatro ultimos artigos se vê:

1.^º Que nem um só dos versos censurados pelo Sr. Bustamente está errado, e pelo contrario fica demonstrado á evidencia, que todos estão certos.

2.^º Que, apesar das varias hypotheses establecidas em favor do Sr. Bustamente, não ha regra alguma de Arte poetica ou de metrificação, em que possam ser fundadas as suas celebres proposições e censuras.

3.^º Que chama elle pés as syllabas do verso portuguez, porque não tendo uso das lições dos mestres ainda usa da expressão vulgar dos ignorantes, que por falta de leitura hão de por força repettir aquillo só que ouvem dizer desde a infancia.

4.^º Que chamou—*verso côxo, verso longo, de pés de mais, de pés de menos*, aos versos da Batalha de Humaytá, da mesma maneira que diria inconscientemente o contrario, se isso fosse necessário para agradar-me, e deprimir a reputação alheia.

5.^º Que, finalmente, nenhum conceito lhe merece o publico, para quem escreveu, uma vez que procurou illudil-o, em vez de esclarecel-o, e guial-o pelo caminho da verdade e do ensino!

Estas conclusões são infalliveis, depois da lei-

tura do que deixamos escripto, afora o que ainda temos de escrever.

Não conheço ninguem neste mundo tão corajoso, e nem tão indiferente ao juizo que delle o publico possa fazer, como o Sr. Bustamente !

E se os leitores o conhecem, não esperem vel-o corrigido, pois já não é a primeira vez que é desmascarado para ser posto a bom caminho ! E pelo contrario hão de vel-o com a mesma fleuma apregoar-se de physico, chimico, grammatico, litterato e poeta ! Sim, hão de vel-o com a mesma impassibilidade a persistir na ignorancia depois desta lição, que nenhum homem de letras e de brios provocaria para ter o gosto de ser assim desmascarado nas praças publicas da propria terra natal !

Deus queira que eu me engane, e que esta lição lhe aproveite, reflectindo elle que é na terra natal que mais devemos elevar-nos para honral-a com o nosso merito, e não rebaixal-a com a nossa ignorancia.

Parahyba 2 de Maio de 1869.

ARTIGO XIII.

Tendo terminado o nosso estudo analytico sobre metrificação, com referencia ás proposições absurdas e inconsequentes do Sr. Bustamente, continuaremos a tratar d'ora em diante de seus paradoxos com relação a sua critica litteraria e poetica.

Em todo e qualquer poema ou poesia épica tres cousas são indispensaveis em sua composição, a saber:—o seu *assumpto* ou *acção*, os *seus actores* ou *caracteres*, e a *sua narração*. E a narração, segundo os mestres de Eloquencia e

Poetica, desde os antigos como Aristoteles, Horacio e Quintiliano até Boileau e Marmontel, e destes até os modernos Blair, Soares Barbosa e Freire de Carvalho, não é outra cousa senão a exposição dos factos, assim como a descrição é a exposição dos caracteres e cousas que constituem o assumpto do poema.

Sendo, pois, a narração a exposição do facto verdadeiro ou verosímil, diz Marmontel — *todas as regras da narração são relativas as conveniencias e a intenção do poeta.*

Qualquer que seja o assumpto, o dever daquelle que narra, ou historia para satisfazer a atenção daquelles que ouvem ou leem, é instruir e persuadir: assim pois, as regras da narração são a clareza e a viva semelhança na exposição dos factos, cuja unidade é efectivamente um dos requisitos essenciaes.

Na relação dos acontecimentos heroicos os factos isolados e desconexos jamais farão impressão. Para que o assumpto empenhe toda a atenção dos leitores e ouvintes, é necessário que a acção principal seja acompanhada dos membros compostos de circunstâncias miudas em rápidos traços; visto como tais circunstâncias sendo dependentes umas das outras tornam a narração da acção principal mais sensível e mais interessante.

Se o Sr. critico, antes de escrever para o publico sobre materia litteraria com relação a Batalha de Humaytá, procurasse por cautella estudar estas regras de Rhetorica e Poetica nas lições dos mestres, e depois exercitasse o seu espirito nos modelos que nos fornece a litteratura antiga e moderna, não estranharia a simplicidade da narrativa seguinte:

Lá no porto Elisiario
Tres couraçados estão
Aprestando o necessário,
E pondo tudo em acção.

Observando eu as regras de poetica acima prescriptas comecei a minha poesia narrando as circunstancias relativas ao tempo, ao logar e hora, em que a acção se ia passar, enumerando ao mesmo tempo os vasos de guerra brasileiros, a situação dos contendores, e finalmente a disposição em que elles se achavam para o combate; mas o Sr. Bustamente rio-se desdenhoso do meu trabalho, porque não acha nada disto cabível na poesia, porque julga impossivel accommodarem-se tres navios encouraçados n'um porto, e porque finalmente, não se acha nessa narrativa, diz elle, — *congraçado o lyrismo de Skiler com o apaixonado de Goethe; e o entusiasmo de Byron com o melodioso de Lamartine!*

Deixemos estes seus disparates e ouçamol-o a respeito da quadra supra:

« Que bella grinalda poetica. »

« Sublime! Sublimissimo! Quanta poesia junta! Um porto, tres encouraçados, logo tres com assuas amarras carvoeiras. Isto é que é ser poeta; é que é saber achar termos; é que é conhecer a propriedade da phrase poetica! »

Depois desta disparatada analyse o Sr. critico toma folego, supondo ter lavrado uma sentença de morte contra os meus pobres versos, e nisso—

*Qual sabio de grande marca,
Poeta de pergaminhos,
Dá parte logo aos vizinhos
Da sentença que exhibira!
Passa a mão nos colherinhos
Puxa, afaga e se remira,
Com ares de autoridade
Impondo-se a quem o ouvira!
E depois da necedade
Sorri, meneia-se um pouco,
Pobre zoilo, pobre louco!*

Querer achar grinaldas poeticas, sublimidades de estylo em uma tão simples narrativa e descripção, qual a que fica exarada na quadra em questão como uma das circunstancias instructi-

vas da accão principal, é o inesimo que procurar na forma material e sensivel das artes plásticas os prazeres do espirito e da imaginação, essas fontes sublimes de luz e de reflexões estheticas !

Querer em um poemeto afinar sempre todos os sons, sublimar o estylo em toda e qualquer narrativa e descripção; querer ser a todo o proposito e a todo o desproposito onomatopico, fora mais que puerilidade, fora mais que vaíade insensata, fora mais que empenho de nescio ou de louco rematado, porque isso na expressão de um notavel escriptor seria bruteza decidida,

O sublime, Sr. critico, está no pensamento e não nas palavras. Nenhum autor, diz Quintilio, pode ser sublime por um modo constante.

Não procure, Sr. critico, achar belleza na argilla que o escultor vai amassando, preparando, e contornando para modelar a estatua !

Quando vir um pintor armado de palheta e pincel destacando distintos objectos sobre o fundo escuro da tela, não procure achar sublimidades nesses traços destacados, embora tenham de formar mais tarde um quadro sublime de Rubens ou de Raphael.

Sim, esses traços mais ou menos coloridos, esses objectos destacados denotam simplesmente materia, corpo e forma ; a alma, a vida, a idealidade, depende da combinação e do pensamento

principal, que enlaça tudo em um centro maravilhoso.

Pois assim é a narração poetica de uma accão ou empreza illustre. Tudo tem o seu tempo e logar; regra esta aconselhada e preferida sobre a materia pelo velho Horacio em um dos versos de sua epistola aos Pisões:—*Ordinis hæc virtus erit Venus, aut ego fallor.*

E não é só o velho Horacio que aconselha esta regra, Cicero tambem a ensina no seguinte trecho:—*La narration serai claire, si les faits y son à leur place et dans leur ordre naturel.*

E assim tambem pensa Castilho tratando do genero descriptivo na poesia. Eis um de seus bellos trechos:—• Retalhai um quadro de Raphael nas innumeraveis partes de que o seu genio o compoz, terois na verdade lindas mãos, formosos olhos e boccas, admiraveis panejamentos, viçosos ramos, tudo; e esse tudo será nada porque faltará ahí o concerto, o entusiasmo que posera tão diversas cousas em relação maravilhosa, não já com os olhos, sendo com o espirito de cada espectador. Entretanto, assim como sem essas partes não ha quadro, tambem sem descripção não ha poema; pelo menos ainda não o vimos, e nem lhe imaginamos a possibilidade. •

Se isto é assim, como poderia o Sr. critico-

achar sublimidade na descrição de — um porto, tres encouraçados com as suas amarras carvoeiras, segundo o seu espirituoso dito ? !

A unidade é uma das qualidades de um poema qualquer. E por isso observa Aristotelis — Não basta para o desempenho desta regra que o poeta se limite ao circulo das acções de um só homem, ou das ações por elle praticadas durante um tempo marcado; é necessário que a unidade appareça igualmente no assumpto, e que elle seja o resultado da intima ligação das partes que formam um só todo.

A unidade do poema Epico. observa Freire de Carvalho, nunca deve ser entendida em um sentido tão rigoroso que exclua os episódios ou as ações subordinadas: — Tem o nome de episódios certas ações ou certos incidentes introduzidos em a narração e ligados com a ação principal. Estes & semelhantes episódios, continuão mestre são não só permittidos ao poeta epico, mais ao mesmo tempo adornam muito os poemas.

E para isto sabe o Sr. critico quaes as regras que devemos observar ? São as seguintes : — 1^a. Que os episódios sejam introduzidos naturalmente e que tenham a devida conneção com a ação capital : — 2^a. Que apresentem a vista objectos diversos dos que antecedem, e dos que se seguem na marcha do poema; pois são nelles introduzi-

dos para dar algum descanso ao leitor, mudando-lhe a scena.

Já vê, pois, o Sr. critico, que escrevendo eu senão uma epopéa, ao menos uma poesia epica, senão um poema de grande desenvolvimento, ao menos um poemeto, visto como fiz—a narração poetica de uma accão ou empreza illustre, o que constitue o assumpto de todo o poema, segundo as definições dos mestres de Rhetorica e Poetica, não podia deixar de observar as regras que ahi ficam exaradas, e que S. S. combate com absurdos por ignorancia.

E não pensem os leitores que o Sr. critico sobre qualquer controversia diz um disparate só, não ! Elle vai por diante, piscando o olho, encrespando a sobrancelha, mordendo o beiço e com um gesto zombeteiro e pantuso lavrando sentenças a direita e a esquerda sem respeitar a ninguem—

*Como um gaiato na rua,
Que a cidade tem por sua,
Jogando pedra as vidraças
Entre lérias e chalaças !*

Eis uma dellas, que elle me atira por amabilidade.

« Na segunda dacima veremos que nem Ho-

mero descrevendo a armada grega, nem Virgílio a troiana seriam capazes de produzir versos tão sublimes como estes: »

No Lima Barros, Silvado,
Brasil, Colombo, e Cabral.

Todos veem a razão porque elle mutila assim os versos e os destaca! Para produzir o effeito desejado elle até os falsifica, como adiante mostraremos.

E sem tomar solego o espirituoso Sr. critico em acto continuado engendra novas chalaças.

Ouçamol as :

« Muito perdeu Nelson e ultimamente Farragut em o Dr. não ter sido Inglez ou Americano do norte, porque estariam no Parthenon da gloria e seus nomes em verso pomposo figurariam na exposição universal de Pariz. »

Ouçamol-o ainda acerca do resto da estrophe :

Não faltava cousa alguma
Quando o Barão de Inhaúma
Disse ao Delfim—marchai!
E o moço marcha adiante
Altivo como um gigante
Nas aguas do Paraguay.

« Nós que temos lido um pouco, apenas nos

lembroumos de ter encontrado marchando sobre as aguas a Christo e S. Pedro, e este mesmo quase que se afoga por falta de pé. • (Por falta de fé não duvido).

* O Dr. julgou que o maior elogio que podia fazer a S. Exc. o Sr. Barão de Inhaúma era igualhal-o a Christo. *

Quanta palhaçaria por ahí não vai !

Quem já viu um destempero semelhante e uma ignorancia tão crassa ? !

A' vista destas amenidades os leitores desculpem-me por ter ido a reciprocar, sahindo do meu serio. Eu não pude resistir a tentação de paraphrasear aquelles versiculos do Sr. Cacaes, para esboçar por minha vez um dos typos da typographia humana ! E ainda assim estou bem longe da pintura que um meu amigo fez em um poemeto, que a seu tempo será publicado, depois de algumas modificações.

Voltemos ao exame de sua analyse.

O Sr. critico com aquella finura tóla ou tolito fina, que tanto o destingue, não quer que na poesia haja narração de factos, e a enumeração de cousas com os seus proprios nomes, mas ao mesmo tempo desconhece o valor dos ornatos oratorios e das figuras grammaticaes, porque na primeira parte da estrophe em questão toma os casos de guerra mencionados pelos heroes que

'Ihes deram os nomes, e na sextina final entendeu quo o chefe da esquadilha Delfim de Carvalho para cumprir a ordem do vice-almirante devia abandonar os companheiros, descer as escadas do seu navio chefe, e marchar sobre as aguas como Jesus Christo e S. Pedro ! Pela sua celebre hermeneutica os commandantes dos Corpos do exercito logo que ouvissem a voz de marcha partir do general deveriam apear-se dos cavallos para combaterem a pé o inimigo ! Quem não comprehende uma metonymia tão simples, tão natural e tão usada até mesmo por quem não sabe ler ! Entretanto o Sr. critico que ignora tanta cousa tem o arrojo de nos citar Homero, Virgilio, Schiller, Gœthe e outros genios, dos quaes ouve fallar por tradição !

Quem cita tão notaveis escriptores tem obrigação de saber que a metonymia é um tropo, por meio do qual usamos de um nome por outro, tornando muitas vezes o continente pelo conteúdo e vice-versa. E foi por meio deste tropo que eu disse—o *Delfim* *marcha nas aguas do rio Paraguay*, em vez do navio que o conduz, tornando assim o contido pelo continente.

Se o Sr. critico em vez de maltratar as pessoas que estudam, procurasse antes imitar-as, cultivando as lições dos mestres da lingua, havia de encontrar a cada passo exemplos semelhantes, v.g.

« Cortava o mar a gente bellicosa
Já lá da banda do Austro e do Oriente. »

Isto escreveu Camões em vez de — *a frota da gente bellicosa cortava o mar.*

Quando o grande epico portuguez escreveu estes dous versos bem longe estava de sonhar que na posteridade, e no seculo XIX principalmente, havia de nascer um critico tão ignorante, que asseverasse em letra redonda ao publico que *a gente bellicosa*, alludida em seu poema, *cortara as aguas do mar* — calcante pede — como Jesus Christo e S. Pedro !

Se fizermos a applicação da censura supra aos versos de Camões esta será a consequencia infalivel. A heresia é sempre a mesma.

O que diria o Sr. critico ao traduzir aquella phrase do poeta latino — *Jam proximus ardet Ucalegon?*

Sem duvida exclamaria que — *Já proximo ardia Ucalegon*, levantando um falso ao poeta que teve em mente dizer, que já proximio ardia não o proprio Ucalegon, e sim o palacio de Ucalegon.

Muitos outros exemplos de metonymia podera citar para convencer ao Sr. critico que os bons modelos justificam a correcção da minha phrase e o bom emprego que della fiz na sextina supra ; mas não quero massar o publico que nenhuma

culpa tem dos erros e da crassa ignorância do Sr. critico.

Quem ignora tudo isto não é muito que chame indecorosa a phrase portugueza *levantar ferro*, de que usei em um de meus versos, sendo aliás uma expressão nautica, e correcta.

A palavra ferro nesta phrase é empregada no sentido figurado para exprimir ancora. E ancora, dizem os lexicographos, é uma bastea de ferro com uma argola no topo e terminada por uma travessa com pontas curvas e triangulares reviradas para cima, para segurar embarcações fazendo preza no fundo d'agua do mar, do rio, ou da lagôa ou nas suas margens. *Lançar ferro* é uma phrase classica na lingua portugueza, que significa deitar a ancora n'agua para que se enterre ella no fundo do mar ou do rio.

Estar sobre ferro significa estar ancorado, fundeado o navio.

Levar, alar, ou levantar ferro significa recolher a ancora para navegar, ou surdir avante.

Quem ignora estas phrases não é muito que ignore tambem a phrase adverbial—*ao pé*, que significa *junto proximo*, como os leitores verão da seguinte analyse do Sr. critico.

« *Apreciemos mais uma descoberta do Dr. quase igual a da polvora, encouraçados com pés!* E' o que se deduz dos seguintes versos. »

'Estes tres encouraçados
Levam a borda atracados
Tres monitores ao pé.

Isto transcreve-se, mas não se commenta, porque na phrase de Castilho é bruteza decidida. A um critico desta ordem devemos applicar sempre aquelles versiculos do insigne escriptor espanhol D. Leandro de Moratin:—

*Tua critica majadeira.
De los versos que escrebi,
Pedancio pouco me altera ;
Mas pesadumbre tuviera
Se te gustaram a ti.*

Parahyba 4 de Maio de 1869.

ARTIGO XIV.

Tratando eu da constância do chefe Delfim de Carvalho na continuaçāo dos seus heroicos trabalhos de guerra, assim como do valor e heroísmo dos seus commandados, ao partirem para a nova e perigosa empresa de forçar os paços da fortaleza de Humaytá, assim me exprimo na sextina seguinte :

Perseverança e trabalho
Guiaõ Delfim de Carvalho,
O Chefe da divisão ,

É todos seus commandados
Juram morrer abraçados
Do Brazil ao pavilhão.

O Sr. critico ignorando a significação do substantivo perseverança acha-o mal empregado e diz o seguinte :

« A disciplina, o valor, o desejo de glória, o patriotismo e a heroicidade não foram os motivos do chefe Delfim na memorável passagem, foram perseverança e trabalho. Diga-nos Doutor, o chefe Delfim tentou passagem alguma antes da de Fevereiro? Não, será a resposta. Logo o substantivo perseverança aqui empregado é 'balela,' elle não serve para causa alguma, por que a sua significação está deturpada. »

Deturpada sem dúvida está a significação que S. S. lhe dá.

Em primeiro logar lhe direi, que Delfim assim como os seus companheiros da armada não só tentaram muitas passagens pelas fortalezas inimigas, como até as realizaram. As brilhantes jornadas de Cuevas, Mercedes, Curupaiti, Curuçú, e outras, não poderão jamais ser esquecidas por Brasileiro algum a excepção de S. S. Delfim de Carvalho achava-se nessa ilha reanhida, há muito tempo, e nella perseverava ou prosegua, quando comandou a terceira divisão da

Esquadra imperial com direcção a Humaytá, portanto à palavra perseverança está empregada em sua verdadeira significação.

A sua ignorância, Sr. crítico, ha muito está privada sellada e reconhecida; o que admira somente é a sua audacidade arvorando-se em preceptor.

Constancio, Moraes, Farias, Lacerda, e finalmente todos os Lexicographos da lingua portugueza nos ensinam que — perseverança — significa constancia aturada, persistencia em continuar a empreza começada através dos maiores perigos e até mesmo do infortunio.

E foi justamente esta virtude que conduziu Delfim de Carvalho e os seus commandados à victoria. *Perseverantia adiutorum*, como diziam os romanos.

O successo das grandes emprezas, diz o Conselheiro Bastos, nasce a mais das vezes da perseverança. E nos militares principalmente por mais apreciáveis que sejam as outras virtudes perdem de seu valor, quando não as acompanha a perseverança. Já vê, pois, o Sr. critico que a significação desta palavra não foi por tião deturpada.

Leia o tomº primeiro do — *Ensílio sobre synônimos da Lingua portugueza*, por D. Fr. Francisco de S. Luiz à pagina 92 da nova edição; é se for suscetível de pudor que deve ter o escritor.

tor publico, ficará por certo corrido de vergonha por ter dado o espectaculo de querer emendar aquillo que é correcto.

Esta obra, proposta pela Academia Real das sciencias de Lisboa para promover o adiantamento da litteratura e da lingua portugueza, e reimpressa pela sociedade de instrucção elementar do Rio de Janeiro para servir á analyse ideo-logica e grammatical da lingua nacional como o mais util e mais importante trabalho deste genero, diz a respeito dos synonimos—*Continuar, proseguir, perseverar, persistir*; o seguinte :

« *Continuar* é ir fazendo o que se começou a fazer, não interromper a obra ou o trabalho; não o descontinuar. »

« *Proseguir* é propriamente seguir avante; ir sempre andando apóz. »

« *Perseverar* é proseguiir não só com determinado proposito; mas até sem querer mudar; ou antes com animo de não mudar. »

« *Persistir* é proseguiir com constancia, com apego, com afinco e talvez com obstinação. »

Refletiam os leitores sobre esta sabia liçao de Fr. Francisco de S. Luiz, para que bem possam avaliar da accusação sobre o emprego da palavra—*perseverança*.

Já vê o Sr. critico que *perseverar*, como qual quer um de seus synonimos é sempre proseguiir.

E o militar persevera no proseguimento das suas fadigas e sacrifícios, como o litigante no proseguimento da causa que entrou; como o homem probo no caminho da virtude; como o artista na obra que começou. E' no decurso da vida de sofrimentos que a perseverança, esta virtude heróica, vem reanimar os espíritos no meio das fadigas e das emprezas mais laboriosas para fortificar a constância na luta com a adversidade. *Qui perseveraverit usque ad finem, hic salvus erit, diz o Evangelho.*

E' pois a perseverança a salutar egide que ajuda o homem a realizar os designios mais espinhosos, e a vencer as emprezas mais temerárias. Newton jamais descobriria as maravilhosas leis da atração no sistema do Universo, se não perseverasse no proseguimento de seus estudos physicos e mathematicos. Perseverança e trabalho foram as causas das maravilhosas descobertas de Buffon e Humboldt nos tres reinos da natureza. Raphael e Rubens, antes de avultarem entre as maravilhas da arte da pintura, perseveraram tanto quanto mais tarde Pergolese e Rossine, para que podessem encher o mundo de encantos e harmonias.

Ora, se a perseverança é necessaria em todas as profissões ou estados da vida social, quanto mais em relação ao militar que ama sinceramente o

zeu poiz, que lhe consagra seus dias de vida, os seus sacrificios penosos e quase sempre inevitáveis, attentos os laços de família e de amisade.

A perseverança era a virtude por excellencia entre os Romanos, e consistia em supportar os trabalhos, e affrontar os perigos da mesma maneira que os estoicos affrontavam a dor, como disse Cicero:— *Perseverantia omnis, in dolore, agit in labore, aut in periculo spectatur.*

Os heróes lusitanos, que avassalaram os mares e levantaram triumphantemente as quinas portuguezas nos muros de Gôa, Diu, e Malaca, não são menos famosos pela perseverança com que supportaram trabalhos inauditos e desgostos profundos com que a ingrata pátria os amargurava, que pelo dengodo e força de animo com que se arrojaram no meio de tantos perigos. O mesmo dizemos nós a respeito dos nossos bravos marinheiros, que por sua perseverança forcaram a passagem de Humaytá depois de tantos trabalhos e desgostos, sem com tudo se deslisarem do caminho da honra, do brio e da lealdade brasileira.

E o que seriam o valor, a coragem e o patriotismo sem a perseverança? Esta virtude, Sr. critico, se acrisola tanto mais quanto mais numerosos e difíceis são os obstaculos que a combatem, porque ella é a firmeza do animo nas suas resoluções, apesar dos trabalhos e desgra-

ças que possam sobrevir; é por assim dizer o heroísmo em acção prolongada!

A perseverança habituando o soldado a partilhar, quer no remanso da paz, quer no estrepito das armas, todas as eventualidades e sacrifícios não pode deixar de corroborar e caracterisar o verdadeiro patriotismo, a coragem, o valor, e sangue frio, cujos predicados ornam os officiaes da nossa armada. Como, pois, o Sr. critico tem o arrojo de dizer que a —perseverança com relação ao chefe Delfim de Carvalho é balela, e não exprime cousa alguma?!

Não ha virtude, por certo, que mais exprima o espirito heroico, maguanimo e firme do que a *perseverança*, tanto é assim que Aristotelis compara esta virtude ás formigas, que, levando o sustento para os seus celeiros, vão todas ensfiadas, e nunca se afastam do caminho, que uma vez tomaram, perseverando sempre na mesma ordem e fadiga!

Plinio a compara á Aguia, que é a rainha ave que vóa contra os ventos, e nunca estes lhe podem reprimir a força do seu constante vôo. E muitos são os poetas que a assemelham á *pirauanta*, animal que no fogo nasce, no fogo vive, e no fogo morre!

Sophocles no Philoctetes óra a compara á Lúp-

que ainda eclipsada prosegue constante no seu acostumado curso, ora a compara ao diamante que nem agua o abranda, nem o fogo o consome, nem o ferro o lava, nem os golpes do martello o quebram, mostrando sempre uma durissima constancia !

Lucano e Ovidio a compararam á palmeira que persiste em sua verdura, e tanto mais se eleva e excede a altura das outras arvores, quanto mais os seus ramos a pretendem opprimir ! E nunca se dobra ao peso dos annos, porque a neve do inverno não a cresta, não a secca o ardor do esfio, não a arranca o vento, e nem a consoine o tempo !

Cicero a compara ás embarcações de remos, que perseveram em navegar com mares contrarios não alterando a sua derrota !

Alciato, finalmente, a compara á agulha nautica que não obstante as turbulencias do mar persiste apontando para o Polo !

Ora, se todos os escriptores antigos e modernos consideram a *perseverança* como o *symbolo* da constancia, da firmesa, e do heroismo no prosseguimento das mais elevadas e nobres accões, como ousa o Sr. critico negar esta sublime virtude aos nossos bravos marinheiros ?

Saiba, pois, Sr. critico, que a *perseverança* só tem valia para os homens indolentes e igno-

rantos, que em vez de sentirem o fogo de uma ambição nobre e elevada, o fluxo generoso do entusiasmo, o valor que sustenta a honra, a dignidade e o patriotismo, dormem pelo contrário o pesado sono da indiferença, e vivem sem aspirações, maldizendo áquelles que o sobrepujam, e vegetando habituados ao jugo estúpido da

—Fatalidade!

Não faça, pois, esta injustiça aos heróes que forcaram os paços de Humaylá, que perseveraram e venceram a exemplo de Vauban, de Condé e Turenne, os grandes transumptos na arte da guerra, cujos typos deixaram padrões indeleveis de grande perseverança e trabalho. *Omnia labor vincet.*

Avista destas considerações veem os leitores que eu não podia achar outro termo mais próprio para exprimir não só os trabalhos do chefe Delfim, como também a sua constância e o seu proseguimento na *disciplina, no valor, no desejo de gloria, no patriotismo e na herocidade*, cujos predicados o Sr. critico achou incompatíveis com a *perseverança e trabalho* naquela solemna occasião da batalha de Humaylá.

Passemos adiante :

Se o Sr. critico ignora a verdadeira e legítima significação litterária dos termos e seus synônimos, como fica demonstrado, não admira que nã^o

comprehendesse também as expressões figuradas que encontrou no meu trabalho. v. g : *Trombetas soam no ar !* Entretanto é uma phrase, na qual se nota uma bella metonymia, usada pelos escriptores de boa nota, embora S. S. metta a rediculo a expressão !

D'ora em diante não faça mais isto. Sr. critico, estude para não continuar a ser objecto de risotadas.

Eu vou explicar-lhe a phrasé.

Consistindo a metonymia no uso de um nome por outro com relação a objectos e cousas intimamente connexas, successivas e coexistentes como, por exemplo, a causa pelo effeito e vice-versa, estamos autorizados a dizer--as trombetas soam no ar, em vez do som das trombetas. Quer um exemplo ?

Eu lhe darei mais de um para que, S.S., fique sabendo o que ignora.

Abra o immortal poema dos Lusiadas, e leia a estancia 76 do canto VII, que verá o seguinte :

A trombeta, que em paz, no pensamento
Imagem faz da guerra, rompe os ares :
Co' o fogo o diabolico instrumento

Só faz ouvir no fundo lá dos mares.

Eis ali, temos a metonymia logo nos dous pri-

meiros versos: — a trombeta rompendo os ares, o que não é possível, mas sim o som, que é o efeito produzido pela trombeta.

Nos dous versos ultimos temos de novo a metonymia, porque o grande epico portuguez diz — o diabolico instrumento se faz ouvir. Entretanto comprehende-se que o som do instrumento é justamente o que se faz ouvir, e não o proprio instrumento.

Isto é o mesmo que dizer:

— Cantando espalharei por toda a parte.

As armas e os varões assinalados.

Ninguem por certo dirá, que Camões cantando, espalhou por toda a parte as armas e os varões, mas sim que, por meio dos seus cantos, espalhou por toda a parte a fama das armas e dos varões assinalados.

Vou terminar a explicação citando-lhe versos de um dos melhores poetas brasileiros. Na bellissima ode do nosso illustre compatriota Domingos José Gonçalves de Magalhães, intitulada — Napoleão em Waterloo, lê-se os dous versos seguintes:

Que importa que Grouchy, surdo ás trombetas,
Surdo aos trovões de guerra, que bradavam....

Eis ahi duas bellas metonymias empregadas nessa poesia, que incontestavelmente é uma das melhores do cantor de Tasso, e tanto é assim,

que Fr : Miguel do Sacramento Lopes Gama no 2.^o tomo de suas — *Licções de eloquencia nacional* no-la apresenta, como modelo de estylo sublime.

No primeiro verso lemos — Grouchy surdo ás trombetas, em vez de surdo ao som das trombetas. No segundo verso lê se — surdo aos trovões em vez de surdo ao estazipido dos trovões.

Eu voe procedendo assim com paciencia, Sr. Bustamente, mostrando-lhe o bom cantinho, e entretanto S. S. no seu ingeato trabalho, com as suas palhaçarias e intolerancia me fez responsavel até pela suppressão de um — e na palavra tacteando, quando a culpa é somente dos typographos !

O que é notavel é que S. S. no mesmo periodo, em que censura este erro propriamente typographicio, commette o mesmo erro suprimindo um — e — na palavra dicionario pois escreveu *dicionario*. E o que é mais notavel ainda é que no proprio enunciado da censura S. S. escreveu *encontrrem* em vez de *inorreim* !!!

E' muita leveza de espirito !

Se o Sr. Bustamente pretendia passar por um grande lexicographo entre os seus patricios, denunciando um erro typographicio que encontrou em toda a poesia — Batalha de Humaytá, então não devia escrever em seus celebres artigos — es-

cálpelo em vez de *scalpelio*; *sobre mesa* em vez de *sobre a meza*; *Goucher* em vez de *Roucher*; *Porthenon* em vez de *Parthenon*; *pactelico* em vez de *pathelico*; *dico* em vez de *dice*; *discreptivo e descretiro* em vez de *descriptivo*; *cancas paraguayas* em vez de *não sei o que*; *senedoche* em vez de *synedoche*; *Skiler* em vez de *Schiller*; *Welther e Wether* em vez de *Werther*; *seguesse* em vez de *segue-se*; *Phylosophia* em vez de *Philosophia*; *omonotopico* em vez de *onomatopico*; *fusem* em vez de *fazem*; *indisculpavel* em vez de *indesculpavel*; *iremos* em vez de *dizemos*; *eteruo* em vez de *eterno*; *ceusa* em vez de *causa*; *pé* em vez de *fé*; *pinta* em vez de *tinta*; *aglomeração* em vez de *agglomeracão*; *ligna* em vez de *lingua*; *catarata* em vez de *cataracta*; *aforciore* em vez de *a fortiori*, pois a expressão é latina assim como é *transeat*, que S. S. escreveu *tranzeat*; *produsir e redusir* em vez de *produzir, e reduzir*, pois a etymologia ensina a escrever tais verbos com — z, assim como todos os derivados do verbo latino *duco, is, etc.* etc.

Suspendo aqui para tomar folego e dizer ao Sr. Bustamente que muitos erros orthographicos e barbarismos se encontram em sua fatal critica, alem destes, de que agora me recordo.

E creio que outro qualquier homem que tivesse pundonor não se abalangaria a notar em escripto

alheio dum unico erro typographico commetendo na mesma occasião e na propria critica todos estes que ahí ficam notados, accrescendo que nem todos são typographicos !

Isto não revela só falta de bom senso, revela tambem mau caracter, porque o bom senso, segundo affirma o sabio Vouvenargues, é uma qualidate que nasce mais do caracter do que do espirito.

A' vista do exposto veem os leitores que o Sr. critico foi desmascarado ainda neste ponto, porque não observou aquella sabia e prudente maxima de Duclos, que diz :— *Uma das primeiras virtudes sociaes é tolerar nos outros aquillo que existe em si mesmo.*

Erros typographicos, Sr. critico, não desdram e nem deslustram a ninguém : pois os melhores e más correctos escriptores a elles estão sujeitos. Eu mesmo que tenho posto em relevo a sua crassa ignorância litteraria; não o responsabilizo pelos erros que ahí deixei notados. Nestes meus artigos muitos tentei salido contra a minha vontade, apesar de ter emendado alguns na ultima prova, e afé mesmo sobre o prelo na ultima hora ! Só quem nunca escreveu para o publico ignora estas cousas que não são estranhas até mesino áquelle que mandou alguma vez testemunhos para o jornal.

Assim pois aceite esta errata que lhe faço como uma retribuição apenas da cortezia e delicadeza que teve para comigo, tornando-me responsável pela culpa dos typographos! E tenho consciência de ter sido generoso na retribuição; pois para resgatar o meu pobre—é—naquela verbo *táctear* entregoo-lhe vinte e tantas cauções de erros seus, cambiados agora na praça dos Lexicographos. E dizem os cambistas que muitas outras cauções existem, caso seja necessário resgatar mais algum erro typographic no futuro.

Feito assim com tanta puntualidade este pagamento, não resta dúvida que ficou aumentado o nosso crédito na praça.

Deixemos agora o desvio, a que fomos arrastados por este importuno incidente, e voltemos ao caminho real para continuarmos a nossa marra.

Parahyba 8 de Maio de 1869.

ARTIGO XV.

Trataremos hoje das descobertas amphibolicas feitas pelo Sr. critico—na Batalha de Huayllá. Elle começa assim;

« *Principiemos pela terceira parte da poesia, que é a maravilha do mundo, porque a oitava é o rediculo redactor do Publicador. A primeira decima da terceira parte não tem cousa alguma que se possa aproveitar, quer politica, quer grammaticalmente. Vamos por partes e o leitor avalie.* »

— Como avulta a magestade
Do auriverde pavilhão,
Que vai plantar liberdade
Na terra da escravidão !

« Quem é que vai—plantar liberdade na terra da escravidão. » (Esqueceu-se do ponto de interrogação).

« E' a magestade que avulta ou o auriverde pavilhão ? »

Eis a luminosa critica do meu censor ! Quanta ignorancia e tolice por ahí não vai ! Mas de tudo o peior foi o falso que me levantou na quadra supra, que por cautella já fica corrigida. Era nada menos que o aumento de uma syllaba no terceiro verso, o qual elle transcreveu fazendo preceder a palavra liberdade de um artigo ! Se foi somente a ignorancia que conduzio o Sr. critico á falsificação eu lhe perdão ; mas se entrou n'isso tambem a calunnia perdeu o seu tempo, e basta o martyrio de Sosypho que o persegue, para que eu nada mais lhe deseje.

Deixando este incidente apreciemos agora a critica acima transcripta.

Não vejo na *Batalha de Humaytá* causa alguma que motivasse aquella mordidella á fúto no redactor do «Publicador !» Desconhecido e

ingralo é o Sr. critico, que assim morde a mão que procurou desvial-o do trilho erradio das *Fatalidades* tão cheio do atoleiros e *camaleões*, para apontar-lhe o verdadeiro caminho das letras, apezar de sua invencivel negação !

Todos sabem que aquelle redactor tem constantemente procurado pôr á bom caminho o Sr. critico, em cuja tarepha tambem agora me acho empenhado.

Ensinar os ignorantes, e castigar os que erram—são duas obras de misericordia, e não peccados. Culpado não foi elle certamente de seu emperro e cegueira ! E pelo contrario estamos convencidos que se por ventura S. S. tivesse tomado em tempo os seus prudentes conselhos como um generoso aviso, não teria cahido no profundo pôço de ignorancia em que agora se acha quasi asfixiado por submersão.

Ditas estas palavras, mais por um sentimento de justiça do que por defesa ao redactor do «Publicador», que não me encommendou o sérnão, passarei agora a demonstrar os erros de apreciação do Sr. Critico, quanto as amphibologias que descobriu na minha poesia.

Principiemos :

Quem vai plantar liberdade na terra da escravidão, Sr. critico, é o pavilhão auriverde, cuja magestade avulta. E' isto o que se lê na-

quella quadra, cujo conteúdo S. S. diz ingenuamente que ignora.

Nenhum homem de letras ignora que o pronome relativo *que*, que aí a aquellas duas orações, significa — o qual referindo-se a pavilhão, que é o substantivo visinho e determinado que lhe antecede. E nem outra pode ser a interpretação, visto como a palavra *magestade* significa apenas a *elevação e sublimidade* do pavilhão brasileiro; e portanto essa *magestade* que é um título, uma circunstância, ou um predicado associado ao pavilhão, não exprime por si acção de natureza alguma; ao passo que o pavilhão na accepção em que deve ser tomado exprime acção independentemente do seu predicado; porque figuradamente o pavilhão, a bandeira, ou o estandarte, symbolisa o exercito tomando-se o signal pela causa significada. E este exercito symbolisa por sua vez a propria nação brasileira, que afinal é quem vai plantar liberdade no Paraguay, a terra da escravidão.

Sobre este ponto eu não poderei dizer melhor, que o comunicante deste jornal que primeiro refutou a critica do Sr. Bustamente; eu não quero roubar-lhe a gloria, e deixo que elle falle:

« Em primeiro lugar estabeleçamos o verdadeiro sentido da palavra — decima — que o critico não hesita em confundir a cada passo com as

quadras : Decima é exclusivamente uma poesia composta de dez versos. »

« Em segundo lugar não sei qual seja o valor politico, que o anonymo quereria achar nessa quadra. Que pensamento d'essa ordem pode exprimir qualquer das partes de um trecho lyrico, dictado simplesmente pela inspiração patriotica, no qual o poéta solemnisa um feito brilhante das armas de sua patria ? Quando se accusa é preciso pôr um cuidado extremo no emprego das palavras. Quem se arrisca nessa posição renuncia a toda benevolencia, que elle é o primeiro a recusar. »

« Quanto ao valor grammatical, o critico descobre na quadra uma grave amphibologia que obscurece inteiramente o sentido della, e a torna um cahos, »

« Ora, nós contestamos precisamente que na quadra, de que se trata haja uma amphibologia no sentido stricto da palavra. »

« Amphibologia é a possibilidade de dous sentidos n'uma mesma phrase.—Esta definição é exacta. Quando dos dous sentidos que se podem attribuir á uma phrase, um é possível, mas o outro não, a amphibologia não existe. Entre uma idéa rasoavel, e um absurdo o espirito desprevinido não hesita. Para esclarecer a applicação da definição resolvemos a quadra nas propo-

sições, que ella envolve. Temos as duas proposições : »

• *Como a magestade do auriverde pavilhão, que vai plantar a liberdade na terra da escravidão, avulta.* Quaes são aqui os dous sentidos possíveis? De um lado—*a magestade do pavilhão auriverde*—do outro—*o pavilhão auriverde.* »

« A amphibologia consiste, na opinião do critico, em não se saber qual dessas duas cousas vai plantar a liberdade na terra da escravidão. »

« Concebe-se muito bem que o poeta por uma methonymia aliás summamente expressiva tenha querido personificar no pavilhão auri-verde o conjunto dos guerreiros que combatem á sombra delle. Mas pode-se transportar semi absurdo esse mesmo sentido para a magestade do pavilhão? Pode-se suppor seriamente que o poeta tenha querido dizer que é a « *magestade do pavilhão,* » isto é a um simples attributo, que não existe fora da substancia, que elle modifica? quem vai plantar a liberdade em alguma parte? »

• O que é em si a magestade do pavilhão? O que é a bellesa, a justiça, a magestade de uma causa independentemente da causa mesma? O pavilhão é um ser real, um individuo, e a idéa de associar as conquistas e os triumphos de um povo á essa devisa solemne de sua nacionalida-

do, a parte os effeitos imprevistos, que della pode tirar a imaginação do poeta, é commun, entra na linguagem ordinaria. Assim diz-se: as victorias do pavilhão... francez, por exemplo, pelas victorias do exercito francez &c. &c. »

« Aqui não ha pois amphibologia, porque um dos doux sentidos é possivel, o outro não. »

« Pode o anonymo agarrar-se á uma vã subtileza grammatical, e teimar em attribuir um absurdo ao pensamento do poeta: mas isso não é culpa deste, e nem se chama amphibologia. »

« E' um phenomeno, que vem do anonymo, e tem outro nome, que não é grego. »

« A arte de escrever não se lembra desses leitores, dominados pela raiva de não entender. »

« Em verdadeira amphibologia cahê o anonymo, que pratica com muito pouco escrupulo esses preceitos, que aliás professa tão sabiamente, e applica com tanto rigôr. Eu vou mostrárlhe não só um, porem douz desses defeitos que pela gravidade, com que os considera, devião inspirárlhe horror. »

« Um pouco acima do olho, em que o anonymo surprehende com delicia o argueiro escandaloso, eu leio esta phrase « principemos pela terceira parte da poesia que é a maravilha do mundo » Estou certo que já me advinhou.

« Qual das duas cousas é a maravilha do

mundo ? A terceira parte da poesia (a magestade do pavilhão auriverde) ou a poesia mesmo (o pavilhão auriverde) ? »

« Applicando a definição do vicio á esta construcção, como applicamos a outra vé-se que é aqui que ha verdadeira amphibologia, porque a mesma phrase encerra dous sentidos possíveis. Pode ser que a terceira parte de uma poesia, insipida em todas as outras partes seja a maravilha do mundo, e pode ser que o seja a poesia mesma. »

« Mais abaixo diz o anonymo : *reforma na orthographia da lingua, que já está um pouco barbara.* Advinhou-me o pensamento outra vez. Qual das duas cousas está um pouca barbara ? A *orthographia da lingua* (a magestade do pavilhão auriverde) ou a *lingua* (o pavilhão auriverde) ? Uma applicação analoga da definição demonstra que também aqui ha uma verdadeira amphibologia. Pode ser que seja a *orthographia da lingua*, que está barbara, e pode ser que seja a *lingua* mesma. »

« E' excusado fazer sentir ao anonymo a gravidade desse vicio do estylo—: porque se estudou sabe, e se não sabe aprenda que amphibologia é um dos oito vicios contra a claresa, que a ambiguidade é um defeito grammatical, portanto deve concordar com o erro de palma—

toria que deu nas composições acima, erro reprovado pelos rhetoricos desde Quintiliano até o capadinho do padre Honorato.

Vejamos agora outra descoberta **amphibologica** feita pelo Sr. critico nos versos seguintes :

Em quanto aquelles escravos
Batalham com homens bravos
Sein esperanças de luz.

A critica reza assim :— «*Esperanças Dr. é plural. A quem se refere o substantivo esperança? á homens bravos ou aquelles escravos?*

Aprecemos esta algaravia.

O Sr. critico entende que o substantivo *esperança* não pode formar plural (primeiro dislate) e em acto continuado julga relativo o mesmo substantivo, porque se refere a alguém (segundo dislate).

Saiba, Sr. critico, que — *Sem esperanças de luz* é uma circunstancia de modo, porque batalham aquelles escravos, e essa circunstancia qualifica assim o seu improposito trabalho. Esse complemento pois é accrescentado para esclarecer tão somente a triste posição dos soldados paraguayos, que são os unicos que precisam de luz, por viverem nas trevas da escravidão.

Ouça ainda desta vez o que diz o illustre com-

municante, e se não for emperrado creio que hão de ficar satisfeitos com a sua lição. Eis-a:

« Uma justa interpretação do termo — *luz* — dessipa a amphibologia, que o anonymo supõe encontrar no complemento — *sem esperanças de luz* — »

« A palavra *luz* está empregada, como é evidente, para significar, não o facto physico, mas a civilisação e suas verdades. »

« E' a *luz moral e intellectual*, os *dous raios* divinos, que esclarecem as almas, em oposição á ignorancia, e ao vicio, as sombras que as obscurecem. »

« Ora quaes são aqui os *dous sentidos possíveis*, que exige a definição de *amphibologia*? De um lado aquelles escravos, que o poeta representa curvados sob uma dictadura tenebrosa : do outro os *homens bravos* que elle celebra, como os cidadãos livres do paiz livre, que é a sua patria. Pode-se suppor que seja a estes que o poeta nega não somente a *luz*, mas ainda as *esperanças* della, tomada a palavra *luz*, na accepção, que eu determinei ? Como já disse o anonymo pode teimar em attribuir um absurdo ao pensamento do poeta, mas nesse caso não ha phrase que não seja *amphibologica*, porque não ha nenhuma, que não contenha um sentido legi-

timo, e outro qualquer, que lhe queirão emprestar. »

Lá no exercito acampado.

Nas linhas de Tuyuty

O fôgo foi sustentado,

Como nunca fora alli .

« Parece-me que o poeta diz que em Tuyuty sustentou-se um fôgo, como nunca se sustentou alli : conclue o anonymo, que o *fôgo não passou de meia duzia de tiros.* »

« Deixando de parte futilidades eu quizera achar uma palavra que exprimisse a impressão, que fez nascer em mim a leitura dessa unica quadra. Essa forma graciosa e pura, harmoniosamente facil, docemente murmurante, desperta instantaneamente n'alma o instincto delicioso da musica. Eu senti alguma cousa passar-me pelo espirito, como o perfume querido de uma flor já respirada : eu reconheci nesse echo, que me chegava isolado, a mesma voz, que alguns annos nos cantava enternecedida sobre o tumulo de Mariz e Barros :»

Quem foi mais bravo que elle ?

Quem pelejou com mais fé ?

(*Citamos de memoria.*)

« O desabrochar fresco, e suave, o sópro mavioso, que se exhala, e vos penetra insensivelmente é o caracter da poesia do Dr. Cordeiro. Nada de esforço ; as cordas da lyra agitão-se por si só, e põem-se a ressoar como as harpas eolias : essa poesia é o movimento espontaneo de uma organisação melodiosa. »

Vejamos ainda a ultima descoberta amphibologica do Sr. critico na seguinte quadra :

Muitas chatas e canôas
Das trevas surgem alli
Abordando o Alagôas,
Que commanda o Maurity !

Diz o Sr. critico :— « *Chatas surgindo das trevas !* O Dr. por certo que não conhece a prosodia portugueza ; se conhecesse não escreveria tão impropriamente o verbo surgir. Abordando o Alagoas—Eis a maldicta amphibologia »

Temos aqui tres censuras a saber:

1.^a Que as chatas e canôas não podiam surgir das trevas. (Primeiro dislate.)

2.^a Que empreguei impropriamente o verbo surgir por não conhecer a prosodia portugueza. (Segundo dislate.)

3.^a Que na expressão—*Abordando o Alagôas*:

ha uma maldita amphibologia, porque (confessa com toda a ingenuidade o Sr. critico) não sabece o Alagôas é abordado pelas trevas ou se pelas canôas ! (Terceiro dislate.)

Eu tenho paciencia bastante para continuar a praticar as obras de misericordia para com o Sr. critico, assim de ver se o salvo de tão crassa ignorancia.

A' primeira censura respondo, que as chatas surgiram das trevas, por que nellas estavam occultas até o momento em que foram presentidas pela tripolação do monitor Alagôas.

Surgir (em latim *surgere*, levantar-se. ir crescendo) significa- subir, levantar-se, crescer em altura, erguer-se de baixo como se do meio das aguas fossem surgindo de mergulho as terras (Moraes.) Já vê, pois, o Sr. critico que dizendo ou—*as chatas e canôas surgem das trevas alli, isto é proximas ao Alagôas;*—é o mesmo que dizer que as chatas e canôas se destacam das sombras em que se acham envoltas, e, *como se das aguas fossem surgindo, levantam-se, erguem-se* diante do monitor Alagôas, e *crescem em altura,* a ponto de lhe darem abordagem.

Eis ahí empregados os significados da palavra *surgir* de conformidade com o lexicographo acima citado.

Ouça agora os classicos, Sr. critico, refleixa e verá que eu empreguei o verbo surgir com toda a propriedade no verso em questão.

O padre Vieira, chamado o grandiloquo na lingua classica e puritana de Portugal, diz :—*A não meio sepultada surgio e se pôz em ria.*

Fr. Luiz de Souza, cujo estylo elegante e sentencioso serve de modelo na nossa lingua, usa das seguintes expressões :—*A aurora surge do horizonte, das trevas, das ondas.*

Barros, o celebre historiador portuguez, diz :—*Surgiram diante da povoação.*

Castilho finalmente diz :—*Onde esperaes que vos baixe do céo como a pomba candida, surge-vos do abismo.*

Assim, pois, dizendo eu as chatas surgem das trevas (como do abismo) diante do Alagoas (como diante da povoação) segui as lições dos mestres da lingua, os quaes por sua vez participam das censuras e epigrammas do meu Zoilo, visto como corroboram assim os meus erros.

A sua segunda censura, Sr. critico, é um absurdo, que revela bem o grão de sua ignorancia e o valor de sua critica ; porque dizer que a Prosdodia ensina a conhecer a propriedade e significação dos termos da lingua é desconhecer os preceitos da Grammatica, é dizer um absurdo, é dizer o maior dos disparates.

A prosodia é uma parte da Grammatica que ensina apenas a pronunciar as palavras, segundo o som das letras e o accento e quantidade das syllabas. Essa parte da Grammatica na accepção geral da correcta pronunciaçāo pode se chamar—Orthoépia. Mas o que temos nós com o pronuncia do verbo *surgir*, cujo vocabulo não admite duvida quanto a accentuação e quantidade das syllabas?

O que quer dizer a Prosodia quando se trata de determinar, não a accentuação vocal da palavra, mas sim o valor e precisão do termo, o sentido logico da idéa?

A significação propria dos termo de qualquer Lingua, Sr. critico, nada tem de commum com a Prosodia da mesma Lingua. Isto é confundir alhos com bugalhos. As partes da Grammatica que tratam das palavras e phrases são a Etymologia e a Sintaxe, e estas por si sós ainda são insuficientes para ensinar a fixar com toda a precisão philosophica o valor dos vocabulos e a propriedade dos termos.

Termo improprio quer dizer vocabulo que não exprime bem a idéa. E o meio, que se nos oferece para obstar esse erro ou depravação da Lingua não é por certo o conhecimento da Prosodia. O unico meio que se nos oferece então é o estudo da Arthologia, que ensina a fallar cor-

rectamente ; é o estudo dos principios philosophicos da Grammatica geral applicados aos preceitos da Grammatica do nosso proprio ediomia, é o estudo não só do material, como do intellectual das palavras, tendo por sim facilitar as operações do espirito que dizem respeito a Logica.

A grammatica, segundo Duvivier tem duas sortes de principios : uns são de uma verdade immutavel e uso universal ; e outros são de uma verdade hypothetica e dependente de convenções livres e variaveis de cada povo que as adopta. Neste caso a Grammatica é particular e se chama uma arte ; naquelle porem, é geral e se chama uma sciencia, visto como os seus principios pertencem a natureza do pensamento e seguem a sua analyse, e o seu resultado.

Não confonda pois, Sr. critico, a Prosodia, que é uma parte da Grammatica que trata unicamente do som das letras e dos accentos das syllabas, com a propria Grammatica, que com tales paincpios acima mencionados nos ensina a fallar e escrever correctamente, dando-nos preceitos e regras para precisar o valor das palavras, descreminar os termos da oração, e conhecer o sentido logico da expressão da phrase.

Passando a responder a terceira e ultima censura que se deprehende do enunciado do Sr. critico, direi que ainda desta vez S. S. achou am-

phibologia onde ella não existe ; pois ainda quando haja na construcção da phrase em questão alguma transposição autorisada pelo uso universal, não só na poesia como até mesmo na prosa, os termos da proposição, á que S. S. se refere, são tão significativos que ninguem pode enchergar nella dous sentidos differentes. Ouça :

As sombras não podiam abordar o monitor Alagôas, porque abordar é um verbo neutro e absoluto que significa :—*pôr a borda de uma embarcação contigua á outra, entrar atacando, saltar de um navio dentro do outro, accometter, assaltar.* (Constancio). E essa accão de abordar o *Alagôas* não pedia ser feita pelas *trevas* que na accepção empregada é um complemento regido de preposição; e sim pelas *chatas* e *cânôas*, que sendo os agentes da oração principal do periodo exprimem a accão exercitando o significado do verbo *surgir*, do qual é complemento o gerundio *abordando*. como tudo se vê no verso acima transcripto. E o Sr. critico não deve ignorar que os gerundios designando o tempo denotam, como mui bem dizem os Grammaticos, a consequencia de uma accão já declarada com relação ao sentido da phrase principal. Leia Soares Barbosa ou Alexandre Passos, e senão for bronco tudo aprenderá.

Leia o Sr. critico os Diccionarios de Constan-

cio, de Moraes, de Correia de Lacerda e outros; e verá que *abordagem* é a acção de abordar, abalar, acto de ir a bordo para atacar. Chama-se assim, segundo a tecnologia da marinha militar, aquella operação que a tripulação de uma embarcação faz assaltando, investindo e escalando o bordo de uma inimiga. Ora, se isto dizem os Lexicos, como é que o Sr. critico tem a ingenuidade de suppôr que as trevas também podem dar abordagem fazendo esta operação?

Terminando este artigo aconselho ao Sr. critico que deixe de ser arlequim para ser homem serio, afim de que não dê mais o escandalo de falar daquelle que não entende. Sim, antes de se abalancar a nova empreza critica leia primeiro os Lexicos, estude as regras da syntaxe, reflecta sobre os preceitos da Grammatica geral, e sobre tudo, cave com mão nocturna e diurna, segundo a bella expressão de um escriptor contemporaneo, nas ricas minas dos nossos bons classicos, para que possa um dia libertar-se desta maldita ignorancia.

Parahyba 12 de Maio de 1869.

ARTIGO XVI.

'Ao travar-se a lucta entre a esquadilha brasileira e a fortaleza de Humaytá, lê-se no canto III, estrophe primeira, da minha poesia o seguinte :

Mas Lopez na jaula freme,
De raiva convulso treme,
Encrespa a juba de lá !

A critica do Sr. Bustamente a estes versos tão parva, quanto luminosa é a resposta dada

spelo illustre campeão que me precedeu nesta tarepha. Eu passo a transcrevel-a :

« O critico nota aqui os seguintes defeitos 1º. A metaphorá : Lopez tremendo, 2º. O pleonasmo : treme convulso, 3º. Outra metaphorá : Lopez com juba, 4º. A expressão ambigua : juba de lá. »

« 1º. Lopez tremendo.—Nós contestamos que aqui haja uma metaphorá. »

« *A metaphorá é uma figura pela qual se transporta a significação propria de uma palavra para uma outra significação, que não lhe convem, senão em virtude de uma comparação subentendida.* »

• Assim dizemos : o sorrir da aurora.—A significação propria da palavra sorrir foi aqui transportada para outra significação : o raiar da luz em virtude de uma relação subentendida entre o sorrir e o raiar da luz. »

« Qual é nessa expressão—Lopez tremendo a palavra cuja significação propria foi transportada ? Não sendo certamente o nome proprio ha de ser tremendo. Qual é a significação propria da palavra tremer ? Qual é a outra significação para a qual a significação propria foi transportada ? »

« Ou por outra, quaes são os dous termos da

comparação, que toda a metaphorá suppõe? Um será tremendo, e o outro? »

« Aqui não ha dous termos, não ha comparação, e por conseguinte não ha metaphorá. »

« 2º. Treme convulso—A censura de um pleonasmo, que importa a proscripção de licenças analogas como a inversão, e a ellipse, atestão que o espirito do anonymo, é inteiramente extranho ao trato dos modelos d'arte. O grande segredo da forma poetica, esse segredo que faz o tormento, e a gloria do artista, consiste principalmente no emprego feliz dessas figuras, que animão, e renovão a linguagem. A poesia fará bem submettendo-se, sempre que isso lhe for possivel, ás regras da rhetorica, e da grammatica, mas sem comprometter nessa livre submissão os seus nobres privilegios. Quando chegar o momento, em que essas regras se transformem em cadeias, e queirão prendel-a, é preciso que ella tenha o poder de escapar-lhes, e tomar altivamente o seu vôo. »

« O pleonasmo é um recurso precioso para comunicar a valentia, e a côr, á uma palavra que por si só seria fraca e pallida. »

« Camões abrindo magestosamente o 4º. canto. do seu poema dirá: »

Depois de proc'losa tempestade
Nocturna sombra, e sibilante vento.

« Mais abaixo : »

Aparta o sol a escuridade
Removendo o temor do pensamento

« No primeiro exemplo sobretudo o adjectivo — *procellosa* — qualificando o substantivo — *tempestade* — produz com elle um pleonasio tão harmonioso quanto energico. »

« Já se vê que essa licença é muitas vezes na poesia uma grande belleza, em vez de ser por si mesma um defeito, como pretende o critico. »

« Abstrahindo, porém, toda a questão d'arte para cingir-me ao facto, eu nego positivamente, que a expressão — tremor convulso — encerra um pleonasio. A idéa de tremer não implica a de convulsão. »

« Eu concedo, sem as restrições convenientes, que sempre que ha convulsão ha tremor; mas a reciproca é evidentemente falsa. »

« Uma impressão do ar, a qual agita ligeiramente os nervos produz o tremor; mas ninguém dirá, que esse movimento é uma convulsão. »

« Está no mesmo caso o verso. »

« *Ignea corôa fulgente* »

que o critico toma por objecto de suas insipidas

zombarias. E' um erro dizer que o que é *igneo* é por isso só fulgente. »

« *Igneo* é qualquer corpo simplesmente *inflammado*. Fulgente chama-se aquelle, que despede de si brilhantes raios, aquelle que fulge. O pavio *inflammado* de uma vella é um corpo *igneo*. Fulgentes são as estrellas, que em uma bella noite, scintillão na abobada azulada do firmamento. »

« No verso acima não ha pleonasmo. »

« 3º. Lopez com juba.—Confessa o anonymo com ingenuidade, que nunca ouviu dizer que os homens tivessem jubas. Eu o creio, mas não era a juba que devia assustal-o. Desde que o poeta imagina o energico tyranno, encerrado com a sua vingança em uma jaula, logar onde se prendem as feras, symbolos da raiva indomavel, e'lo estabeleceu uma metaphor. Ahi no ponto, em que assenta a figura, é que o critico devia ter parado. Admettida a comparação, attribuir ao tyranno uma juba, signal caracteristico da fera, é uma consequencia natural, que já acha preparado o espirito do leitor. »

« 4º. Juba de lá.—Com effeito esta expressão presta-se á malicia. Pode-se attribuir-lhe um sentido qualificativo, e, se me fosse licito oferecer um conselho á aquelle que reconheço cordialmente por mestre, eu lhe diria, que em uma

reimpressão de sua poesia a substituisse por outra, quando mesmo tivesse de alterar a construção geral da estrophe. Não tanto por essa puerilidade, mas porque o advérbio — *lá* — precedido pela preposição — *de* — produz um som desarmônioso, e deve até enfraquecer o sentido. Conhece-se pelo tom desafinado, que foi uma concessão involuntaria, feita á rimas. »

Eis ahi a que ficou reduzida a critica do Sr. Bustamente. Sinto, porém, ter de fazer algumas observações relativas á esta ultima parte da apreciação do meu ilustrado advogado. Sinto tanto mais porque tendo sido assaz generoso para comigo em todos os argumentos de sua lúminosa analyse, foi ainda demasiadamente delicado e modesto neste unico ponto em que divergimos.

Eu já disse em um dos meus primoiros artigos que acceptava com a melhor vontade as correções bem cabidas dos adversarios, os conselhos dos amigos, sem desprezar com tudo os de minha intima consciencia. E a respeito do ponto contravertido acho-me infelizmente preso á esta ultima hypothese, pelo que peço desculpa ao meu advogado se opponho ao seu generoso conselho, não de discípulo mais de collega illustre, as reflexões seguintes :

Não pode haver ambiguidade onde não ha pa-

lavra equivoca, onde não ha abuso do hyperbato e obscuridade da metaphor, onde não ha sentido amphibologico. E me parece que neste caso se acha a phrase—*Encrespa a juba de Iá*, quer se considere em sua integridade, quer se a considere em suas relações com as orações antecedentes.

Vejamos :

1º. Não ha *palavra equivoca*, porque nenhuma dellas se pode entender em dous ou mais sentidos, porque nenhuma dellas tem varias significações distintas, porque nenhuma dellas, finalmente, se confunde com outra que se pronuncie ou escreva do mesmo modo, posto que tenha um significado diverso, como sucede com os homónimos.

2º. Não ha *abuso do hyperbato*, porque nessas orações não ha inversões e nem anastrophes que tragam a mistura ou confusão, e pelo contrario todos os termos da oração em questão estão collocados em ordem a saber:—o sujeito declarado na primeira oração do periodo, e subentendido por ellipse; o verbo activo, e seu atributo, e o complemento circunstancial que completa o sentido.

3º. Não ha *obscuridade da metaphor*, porque o seu fundamento existe na relação de semelhança, que se dá naturalmente entre os ob-

jectos comparados, como facilmente comprehendeu o meu illustre collega em seu penultimo paragrapho. E na verdade, desde o momento em que se imagina Lopez, o energico tyranno, tremulo e convulso de raiva, encerrado com a sua vingança na fortaleza como numa jaula, encrespando a juba, signal caracteristico da fera assanhada, e bramindo como um leão que vai entrar em lucta, claro fica o objecto de que se falla, e a imagem que o representa; e portanto a metaphorá é natural; obvia e facil é a sua comprehensão. Dadas estas circumstancias o espirito do leitor como que fica disposto a receber a impressão da semelhança que é o fundamento da metaphorá.

4º. Não ha sentido *amphibologico*, como quiz fazer crer o Sr. critico, ou por malicia ou por ignorancia destacando propositalmente as palavras — *juba de lá* do resto da oração, porque não ha quem ignore que o substantivo feminino — *juba* significa exclusivamente a *corna do Leão*, e portanto este substantivo não pode se referir senão ao animal e jamais á cousa indeterminada.

O Sr. critico destacando do verbo e sujeito da oração o attributo — *juba* para unil-o ao complemento circunstancial — *de lá*, com o fim de deturpar o sentido da oração, esqueceu-se do que estas partes da oração não podem andar separadas do verbo, que é o nexo ou copula que une o

atributo ao sujeito independente de qualquer complemento indirecto.

A expressão adverbial —*de lá*— é um complemento terminativo que designa apenas mera circunstância de logar, onde se acha Lopez, furioso e ameaçador, como um Leão sedento de vingança dentro da sua jaula. A esse complemento circumstancial de logar ou terminativo ninguem por certo atribuirá um sentido qualificativo ou attributivo, como suppõe possível o mui illustre collega a quem com toda a deferencia respondo.

E' verdade que a preposição —*de* não só mostra o termo *d'onde* parte a acção, como tambem marca a relação da palavra antecedente, e designa uma distinção de causa. Mas na phrase —*Lopez encrespa a juba de lá*; ninguem dirá que a preposição —*de* mostra a relação da palavra antecedente, e não o termo do logar de onde parte a acção, pois no primeiro caso o sentido qualificativo é um disparate, e no segundo o sentido terminativo é regular e completo, qualquer que seja a construcção da phrase, cuja inversão é admittida na poesia.

Jeronymo Soaes Barboza, diz em sua Grammatica philosophica, que nos adverbios de logar o complemento é composto de duas idéas, uma geral expressiva do lugar; e outra individual, indicada por algum dos demonstrativos; mas-

ambas encolhidas e concentradas em um pequeno vocabulo. Assim, por exemplo, no adverbio do logar *Onde* — ha uma ellipse da preposição *em* ; a qual, como se não exprime, dá logar a este mesmo adverbio se poder juntar com outras preposições, como : *D'onde*, *Por onde*, *Aonde*, *Para onde*; o que acontece em quase todos os adverbios desta classe ; v. g : *De lá*, desse logar, (*indeterminado*) *por lá*, por esse lugar, *para lá*, para esse logar.

Fica assim provado exuberantemente que o adverbio — *lá*, — precedido pela preposição — *de* — longe de enfraquecer o sentido *em* que foi empregado, dá-lhe toda a força e clareza ; tanto mais porque é regra grammatical que o nome que significa o logar de onde alguém vem, ou saí, ou de onde parte qualquer acção, é sempre regido em portuguez da preposição — *de*, assim como no latim é regido da preposição — *a* ou *ab*, e ou *ex*, clara ou occulta, por exemplo : — *Venio de Roma*, do Egypto, da cidade, *Venio a Roma*, *ab Egypto*, *ex urbe*.

O meu illnstre collega acha tambem desharmônioso o som dessa expressão — *de lá*, entretanto o som agudo com que termina esse verso, que é o sétimo da decima, é o mais regular nas estrofes deste genero em que tanto primou o melódioso cantor da *Lua de Londres*. A rima aguda

nos versos 2, 4, 7, e 10, dessas estrophes é considerada entre os metrificadores modernos como uma belleza; e eu não me afastei uma só vez desta regra de harmonia estabelecida por João de Lemos, abraçada sem discripânciam pelos nossos melhores poetas, e applaudida por Castilho nos seguintes termos :— « Quando as estrophes constam de dous ramos, quer estes sejam iguaes em quantidade de versos, quer desiguaes como nas decimas, em que o primeiro ramo consta de quatro versos, e o segundo de seis (como nas da Batalha de Humaytá) o ouvido approva muito que os finaes destos ramos rimem em agudo. »

A vista do exposto, meu illustre collega, os tres versos acima transcriptos sobre os quaes tem versado toda a analyse deste artigo não deverão causar estranheza aos homens entendidos como S. S., embora prestem-se à malicia dos zoilos como o Sr. Bustamente, de cuja ignorancia nenhuma culpa tenho.

Posso estar em erro nas observações que expendi, não duvido, mas serão elles então filhos, não do orgulho, mas tão somente das fracas luces de minha razão e dos conselhos de minha intima consciencia. Sinto divergir os neste ponto, tanto mais porque reconheço as boas interpretações de um amigo tão illustre quanto generoso.

Parahyba 2 de Maio de 1869.

'ARTIGO' XVII.

Na tactica militar dá-se o nome de batalha as accões que se passam entre dous exercitos armados em ordem de combate. Chama-se *batalha campal* ou terrestre, a que se dá em terra entre os exercitos; e *naval*, a que se dá entre armadas ou esquadras. Os lexicographos ainda não nos deram um termo proprio para especializar a batalha entre uma esquadra e uma fortaleza; mas os Ingleses, cuja autoridade na matéria ninguém pode contestar, costumam dar-lhe a mesma classificação de *batalha naval*.

como o fizeram annunciando em seu jornal *Standart a batalha de Humaytá.*

O Sr. critico, porém, que falla sobre tudo que não entende com o maior displate contesta os Inglezes com ares de sufficiencia dando a entender que devemos classificar tal batalha de *campal ou terrestre!*

Como o Sr. critico não fundamentou a sua opinião, continuamos a seguir a dos Inglezes, já pela autoridade que exercem elles sobre a matéria, e já porque o termo de *batalha* em sua origem significou o proprio logar onde os homens se exercitavam na peleja. E na verdade o campo da batalha de Humaytá foi o rio. Entre os contendores não existia espaço ocupado por terra; os projectis se cruzaram sobre as aguas. Entretanto não faço disto questão, pode o Sr. critico chamar essa batalha terrestre, e lá se avenha com os ingleses que a chiamaram naval.

Passen os adianle.

Tratando ligeiramente do combate havido em terra no mesmo dia da batalha de Humaytá assim me expresso :

O velho cabo de guerra
Combinou a ação em terra
Com a batalha naval ;
E nesse fogo cerrado

Simultaneo e combinado
Distinguiu-se o general.

Em uma nota eu disse que me referia nestes versos ao Marquez de Caxias, e o Sr. critico diz que — é falsa essa referencia, e que se eu tivesse lido o boletim do Exercito havia de ver que o dito Marquez a frente de uma força atacava o forte estabelecimento e não estava em Tuyuty.

Quid inde? Então porque o Marquez se achava a frente de uma força atacando o forte Estabelecimento, segue-se que não era o General em chefe, sob cujo comando achavam-se todos os corpos do Exercito desde Tuyuty até o Estabelecimento, em cujos pontos entermedios rolava o fogo ? !

A paixão o cega, Sr. critico, e o faz perder o senso commun, porque de suas proprias palavras se conclue, 1º. que o nobre Marquez não era então o general em chefe do nosso Exercito, e que era apenas um official subalterno visto como só commandava uma força em frente do forte Estabelecimento. 2º. que elle não combinou a acção que se deu em terra com a acção naval !

Pobre zoilo, querendo dizer-me lérias não duvidou rebaixar o nobre Marquez, e, o que é peor, fazel-o passar por mentiroso !

Agora que já deve estar arrependido e calmo

do triste espetáculo que den, leia o que disse o Marquez em sua parte oficial dirigida por essa occasião ao Governo :— « *Havia dado minhas ordens e expedido as convenientes instruções para que logo que se ouvissem, na madrugada de 18 para 19 do corrente (Fevereiro) os tiros convencionados da esquadra, o exercito começasse o seu movimento.* »

Diga-me agora, Sr. critico, quem leu o boletim do Exercito fui eu ou S. S.? Se o leu não o entendeu por certo, e eu nada duvido de sua fina hermenêutica, o que admiro é o erro proposital que S. S. cominhetou logo abaixo das palavras referidas, com o fim de calunniar-me. Attendam os leitores o caso que passo a referir, e admirem :

Eu principiei a 3^a. estrofè do canto 3º, pelos seguintes versos :

De Humaytá choviam balas
De cento e oitenta canhões
Por sobre os barcos em alas
Com grandes detonações.

O Sr. critico, por um capricho estropiou-me o verso e a palavra *detonações* para calunniar-me e illudir o publico, asseverando ter eu escripto-

Com grandes *denotações* !

Eu não escrevi tal ; e o folheto da Batalha de Humaytá corre impresso por todas as mãos nesta cidade; quem quiser verificar a astúcia pequenina e miserável abra a pagina 11, e no fim dela verá escripto no verso citado—detonações, e não denotações !!!...

E não é só nessa pagina que se encontrará essa palavra, abra-se ainda a pagina 27 e encontrar-se-ha em a nota 9 escripta a mesma palavra —detonações.

Mas, perguntar-me-hão os leitores, para que sim adulterou assim o critico esta palavra ?

A resposta é facil; foi para ter o gôsto de escrever sobre ella as banalidades que fielmente passo a transcrever: eis-as :

« Quasimodo, o sineiro corcunda, não daria —denotações tão fortes no sino da torre de Notre Dame, como as denotações dos barcos em alas. Pobre língua, pobre substantivo ! Tu que ficas de hoje em diante reduzido á materia explosiva, deves lançar um brado protestante, deves fazer um appello ao supremo tribunal da literatura patria para mandar por acordo unânime ao Dr. estudar um pouco da nossa língua, sendo obrigado a cumprir essa sentença com um diccionario diante dos olhos. »

E até onde pode chegar o desfaçamento ! Levantar falsos para commental-os ao seu bello pra-

zer é uma indignidade que revela bem o desespero que consome o meu hypercritico.

A verdade, Sr. critico, deve ser dita ainda mesmo quando fallarmos contra os nossos inimigos.

Nada é mais bello que a verdade : como mui bem disse Boileau traçando para a propria fabula o eeguinte preceito :

Rien n'est beau que le vrai; le vrai seul est aimable

A calumnia pelo contrario é um vicio infame ; e não é só um vicio é um crime tambem, tanto assim, que em Roma no tempo da Republica os calumniadores eram marcados na testa com a letra — k assinalada com ferro em braza ! o Papa Adriano os condemnou a penas de agoites ! a igreja os anathematisou como assassinos até a morte ! e na Polonia antigamente a lei impunha ao calumniador e maldidente a obrigação de comparecer em uma praça publica, e ahí, diante de todo o povo, e postas as mãos no chão, devia ladrar como um cão por espaço de um quarto de hora !

Diz o douto D. Fr. Francisco de S. Luiz — que a ociosidade, a loquacidade e a ignorancia são as vezes as causas unicas da *maledicencia*; — que a detracção é ordinariamente filha da inveja ;

—mas que a *calumnia* parece não ter outra origem que o odio cego e implacavel. E o Sr. critico, percorrendo a escalla destes vicios chegou agora ao ultimo deglão, impellido ainda pela ignorancia e sobre tudo pela inveja, essa molestia incuravel das almas fracas !

Mas o Sr. critico deve fazer um esforço sobre si mesmo, para curar-se deste mal, attendendo que a dignidade do censor deve ser tão alta quanto profunda é a sua responsabilidade perante o publico para quem escreve. E não supponha que a opinião publica, quando sorri das lérias e palhaçadas do Arlequim, esquece a infamia do calumniador ! Não, a sua apreciação é sempre justa, porque não troca a estima dos homens de bem pelo despeito dos miseraveis.

Creia na verdade destas reflexões, e não se vandije nunca mais a sua palavra que é a mais nobre manifestação do pensamento. A palavra retrata quase sempre o interior do coração daquelle que a profere ; e dahi extraiu o grande Hypocrates aquelle seu aphorismo—*Mens sana in corpore sano*.

A palavra (disse Dupanloup bispo de Orleans no dia em que foi recebido na Academia francesa) reflecte o pensamento ; e depois do pensamento e da palavra de Deus, nada é maior que o pensamento e a palavra do homem ! Não queira

portanto, Sr. critico, profanar a maxima sublime desso espirito evangelico e altamente illustrado servindo-se da palavra para exercitar a calunnia, e, o que é peor ainda, prostituindo a imprensa na sua collaboração !

Prosigamos : A estrophe principiada pela quadra supra, falsificada pelo Sr. critico, termina pela sextina seguinte :

Nessa terrivel batalha
Foguetes, bombas, metralhas,
Rasgavam da noite o véo !
Tremiam ribas e fraguas !
Tremiam até as aguas !
Tremia a terra e o céo !

Tendo o Sr. critico principiado a analyse da estrophe por uma falsificação e calunnia, era justo que a terminasse por uma blasphêmia! Eis-a :

« Deus o autor do universo, á cujo mando se movem os mundos, vio-se obrigado a consentir sem ter vontade em todo esse tremor, que chegou até o céo. Ah ! Dr ! olhe a sagrada congregação do index. »

E' incrivel, mais é textual !!!

Deus sendo obrigado a consentir sem ter vontade !!!

Quanta estulticia, em tão poucas palavras !

Quem, Sr. critico, será capaz de obrigar a Deus, a cujo mando se movem os mundos ? Quem será capaz de confar as suas obras, e limitar o poder de sua vontade ?

Se o Sr. critico suppõe que não disse uma blasphêmia, então suppõe que a sua liberdade de escriptor dá-lhe direito até de dizer heresias fallando de Deus, da Quelle que é (Exodo cap. 3-14); que sonda os rins e o coração humano. (Apocalip. c. 2. 23); que faz tornar atraz os sabios e a sua infatuada sciencia (Izaias c. 44, 22. 13.); que creou todas as cousas nos céos e na terra, visiveis e invisiveis (S. Paulo aos Colos. c. 1. 16. 17); que é Rei dos Reis e Senhor dos Senhores do mundo (Timoth. c. 6. 15. 16); que é mais elevado do que o céo, e mais profundo do que os infernos ? ! ! Iob. c. 11. 7. 8.).

Deixando de parte a heresia, encaremos a sua critica litteraria sobre o tremor da terra e do céo, a que chamou *maleita poetica*.

Nesses tres versos ultimos que S. S. censura pela repetição do verbo *tremem* não ha defeito, e pelo contrario ha uma *anaphora* de que usam os oradores e os poetas mais notaveis como uma belleza, para entumiar com mais força o pensamento, fixando sobre elle a attenção dos que ouvem, ou leem.

O padre Antonio Vieira em seus belliss. ser-

mões emprega essa figura muitas vezes repetindo a mesma palavra no principio de muitas orações.

Eis um bello exemplo deste notabilissimo orador :— « *Divertia-os a ambicção, divertia-os a soberba, divertia-os a autoridade e ostentação propria.* »

O vigario Marques, admirando as perfeições da virgem em um dos seus bellos sermões pregado na festa da Conceição, usa da seguinte anaphora :— « O' grande Deus ! Vós a destinastes para Mãe do vosso Unigenito ! Vós a encheistes de todas as graças ! Vós a preservastes do geral contagio ! Vós not-a destes para nossa protectora ! »

Vejamos agora os Poetas.?

Mendes Leal, um dos talentos mais fecundos da sabia geração portugueza, descrevendo as bellezas do *Estio* e uma de suas noites formosas e puras no abençoado clima de sua patria, pinta e retrata ora em prosa ora em verso varios quadros que são uns modelos de elegancia, de estylo e de harmonia. Pois é desse bello escripto que eu transcrevo o seguinte exemplo de anaphora :

« Dorme o outeiro, dorme o vale,
Dorme a selva, e dorme o prado.

Dorme inquieto o rico vil ;
Dorme affeito o pobre honrado. . »

Não é menos bella a anaphora que o nosso primoroso Gonçalves Dias empregou nos seguintes versos :

« Tornam prados a despir-se,
Tornam flores a murchar,
Tornam de novo a vestir-se,
Tornam depois a seccar. »

E' digna de mensão tambem a anaphra empregada pelo nosso patrício Costa Ribeiro em seu *canto de amor* : (Horas vagas pag. 76).

Dei-te os meus pensamentos mas bellos,
Dei-te a vida do meu coração,
Dei-te o fado da minha existencia,
Dei-te o fogo d'ardente paixão.

Muitos outros exemplos desta figura de palavra podera citar para justificar o uso que della fiz nos versos em questão ; mas para que, se os leitores podem ver essa figura no primeiro livro de poesia que por ventura lhes chegue as mãos ?
Apreciemos outra accusação.
Suppõe o Sr. critico, que eu commetti ainda-

um erro dizendo que as explosões do combate faziam tremer a terra e o céo !

E' outra revelação infeliz do Sr. critico, porque importa dizer que desconhece o uso de um dos tropos mais geralmente usados em prosa como no verso.

E' lamentavel que S. S., ignorando tanta cousa se abalance a fallar do que não entende, e ouse apresentar ao publico como defeito aquillo que a Rhetorica e Poetica preceituam como beleza !

Recordo-me agora de alguns distintos escriptores que offerecem exemplos de hyperboles semelhantes áquella por mim empregada no verso *Tremia a terra e o céo*.

Eduardo de Faria, histeriando a ultima viagem de Vasco da Gama á India diz, que a sua esquadra experimentando horriveis tempestades, foram todos os navios inopinadamente agitados ; o que produzio no animo das todos geral perturbação, mas que Vasco da Gama voltando-se para os que o rodeavam disse-lhes :

« *Coragem meus filhos a terra das Indias treme, é isto um bom signal, ella tem medo de nós.* »

Eis ali a terra tremendo ; já vê o Sr. critico, que eu não disse alguma asneira. Mas perda-

esquecia-me que S. S. quer os exemplos não em prosa, mas sim em verso.

Pois é pena ; porque teria o prazer de citar-lhe bellos exemplos dos clássicos João de Barros, Sá de Miranda, Manoel de Faria e Souza, e do insigne Fr. Luiz de Souza na vida de Arcebispo. Mas eu deixo todos estes modelos de elegancia o gôsto, e passo a satisfazel-o :

« Do undoso leito donde repouzava
O mar, move as areias do mais fundo;
Que fervendo nas ondas levantava
As entradas abrindo do profundo :
Com Boreas Austro a um tempo se encontrava
Como que querem destruir o mundo.
Treme co'a força do soberbo Eólo
O céo nos eixos de um e de outro Pólo. »

Sabe o Sr. critico quem foi esse poeta que ousou dizer *esse disparate* primeiro do que eu ?

Eu lhe digo : foi o grande clássico portuguez Gabriel Pereira de Castro, no seu poema heroico Ullisséa. E elle não era só poeta, foi insigne jurisconsulto tambem, foi corregedor do crime da Corte de Lisboa, e morreu Chanceller-mor no seculo XVII.

Apezar da repugnancia que o Sr. critico tem em acceilar a hyperbole — tremia a terra e o-

céo, eu quero sempre dar-lhe a razão pela qual os poetas usam della nas suas mais sublimes descripções. Uma batalha, um furacão ou uma tempestade, por exemplo, são objectos sublimes na opinião de Quintiliano e de todos os mestres de Oratoria e Poetica; e portanto para que a descrição corresponda a natureza dos objectos não basta o emprego de vocabulos communs; são precisos os adornos oratorios e imagens que enchem a alma de idéas grandes e remontadas.

Quando estamos assim penetrados de uma idéa sublime e grande os termos communs são apoiados para nos elevar o espirito até a expressão correspondente, não é verdade Sr. critico? Pois dahi nascem naturalmente os vocabulos hyperbolicos e *ultra verum* sem com tudo ser *ultra fidem*, de que nos servimoſ para vivamente representar o objecto ou significar a coisa, que pretendemos descrever, como se vê por exemplo nos dous seguintes versos do Camões (Lusiad. Cant. VI, Est 80).

« Vendo ora o mar até o inferno aberto,
Ora com nova fúria ao céo subia. »

Bellos exemplos de hyperboles semelhantes se encontram no poema—*Henriqueida* de D. Fran-

cisco Xavier de Menezes, socio das Academias dos Generosos e dos Anonymos ; no poema—*Affonso Africano* de Vasco Mouzinho de Quebedo, Doutor em leis e poeta insigne ; e no poema—*Malaca Conquistada*, de D. Francisco de Sá de Menezes e depois Fr. Francisco de Jesus.

Se este artigo já não estivesse longo demais eu citaria alguns exemplos destes poemas ; mas não quero abusar da paciencia dos leitores, ainda mas do que tenho feito. Eu vou terminal-o : citando um exemplo final que vale por todos. E' o principe dos poetas latinos, que vae agora justificar o meu verso—*Tremia a terra e o céo com os bellos versos das suas Georgicas.*

Ipse pater, media ninborum in nocte corusea
Fulmina molitur dextra, quo maxima motu,
Terra tremit; fugere feret, et mortalia corda
Per gentes humilis stravit pavor.

Pacabyba 20 de Maio de 1869.

ARTIGO XVIII.

Comprehende-se que em uma noite de escuro grande deve ser o efeito do fogo vivo de uma batalha, em que de varios pontos surgem foguetes, bombas e varios projectis. Eu descrevi esse efeito como pude pelo modo seguinte :

Por sobre a Lagôa Pires,
Curupayti, Curusú,
Surge como um arco-íres...•

O Sr. critico analysando estes versos diz que

eu usei de um hyperbaton tão complicado, que não pôde entender qual é o agente dessa *emburrada*.

Não tem razão o Sr. critico, porque não há escriptor que possa dispensar o hyperbaton, cuja figura dá elegancia e ornato à Eloqução por meio da transposição das palavras. E os nossos classicos usaram de uma locução mais transpositiva ainda, porque se modelavam mais pela lingua latina do que pela francesa, como fazem hoje os modernos. O hyperbaton só é defeito quando degenera em Synchyse, que é a desordem ou confusão das palavras na oração, o que certamente não existe nos versos citados. O que me parece é que o Sr. critico não comprehenderia a syllepse, de que usei naquelles versos como passarei a demonstrar.

Os poetas usam da syllepse com muita liberdade dando logar a que o adjectivo expresso na oração concorde muitas vezes com o substantivo oculto que tem em mente, vindo assim a fazer uma discordancia material e apparente para fazer uma concordancia real com a palavra que exprime a idéa. A isto deram os Grammaticos o nome de Syllepse ou Synthese, que segundo Soares Barbosa que dizer *Concebimento ou Combinacão*.

Quer ver o Sr. critico como se torna claro o

pensamento daquelles versos que S. S. não entendeu ? Desmanche o pequeno e facil hyperbatismo, que existe, e applique a syllepse (essa especie de ellipse pela qual fazemos a concordancia mais conforme as palavras que temos na mente do que ás expressas) e verá como se torna claro o seguinte enunciado :—*Um objecto como o arco-íres surge por sobre a Lagôa Pires, Curuayti e Curusú..*

Onde, pois, está á complicação ?

Abra o Lusiadas do immortal Camões no canto V, e leia a sua Estancia 24, que observará um bello exemplo desta figura.

« Mas já o planeta que no céo primeiro
Habita, cinco vezes apressada,
Agora meio rosto, agora inteiro
Mostrara, em quanto mar cortava a armada. »

Aqui temos neste exemplo o attributo *apressada* concordando com o sujeito *lua*, que não existe expresso, mas que subentende-se, da mesma maneira que naquelles meus tres versos—o adjectivo numeral—um concorda com o substantivo—*objecto ou signal*, que subentende-se.

A' vista do exposto passemos adiante, pois nenhuma culpa temos da ignorancia do Sr. critico sobre estas cousas.

Na ultima estrophe do canto VI, descrevendo o sublime espectaculo da Batalha de Ilumaytá eu digo assim :

Nesse concerto offuscante,
Nesse horisono fragor,
O fogo cruza constante
Os paços do Dictador.

Vejamos agora a critica do Sr. Bustamente a respeito, eil-a :

« Que o brilho, a luz, à chamma offusquam, trauzeut, porque é da natureza da cousa : mas que um concerto, quer tomado no sentido de harmonia, brilhe, offusque, é o que nunca poderá succeder. »

A isto é que se chama *embrulhada grammatical*, porque o Sr. critico fechou o periodo deixando no tinteiro a segunda hypothese, que a conjuncão disjunctiva—quer, depois da palavra *concerto*, deixou supensa no animo dos leitores ; pois não deve ignorar que essa conjunção usa-se sempre repetida, como quando dizemos :—quer isto, quer aquillo. Assim, pois, desde que o Sr. critico nos diz—o *concerto*, quer tomado no sentido de *harmonia*, e não nos diz qual o outro sentido em que é tomado, commeteu um erro crasso de grammatica, e a sua locução tornou-se uma verdadeira algaravia.

Quanto à sua censura respondemos que não tem cabimento, porque *concerto offuscante* com relação a descrição que fiz importa o mesmo que dizer a harmonia e consonancia produzidas pelos instrumentos de guerra entre as trevas da noite e o clarão do fogo dos projectis, cujo espectáculo devia necessariamente effuscar a vista dos espectadores. O que põe tão diversas cousas em relação maravilhosa, não já com os olhos, se não com o espírito de cada espectador, diz o sabio Castilho, é justamente o *concerto*. Já vê, pois, que o mestre da lingua foi quem nos ensinou a exacção e precisão philosophica deste vocabulo na accepção em que foi empregado.

Ouça ainda o que diz o sabio mestre da lingua :

« O triste que para uma idéa não possa mais que uma só palavra, ver-se-ha obrigado a parar consternado diante de taes espectáculos sem saber-os exprimir. » E' o que sucede ao Sr. critico, e por isso estranha a variedade de qualquer, phrase poetica !

O melhor modo de colher, analysar, coordenar e registrar as diversas palavras com que cada idéa pode ser expressa, Sr. critico, é ler não só os bons poetas, mas os prosadores com reflexão; é habituar-se a uma analyse comparativa e philosophica do valor e força dos vocabulos e seus synonimos com relação as idéas.

Entretanto S. S. que descuida-se destas obrigações mette-se a fallar sobre litteratura ! Os disparates hão de ser por força uma consequencia infallivel do seu atrevimento.

Passarei agora a traçar dos plagios que o Sr. critico me attribue, sem excepção de um só para que os leitores reconheçam a sua esperteza na mutilação dos meus pobres versos com o innocentissimo calculo de cortar-lhes o sentido e dar-lhes a apparencia de versos alheios !

Homero teve o seu Zoilo ; Virgilio teve os seus *Bavios e Mevios* ; e eu apezar de ser pequeno tenho tambem o meu impagavel Bustamente, que, considerada a resplendosa distancia, não é menos interessante no genero.

Apreciemol o.

Eu disse :—Das sombras da noute ingente aurora explendida sahe ; e o Sr. Bustamente entendeu que é o mesmo que dizer—*A aurora explendida sahe do gelo das noutes frias, das vossas dores sombrias, como se vê na poesia Nunes Machado do Sr. Palhares à pag. 130 !*

Adiante eu disse :

Aquella grande victoria
Foi nova pasna de gloria
Que Maurity escreveu.

É Palhares na poesia *Pedro Affonso*, por elle^s citada á pag. 120, diz :

*Nos livros da nossa historia
Seu nome rae-se escrever ;
E' mais um louro de gloria
Que nos vem enriquecer.*

Ora, ahi tem baucê, como dizia um gallego.

Este plagio realmente só podia ser descoberto por um cego apaixonado como o Sr. Bustamente, que acha muito semelhantes alhos com bugalhos, assim como é semelhante o meu verso—Humay-tá era um rochedo—com o verso do Sr. Palhares—*Torna-se o mundo um rochedo !*

Não é menos interessante a similitude dos versos—

*Sua grande e regia c'rôa
Vacilla, treme, e lá cae ;
O seu sceptro se esborrâa
A seus pés no Paraguay !*

com a quadra seguinte da poesia—*A Polonia*—

*Da frente regia sem c'rôa
Cahe-te do sangue o suor,*

*O teu solo se esborba
Sob o corcel do oppressor.*

O meu zoilo presumiu que, enovelando tudo com pilherias e chalaças, alcançaria obscurecer a verdade, e atrahir a admiração publica ; mas nem ao menos lhe passou pela imaginação que a mentira quando esparramada não ser apanhada, esquece-se que tem as pernas curtas como o anão. E nós iremos assim obrigando-o a mostral-as reduzindo o anão as suas verdadeiras proporções.

Prosigamos :

Não te valeu grande fama,
Colosso do Paraguay,
Pois Delfim, qual outro Gama,
Ferçou-te o passo, e já vai !
Também eram mui seguros
De Tróia e Thebas os muros,
De Memphis, de Jerichó ;
Babylonia como o Egypcio
Tinha torres de granito,
Mas tudo mordeu o pó.

« Estes versos j'explique à o zool. « São árias legítimas do pensamento que geriu os seguintes versos de Palhano : (Para q' os vultos apre-

iem melhor o meu pensamento e o do Sr. Palhares, e ao mesmo tempo possam avaliar até onde chega a má fé de meu zoilo, eu cito integralmente a estrophe, da qual elle citou apenas três versos mutilados.)

*Sublime até na desgraça
De joelhos fare-te o mal ;
Orando entornas a tuga
Da sanguinea bucchacal,
Nas horas em que meditais
Desertando as negras filas
Do teu funerario réo,
Vês Troias pulcerisadas,
Babylonias derribidas
Nos sulcos dos seios tuos !*

É esta! Não ha impossíveis para um critico sem criterio, pois é capaz até de reorganizar o caos, se lhe apraz discorrer no preposito de iludir os incertos, e menoscabar da opinião publica.

Nestas duas estrophes eu e o Sr. Palhares nada temos de commun, como veem os leitores. Eu reflecto, apreciando o valor da fôrma incaquinha a que ficou reduzida a pobre fortaleza de Humaytá, depois da triunfante passagem da esquadriña brasileira por baixo do fogo vivo

dos seus canhões ! E o Sr. Palhares lança um protesto contra a Russia e as nações que observam impassíveis esse *combo de destruções* da infeliz Polónia, e com ella medita e suspira naquella sua sentida estrophe, como verá melhor aquelle que quizer ler toda a poesia desse joven poeta em seu volume—*Mocidade e tristeza*.

Onde, pois, existe o plágio ?

Existirá nas palavras Troias e Babylonias, apesar de ter elle usado dellas no plural, e eu no singular ? Se assim é então até os lexicógrafos plagiaram o Sr. Palhares, e verifica-se o—*nihil novum sub sole*--da sagrada Escritura, isto é, tudo no mundo é plágio.

Passemos a desmanchar a ultima urdidura da vespa manhosa.

Dirigindo-me ao povo Paraguayo no ultimo canto do meu pobre poema : assim me pronuncio :

Ah ! povo escravo, descança,
Que a redenção ha de vir ;
Pois do Brasil a vingança
Consiste em dar-te um porvir.
Cede os pulsos as cadeias
Que vão lançar-te nas veias
Um sangue nobre e gentil,
E um dia a posteridade

Exclamará :— Liberdade
Plantou aqui o Brasil !

Diz o meu hypercritico, que nestes versos há plagio, porque o Sr. Palhares disse algures em uma estrophe—*A redempção hâde vir*, em outra disse—*ccde os pulsos a cadeia!* E' um gosto vel-o todo afadigado esboçar-se por achar plagio em versos destacados e epanhados aqui e alli a dentro de tão com o firme proposito de aludir o publico, que felizmente já está apur de todas as suas manhas. Taes versos além de não serem iguaes na forma tem applicações diferentes no sentido em que são empregados, como poderá verificar o leitor benevolo, que quizer dar-se ao trabalho de lê-los, e acareal-os.

Cede os pulsos as cadeias não é phrase peculiar, nem minha nem do Sr. Pallares, que disse—*Cede os pulsos a cadeia*, porque muito antes de nós já tinha usado da mesma phrase o maxicso autor das *Horas virgás* na sua bella poesia—*Cento de amores*; e antes destes muitos outros; entretanto ninguem chamará por isso plagario ao Sr. Palhares.

As phrases curtas e pequenas construções de palavras, Sr. critico, não são propriedades de ninguem. Górgalves D'Or, por ex. pôs, dia na sua bella poesia *Esferro de ampolha velho* :—
A aurora vem desportando; Não tarda o az-

a raiar. Em outras poesias diz:—*Era uma pobre mendiga;*—*As lagrimas dos olhos me cahiram;*—*Dôce riso de pura innocencia;*—*Maria porque me foge;*—*Porque me foge donzella;*—*Das estrelas os fulgores etc.* etc.

Entretanto estes versos do nosso primeiro poeta são phrases, que tem sido usadas não só por outros poetas como até mesmo por alguns prosaadores. Quantos não terão dito com nosco—*Ei clamará liberdade,* sendo o agente desta oração ora a posteridade, ora a republica, ora o povo, ora o individuo? Mas ninguém diga isto, por que será considerado plágio do Sr. Palharcz.

Estas parvoices causam riso a gente. Foram estes os meus plágios! Ainda bem.

Ficam assim derrubados todos os castelhos, desfeitas todas as ordidoras, desarmando todos os laços, que me preparou o Sr. Bustamente; que alias tem rasões de sobra para andar assombrado com os plágios.

Viram os leitores que não fico de pé nem una só das acusações, que me fez o Zaido no intuito de apresentar-me no público como o plágio. Apezar de dar-se elle no tratado de entar em varias poesias de um volume intitulado *Verso aqui, outro acolá, para entrecahar*, entre os que escrevi na Batalla de Huanayta, ainda assim não pôde conseguir o seu intento; e pelo con-

trário só revelou a sua má fé e o seu desespero.

Se por ventura entre mim e o Sr. Palhares deu-se o encontro de duas ou três palavras unidas pelo pensamento como nas frases incompletas e já citadas: — *Exclamará liberdade, E um dia a posteridade*, não admira, porque taes encontros se dão constantemente entre escriptores os mais notaveis, como passo a provar-lhe. Ouça, Sr. Bustamente:

Conhece as Trovas de Laurindo da Silva Rabello? Pois bem, abra esse volume impresso em 1854, à pagina 33, e verá que a primeira estrofe da bella poesia — *A minha resolução* — principia assim:

Coração porque palpitas,
Porque palpitas em vão?

Abra agora a pagina 104 do *Cancioneiro popular* do poeta portuguez Theophilo Braga, impresso depois em 1867, e verá:

Coração porque palpitas
De um modo tão desusado...

Aqui temos o mesmo verso escripto por an Los desses notaveis poetas; e ninha nem dirá por certo que o talentoso jovem portuguez plagiou o poeta brasileiro, de quem talvez nunca viu as poesias. Ouça mais, Sr. Bustamente.

O nosso patrício Dr. Joaquim da Costa Ribeiro escreveu na *Canção de um trovador*, à pag. 69 do seu volume de poesias — *Horas Vagias*, — o seguinte :

*Houve tempo em que meus olhos
N'outros olhos se enbeberam.*

Gonçalves Dias em seus Primeiros cantos principia a terceira parte da poesia — *Quadros da minha vida* pelo modo seguinte :

*Houve tempo que meus olhos
Se extasiavam de ver.*

E nota-se que Gonçalves Dias, longe de ver nisto um plágio de Costa Ribeiro, disse em uma reunião de littoralis na Bahia que o volume das — Horas vagas era um dos seus primeiros — que haviam sido impressos no Brasil. E na verdade aquellas impressões prenderam a nossa província.

Gonçalves Dias na poesia acima citada diz ainda :

*Em bello momento
Estende sobre o mundo o seu rosto.*

E este verso já é citado na "História de André Rodriques de Melo" na sua tradução da Jesusalem libertada.

..... a noite escura

Estende o negro manto...

E o mesmo verso já tinha sido escripto pelo immortal Caiozôes na estancia que principia assim : *Já levava o Antípoda o dia.*

Entretanto estes 3 poetas são os mais notaveis de Portugal e Brasil, e nenhum delles por certo plagiou aquele mesquinho verso.

Ouça ainda, Sr. Bustamente,

O grande poeta Bahiano é meu mestre, de saudosa memória, Francisco Mous Bariclo, em seu *natalicio* disse:

*Sinto dentro do peito
Bater frauxo o coração*

E este segundo verso foi igualmente formulado por G. Dias, que naturalmente não o tinha lido quando escreveu na sua bella poesia---*Destino de um pobre velho*---o seguinte :

*Louco velho já não sentes
Bater frauxo o coração ?*

Podera citar muitos destes encontros entre os mais notaveis poetas, e entretanto ainda ninguem classificou isso de plagio.

Ouça mais ainda, meu Zoilo :

O grande Almeida Garret na sua bella poesia *O natal de Christo*, disse :

*Gloria a Deus nas alturas
É paz na terra aos homens!*

Lamennais logo na primeira pagina do seu bello livrinho—*Paroles d'un croyant*, impresso em 1823 diz : *Gloire à Dieu dans les hauteurs des cieux, et paix sur la terre aux hommes...*

As letras santas dizem : *Gloria in excelsis Deo et in terra Pax hominibus.*

Todos dizem a mesma cousa; entretanto ninguem dirá que Almeida Garret plagiou Lamennais, e nem que este escriptor plagiara os padres, que constantemente recitam *o gloria*.

O *Paraíso perdido* e a *Escriptura Santa* se encontram em muitos pontos relativos aos preceitos divinos, entretanto ninguem ainda disse que Milton é um plagiario.

Ferreira o autor dos *Lusitanos* disse :

Que a minha terra amei e a minha gente.
Camões disse no *Lusiadas*:

Que a minha patria amei e a minha gente.

Ambos estes poetas foram muito respeitados no seu tempo; e Camões falleceu dez annos depois de Ferreira. Quera plagiar um ao outro? Plágio é aquillo que o Sr. Bastamente sabe fazer,

e que os Parahybanos conhecem por—Fatalidades.

Muitos outros exemplos de encontros de palavras e de phrases entre autores de boa nota poderia citar, se por ventura não fora esse trabalho uma futilidade. Eu portanto vou terminar estas citações dando um exemplo de casa.

O humilde autor destes artigos, desconhecido inteiramente entre os escriptores portuguezes, publicou no periodico—*Estudante*, in presso na Bahia em Fevereiro de 1854, um rimance, intitulado *O Pescador*, em cujo canto III se lê o seguinte :

E o mar furioso
Medonho bramia,
Qual fera bravia
Dos filhos ciosa ;
E o vento zunia,
E a chuva caidia
Na praia arenoza !

Entretanto, oito annos depois, em 1852 o ilustrado e famoso poeta Thomaz Ribeiro publicou o seu bello poema *D. Jayme*, em cujo canto II se nota uma estrophe no mesmo metro e gosto, sucedendo até haver *mutatis mutandi* versos iguaes na forma e no pensamento. E o pobre parahybano que não tem a honra de ser conheci-

do em seu paiz como escriptor, está certo, de que já mais será plagido por Thomaz Ribeiro, que é uma das glórias de Portugal.

O que há, pois, nestes encontros não é plágio, e sim idéas associadas e palavras precisas para traduzil-as, o que não é privilégio de ninguém. E não poucas vezes sucede que o pygmão sente a mesma inspiração do gigante; e ambos se encontram ao menos nos limites, que os separam; isto é, subindo um do seu estylo rasteiro, e descendo o outro do seu estylo elevado e sublime. Pois foi isto justamente o que se deu entre o pigmão que escreve estas linhas e o gigante que escreveu o poema D. Jayme...

Medita sobre estas cousas, Sr. crítico, que só arrependerá do trabalho faltado, em que consumiu os seus dias, no intuito de reduzir-me á sua esteira.

Quer medite, quer não, é sempre certo que estou satisfeito com o trabalho que tive em desmascaral-o.

Parahyba 25 de Maio de 1869.

ARTIGO XIX.

CONCLUSÃO.

Não quero eternizar estes artigos; cumpre acabar e neste propósito resumirei hoje a analyse patenteando as últimas acusações do meu hypercrtico, as quais não passam de tolices, como vão ver os leitores.

Descrevendo eu a impressão, que o intrepido Manity causara ao almirante, quando de novo voltara a bater-se com a fortaleza de Humaytá, digo:

O general ficou pasmo
De ver tanto entusiasmo,
De ver tanta intrepidez.

E o meu zoilo suppondo que a palavra—*pasmo* é synonimo de morte exclama: « O general ficou pasmo e ainda está vivo ! »

Ora, realmente é preciso pachorra para aturar tanta ignorancia e tolice; já agora levarei a cruz ao calvario.

Pasmo, Sr. critico, significa estado da pessoa attonita, admirada, maravilhada, enleada, sorprehendida por algum prodigo, como exactamente aquello practicado por Maurity. E Gonçalves Dias no mesmo sentido emprega este vocabulo dizendo nas sextilhas do Fr. Antão—

Era pasmo vel-os juntos
Pelas ruas passear.

Abra qualquer diccionario e verá em todos a mesma significação; em nenhum porem acabará a palavra—*pasmo* como synonimo de morte.

Esta tolice escrupulosa do meu critico é semelhante aos escrupulos dos censores de algum dia, de que trata um escriptor portuguez, referindo os seguintes casos :

Alguns dos individuos litteratos ou não litteratos, sabios ou charlatães, escolhidos pelos tribunais para a censura previa dos livros, eram

tão casmurros e escrupulosos, que embicavam com uma simples e inocente palavrinha, por mais desacompanhada que fosse de epithetos *aggravantes*, e condemnavam sem dó ao esquecimento o livro; e fortuna era se o autor escapava da mais damnada proscripção. Neste ponto ha casos atrozes: citaremos porem alguns puramente ridiculos. (como os do Sr. Bustamente) Um censor não consentio que se imprimissem umas lettrinhas para canto, que tinham por estribilho:

Amor é fado
Vontade o mais.

Encheu duas laudas de papel para reprovar a palavra—*fado*—como anti-christan, e ficou muito senhor de si e fresco com cara de frade!.... Ainda não ha muitos annos foi reprevada uma collecção de poesias, porque o censor achou tres ou quatro vezes a palavra—*beijo*!.... O capitão Manoel de Souza, traductor do Telemaco, foi buscar a casa do censor certa obra que tinha a licenciar, e viu com o maior pasmo (note o Sr. critico o emprego da palavra pasmo) que o homem, exorbitando do seu officio lhe riscara no seu manuscripto a palavra—*orelha*, porque era rausteira e trivial e não quadrava com a prosa harmoniosa e sublime! Manoel de Souza, com toda a sua paciencia perguntou-lhe

— O' padre, o que foi que S. Pedro cortou a
Malcho na occasião da prisão de Christo ?...

— Foi uma orelha, respondeu o padre todo
balbuciente.

— Pois então, lhe tornou o capitão, como hei
de eu chamar á essa parte do corpo humano ?

O padre ficou embatucado, mas o malicioso
capitão acrescentou logo :

— Agora me lembro... latinisando, lhe cha-
marei *auricula*, porque Persio diz, meu padre
— *auriculas asini quis non habet?*

Qual é o censor desta ordem que não deixa ver
as pontinhas d'orelhas d'asno ?...

Deixemos o capitão Manoel de Sousa com o
seu censor escrupuloso e casmurro; e voltemos
ao nosso Bustamente, que não é menos escru-
puloso e faceiro; por exemplo lendo elle o ver-
so : *Sobe a esquidra o Paragnay*, disse que
o Paraguay está empregado por sinédoche ! E'
interessante, ora desconhece as figuras quando
aliás devem ser empregadas; ora as descobre
onde elles não existem, como no verso em ques-
ção, onde *Paraguay* é tomado no sentido litteral,
e não figurado, pois Paraguay é o proprio rio a
que me refiro.

Adiante :

Mas nosso Imperio gigante
Não pode Huiaytá temer ;

Manda a sua esquadra ovante
Forçar o passo e vencer.

Analysando esta quadra diz o meu critico, que *ovante* é particípio, e pede aos leitores que combinem com o infinito pessoal *vencer*!

Dous erros de palmatoria.

Ovante não é particípio, Sr. critico, é um simples adjetivo que significa—*o que triumpha em ovation, triumphante, usano*, e neste sentido o empreguei. Para ser particípio devia sel-o do verbo *ovar* que segundo os Lexicographos significa crear ovas como o peixe, ou pôr ovos como a galinha.

Vencer não é infinito pessoal, e sim impersonal em logar de substantivo complementar do verbo manda, o que é tão usual na Grammatica pela figura Enallage, e da-se a isso o nome de linguagem virtual. O Sr. critico, se não fosse tão ignorante devia saber que o infinito do verbo fica também na forma impersonal (ainda que se refira á pessoa ou causa determinada) quando é regime e tem o mesmo sujeito do verbo principal ou regente.

Isto succede a quem é pedante e quer passar por instruido fallando sobre aquillo que ignora.

Adiante.

Referindo-me á fortaleza de Humaytá depois de forcada pela esquadilha brasileira digo:

Aquelle medonho espetro
Já não tem throno e nem sceptro
Que prive a navegação.

O Sr. critico ao ler estes versos exclama todo cheio de si, que nunca viu navios com thronos e sceptros ! E vai por dante chalaçando como um palhaço, supondo ter eu dito alguma blasphemia !

A sua primeira tolice consiste em não entender a referecia, que é feita à fortaleza e não aos navios. A segunda consiste em não comprehender S. S. a metonymia empregada na locução supra, devendo tomar o signal pela cousa significada. A corôa e o sceptro ahi significam a dignidade, o prestigio, a potencia, o dominio real e a soberania da fortaleza de Huniaytá sobre o rio Paraguay; o que tudo ella perdeu desde o momento em que foi vencida pela esquadriilha brasileira. Quem não comprehende essa expressão é melhor que abandone por uma vez as letras e cuide de outro offício.

Adiante :

Estabelecendo eu em seguida uma antithese sobre a força moral da esquadriilha e a força material da fortaleza, esse gigante de granito, que empunha respeito ao estrangeiro com as suas extensas e grossas muralhas, e com os seus calibrosos canhões, disse :

Quando a idéa surge e medra,
Petroe gigante o que é ?
Brilha a idéa sobre a pedra.
Ao granito vence a fé !...

O Sr. critico ou por ignorancia ou por malicia
mutila-me o verso e adultera-me o pensamento,
levantando-me falsos e dirigindo-me lérias e
chufas, como as seguintes :

* Agora o negocio é mais serio, tem dentes
de coelho ; os caníeos e os padres que respon-
dam ao Dr : os primeiros como é que uma
idéa brilha na pedra ; os segundos como o
granito vence a fé. Quanto a nós julgamos
que só um individuo vulgarmente chamado
pedra, tendo idéas de pedra, as faz brilhar na
pedra. *

E' espirituoso !

Parece impossivel que se diga tanta tolice em
tão poucas palavras ; entretanto ahí está trans-
cripto fielmente nesse paragrapho o enunciado
do Sr. critico, ao qual respondo apenas com a
maxima de La Bruyere : *La moquerie est sou-
vent indigence de esprit.*

O comico, o facetô, o engracado e o chulo po-
dem ser meios indispensaveis a esses criticos
sem criterio, a esses sabios ignorantes ; mas as
suas composições jámais reunirão em si a gran-
deza do fim a que se propõem. Sim o ridiculo

pode agradar por momentos como diz Quintino Bocayuva, poda mesmo chegar a conquistar a popularidade de um instante em quanto o seu effeito actua sobre o espirito do publico; mas não poderá jamais fortificar-se em sua lembrança; hade por força desapparecer tão breve como o riso que promove, hade por força morrer desde o instante em que o leitor volte as costas ao jornal que o traz impresso em suas columnas. O que fica, o que se grava indelevelmente na memoria do leitor e na alma do povo, diz o mesmo escriptor em seus *Estudos criticos e litterarios*, é aquilla que lhe chama a reflexão, ou que lhe promove o affecto, aquillo que lhe falla à razão ou ao sentimento, aquillo que é philosophico, que é moral e que deve ocupar todo o empenho do critico para que a sua missão não seja illudida.

Longo e fastidioso fora acompanhar o Sr. critico em suas palhaçarias, passemos adiante.

No ultimo canto da Batalha de Humaytá eu principio a estrophe pela seguinte quadra:

Minha Patria, estes teus louros
Nunca mais hão de murchar,
Nesse feito hão-de os vindouros
Ler Aboukir, Trafalgar !

Vejamos agora a critica do Sr. Bragamento a respeito.

Sobre os dous primeiros versos diz elle :— « Aí qui o verso é cheio, ha harmonia da phrase, exactidão da medida e mais que tudo consonancia poetica. »

Sobre os dous ultimos diz logo em seguida : « Queda de estylo, queda de harmonia, queda de medição. »

E esta ! Em uma só quadra quanta belleza, quanto deffecto ! Isto ou é capricho ou loucura. O seu elogio é tão inepto quanto é vã a sua critica, pois nem uma e nem outra causa são fundadas em provas.

Se a harmonia, fallando com propriedade, é a agradavel censação que resulta da simultaneidade com que muitos sons accordes ferem o orgão do ouvido ; e se essa harmonia é na poesia a musica da linguagem que por uma feliz mistura desyllabas, metro e sons exprime os movimentos dos nossos affectos, é claro que o Sr. Bustamante elogiou e censurou essa quadra por mero capricho, visto como o pensamento dos dous ultimos versos é o complemento dos dous primeiros; e a forma em todos quatro é exactamente a mesma quanto ao numero e medição, quanto ao rythmo e harmonia metrica.

Assim, pois, não aceito o elogio, e desprezo a censura vã, que é feita por quem ignora os Preceitos mais comesinhos d'Arte poetica e as

regras d'harmonia metrica, como tudo já deixei provado em meus artigos anteriores.

E' verdade que ha pessoas tão mal organizadas, ou tão pouco habituadas a perceber o som e a doçura das palavras, que, segundo diz meu mestre de Rhetorica, escusadas são regras, escusados exemplos para lhes formar o ouvido, para distinguir o aspero do fluido, o brando do suave. A' taes individuos succede o que refere Plutarco daquelle Rei dos Scytas, que havendo captivado na guerra ao celebre musico Ismenias, lhe ordenou tangesse a sua flauta; e como todos os mais captivos se maravilhassem de sua habilidade, juro (disse elle) pelo vento, e pela espada que muito mais grato me fora ouvir os relinchos de um cavallo!

Não quero dizer que a negação do Sr. critico para a harmonia vai até ali; mas o que não lhe posso negar é a incontestavel rudeza já tantas vezes demonstrada.

Os seus distates vão até a sua ultima palavra como vão ver os leitores. A estrophe começada pela quadra supra termina pela sextina seguinte:

Os netos de Castro e Gama,
De quem corre ainda a fama
Que venceu Adamastor,
Não envejam Espartanos.

Nem as glórias dos Romanos,
E nem os vôos do Condor.

Eis agora a critica do Sr. Bustamente fielmente transcripta :

“ *Erro absoluto de grammatica ; o desconhecimento da syllepse, quando o collectivo está no plural, seguido ou precedido de preposição —de, que deve concordar com o verbo da oração principal venceram. Erro de construcção, a collocação da ideia relativa —de quem corre ainda a fama, no meio das ideias absolutas : netos de Castro e Gama que venceu Adamastor.* »

Quem já viu tanta tolice dita em tão poucas palavras ? ! Nem D. Quixote seria capaz de levantar tantos moinhos para combater.

Pobre grammatica, em que mãos foste cahir ! Como se converte em juiz, quem não passa de réo ! Como se converte em agente quem jámais deixou de ser paciente !

Analysemos as filégramas desta algaravia, e as tolices do Sr. critico.

1.^o tolice. *Erro absoluto de grammatica consistindo no desconhecimento da syllepse.* Leia de novo quem quizer os versos em questão, e verá que nelles não ha erro de grammatica, e que nelles não ha syllepse nem de genero, nem

de numero e nem de pessoa, cujas especies mui bem descrimina Soares Barbosa em sua *Grammatica philosophica*.

Só pode haver syllepse quando ha discordanças apparentes, em que por uma parte o adjetivo parece discordar do seu substantivo ou em genero, ou em numero, ou em tudo isto ; e por outra o verbo parece discordar do seu sujeito ou em numero ou em pessoa. Entretanto nas orações comprehendidas na sextina supra não ha nenhuma destas discordancias apparentes. A syniaxe de concordancia é regular de palavra com palavra e nunca de palavra com uma ideia occulta como succede na syllepse.

2.^a tolice. *O collectivo está no plural seguido ou precedido da preposição de.* E esta ? Qual é nessas orações o nome collectivo seguido ou precedido da preposição *de* ? Será *netos* ? Será *Castro* ? ou será *Gaima* ?

Tem pôr certo muita coragem quem affronta assim a opinião ! Saiba, Sr. critico, que nenhum destes nomes é collectivo, porque nenhum deles exprime collecção. Collectivo é o nome que embora esteja no numero singular exprime e designa muitos individuos da mesma especie v. g. *Assembléa, exercito, povo, multidão, arvoredo*. Estes nomes se chamam collectivos geraes ; ha porem outros que se denominam par-

ciaes ou partetivos e precisam ser determinados pelo complemento restrictivo, como por exemplo *a maior parte, a metade, um terço &c.*

3.^o tolice. *Diz elle que o verbo da oração principal é vencêo, e que portanto deverá fallar no plural—venceram—para concordar com os seus supostos sujeitos collectivos!* E' muita sandice. A oração principal, Sr. critico, é a seguinte :—*Os netos de Castro e Gama não envejam Espartanos*; e são por ellipse continuadas as que se lhe seguem. Já vê pois que o verbo é *envejam* concordando com o sujeito *netos* em numero e pessoa sem precisão da syllepse. O verbo *venceu* não tem precisão de ir ao plural, porque não é a copula da oração principal; e sim é o verbo da oração incidente e subordinada que tem por agente o pronome relativo, que se refere a Gama; pois delle é que corre a fama que venceu o Adamastor. O seu erro não é somente de grammatica, é tambem de historia.

4.^o tolice. *Erro de construção, a colocação da ideia relativa no meio de ideias obsolutas!* Não ha erro de construção por isso, Sr. critico; porque em qualquer periodo a construção ou colocação das palavras ou phrases pode ser *directa* ou *inversa*; e as orações podem ser simples, ou complexas, ou compostas de proposições subordinadas. O que se quer a bem da

boa construcção é, que n'um período a phrase principal devia preceder sempre a subordinada, de sorte que em todo o arranjo de palavras as primeiras idéas ou absolutas precedam às segundas ou relativas, para a boa percepção do sentido. E' justamente isto o que querem os Grammaticos e foi justamente isto o que eu praticuei na construcção da sextina supra.

Ouça o que diz a respeito o erudito Soares Barboza em sua Grammatica philosophica : « Quanto a construcção das proposições sobordinadas por ordem à principal na composição e coordenação de qualquer período a principal sempre é a primeira na ordem directa. Ela se dá a conhecer logo pela linguagem indicativa, quando a sua afirmação se não suspende com alguma conjuncção propria a produzir este efeito. »

Tenho concluido a analyse aos sete artigos do Sr. Bustamente. Tenho consciencia de haver destruído todas as acusações que me fez e respondido a todos os seus argumentos sem exceção de um só, apezar de ter elle concluido o seu ultime artigo pelas seguintes palavras :

« Estamos bem certos, que o Dr. Cordeiro na alta posição que ocupa no mundo litterario, não descerá a uma defesa, mesmo porque não ha defesa possível diante dos factos tais quais apresentamos. »

Mas eu desci : agora deve estar consolado, porque não o despresei, apesar de me terem a isso aconselhado os meus mais illustrados amigos. Deve estar consolado ainda mais, porque defendi-me com as minhas paoprias armas, e não acobertei-me (como o Sr. Bustamente rocejava) com as cartas de felicitações que o conselheiro Castilho e muitos outros notaveis escriptores me tem dirigido, por occasião da publicação de minhas pobres producções litterarias. Não foi preciso nada disto.

A vista do que fica exposto em toda esta polemica litteraria, veem os leitores, que o Sr. Bustamente por suas idéas turbabas e confusas, por suas phrases resiveis, e por suas banalidades, diffundidas pela ignorancia ou pela especulação, pertence sem duvida á essa tribu nomada de sophistas critiqueiros, e bedoinos que assaltam todas as reputações. O Sr. Bustamente pertence sem duvida á essa legião famelica, insaciavel, e sem nome, que quando logra aproximar-se da imprensa a apouca e degrada, e quando nella se introduz a avulta e perverte dizendo.

« *Impios são todos, e eu de todos o sangue beber quero. Tudo erra só eu acerto.* »

E' assim que elle falla sobre litteratura, sobre sciencias, sobre eloquencia, sobre poesia, sobre grammatica, e sobre tudo com o maior despudor.

Elle nada entende, entretanto lá vai por esse mundo fóra teso como um prego, fanfarrão e ar-teiro como um jogral, não de reis, nem de fidalgos, mas de todos a quem falla :

Um escriptor francez em face de um critico como o Sr. Bustamente disse com muito espirito:

Il furette la grammaire
Comme un chat furette un rat ;
Quant aux vers, il a beau faire.
L'homme ne s'y connaît pas.

E eu concordando agora o meu trabalho peço desculpa aos leitores pela massada que lhes dei, e arremedando o nosso bom Alvarenga offereço os seguintes versos alexandrinos ao —

SER. BUSTAMENTE.

Se acaso Bestamente — fizeste algum ihylio
Em verso portuguez — de pés alatinados,
Não te julgues por isso — Theocrito ou Virgilio,
Teus plágiosinda hoje — na prosa são lembrados!
Em quanto Egerio Sue — tuias plagiando
Por um grande escriptor — suppunhas ir passando;
Mas tua rica mina, — horror ! foi descoberta,
E a plebe iniqua e rude — ficou então alerta
For ella deshumana, — credi, tão destituída,
Qu'eu tive grande pena — de ver a tua lida.

Publicador maldito—de espinhos faz-te a cama
E poe em pratos limpos—os plágios do teu drama;
Teu livro me off'receste—temente e respeitoso,
Contando como sempre—qu'eu era generoso.
E grato a tua offerta,—na qual me elogiaste,
Senti essas torturas,—porque então passaste.
Eu quiz duas palavras—dixer p'r'a consolar-te,
Mas não achei palavras—nem geitos, e nem arte,
Não pude desfender-te,—soberbo me chamaste,
Mas bem a meu pezar—na lama tu ficaste.

Notaram em teus escriptos—tresentos mil defeitos
E nelles s'embrulharam—adubos e confeitos !
Foi grande essa arrelia—nas vendas e tabernas,
Teu genio foi c'rocado—de glórias sempiternas !
Serviram teus folhetos—d'embrulho p'r'a toucinho,
Arròz, cebo e manteiga,—pimentas e cominho !
E junto a uns taboleiros—eu vi um peralvilho
Com elles embrulhar—até angú de milho ! . . .
Cruel FATALIDADE—te fez tocar a meta,
Se nada foste em prosa—jamais serás poeta.

Parahyba 29 de Maio de 1869.

POST SCRIPTUM.

Depois de um longo caminhar sento-me hoje no marco da estrada que percorri, e olhando para esse campo estéril e pedregoso que atravessei, sinto-me como o viajante que galga o topo da serra, limpa o suor da fronte, toma folego e olha ainda maravilhado para o abysmo que atravessou;

O abysmo, como diz V. Hugo, é cheio de atração. E o Sr. Bastamanto para lá me atraíu; mas pude escapar-lhe das garras, e voltei desse barathro profundo, em que elle vive mergulhado.

Coitado, tenho pena de vê-lo lá em baixo a debater-se, mas lá não voltarei, palavra de honra ; cada um cumpre a sua sina.

*
* *

Há seis meses conclui este trabalho, que o benevolo leitor acaba de folhear ; e, agora que já dormi sobre o caso, sinto *extremo corde* o mal que fiz ao Sr. Bustamente, pondo em duríssimo relevo a sua ignorância litteraria, e mais ainda o seu carácter.

O maior numero dos artigos, de que se compõe este livro, resente-se naturalmente da excitação febril que exige o desafogo da imprensa periodica. Agredido injusta e descommunalmente pelo Sr. Bustamente desci a responder talvez o que não devia, visto como não desprezei nem uma só das suas accusações, por mais futil que fosse, desde o burlesco até à puerilidade, apesar de me aconselharem o contrário alguns illustrados amigos.

Diziam olhos que não valia apenas discutir com um individuo ignorante e de má fé, escolhido *ad hoc*, como instrumento cego de uma cega política, para punir aggrevos e vingar affrontas pessoas !

E meus illustrados amigos tinham talvez razão à vista do que ahi deixei em relevo. *Ex su-*

tibus eorum cognoscetis eos. Mas é que as vezes a sociedade põe a punição desses ignorantes ociosos, que vendem a sua omnimoda cooperação a quem primeiro os arreinessa contra a reputação alheia ! E' preciso que a sociedade uma ou outra vez seja vingada desses zangões, *quorum lingua prompta et temeraria.*

Calar quando a consciencia se indigna & trair a propria dignidade, e o silencio tambem pode ser uma mentira, assim como o desprezo uma deslealdade.

A imprensa quer a luz nas discussões, porque o publico pode ser illudido por meio de argúcias e calumnias. A imprensa quer a coragem e lealdade nos escriptores, porque a pena é a arma da razão e não o florete do espadachim.

Nos combates da estacada o publico vem afinal a reconhecer o que fere como cavalleiro, e o que tumultua como arruador nas rixas de quadrivio.

Assim pensei ao ler os sete artiguitos do Sr. Bustamente e não hesitei em descer a arena, certo de que a imprensa basea-se na justiça como todos os poderes. Se ella se curvasse a quem quer que fosse, deixaria de ser um oráculo para ser uma mentira, deixaria de ser a idéa para ser uma mercancia !

Bem sei que não ha mérito litterario neste

trabalho, porque discuti com um homem que não tem pensamento, que ignora as teorias mais comuns, que nega os factos mais evidentes, as verdades mais conhecidas, que renega os raciocínios mais perfeitos, as conclusões mais lógicas, que faz-se pueril para ser mais perverso, que desce a infantilidade para caluniar, que torna-se palhaço para melhor tocar a selvageria! Mas ao menos ficará em relevo a perversidade do Sr. Bustamente, que, em vez de pairar nas nuvens como aguia, arrasta-se hoje no pó como réptil.

Não sei se fiz bem, ou se fiz mal, e se perdi o meu tempo; não importa, foi um capricho, mas o que é verdade é que elle sempre produziu algum efeito, porque durante a impressão dos primeiros artigos no «Despertador», recebi do Sr. Bustamente (pois de outro não podia ser) em carta fechada um soneto ou pasquim, como elio os sabe fazer, em tom de ameaça!

Reconheci por isso o seu desespero; não fiz caso do seu arreganho, e continuei a publicar os meus artigos, porque vi então que não eram de todo inuteis.

Em compensação dos seus insultos recebi cartas de illustrados amigos, que me animaram a proseguir na minha tarefa, e uma delas dizia o seguinte:— «Você tem feito o Bustamente arrenegar a hora em que se metteu a critico. Si-

todos os Bustamantes encontrasse sempre o que o seu encontro o numero dos zoilos estaria certamente muito reduzido.

Mas elle, e somente elle foi o culpado, resta-me ao menos esse consolo.

Penalisa-me ter sido provocado por elle a usar as vezes de uma linguagem severa, pois nada mais bello que a cortesia nas discussões litterarias. Mas á vista do que neste volume fica revelado e transcripto de sua critica burlesca e calumniosa, como era possivel conter-me?

Delle partiu a provocação, era mister portanto pol-o a bom caminho; só sinto haver-me uma ou outra vez deixado ir a reciprocar; mas isto sucedeu ao Sr. Castilho, quanto mais á minha pobre individualidade.

O Sr. Bustamente tem um diploma de bacharel em sciencias judicias e sociaes (parece incrivel nesta terra, onde este titulo assenta bem a muitos pelos seus talentos) é geralmente conhecido de todos os Parahybanos, não é pois um homem tão insignificante, que não se envergonhe hoje de sua propria ignorancia e levianade em face da publicação deste livro! Não ó possivel que seja elle, como dizem, tão encouraçado, que não deixe transparecer o rubor nas faces como qualquer homem regularmente organizado.

Talvez o exemplo aproveite, a a sociedade Pa-

rahyana ficará vingada desses pobres de espirito, que, ebrios de inveja e saturados de odios, desafogam a vaidade no vituperio, promovem questões, incitam infimas paixões só sentindo e só eseravendo, como diz o satyrico hespanhol,—por la boca de su herida.

* * *

Ninguem pense que os achaques serios do espirito se desfarçam com argacias e selvajarias, porque nem mesmo os do corpo podemos occultar. O cancro pode ser coberto pela cataplasma anti-sceptica, mas será descoberto pelo olfato. Ninguem pense que o desleixo e o abuso repetido da imprensa chegará triumphante a um como estado normal da sociedade. Quando esse despudor e menosprêzo publico quizer se agravar em costume elevando a exceção quase á regra, a sociedade tem então o direito de reprimir-o, e não é somente esse o seu direito, esse é o seu dever, porque as exceções jamais poderão invalidar as regras.

Do contrario seria a sociedade acorçoando o crime, a derassidão affrontando a honra, a venalidade sobrepujando a independencia, o vicio escarnecedo a virtude, a maledicencia desalentando o trabalho, o delinquente esbofeteando a justiça, sem escrupulo, sem pudor e sem freio.

Isto seria então a prostituição do direito natural, a inversão dos costumes, a coroação do cynismo, e o desprezo de todas as leis da moralidade.

Só negam a magestade da imprensa aquelles que ajoelham supplicantes diante do seu poder para motejar ironicos de sua moralidade, como fizeram os juizes que arrastaram Suzana aos tribunais, porque não poderam pervertel-a e desbonral-a !

Só estes falsos apostolos procuram illudir a opinião para insultal-a sem pejo ; mas a sociedade cumpre precaver-se contra estes paradoxistas e scepticos.

A sociedade trabalha para o futuro e deve corrigir os abusos e os crimes : e injustiça fora proscrever a imprensa, esse agente grande e util, esse esteio possante da liberdade universal, só porque ha quem lhe dê uma má e damnosa direcção.

O falso apostolo pode prejudicar a religião com os seus erroneos discursos e com os seus maus costumes, mas não a condena, e nem a pode desacreditar.

A instituição destinada para o bem não tem culpa de a desviarem para o mal, e a sociedade deve zelar cuidadosamente a sua moralidade e o seu decoro, negando os fóros da communidade á-

quelles que lhe põem em perigo os creditos. E' assim que as corporações, que se respeitam, riscam do seu gremio os individuos, que os inveteraram e rebatiram.

A facultade de transmittir o pensamento pela imprensa é um direito natural, indescrivivel, inalienável e inconcessivo, como dizem os melhores publicistas, e a prova é que todos recorrem á ella; mas semelhante direito exclue o abuso e a perversidade. E o perverso que abusa não está a sombra da-se direito, e nem pode invocá-lo.

Assim pois o Sr. Bustamente abusou, devera ser castigado, e de hoje em diante deve convir que andou caminho errado, pois cada individuo tem o seu talento que deve seguir, a sua meta que jamais deve ultrapassar. E todo aquello que despresar esta prudente maxima, e pretender sair fera da sua esphera para aliar-se à sua região superior, que lhe não pertence, hinde cair por força nessa sua temeraria ascensão, voltando para a ponto baixo d'onje saiu destroncando as pernas, lutando os braços e fracturando a cabeça.

Foi justamente esta desgraça que sucedeu ao Sr. Bustamente no seu infeliz retcesso. O unico remedio que lhe posso hoje applicar para qte não seja conhecida a sua deformidade nas outras provincias é occultar-lhe o verdadeiro nome, pelo qual é geralmente conhecido nesta nossa linda terra.

Ea não me nego a attenuar assim o mal que lhe fiz, assim de que, se ocupar algum dia cargos públicos fora da província, não seja oscarnecido, como é pelos seus patrícios.

Fago sinceras votos para q te estude e se regeneres; e possa em algum dia reconhecer-lhe algum mérito na carreira das lettras.

*
* * *

Dos homens do *Jornal da Paraíba* estou igualmente vingado, porque, no intuito de offenderm-me como adversários políticos, procuraram elevar um homem seu mérito, supondo-o litterato, e afinal rebaixaram-se até ello !

As más paixões são como as parasitas, estercis de sombra, e de fructos. Nem abrigo nem cocheita nos trazem, a sua cultura por tanto é improficia, se não mesmo venenosa e prejudicial.

Tenho hoje certeza do arrependimento em que estou, porque não só perderam o seu tempo e trabalho, mas, o que é peor ainda, hoje já se maltratam pela imprensa ! *Hodie mihi eras tibi.*

Quando a política se constitue a arte hedionda dos rancores ; quando se substitue o bem comum pelo desprito pessoal ; quando se quer o poder não para fazer o felicidade publica, mas para opprimir e desconceituar o adversario ; quando se desce da magestosa altura dos inten-

resses sociaes para patinhar no lado desses ajustes de contas, de odios mesquinhos e individuaes; quando finalmente o jornal deixa de ser o promotor publico do interesse commun e do progresso para ser o carrasco das idéas, o instrumento de vinganças tão repugnantes, que nem as pode confessar com a propria assignatura; não é de pasmar que tudo isto aconteça, pois é axioma antigo que os mäos por si se destroem.

Fiquem certos os redactores do *Jornal da Paraíba*, que quando não sabemos manejar as armas quase sempre nos ferimos com elles; e saibam mais, que o odio é um veneno, que, algumas vezes prostra aquelles que o recebem, mata rapidamente os que o trazem no seio!

Eu lhes perdôo o mal que me quizeram fazer, pelo castigo que já receberam do proprio Sr. Bustamente.

* * *

Ao terminar este livro corre-me o dever de agradecer a illustrada redacção do «Despertador» o bom acolhimento que deu em suas paginas aos meus artigos, embora não pudesse publicar os ultimos por causa dos trabalhos d'assemblea provincial, que ocupavam quase todo o jornal. Só sinto não poder agradecer tambem aos seus typographos os trabalhos da impressão

desto livro, porque apezar, da morosidade com que andaram, pouco caso fizeram das minhas correccões e dos meus constantes pedidos na justificação das provas, resultando disso muitos erros typographicos, que os leitores deverão ter encontrado, e dos quaes peço desculpa.

Parahyba 4 de Dezembro do 1869.

A. C. Cordeiro.

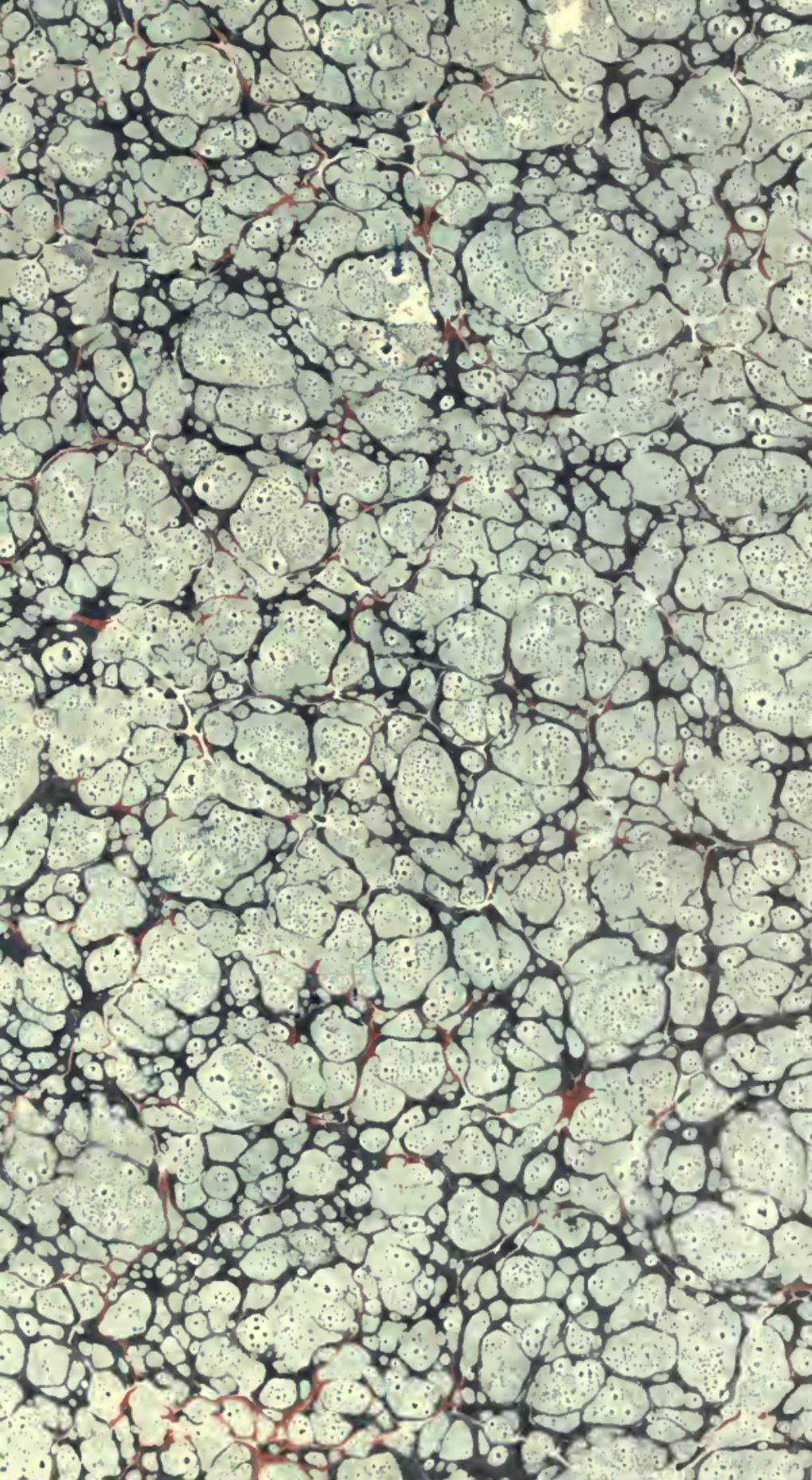
Na Botica á rua d'Aréa n. 100 e na casa n. 43 da mesma rua se acham á venda as seguintes

OBRAS DO

Dr. A. da C. Cordeiro.

IMPRESSÕES DA EPIDEMIA, 1 volume de 300 paginas, brochado	2\$000
A MESMA OBRA encadernada.	3\$000
PROLOGO DA GUERRA OU O VOLUNTARIO DA PATRIA, 1 volume de 170 paginas, dra- ma em verso, brochado	2\$000
A MESMA OBRA encadernada.	2\$000
ESTUDO BIOGRAPHICO acompanhado de al- guns discursos oratorios do vigario Marques, 1 volume de 301 paginas, bro- chado.	2\$500
A MESMA OBRA encadernada.	3\$200
ESTUDOS LITTERARIOS, 1 volume de 400 paginas, brochado.	2\$500
A MESMA OBRA encadernada.	3\$200
EPISOLIO DA ESQUADRA BRASILEIRA em 10 de Fevereiro (Batalha de Humay- tá) Poesia 1 folheto por.	500

Na Livraria francesa dos Srs. Laiilhacar & C.^a
em Pernambuco se acham expostas á venda estas
mesmas obras.



UC SOUTHERN REGIONAL LIBRARY FACILITY



A 000 089 529 2

